

Série Livros Digital, 27

A evolução histórica do
**LABORATÓRIO DE
PALEOINVERTEBRADOS**
do Departamento de Geologia
e Paleontologia do
Museu Nacional/UFRJ

Antonio Carlos Sequeira Fernandes
Sandro Marcelo Scheffler





Série Livros Digital, 27

A evolução histórica do
**LABORATÓRIO DE
PALEOINVERTEBRADOS**
do Departamento de Geologia
e Paleontologia do
Museu Nacional/UFRJ

Antonio Carlos Sequeira Fernandes
Sandro Marcelo Scheffler

2022



DEPARTAMENTO DE
GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
MUSEU NACIONAL • UFRJ



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Denise Pires de Carvalho,
Reitora

Museu Nacional

Alexander W. A. Kellner,
Diretor

Comissão de publicação

Ulisses Caramaschi,
Editor

Edição

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Sandro Marcelo Scheffler

Revisão e normalização

Leandra Pereira de Oliveira

Diagramação

Editora Letra1

Capa

Amonita *Coilopoceras luciano* da coleção de paleoinvertebrados, recuperado do incêndio que atingiu o Museu Nacional em 2018.

F363

Fernandes, Antonio Carlos Sequeira.

A evolução histórica do laboratório de paleoinvertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ / Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Sandro Marcelo Scheffler (autores) – Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2022.

Dados eletrônicos. – (Série Livros Digital ; 27)

ISBN 978-65-5729-013-2

1. Paleoinvertebrados. 2. Museu Nacional (Brasil). Departamento de Geologia e Paleontologia. Laboratório de Paleoinvertebrados – História. I. Scheffler, Sandro Marcelo. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Museu Nacional (Brasil). IV. Título. V. Série.

CDD 560

Vânia Melo da Rocha de Jesus Alves - CRB7 6013

Conselho Editorial

André Pierre Prous-Poirier,
Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil

David G. Reid,
The Natural History Museum – Reino Unido

David John Nicholas Hind,
Royal Botanic Gardens – Reino Unido

Fábio Lang da Silveira,
Universidade de São Paulo – Brasil

François M. Catzeflis,
Institut des Sciences de l'Évolution – França

Gustavo Gabriel Politis,
Universidad Nacional del Centro – Argentina

John G. Maisey,
American Museum of Natural History – Estados Unidos

Jorge Carlos Della Favera,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

J. Van Remsen,
Louisiana State University – Estados Unidos

Maria Antonieta da Conceição Rodrigues,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa,
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Maria Helena Paiva Henriques,
Universidade de Coimbra – Portugal

Maria Marta Cigliano,
Universidad Nacional La Plata – Argentina

Miguel Trefaut Rodrigues,
Universidade de São Paulo – Brasil

Miriam Lemle,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Paulo A. D. DeBlasis
Universidade de São Paulo – Brasil

Philippe Taquet
Museum National d'Histoire Naturelle – França

Rosana Moreira da Rocha
Universidade Federal do Paraná – Brasil

Suzanne K. Fish
University of Arizona – Estados Unidos

W. Ronald Heyer
Smithsonian Institution – Estados Unidos

Museu Nacional

Quinta da Boa Vista – São Cristóvão

Rio de Janeiro - RJ 20940-040, Brasil

<https://www.museunacional.ufrj.br/>

Telefone: +55 21 3938-1123



DEPARTAMENTO DE
GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA
MUSEU NACIONAL • UFRJ



SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
NOTA DOS AUTORES	17
INTRODUÇÃO	19
I • O Museu Nacional e o “DGP” antes dos anos 1940: breves considerações	21
II • O quadro de pessoal do “DGP” a partir dos anos 1940	25
III • A “Dança” das Salas e Gabinetes	31
IV • As coleções do DGP e a coleção de paleoinvertebrados	53
V • A organização espacial do LAPIN	63
VI • O LAPIN, seus docentes, estudantes e principais atividades	67
VII • O LAPIN pós-incêndio de 2018	87
VIII • Conclusão	93
AGRADECIMENTOS	94
REFERÊNCIAS	94
CRONOLOGIA	101
ANEXO I	107
ANEXO II	156
SOBRE OS AUTORES	173



LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1. O Museu Nacional em 31 de julho de 2008. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 2. O prédio do Museu Nacional em frente ao Campo de Santana na esquina das atuais ruas Praça da República e rua da Constituição (antiga rua dos Ciganos), na quadra entre esta última e a rua Visconde do Rio Branco. Fonte: Ladislau Netto (1870).

Figura 3. Fotografia datada de 1947 em Castro, Paraná, quando foi realizada atividade de campo nas proximidades da cidade. Da esquerda para a direita, Emmanoel de Azevedo Martins, Walter da Silva Curvello e Cândido Simões Ferreira. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 4. Fotografia feita durante a realização do XIX Congresso Brasileiro de Geologia em 1965 no Rio de Janeiro, junto ao Jardim das Princesas na lateral do Museu Nacional. No centro, da esquerda para a direita, Luiz de Castro Faria, Irajá Damiani Pinto, Walter da Silva Curvello, Cândido Simões Ferreira, Maria Martha Barbosa, Josué Camargo Mendes e Desconhecido. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 5. A “Sala das Coleções” (“Sala 8” deste livro, ver figura 9), em 11 de março de 2005, com parte dos armários com as coleções do DGP antes da reforma da sala e substituição dos armários de madeira por metálicos. Os exemplares de maior tamanho, principalmente de paleoinvertebrados e paleovertebrados, que não podiam ser acomodados nas gavetas, ficavam expostos em cima dos armários referentes às suas coleções. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 6. Fotografia de parte do quadro de pessoal do “DGP” na década de 1970 tomada no pátio central do Museu Nacional junto à porta-janela do gabinete de Fausto Cunha. Da esquerda para a direita, Cândido Simões Ferreira, Antonio Carlos Magalhães Macedo, Fausto Luiz de Souza Cunha, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (do Instituto de Geociências da UFRJ), Arnaldo Campos dos Santos Coelho (do setor de Malacologia), Walter da Silva Curvello e funcionário do museu não identificado com uma das duas araras “mascotes” do museu, uma azul e outra vermelha. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 7. Fotografia de parte de quadro de pessoal do “DGP” na década de 1980, tomada no pátio central do Museu Nacional junto à porta de acesso do departamento. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Magalhães Macedo, Cândido Simões Ferreira, Walter da Silva Curvello, Moacir Leão (fotógrafo do museu), Amaro Barcia e Andrade, Baldomero Barcia González, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Fausto Luiz de Souza Cunha. Nessa década, era comum os docentes do DGP se reunirem após o expediente na porta do departamento conversando sobre os mais variados assuntos. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 8. Um histórico momento de confraternização entre membros do DGP em 3 de fevereiro de 2016. Em sentido horário, os docentes Luciana Witovisk Gussella, João Wagner de Alencar Castro, Ciro Alexandre Ávila, Eliane Guedes, Deise Dias Rego Henriques, Sandro Marcelo Scheffler, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Renato Rodriguez Cabral Ramos e Marcelo de Araújo Carvalho. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 9. Planta baixa do primeiro pavimento do Museu Nacional apresentada por Newton Dias dos Santos no Relatório Anual da direção de 1963 (Santos, 1963).

Figura 10. Planta baixa da área de ocupação do Departamento de Geologia e Paleontologia na parte posterior do Museu Nacional e a distribuição das salas com numeração artificial abordadas no texto. Fonte: modificado por Orlando Nelson Grillo e pelos autores, alterado do original elaborado pelo Escritório Técnico do Museu Nacional.

Figura 11. Linha de tempo de ocupação das salas do Departamento de Geologia e Paleontologia. Em vermelho docentes do LAPIN e o respectivo período de ocupação das salas: CSF – Cândido Simões Ferreira; VMMF – Vera Maria Medina da Fonseca; AC – Antonio Carlos Sequeira Fernandes; SMS – Sandro Marcelo Scheffler; ACM – Antonio Carlos Magalhães Macedo; EAM – Emmanoel de Azevedo Martins; MMB – Maria Martha Barbosa.

Figura 12. Fotografia na “Sala 2” na década de 1970 ou 1980 com Walter da Silva Curvello, Thaís Galvão da Silva e Antonio Carlos Magalhães Macedo. A sala, gabinete de Curvello e Thaís na década de 1970, foi ocupada posteriormente por Macedo até sua aposentadoria e posteriormente por outros docentes (vide texto). Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 13. Fotografia da “Sala Hartt-Derby” em 26 de janeiro de 2017 antes de sua inauguração como sala de reuniões do DGP e de aulas e defesas de monografias do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário e do Programa de Pós-Graduação em Geociências – Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional. Na fotografia, o Prof. Fabiano Faulstich junto ao novo mobiliário da sala. Note-se à esquerda a porta de separação da “Sala 2” e, à direita, a divisória de separação da sala menor preservada como depósito e sala de triagem do DGP. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 14. Fotografia da “Sala S4b” como sala de aula do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário em 2011. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 15. Fotografia da última fase de ocupação da “Sala S4b” como gabinete de trabalho do Prof. Renato R. C. Ramos em 31 de maio de 2018. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 16. Fotografia do Laboratório de Química em 7 de junho de 2005 por ocasião do desmonte dos armários de madeira da Sala das Coleções. Note-se ao fundo, entre as duas janelas, o topo da antiga capela do laboratório. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 17. Fotografia da utilização da bancada do Laboratório de Química em aula prática do Prof. Renato Ramos com alunos do Mestrado em Arqueologia em 2010. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 18. Fotografia de 11 de março de 2005 mostrando um dos armários de madeira com 28 gavetas utilizado na guarda da coleção de paleoinvertebrados. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 19. Fotografia da fase de reforma da Sala das Coleções em 26 de julho de 2005. Ao fundo, cobertos com plástico preto, os armários de aço da coleção de paleovertebrados, já existentes antes do desmonte dos armários de madeira. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 20. Fotografia do interior do galpão construído no pátio “P1” com as gavetas empilhadas da coleção de paleoinvertebrados em 05 de dezembro de 2005. A parede em frente ficava contígua à “Sala 1”. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 21. Fotografia dos armários deslizantes prontos para receber as coleções do DGP, em 21 de novembro de 2005. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 22. À esquerda, exemplares da coleção de paleoinvertebrados em 16 de outubro de 2006 reorganizados nas gavetas do armário deslizante; à direita, o armário lateral fixo com prateleiras que em seguida foi utilizado para acomodar exemplares das coleções de paleoinvertebrados e a chamada reserva técnica de paleoinvertebrados. Estas eram amostras que não estavam patrimoniadas na coleção, mas que poderiam ser incorporados ou não, como por exemplo fósseis da Comissão Geológica do Império que não chegaram a ser catalogados. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 23. Fotografia dos armários de aço fixos com gavetas prontos para receber a coleção de petrografia, em 21 de novembro de 2005. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 24. O armário de fósseis tipos das coleções de paleoinvertebrados e paleovertebrados em 5 de dezembro de 2005 posicionado temporariamente na passagem de acesso ao DGP junto ao pátio interno ("P1"). As divisórias da imagem dividem a passagem de acesso ao DGP da "Sala 1". Posteriormente, o armário foi posicionado na Sala de Coleções. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 25. Fotografia da "Sala 9" em 1 de junho de 2009 como Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis. Anteriormente, a sala foi ocupada como gabinetes de trabalho pelos docentes Emmanoel de Azevedo Martins, Maria Martha Barbosa e Antonio Carlos Magalhães Macedo. Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.

Figura 26. Fotografia de 19 de setembro de 2001 mostrando as atividades de preparação de amostras e pesquisa na "Sala 9" como Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis. Em primeiro plano, as biólogas Luciana Barbosa de Carvalho e Deise Dias Rego Henriques e, ao fundo, o Biólogo Hélder de Paula Silva. Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.

Figura 27. Fotografia da "Sala 9" em 23 de setembro de 2015 com os armários de aço e deslizantes que abrigavam parte da coleção de paleovertebrados. Anteriormente, a sala foi ocupada pelos docentes Emmanoel de Azevedo Martins, Maria Martha Barbosa e Antonio Carlos Magalhães Macedo e, em seguida, como laboratório de preparação do Setor de Paleovertebrados. Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.

Figura 28. A "Sala 10", em fotografia de 24 de maio de 2018, transformado em Laboratório de Gerenciamento da Coleção de Paleovertebrados. À direita, a porta de acesso à "Sala 9", ao fundo por trás dos armários e bancadas a porta de ligação com o Departamento de Antropologia e, à esquerda, o acesso à porta do elevador. Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.

Figura 29. Fotografia do espaço nos fundos da "Sala 11" que servia como laboratório de preparação e estudos do Setor de Paleovertebrados, em maio de 1986. Fonte: Acervo digital de Lílian P. Bergqvist.

Figura 30. Fotografia de 5 de outubro de 2010 das instalações parciais do Laboratório de Processamento de Imagem Digital com seus equipamentos de computação. Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.

Figura 31. Fotografia s/d do Laboratório de Seção Polida situado no anexo do Museu Nacional, pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro, com o Técnico José Emiraldo Barbosa (1962-2021), laminador do DGP. Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.

Figura 32. Fotografia do Laboratório de Preparação de Amostras do Setor de Paleovertebrados no prédio anexo em 6 de novembro de 2018. Com os trabalhos de resgate, a sala passou também a guardar parte do material recuperado. Em primeiro plano, empilhadas, estão as gavetas de aço do armário de tipos de paleoinvertebrados que se encontravam na sala das coleções ("Sala 8"). Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 33. Catálogo da coleção Werner elaborado em 1824. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 34. Frascos com material sedimentológico da coleção de sedimentologia guardados nos armários de aço em 18 de novembro de 2009. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 35. O meteorito Bendegó exposto no salão de entrada das exposições do Museu Nacional em 18 de novembro de 2009. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 36. Fotografia de 20 de outubro de 2009 da capa do primeiro volume do livro de tombo da coleção de mineralogia com os registros do número 1-M ao 5.399-M. Fonte: Acervo digital de Maria Elizabeth Zucolotto.

Figura 37. Exemplar MN 4.791-M da coleção Werner em fotografia anterior ao incêndio de 2018, sem escala. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 38. Exemplar MN 32-Pb em fotografia anterior ao incêndio em 2018, isótipo de *Psaronius brasiliensis* descrito por Adolphe Brongniart em 1872, sem escala. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 39. Exemplar MN 73-Pbe em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Annularia fertilis* do Carbonífero europeu da coleção de paleobotânica do Museu Nacional. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 40. Exemplar MN 1.315-V em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Ichthiosaurus communis* do Liássico de Somerset, Inglaterra, adquirido por compra para o acervo do Museu Nacional em 1845, sem escala, e resgatado após o incêndio. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 41. Exemplar MN 683-V em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Vinctifer comptoni* coletado por Clément Jobert em 1878 no Piauí na borda oeste da Chapada do Araripe. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 42. Frente de um medalhão de lava do Vesúvio da coleção de petrografia, MN 2.114, com imagem do rei Vittorio Emanuele II, de 1868. Os medalhões de lava do Vesúvio que estavam na coleção foram resgatados dos escombros do incêndio. Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Figura 43. Verso do medalhão de lava ilustrado na figura 42.

Figura 44. Fotografia de parte da equipe de docentes do Museu Nacional durante os trabalhos de campo na ilha Seymour/Marambio, Antártida, no verão de 2019/2020. Da esquerda para a direita, Sandro Marcelo Scheffler, Marcelo de Araújo Carvalho e Renato Rodriguez Cabral Ramos. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 45. Chegada do material da coleção Caster ao Museu Nacional em 9 de maio de 2016 procedente da Universidade de Cincinnati, EUA. Na fotografia, além dos funcionários da empresa de transporte, ambos de camisetas vermelhas, estão o Prof. Sandro Marcelo Scheffler e Dionízio Angelo de Moura Júnior. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 46. Fotografia da década de 1970 na sala do setor de paleoinvertebrados com Cândido Simões Ferreira. Note-se ao fundo a presença da divisória baixa separando a sala do corredor de acesso e, à direita, da secretaria do departamento, encoberta por uma bancada e prateleiras com livros. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 47. Montagem de fotografias de maio de 2005 mostrando a distribuição da sala do setor de paleoinvertebrados compartilhado por docentes e estudantes. Na separação do corredor de acesso do DGP, note-se a substituição das antigas divisórias baixas por novas e outra organização das mesas de trabalho e armários. O leitor poderá perceber que a porta ao fundo, que dá acesso ao pátio interno ("P1"), está obstruída pela presença de um depósito, construído para alojar provisoriamente as amostras da coleção enquanto se realizavam as obras na sala de coleções. Na montagem, Sonia Agostinho e Antonio Carlos Sequeira Fernandes em suas respectivas mesas de trabalho. Fonte: composição fotográfica de Rafael C. da Silva.

Figura 48. Fotografia de 5 de dezembro de 2005 do gabinete de trabalho do Prof. Antonio Carlos S. Fernandes. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 49. Fotografia de 14 de julho de 2007 do gabinete de trabalho da Profa. Vera Maria Fonseca. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 50. O Prof. Cândido Simões Ferreira em meados de 1950 em atividade de campo acampado na ilha de Fortaleza, onde coletou farto material paleontológico posteriormente incorporado à coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 51. Caricatura do Prof. Cândido Simões Ferreira como defensor dos fósseis e depósitos fossilíferos brasileiros, desenhada por José Henrique Melo durante trabalho de campo no Paraná em 1981. Essa imagem foi utilizada em um adesivo para carros elaborado pela SBP. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 52. *Coilopoceras luciano*, fóssil tipo da coleção de paleoinvertebrados e símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 53. Logotipo da Sociedade Brasileira de Paleontologia com imagem do amonita *Coilopoceras luciano*, símbolo da sociedade. Fonte: Sociedade Brasileira de Paleontologia.

Figura 54. Participantes do I Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1959 no Rio de Janeiro pela recém-fundada Sociedade Brasileira de Paleontologia. Na primeira fila, da esquerda para a direita, Elias Dolianiti, Júlio de Carvalho, Cândido Simões Ferreira, Friedrich Wilhelm Sommer, congressista não identificado, congressista não identificado, Nicéa Magessi Trindade Wilder,

Lélia Duarte Silva Santos, congressista não identificado, Ignácio Aureliano Machado Brito, Maria Eugênia Marchesini Santos, Diana Mussa, Ivan de Medeiros Tinoco e congressista não identificado. Segunda fila da esquerda para a direita: Evaristo Penna Scorza, Wilhelm Kegel, Rubens da Silva Santos, Josué Camargo Mendes e Paulo Erichsen de Oliveira. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 55. Participantes do II Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1961 em Mossoró, Rio Grande do Norte, pela Sociedade Brasileira de Paleontologia. Na primeira fila junto à mesa, da esquerda para a direita, congressista não identificada, Jerônimo Vint-Un Rosado Maia, Lélia Duarte da Silva Santos, congressista não identificado, Elias Dolianiti, Maria Eugênia Marchesini Santos, Cândido Simões Ferreira e Nicéa Magessi Trindade. Segunda fila da esquerda para a direita, Fausto Luiz de Souza Cunha, congressista não identificada, Rubens da Silva Santos, congressista não identificado, congressista não identificado, Ivan de Medeiros Tinoco (de óculos), congressista não identificado, Paulo Erichsen de Oliveira, José Raimundo de Andrade Ramos, congressista não identificada (atrás da Nicéa) e outra congressista não identificada. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 56. Docentes e estudantes do LAPIN em 17 de dezembro de 2003. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Aline Freitas (do Laboratório de Paleoecologia Vegetal - LAPAV), Priscila Vieira, Sonia Agostinho, Cléber Fernandes da Silva e Vera Maria Medina da Fonseca. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 57. Parte da equipe de docentes e estagiárias do DGP que contribuíram nos trabalhos de levantamento histórico na coleção de paleoinvertebrados e em outras coleções do departamento. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andréa D'Alessandri Forti, Marina Jardim e Silva, Cecília de Oliveira Ewbank e Renato Rodriguez Cabral Ramos. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 58. A Profa. Vera Maria Fonseca e a bióloga Vanessa Souza em 21 de maio de 2007 durante a preparação da sua apresentação da dissertação de mestrado. Fonte: Acervo digital de Rafael C. da Silva.

Figura 59. A Profa. Vera Maria Medina da Fonseca com as paleontólogas Rita de Cássia Tardin Cassab e Marise Sardenberg de Carvalho por ocasião da inauguração da exposição sobre o Devoniano em 14 de junho de 2007. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 60. Da esquerda para a direita, as biólogas Lílian Alves da Cruz, Luíza Corral Martins de Oliveira Ponciano e Márcia Fernandes de Aquino Santos, por ocasião da inauguração da exposição sobre o Devoniano em 14 de junho de 2007. Ao fundo, um dos painéis com a reconstituição de um depósito do Devoniano da Bacia do Paraná e seus fósseis mais representativos. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 61. Sandro Marcelo Scheffler e Antonio Carlos Sequeira Fernandes junto ao modelo superdimensionado do trilobita *Calmonia signifer* em 25 de maio de 2017, durante os últimos preparativos da reforma da exposição sobre o Devoniano brasileiro. O modelo foi preparado pelo paleoartista Maurílio Silva de Oliveira. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 62. Funcionários, convidados e visitantes durante a inauguração da exposição sobre o Devoniano brasileiro em 6 de junho de 2017, durante o 199º aniversário do Museu Nacional. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 63. Exemplares de paleoinvertebrados e tratamento das etiquetas históricas na atividade de curadoria na coleção pelos estagiários do LAPIN. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 64. Atividades de campo no Devoniano da Bacia do Paraná no estado do Paraná na área do Centro Estadual de Educação Profissional de Arapoti. Em primeiro plano, de costas, o Prof. Sandro Marcelo Scheffler e, em seguida, o Prof. Elvio Bosetti, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do Grupo Palaios, em 30 de março de 2016. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 65. Membros do DGP numa pausa para o almoço durante as atividades de campo na Antártida, num ensolarado dia no verão de 2019/2020. Da esquerda para a direita, Sandro Marcelo Scheffler, Renato Rodriguez Cabral Ramos e Marcelo de Araújo Carvalho, em 5 de janeiro de 2020. Localidade na ilha Seymour/Marambio, tendo a ilha Cockburn ao fundo. Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Figura 66. Parte da comissão organizadora do IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados em 9 de outubro de 2018: em pé, da esquerda para a direita, Thompson Pereira, Cláudia Pinto Machado, Enelise Kátia Piovesan, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Dionízio Angelo de Moura Júnior, Sandro Marcelo Scheffler, Thaís Parméra, Maria Izabel Lima de Manes, Mariana Batista da Silva, Hermínio Ismael de Araújo Júnior, Roberto Videira Santos e Gustavo Santiago; agachados, da esquerda para a direita, Giovana Torres Marinho, Rodrigo Lima Veloso, Leandro Nogueira, Gabriel Cunha, Sílvia Maria Teixeira Silveira, Amanda Mozer e Beatriz Hörmanseder. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 67. Participantes do IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados realizado de 8 a 10 de outubro de 2018 nas dependências da Biblioteca do Museu Nacional, cerca de um mês após o incêndio no palácio. Fotografia de 9 de outubro de 2018. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 68. Vista parcial do pátio principal do museu e da fachada de acesso ao DGP em 6 de novembro de 2018. À esquerda, parcialmente encoberta pela árvore, está uma das portas/janelas da “Sala 2”, no centro a porta de acesso à “Sala 1” e entrada do departamento com as duas janelas dos gabinetes dos professores Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Sandro Marcelo Scheffler. Ao fundo à direita, a porta de acesso à sala do Setor de Echinodermata do Departamento de Invertebrados. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 69. Interior da “Sala 1” com vista para as janelas e porta de entrada do DGP em 6 novembro de 2018. Note-se o acúmulo de escombros resultantes do desabamento dos pavimentos superiores. Neste momento os escombros maiores caídos dos andares superiores já haviam sido retirados. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 70. Interior da sala das coleções (“Sala 8”) em 6 de novembro de 2018 com os armários deslizantes e os escombros parcialmente retirados. À esquerda, o Prof. Sandro Marcelo Scheffler tendo à sua frente o armário com parte da coleção de paleoinvertebrados (três primeiros blocos de armários). Ao fundo, a porta de acesso e o espaço da “Sala 10”. Os maiores escombros que se empilhavam na lateral e por sobre os armários das coleções já haviam sido retirados. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 71. Situação do armário deslizante da coleção de paleoinvertebrados durante o processo de resgate em 5 de junho de 2019. Em torno de 100 prateleiras e gavetas da coleção já haviam sido retiradas de forma controlada para manter a referência da posição de cada amostra resgatada. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 72. Visão de cima do armário deslizante da coleção de paleoinvertebrados, a partir da escada caracol, em 5 de junho de 2019. Note a intensa compactação da parte central dos armários devido a queda dos escombros, entre eles os armários compactadores da coleção de entomologia que se situavam no terceiro andar. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 73. Docentes e técnicos participantes da primeira fase de trabalhos da equipe de resgate em 6 de novembro de 2018, posicionados no “Pátio 1”. Ao fundo a porta de acesso para a sala de coleções (“Sala 8”) e “Salas 4b, 4c, 5, 6 e 7”. Da esquerda para a direita, Prof. Sandro Marcelo Scheffler, os biólogos Hélder de Paula Silva e Luciana Barbosa de Carvalho e o Prof. Sérgio Alex Kugland de Azevedo. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 74. Holótipo da espécie *Coilopoceras luciano* ainda na gaveta do armário de tipos da coleção de paleoinvertebrados durante a etapa de salvamento pela equipe de resgate do Museu Nacional em 6 de novembro de 2018. Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Figura 75. O exemplar de *Coilopoceras luciano*, fóssil tipo ícone da coleção de paleoinvertebrados e símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia, salvo pela equipe de resgate do Museu Nacional. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 76. Sala do Setor de Ictiologia cedida para a instalação de parte do quadro de pessoal do DGP, em 12 de junho de 2019. Na mesa central, da esquerda para a direita em sentido horário, os docentes Sandro Marcelo Scheffler, Viviane Trindade (Profa. Visitante), Marcelo de Araújo Carvalho, Eliane Guedes (acompanhada de pós-graduando) e Ciro Alexandre Ávila ambos de costas. Atrás do professor Sandro a gerente de coleções Sarah Siqueira da Cruz Guimarães Souza. Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Figura 77. O exemplar MN 8.341-I com pectinídeos pliocênicos de Asti, Piemonte, Itália, doado pelo Museo Geologico Sperimentale em 2007 (*vide* Fernandes *et al.*, 2017, anexo 8, figura 20), foi resgatado milagrosamente intacto das gavetas dos armários deslizantes em 28 de junho de 2019. Fonte: Acervo digital de Sandro Marcelo Scheffler.

Figura 78. O Prof. Sandro Marcelo Scheffler trabalhando no resgate dos exemplares da coleção de paleoinvertebrados em 10 de maio de 2019. Fonte: Acervo digital de Sandro Marcelo Scheffler.

LISTA DOS ANEXOS

Anexo I. Dados biográficos de docentes e técnicos do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional.

Anexo II. Lista adicional de praticantes, praticantes gratuitos e estagiários do DGP da última década dos oitocentos até 1969 de acordo com anotações compiladas do SEMEAR.

PREFÁCIO

É com imensa satisfação que apresento a obra “A Evolução Histórica do Laboratório de Paleoinvertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ” de autoria dos colegas do Museu Nacional/UFRJ, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Sandro Marcelo Scheffler.

Ao longo do texto, escrito de uma forma direta e objetiva, complementado por farta documentação fotográfica, os autores apresentam dados a respeito tanto da criação quanto da evolução histórica do Laboratório de Paleoinvertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ.

O texto resgata informações de extrema importância, principalmente em tempos onde o registro, e o acesso a esse, é por vezes, falho e incompleto. Imagino as dificuldades encontradas pelos autores para resgatar, complementar e verificar todas as informações disponibilizadas.

A reunião de todos esses dados constitui importante fonte de consulta para aqueles que desejarem conhecer um pouco a respeito da criação e evolução de um laboratório de pesquisas – importante não apenas por suas publicações científicas, projetos de pesquisa desenvolvidos e alunos orientados, mas pelo foco principal da obra, as pessoas, os seres humanos que, ao longo do tempo, permitiram todas essas realizações.

Também são apresentados dados acerca da ocupação de distintos espaços ao longo do tempo, decorrência do fato de ocupar um prédio histórico, compartilhado com diversos outros laboratórios e atividades científicas, educacionais e culturais, dados esses que seguramente seriam perdidos ao longo do tempo se não encontrassem um registro tão abrangente e minucioso como o apresentado.

Todas essas informações são disponibilizadas em um momento de extrema importância. O trágico incêndio que, em setembro de 2018 impactou fortemente o Palácio Imperial de São Cristóvão, sede principal do Museu Nacional, encerrou, de uma maneira forçada, um ciclo de ocupação do Palácio de São Cristóvão que, após sua reforma arquitetônica, não deverá mais abrigar o Laboratório de Paleoinvertebrados, assim como diversos outros laboratórios similares. A história do Laboratório seguramente prosseguirá em novos espaços, sempre com seu objetivo principal preservado e com as novas pessoas que virão.

Assim, gostaria de registrar meu agradecimento aos colegas pela disponibilização de dados de tanta relevância na história de nossa bicentenária instituição de ensino, pesquisa e divulgação científico-cultural.

Sérgio Alex Kugland de Azevedo

Professor Titular – DGP, Museu Nacional/UFRJ



NOTA DOS AUTORES

É uma grande alegria para nós tornarmos acessível ao público uma quantidade enorme de informações a respeito do Departamento de Geologia e Paleontologia - DGP, em especial do Laboratório de Paleoinvertebrados – LAPIN, respectivamente o mais antigo Departamento de Geologia do país e um dos mais antigos laboratórios de estudos de paleoinvertebrados em contínua atividade no Brasil. Muitas das informações aqui apresentadas constavam em documentos, pertencentes ao DGP e ao Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional – SEMEAR, consultados anteriormente ao incêndio e posteriormente perdidos o que amplia a importância da obra. Além disso, muitas informações fazem parte dos arquivos pessoais e da memória dos autores e de outros integrantes do departamento, que se não tivessem sido colocadas na forma impressa neste livro acabariam se perdendo no tempo. É importante salientar que o principal recorte cronológico desta obra é o período de ocupação do Museu Nacional no palácio do Paço de São Cristóvão, sendo os dados referentes ao LAPIN coligidos até março de 2022. Apesar deste recorte, optou-se por relacionar no índice onomástico todas as personagens que vieram a compor o quadro de funcionários até março de 2022 ou tenham atuado como estagiários do departamento desde a última década do século XIX até o final da década de 1960. Esperamos que este livro seja uma boa fonte de consulta para todos aqueles que se interessam pela história da geologia e paleontologia no país.

Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Professor Titular – DGP/Museu Nacional/UFRJ

Sandro Marcelo Scheffler

Professor Associado – DGP/Museu Nacional/UFRJ



INTRODUÇÃO

De um modo geral, os trabalhos que relatam a história do Museu Nacional (Figura 1) enfocam mais precisamente a evolução administrativa da instituição e de suas seções, posteriormente denominadas divisões e, em seguida, departamentos. Nesse sentido, obras como as de Ladislau de Souza Mello e Netto (1838-1894), na segunda metade do século XIX (Netto, 1870), e de João Baptista de Lacerda (1846-1912), já no início do século 20 (Lacerda, 1905), tornaram-se importantes contribuições para o conhecimento da organização do Museu Nacional e da situação de suas coleções com importantes informações. Sobre o acervo de geologia do museu, foi igualmente relevante a obra de Alberto Betim Paes Leme (1882-1938) em 1924 sobre a geologia histórica na exposição do museu utilizando os exemplares do acervo existente, e em 1997 o trabalho de síntese com ênfase às aquisições das coleções por Maria Margaret Lopes (Lopes, 1997).



Figura 1. O Museu Nacional em 31 de julho de 2008.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

A partir do final da década de 1990, *Antonio Carlos Sequeira Fernandes*, através de iniciativas individuais ou com a participação de colaboradores (*vide Fernandes, 2020*), passou a publicar notas e artigos sobre o acervo com ênfase à coleção de paleoinvertebrados, além de tecer considerações sobre as demais coleções paleontológicas e, mesmo, abordar as outras coleções geológicas do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP). Entretanto, eram trabalhos restritos ao acervo do departamento e, quando muito, com observações gerais sobre a história do DGP, nenhum deles tratando especificamente sobre a constituição e distribuição de seus laboratórios ou detalhes relacionados ao seu quadro pessoal como docentes e técnicos efetivos. No sentido de sanar parte deste vácuo de informação, o presente trabalho teve por objetivo a elaboração de um texto geral sobre o DGP, o mais antigo departamento de geologia e paleontologia do país, relatando, mesmo que parcialmente, a história específica do Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN), com abordagens sobre sua distribuição espacial interna, mobiliário, coleções e pessoal, tanto docente como discente.



O MUSEU NACIONAL E O “DGP” ANTES DOS ANOS 1940: BREVES CONSIDERAÇÕES

Em primeiro lugar é necessário tecer algumas considerações sobre a evolução espacial e administrativa do Museu Nacional e do que hoje se tornou o Departamento de Geologia e Paleontologia. Na primeira fase de sua existência, desde sua criação até 1892, o Museu Nacional ocupava, na realidade, o prédio ainda existente em frente ao Campo de Santana, situado nas esquinas da Praça da República com a rua da Constituição e hoje ocupado pelo Centro Cultural da Casa da Moeda do Brasil (Figura 2). Após sua criação em 6 de junho de 1818 e até 1842, o museu tinha uma estrutura única, sem divisões em setores, quando então foram criadas as “Seções”, entre elas a “3ª Secção”, correspondente à “Geologia, Mineralogia e Ciências Físicas e Biológicas”, até 1876 quando passou a denominar-se “Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral” (Decreto no 6.116 de 09/02/1876; Brasil, 1876). Em 1888, com uma nova reestruturação, passou a denominar-se “Mineralogia, Geologia e Paleontologia” (Brasil, 1888), nome que foi mantido na reestruturação de 1890 (Decreto no 379-A de 08/05/1890; Brasil, 1890, Lopes, 1997).

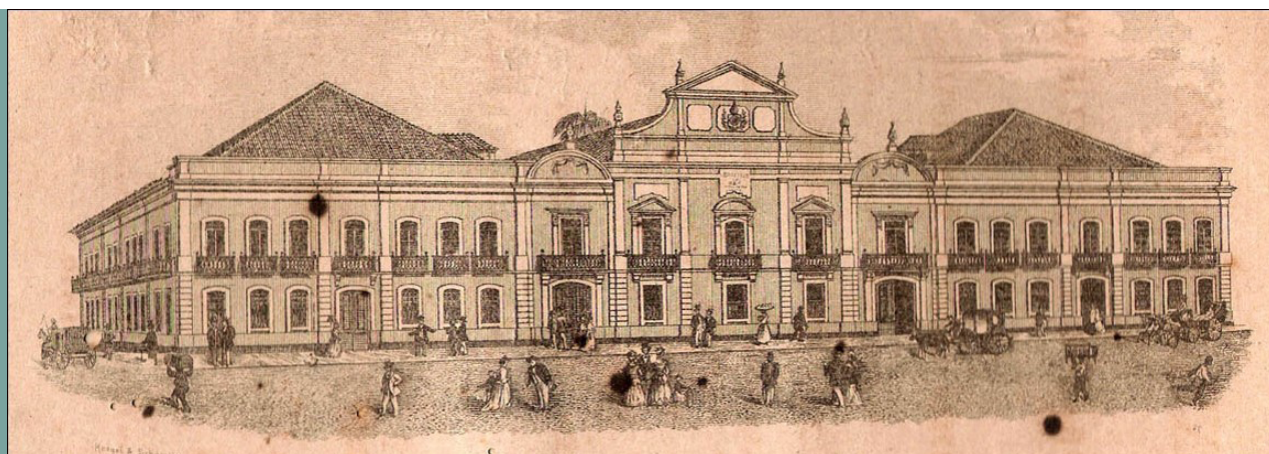


Figura 2. O prédio do Museu Nacional em frente ao Campo de Santana na esquina das atuais ruas Praça da República e rua da Constituição (antiga rua dos Ciganos), na quadra entre esta última e a rua Visconde do Rio Branco.

Fonte: Ladislau Netto (1870).

Com a Proclamação da República e devido em grande parte à necessidade de ocupação por um espaço maior que atendesse à expansão de suas coleções e exposições, entre outros fatores, o Museu Nacional foi transferido para o prédio do Palácio Imperial na Quinta da Boa Vista, com a “3ª Secção” passando a ocupar salas na parte posterior do prédio. Novas estruturas administrativas vieram então a ocorrer ao longo do século XX (Brasil, 1910, 1916): em 1910, passou a se chamar Mineralogia, Geologia e Paleontologia e em 1916, passou a ser a “1ª Secção” (Decretos no 7.862 de 09/02/1910 e no 11.896 de 14/01/1916) que, em 1931, foi reestruturada em duas “Divisões”, a “Divisão de Mineralogia e Petrografia” e a “Divisão de Estratigrafia e Paleontologia” (Decreto no 19.801 de 27/03/1931; Brasil, 1931), assim permanecendo por dez anos, até 1941, quando passou a ter uma estrutura única e denominada “Divisão de Geologia e Mineralogia (D.G.M.)” (Decreto no 6.746 de 23/01/1941; Brasil, 1941). Após a incorporação na Universidade do Brasil, o regimento de 1958 (Museu Nacional, 1958) dá nova reestruturação ao Museu Nacional e o D.G.M. passa a compor a 1ª Divisão científica: Divisão de Geologia (D.G.), subdividida em Seção de Mineralogia e Petrografia (S.M.P.) e Seção de Geologia e Paleontologia (S.G.P.). No Relatório Anual do Diretor de 1963, a divisão é denominada “Divisão de Geologia”,

dividida nas duas seções acima (Santos, 1964). Em 1971, nova separação criou os departamentos de Geologia e de Paleontologia (Museu Nacional, 1971, p. 14), novamente unificados em 1979 resultando no atual “Departamento de Geologia e Paleontologia”, o DGP. No Relatório Anual do Diretor de 1986 o departamento é apresentado dividido em setores, a saber (Dau, 1986): Geologia Histórica e Estratigrafia, Petrologia, Mineralogia, Paleobotânica, Paleoinvertebrados, Paleovertebrados e Micropaleontologia.

Durante o século XIX o quadro de pessoal do museu era limitado devido aos poucos recursos de que dispunha, sendo alvo de frequentes solicitações de seus diretores ao governo. Desde o início, porém, o museu contou com especialistas nas áreas da mineralogia, como Frei *José da Costa Azevedo* (1763-1822) e Frei *Custódio Alves Serrão* (1799-1873), respectivamente primeiro e terceiro diretores da instituição (Fernandes & Henriques, 2011). De 1818 à década de 1840, o acervo geológico contava principalmente com os exemplares mineralógicos da Coleção Werner e as rochas e fósseis enviados por Friedrich Sellow do Rio Grande do Sul e da Província Cisplatina, hoje Uruguai, e os fósseis de invertebrados italianos enviados por Giovanni Michelotti em 1836 e pelo Museu de Roma em 1837 (Fernandes, 2020; Fernandes *et al.*, 2006, 2007, 2010, 2015, 2017; Lopes, 1997). A partir de 1847 e até 1866, já com a “3ª Secção” criada, a paleontologia passou a ter grande impulso com a participação de *Frederico Leopoldo César Burlamaque* (1803-1866) tanto como diretor da “Secção” como diretor geral do Museu Nacional. Autor do primeiro artigo sobre paleontologia escrito em um periódico nacional, Burlamaque passou a ser considerado o primeiro paleontólogo brasileiro (Fernandes *et al.*, 2010).

Na segunda metade do século XIX, entretanto, o quadro de pessoal da “3ª Secção” sofreu um aumento substancial no número e qualidade de seus naturalistas, fixos ou viajantes. No período, foram personagens importantes como funcionários do Museu Nacional: *Louis Jacques Brunet* (1811-?), naturalista, médico e taxidermista francês e naturalista adjunto viajante do museu de 1860 a 1862; *Guilherme Shüch* (1824-1908), o Barão de Capanema, naturalista e engenheiro, a partir de 1849 e que participou como chefe da seção geológica da Comissão Científica de Exploração no Ceará; *João Martins da Silva Coutinho* (1830-1889), engenheiro, participante das expedições Thayer (1865-1866) e Morgan (1870-1871) e diretor da “3ª Secção” de 1875 a 1876; *Charles Frederick Hartt* (1840-1878), geólogo norte-americano, que também participou das expedições Thayer e Morgan e foi chefe da Comissão Geológica do Império (1875-1877), além de diretor da “3ª Secção” de 1876 a 1877; *Carlos Luiz de Saules Júnior* (?-1878), subdiretor da “3ª Secção” em 1876 e seu diretor interino de 1877 a 1878; *Orville Adalbert Derby* (1851-1915), geólogo norte-americano posteriormente naturalizado brasileiro, participou das expedições Morgan e da Comissão Geológica do Império junto com Hartt, sendo chefe da “3ª Secção” de 1879 a 1890; *Francisco José de Freitas* (?-?), subdiretor da “3ª Secção” de 1882 a 1890, participante da Comissão Geológica do Império com Hartt; e *Herbert Huntington Smith* (1851-1919), naturalista norte-americano, contratado como naturalista viajante de 1881 a 1886, e responsável pela primeira coleta de fósseis da Chapada dos Guimarães, ulteriormente descritos por Orville Derby (Fernandes, 2020; Freitas, 2001; Kunzler *et al.*, 2011; Lacerda, 1905; Silva *et al.*, 2013; Tosatto, 2001).

Além desses, durante a última década do século XIX e início do século seguinte, a “3ª Secção” contou também com os seguintes funcionários em seu quadro de pessoal, cujas datas de nascimento e morte são desconhecidas: *Domingos Pinto de Figueiredo Mascarenhas*, preparador de 1890 a 1891; *Hildebrando Teixeira Mendes*, professor substituto e sub-diretor da “3ª Secção” de 1890 a 1914; *Francisco de Paula e Oliveira*, professor, de 1890 a 1907; *Francisco Ferreira Maciel*, ajudante de porteiro e preparador interino da “3ª Secção” de 1893 a 1899; *Joaquim Bello de Amorim*, naturalista ajudante da “3ª Secção” de 1895 a 1899; e *Oscar Publio de Mello*, preparador da “3ª Secção” de 1898 até 1929.

Na primeira metade do século XX, a “3ª Secção”, ou “1ª Secção” a partir de 1916, contou com um importante personagem em seu quadro de pessoal, *Alberto Betim Paes Leme* (1882-1938). Engenheiro de minas, tendo entrado para o museu em 1911, chegou a chefiar a “3ª Secção” de 1915 até pelo menos 1922, ocupando também o cargo de diretor do Museu Nacional de 1935 a 1938. Depois de Charles Hartt e Orville Derby no século anterior, Paes Leme foi o primeiro componente da “Secção” de grande produtividade científica com mais de 33 trabalhos, dos quais dois livros de grande importância para a época (Paes Leme, 1924, 1943). No final da década de 1910 e durante a década de 1920, Alberto Paes Leme era o único “professor” da “Secção”, que consequentemente chefiava e tinha a colaboração dos preparadores *Oscar Publio de Mello* (1878-1929) e *Manoel Baptista Leoni* (1872-?), presentes no museu, respectivamente, de 1898 a 1929 e 1910 a 1939 (Lobo, 1920, 1921, 1922, 1923). Por ocasião de afastamento de Oscar Publio de Mello, para trabalho no “Serviço da Exposição do Centenário”, exerceu interinamente o cargo de preparador da seção, em 1922, o Sr. *Florianou Bouguay de Mendonça* (Lobo, 1923, p. 12-13). No Relatório Anual do Diretor referente ao ano de 1922, *Ney Vidal* é citado como “praticante”, assim permanecendo até janeiro de 1923, tendo auxiliado Alberto Paes Leme nos trabalhos da “Secção” (Lobo, 1923, p. 64). Cabe ressaltar que nessa ocasião o Laboratório de Química, embora situado na área do DGP, era independente da “Secção”, com chefia e técnicos próprios.

É interessante também observar que, nesta etapa, *Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo*, que ingressou no Serviço Geológico em 1910, teria sido praticante no Museu Nacional, tendo iniciado seus trabalhos com observações e atividades curatoriais na coleção do museu de 1915 a 1916 (Santos & Cassab, 2014), além de coordenar a “remodelação das coleções (sic) de paleontologia” em 1924 (Paes Leme, s/d). Além de Mathias Roxo, *Raymond de Broux*, também foi “destacado pelo Director do Serviço Geológico, para trabalhar no Museu Nacional”, como praticante (Lobo, 1922, p. 15 e 54) permanecendo pelo menos até o final de 1922 (Lobo, 1923, p. 11). Outro funcionário que entra inicialmente como praticante é *Alayr Guterres da Silveira*, em 1928. No mesmo ano é contratado como auxiliar, tendo sido dispensado em 1938, por ter aceitado outra função pública. Por fim, é de conhecimento que, em 1933, trabalhou como Prof. Interino da Seção de Mineralogia o Sr. *José Henrique Augusto Padberg-Drenkpol* (Fernandes et al., 2006). Ainda nesta década, em 1934, ingressou na seção como professor *Ruy Mauricio de Lima e Silva* (1896-1979), executando diversos trabalhos de campo no Brasil e exterior, pedindo exoneração em 1938 para assumir o cargo de professor catedrático na Escola Nacional de Engenharia. Também é citado como assistente da seção o Dr. *Felix Guimarães* (Silva, 1936), com ingresso em 1931 e saída provavelmente no final da década.

Outros naturalistas e professores, bem como praticantes ou estagiários, participaram das atividades junto aos setores de mineralogia, petrografia e paleontologia no período, temporariamente ou não, estando relacionados nos anexos I e II.





O QUADRO DE PESSOAL DO “DGP” A PARTIR DOS ANOS 1940

A partir dos anos 1940, a Geologia e a Paleontologia do Museu Nacional contaram novamente com um número significativo de “naturalistas”, “naturalistas-auxiliares” e “naturalistas-contratados”, cargos com que eram inicialmente contratados e que, posteriormente, passaram para o quadro de docentes da UFRJ, com o cargo de “professores”. Os dados pessoais, entretanto, encontram-se incompletos, difíceis de serem levantados, com poucas exceções, após o incêndio do Museu Nacional em 2018, quando foram destruídos os arquivos da Seção de Memória e Arquivo. Para compor este levantamento, os autores basearam-se em parte nos dados dos relatórios anuais da direção de 1949, 1956, 1963, 1986, 1998, 1999, 2000 e 2001 (Museu Nacional, 1949; Carvalho, 1956; Santos, 1964; Dau, 1986; Duarte, 2000a, 2000b, 2000c, 2003), documento do SEMEAR elaborado pelo historiador Gustavo Moreira, além das atas das reuniões do departamento referentes ao século XXI que conseguiram ser levantadas após o incêndio. Informações biográficas adicionais sobre a maior parte dos docentes e técnicos do DGP encontram-se no Anexo.

Segundo o relatório das “Atividades Científicas” referente ao ano de 1949, o DGP continha o seguinte quadro de pessoal, relacionado de acordo com o cargo que ocupavam quando foram contratados, ano de entrada e saída e área de atuação: o naturalista *Carlos de Paula Couto* (1910-1982), autodidata, que de 1944 a 1970 atuou na Paleontologia de Vertebrados com ênfase no estudo dos mamíferos; o naturalista *Emmanuel de Azevedo Martins* (1907-?), de 1940 até 1960 (Carvalho, 1961), atuou na Geologia Geral, Geologia Histórica e na Paleontologia de Invertebrados; o naturalista *Ney Vidal* (1903-1957), de 1924 a 1957, atuou na Paleontologia de Vertebrados estudando os mamíferos pleistocênicos; o naturalista *Othon Henry Leonardos* (1899-1977), ao menos na segunda metade da década de 1940, engenheiro e geólogo; o naturalista e autodidata *Walter da Silva Curvello* (1915-1999), de 1943 ao início da década de 1990, atuou nos estudos dos meteoritos e da petrografia; o químico e naturalista-auxiliar *Cândido Simões Ferreira* (1921-2013), de 1945 a 1991, tendo realizado análises químicas de meteoritos brasileiros no Laboratório de Química do museu até a década de 1950 e em seguida atuou ativamente na Paleontologia de Invertebrados com ênfase nos estudos dos moluscos; e o naturalista-auxiliar e físico *Baldomero Barcia González* (1923-?), que de 1944 à pelo menos 1986 atuou na Petrografia com descrição de lâminas petrográficas e na determinação de minerais e rochas (Figura 3).

No relatório anual da direção referente ao ano de 1956 (Carvalho, 1956), o diretor assinalou a presença também do naturalista-auxiliar *Fausto Luiz de Souza Cunha* (1926-2000), que até a aposentadoria no início dos anos de 1980, atuou na Paleontologia de Vertebrados com ênfase no estudo dos mamíferos; da naturalista-contratada *Maria Martha Barbosa* (1931-2020), que de 1956 até 1991 atuou na Paleontologia de Invertebrados com ênfase no estudo dos briozoários (Figura 4); do naturalista-auxiliar *Ivan Carneiro Freire* e do naturalista *Jorge Alberto de Mello* (1911-?), de 1943 a 1945 e 1954 a 1966, que atuaram na mineralogia e na petrografia; além dos seguintes componentes do quadro administrativo e técnico do DGP: o estagiário *Luiz Carlos dos Santos*, a escriturária *Maria de Lourdes Porto*, substituída em 1960 por *Wilson Guimarães Costa*, o escriturário *Walter de Aquino Mendes*, aposentado em 1956 (Relatório de Ney Vidal de 05/12/1956, Semear Caixa 146-1, notação física 146137), o conservador-auxiliar *Omair Fontoura* (1929), com entrada em 1947 como zelador e conservador-auxiliar a partir de 1952, tendo permanecido até o final da década de 1960 ou início dos anos 1970 como preparador e laminador de rochas e meteoritos, o zelador *José Olímpio dos Santos* que, apesar de não ter formação técnica, teve uma importância fundamental quando da organização das coleções do departamento no final da década de 1940, e os serventes *Luiz Marques de Oliveira*, *Dorvalino Francisco dos Santos*, *Luiz José Vieira* e *Geraldo Marinho*. É interessante observar que durante esse período, ou pelo menos em parte dele, o DGP contou com a presença de funcionários administrativos e ligados à limpeza.



Figura 3. Fotografia datada de 1947 em Castro, Paraná, quando foi realizada atividade de campo nas proximidades da cidade. Da esquerda para a direita, Emmanoel de Azevedo Martins, Walter da Silva Curvello e Cândido Simões Ferreira.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 4. Fotografia feita durante a realização do XIX Congresso Brasileiro de Geologia em 1965 no Rio de Janeiro, junto ao Jardim das Princesas na lateral do Museu Nacional. No centro, da esquerda para a direita, Luiz de Castro Faria, Irajá Damiani Pinto, Walter da Silva Curvello, Cândido Simões Ferreira, Maria Martha Barbosa, Josué Camargo Mendes e Desconhecido.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Na ocasião, chefiados pelo geólogo alemão *Viktor Leinz* (1904-1983), contratado temporariamente em 1946 até 1948 para reorganizar as coleções (Andrade, s/d; Kotzian & Ribeiro, 2009, p. 52), os membros do departamento mobilizaram-se na elaboração dos catálogos nos moldes atuais, já que os diversos exemplares se encontravam distribuídos pelas salas e diversos armários do departamento, inclusive em armários de guarda situados na exposição. Foi quando se deu a elaboração dos livros de tombo das coleções específicas, a saber: Paleontologia de Invertebrados, Paleontologia de Vertebrados, Paleobotânica (com as coleções de fósseis estrangeiros e de fósseis brasileiros), Petrografia, Mineralogia e Geologia Econômica, contando com a participação dos funcionários administrativos *Irene Mendonça*, *Walter Mendes* e *Esmeraldino Augusto de Souza* (Andrade, s.d.; Fernandes & Santos, 2022) e do funcionário *José Olímpio dos Santos*. Acondicionadas agora em gavetas de armários próprios de madeira (Figura 5), as coleções eram lançadas nos livros de tombo em sequência numérica para facilitar a continuidade futura com o aumento do acervo. No caso específico da coleção de paleoinvertebrados, o lançamento dos exemplares no livro de tombo passou a contar com a redação de José Olímpio, escolhido para a tarefa por possuir uma excelente caligrafia, fato do qual muito se orgulhava e fazia questão de demonstrar, nas décadas seguintes, aos que se interessavam em saber sobre o autor dos lançamentos no livro de tombo, como presenciado por Antonio Carlos Fernandes, quando estagiário na década de 1970.

No relatório anual de 1963, a direção assinalou a presença de outros novos naturalistas no DGP, indicados em seguida em *itálico*, ficando seu quadro completo de pesquisadores assim composto (Santos, 1964, p. 115): “Carlos de Paula Couto, Paleontologia de Vertebrados; Emmanoel de Azevedo Martins, Geologia e Paleontologia de Invertebrados; Jorge Alberto de Mello, Mineralogia; Walter da Silva Curvello, Petrografia e Meteorítica; *Amaro Barcia e Andrade*



Figura 5. A “Sala das Coleções” (“Sala 8” deste livro, ver figura 9), em 11 de março de 2005, com parte dos armários com as coleções do DGP antes da reforma da sala e substituição dos armários de madeira por metálicos. Os exemplares de maior tamanho, principalmente de paleoinvertebrados e paleovertebrados, que não podiam ser acomodados nas gavetas, ficavam expostos em cima dos armários referentes às suas coleções.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

(1920-?), químico, entrou como naturalista-auxiliar em 1944, foi exonerado em 1948 e readmitido em 1959, e com aposentadoria na década de 1970, atuando na Mineralogia e no Laboratório de Química; Baldomero Barcia González, Petrografia; Cândido Simões Ferreira, Paleontologia de Invertebrados; Fausto Luiz de Souza Cunha, Paleontologia de Vertebrados; *José Henrique Millan*, Paleobotânica [naturalista, de 1960 ao final da década de 1990, quando aposentou, dedicou-se aos estudos da paleoflora permocarbonífera do estado de São Paulo]; e Maria Martha Barbosa, Paleontologia de Invertebrados. Também é preciso citar a presença neste relatório do preparador da Seção de Mineralogia e Petrografia *Flávio Machado Dias* (Santos, 1964, p. 89)

Ao final da década de 1960 e nas duas décadas seguintes, esse quadro veio a sofrer modificações em função de aposentadorias e entrada de novos docentes (escritos em *itálico*) no DGP (Figuras 6 e 7). Em 1986 o quadro de docentes ficava composto por (Dau, 1986): *Victor de Carvalho Klein*, geólogo, transferido da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 1986, aposentando-se em 2002; Baldomero Barcia González, Petrologia; *Thais Galvão da Silva*, geógrafa, Petrologia, contratada em 1970 até a década de 1980, com atuação posterior na Estratigrafia; Amaro Barcia e Andrade, Mineralogia; José Henrique Millan, Paleobotânica; Maria Martha Barbosa, Paleontologia de Invertebrados; *Antonio Carlos Sequeira Fernandes*, Paleontologia de Invertebrados, naturalista, de 1980 a 2016 (aposentadoria); Cândido Simões Ferreira, Paleontologia de Invertebrados; Fausto Luiz de Souza Cunha, Paleontologia de Vertebrados; e *Antonio Carlos Magalhães Macedo*, estagiário desde 1963 e naturalista, de 1968 a 1993 (aposentadoria), Micropaleontologia, dedicando-se ao estudo dos ostracodes fósseis e recentes. Nas décadas citadas, também entraram para o DGP os docentes *Benedicto Humberto Rodrigues Francisco*, geólogo, transferido também da UFRRJ em 1987 e aposentado em 2002, atuando na Geologia Histórica e Estratigrafia; *Diana Mussa* (1932-2007), geóloga, de 1986 a 2002 (aposentadoria), atuando na Paleobotânica, transferida do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) com o cargo de “Técnica em Geologia” e posteriormente docente concursada



Figura 6. Fotografia de parte do quadro de pessoal do “DGP” na década de 1970 tomada no pátio central do Museu Nacional junto à porta-janela do gabinete de Fausto Cunha. Da esquerda para a direita, Cândido Simões Ferreira, Antonio Carlos Magalhães Macedo, Fausto Luiz de Souza Cunha, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (do Instituto de Geociências da UFRJ), Arnaldo Campos dos Santos Coelho (do setor de Malacologia), Walter da Silva Curvello e funcionário do museu não identificado com uma das duas araras “mascotes” do museu, uma azul e outra vermelha.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.



Figura 7. Fotografia de parte do quadro de pessoal do “DGP” na década de 1980, tomada no pátio central do Museu Nacional junto à porta de acesso do departamento. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Magalhães Macedo, Cândido Simões Ferreira, Walter da Silva Curvello, Moacir Leão (fotógrafo do museu), Amaro Barcia e Andrade, Baldomero Barcia González, Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Fausto Luiz de Souza Cunha. Nessa década, era comum os docentes do DGP se reunirem após o expediente na porta do departamento conversando sobre os mais variados assuntos.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

do Museu Nacional; *Sérgio Alex Kugland de Azevedo*, biólogo e geólogo, desde 1989, atuando na Paleontologia de Vertebrados com ênfase nos dinossauros brasileiros. O DGP contou também com o seguinte quadro de pessoal administrativo: a Secretária *Yeda Machado Borges*, os Servidores de Apoio *Hélio Silva* e *Célio Gonçalves* (Dau, 1986, p. 164), e o **Técnico de Laboratório Nível Médio** *Wanderley Alves de Andrade*, até 2002, atuando na Mineralogia. No Relatório do Diretor do ano seguinte (Dau, 1987, p. 269) são ainda citados o auxiliar administrativo *Cláudia do Carmo Valdemar*, o servidor de apoio *Hélio Silva* e a servente *Maria de Fátima S. Marinho*. No Relatório anual do Diretor de 1988 e 1989 é ainda relacionada a auxiliar administrativa *Maria Cristina Marinho* (Dau, 1988, p. 230) e a servente *Margarida da Silva Juvêncio* (Dau, 1989, p. 311).

A partir da década de 1990 o DGP teve o seu quadro de pessoal docente bastante aumentado com a entrada da naturalista *Loiva Lízia Antonello*, de 1993 a 2008 (aposentadoria), para a Petrografia; o geólogo *Ciro Alexandre Ávila*, desde 1993, na Mineralogia e Petrologia; o geólogo *Alexander Wilhelm Armin Kellner*, desde 1997, na Paleontologia de Vertebrados, com ênfase nos répteis fósseis; a astrônoma *Maria Elizabeth Zucolotto*, desde 1997, na Meteorítica; a bióloga *Vera Maria Medina da Fonseca*, de 1997 a 2013 (aposentadoria), na Paleontologia de Invertebrados; o biólogo *Marcelo de Araújo Carvalho*, desde 2002, na Paleopalínologia; os geólogos *João Wagner de Alencar Castro*, desde 2002, atuando na Geologia do Quaternário, *Renato Rodriguez Cabral Ramos*, desde 2007, na Estratigrafia e Espeleologia e *Eliane Guedes Ferreira*, desde 2011, na Petrologia; o biólogo *Sandro Marcelo Scheffler*, desde 2013, dedicando-se à Paleontologia de Invertebrados; o geólogo *Fabiano Richard Leite Faulstich*, desde 2016, na Mineralogia; as biólogas *Luciana Witovisk Gussella*, de 2015 a 2021 (transferida, a pedido, para o Departamento de Botânica), na Paleobotânica, e *Marina Bento Soares*, desde 2019, na Paleontologia de Vertebrados, oriunda, por transferência, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e o geógrafo *Daniel Sedorko*, desde 2022, atuando na Paleontologia de Invertebrados (Figura 8).



Figura 8. Um histórico momento de confraternização entre membros do DGP em 3 de fevereiro de 2016. Em sentido horário, os docentes Luciana Witovisk Gussella, João Wagner de Alencar Castro, Ciro Alexandre Ávila, Eliane Guedes, Deise Dias Rego Henriques, Sandro Marcelo Scheffler, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Renato Rodriguez Cabral Ramos e Marcelo de Araújo Carvalho.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Na relação de técnicos e funcionários administrativos, apresentados na mesma sequência de dados, o DGP, após algumas entradas a partir de 1985, teve seu número aumentado significativamente a partir de 2011, a saber: a bióloga *Deise Dias Rêgo Henriques*, de 1985 a 2016 (aposentadoria), Paleontologia de Vertebrados; a técnica-administrativa *Maria Cristina Marinho*, como secretária do DGP; o funcionário *Irani Gomes Pereira*; a técnica-administrativa *Nádia Nolasco dos Santos* (?-?), como secretária do DGP, de 2002 a 2004; o museólogo *João Carlos Ferreira*, de 2003 a 2016, Museologia; o técnico-administrativo *João Antonio de Barros* (?-2007), como secretário do DGP, de 2004 a 2007; o técnico de laboratório *José Emiraldo Barbosa* (1962-2021), em 2003/2004 até 2019 (por aposentadoria), laminador; a técnica-administrativa *Iruaci da Silva Carvalho*, como secretária do DGP, de 2007 a 2011; a bióloga *Luciana Barbosa de Carvalho*, desde 2008, Paleontologia de Vertebrados; o biólogo *Orlando Nelson Grillo*, desde 2011, técnico de laboratório-zoologia e programador visual-edição de arquivos tridimensionais (a partir de 2018); o técnico de laboratório *Orlean Chanfim de Anchieta*, desde 2010; e a geógrafa *Sara Nunes Soares*, de 2011 a 2019 (por transferência), técnica em geologia. Em 2011 e 2013 o DGP foi aquinhado com a entrada de novos funcionários com o cargo de Técnico em Restauração/Paleontologia, a geógrafa *Bárbara da Silva Maciel*, as biólogas *Uiara Gomes Cabral* e *Lilian Alves da Cruz*, e o biólogo *Helder de Paula Silva*, todos desde 2011, e *Priscila Joana Gonçalves de Paula*, desde 2013. A partir deste último ano entraram para o DGP o técnico em assuntos educacionais *Jefferson Fernandes Rodrigues*, desde 2013, graduado em História, atuando na secretaria, e o químico *Leonardo Dangelo*, em 2018 (entrou na UFRJ em 2005). Em 2018, o DGP passou a contar também com a tecnóloga em gerenciamento de coleções geopaleontológicas *Sarah Siqueira da Cruz Guimarães Sousa*, e com a técnica de laboratório/coleções geopaleontológicas *Gisele Rhis Figueiredo*. Neste mesmo cargo entraram em 2020 os técnicos *Mariana Virgílio Rocha*, *Gabriela Pereira Silva*, *Luiz Felipe Lima Ferreira* e *Sílvia Maria Teixeira Silveira*. Em 2018 também entraram para o DGP no cargo de programador visual-edição de arquivos tridimensionais os técnicos *Pedro Luiz Diniz Von Seehausen* e *Gabriel da Silva Cardoso* e, em 2019, a química *Maiara Neto Lacerda* como técnica de laboratório-química. Considerando os afastamentos por aposentadoria e transferências, o DGP conta atualmente com 19 funcionários técnicos.



A “DANÇA” DAS SALAS E GABINETES

A falta de registros documentados sobre a utilização das salas no palácio na área destinada ao DGP dificulta muito a elaboração de sua história espacial, bem como a de ocupação como gabinetes de trabalho e laboratórios por seus docentes e funcionários. Durante o Império, sabe-se que duas das salas compunham a Capela São João Batista e outras cinco eram utilizadas como exposição e guarda dos exemplares do Museu do Imperador (Dantas, 2007). Com a transferência do Museu Nacional para o palácio, várias modificações foram feitas no prédio para que este se adaptasse ao novo ocupante. Poucas, entretanto, são as informações dessas modificações, não só de obras como de distribuição de seu quadro de pessoal. Com a ajuda, entretanto, das informações fornecidas por docentes e funcionários do DGP, tanto aposentados como os da ativa, assim como dos relatórios anuais dos diretores e também das atas de reuniões do DGP do século XXI que sobraram ao incêndio, foi possível traçar uma história, mesmo com parcialidades, da distribuição e ocupação das salas.

Para auxiliar na descrição da evolução espacial histórica das salas utilizou-se as imagens de duas plantas baixas do Museu Nacional. A primeira, publicada no relatório anual da direção por Santos (1963), apresenta a planta do primeiro pavimento do museu (Figura 9) e, a segunda, elaborada inicialmente pelo Escritório Técnico do Museu Nacional, modificada pelo Técnico Orlando Grillo e posteriormente pelos autores, restringe-se ao espaço ocupado pelo DGP na área posterior do prédio (Figura 10). Para facilitar a identificação das salas, na figura 10 foi criada uma numeração artificial (p. ex., “Sala 1”, “Sala 2”, etc, em um total de 11 salas), assinalando-se a numeração anterior da planta de 1963 e a utilização de nomes oficiais ou temporários relacionados à sua utilização ou de homenagens a antigos docentes. O resultado da evolução da ocupação está representado por uma linha de tempo das salas, apresentada na figura 11.

Sala 1 (“Sala 87”). “Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN)”

As salas “1, 4, 6 e 7”, bem como a sala ocupada pelo Setor de Echinodermata do Departamento de Invertebrados, contígua às salas “1 e 4”, correspondiam, durante o Império, ao espaço ocupado pelas coleções de D. Pedro II e constituintes do “Museu do Imperador”, expressão utilizada pela historiadora Regina Maria Macedo Costa Dantas (*vide* Dantas, 2007, pp. 190-191, planta 16). A “Sala 1” e a dos equinodermos posicionam-se defronte ao pátio central do Museu Nacional e, possivelmente, consistiam nas salas de acesso ao Museu do Imperador. Após o desmonte do acervo do referido museu, desconhece-se, entretanto, quais foram as ocupações dessas salas. O mais correto a se pensar é que a “Sala 1” foi mantida como acesso às instalações do DGP, o que permaneceu até 2018.

Nas últimas seis décadas, pelo menos, a sala se tornou no principal espaço do Setor de Paleoinvertebrados, tendo sido ocupada como gabinete e laboratório de pesquisa pelos professores Cândido Ferreira, Antonio Carlos Fernandes, Vera Maria Fonseca e Sandro Scheffler. A evolução de seu espaço físico é descrita com mais detalhes adiante no subtítulo “A organização espacial do LAPIN”.

Sala 2 (“Sala 86”). “Laboratório de Petrografia e Mineralogia (PETROMIN)”

Originalmente, quando o prédio consistia na residência imperial, os espaços das salas “2 e 3” (correspondentes à “Sala 86” de Santos, 1963) eram ocupados pela Capela São João Baptista,

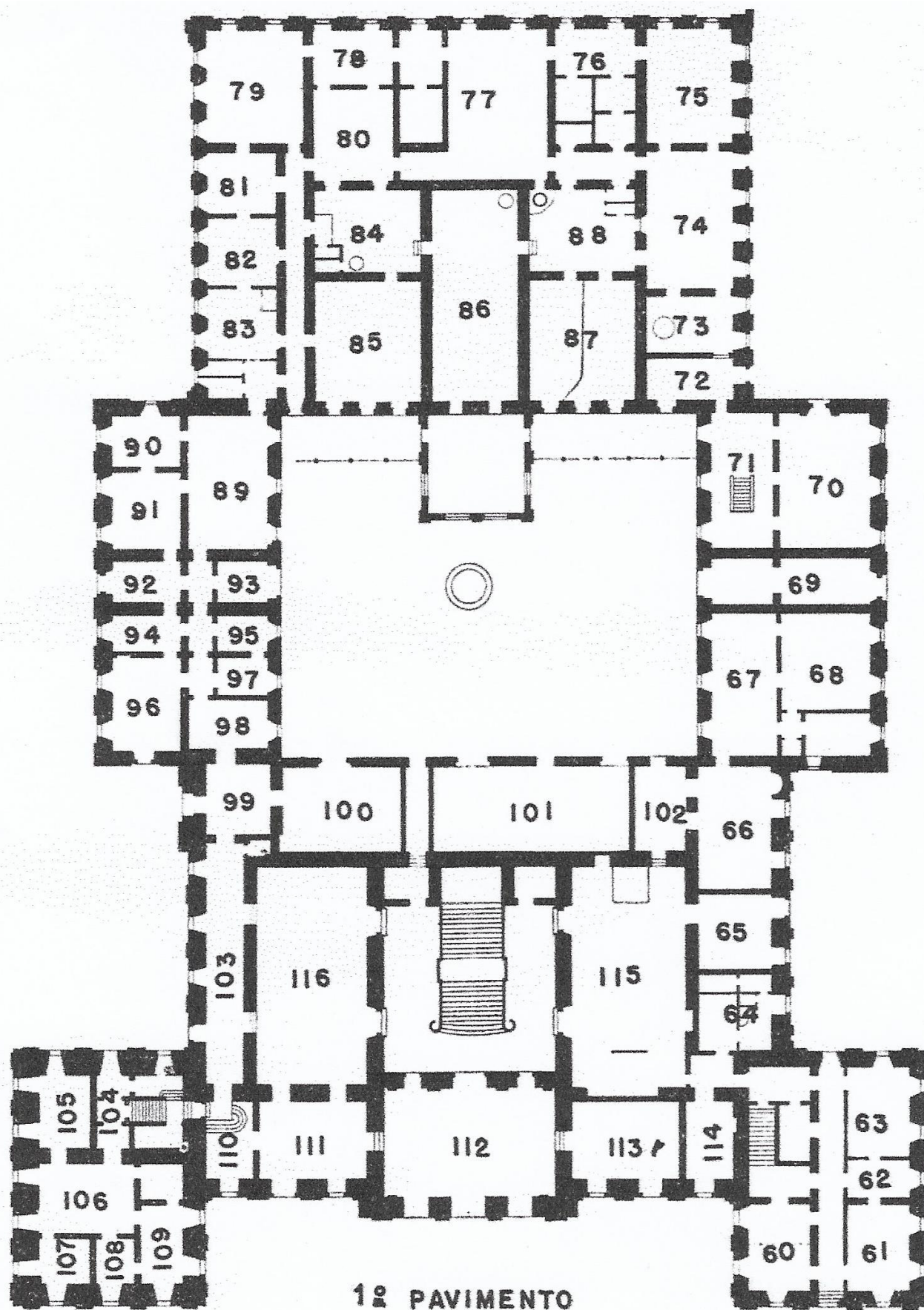


Figura 9. Planta baixa do primeiro pavimento do Museu Nacional apresentada por Newton Dias dos Santos no Relatório Anual da direção de 1963 (Santos, 1963).

também identificada como a Capela Imperial do Paço de São Cristóvão (*vide* Dantas, 2007, p. 154, planta 12). A capela tinha uma altura que alcançava dois pavimentos, transformado assim em um salão não apenas destinado às missas, como também para outras cerimônias. Em 1910, os dois andares foram separados, passando o espaço do primeiro piso a ser utilizado como salas do DGP (Dantas, 2007, p. 156). Desconhece-se, entretanto, o destino inicial dessas salas após esta data, sendo possível que, a partir da década de 1940, fosse ocupada pelo laboratório de laminação. No início da década de 1970, a sala passou a ser utilizada pelo Prof. Walter Curvello como seu gabinete de trabalho e laboratório.

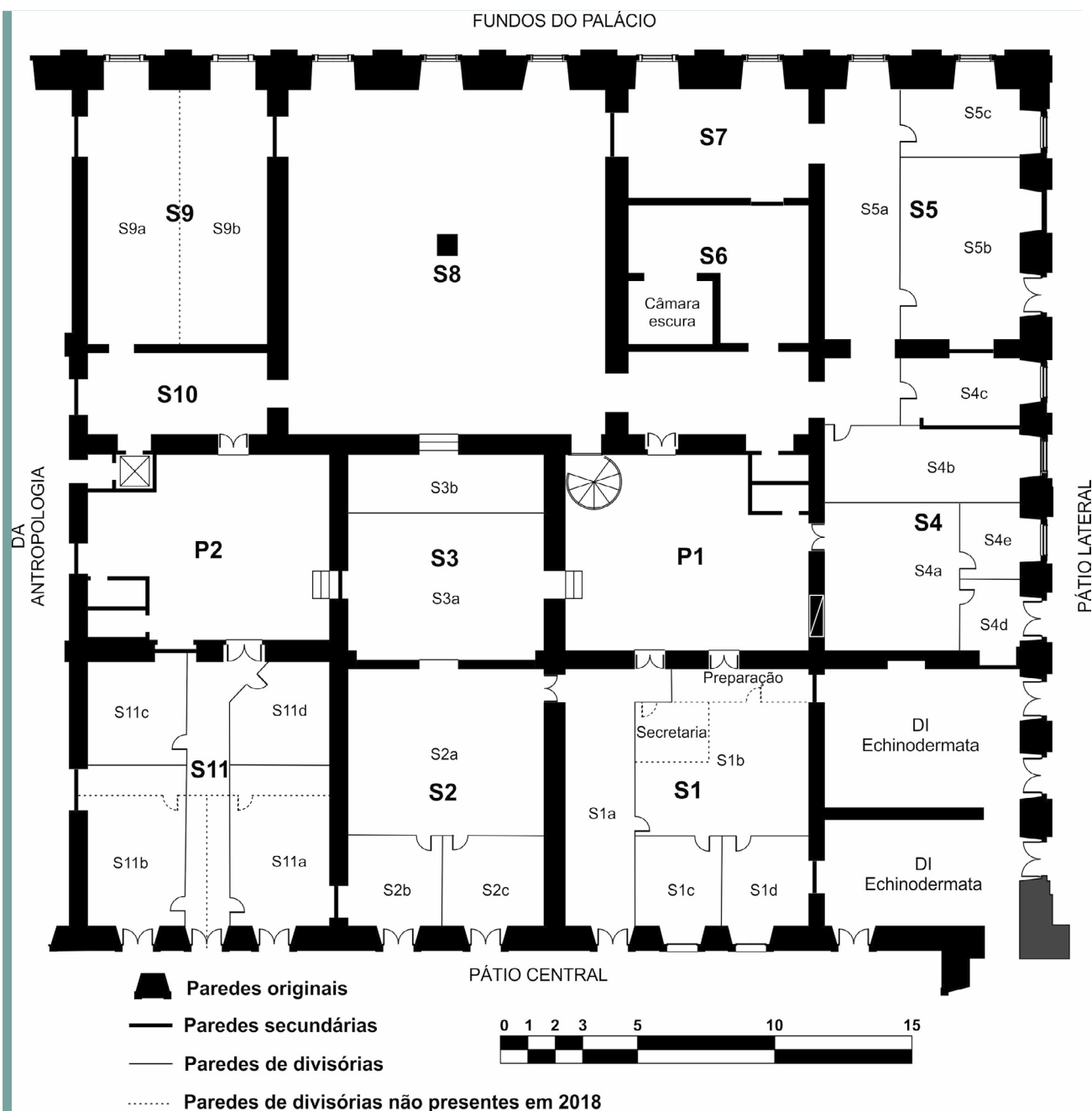


Figura 10. Planta baixa da área de ocupação do Departamento de Geologia e Paleontologia na parte posterior do Museu Nacional e a distribuição das salas com numeração artificial abordadas no texto. Fonte: modificado por Orlando Nelson Grillo e pelos autores, alterado do original elaborado pelo Escritório Técnico do Museu Nacional.

Na década de 1970, ainda, com a contratação de Thaís Galvão como docente, que até então ocupava o cargo de Secretária do Departamento de Geologia, esta passou a dividir a sala com o Prof. Walter Curvello (Figura 12). Já no final da década, a Profa. Thaís Galvão transferiu-se para o espaço da “Sala 6” onde montou o seu gabinete e, com a vinda dos professores Victor Klein e Benedicto Francisco, transferidos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), estes foram instalados na sala, junto com o Prof. Walter Curvello. Com a sua aposentadoria na década de 1990, o Prof. Antonio Carlos Macedo transferiu-se para a sala, ali permanecendo com o Prof. Victor Klein, já que o Prof. Benedicto Francisco passou a ocupar a “Sala 7”, que se encontrava disponível. Com a aposentadoria do Prof. Antonio Carlos Macedo em 1993, a sala permaneceu ocupada pelo Prof. Victor Klein e, em seguida, também pela Profa. Loiva Antonello (ambos aposentados em 2002) e a Profa. Maria Elizabeth Zucolotto (que entre os anos de 2002 e 2003 passou para a “Sala 6”). O Prof. Ciro Ávila passa também a ocupar a sala em 2002 e, posteriormente, os professores Eliane Guedes e Fabiano Faulstich, os três últimos dividindo a sala até 2018.

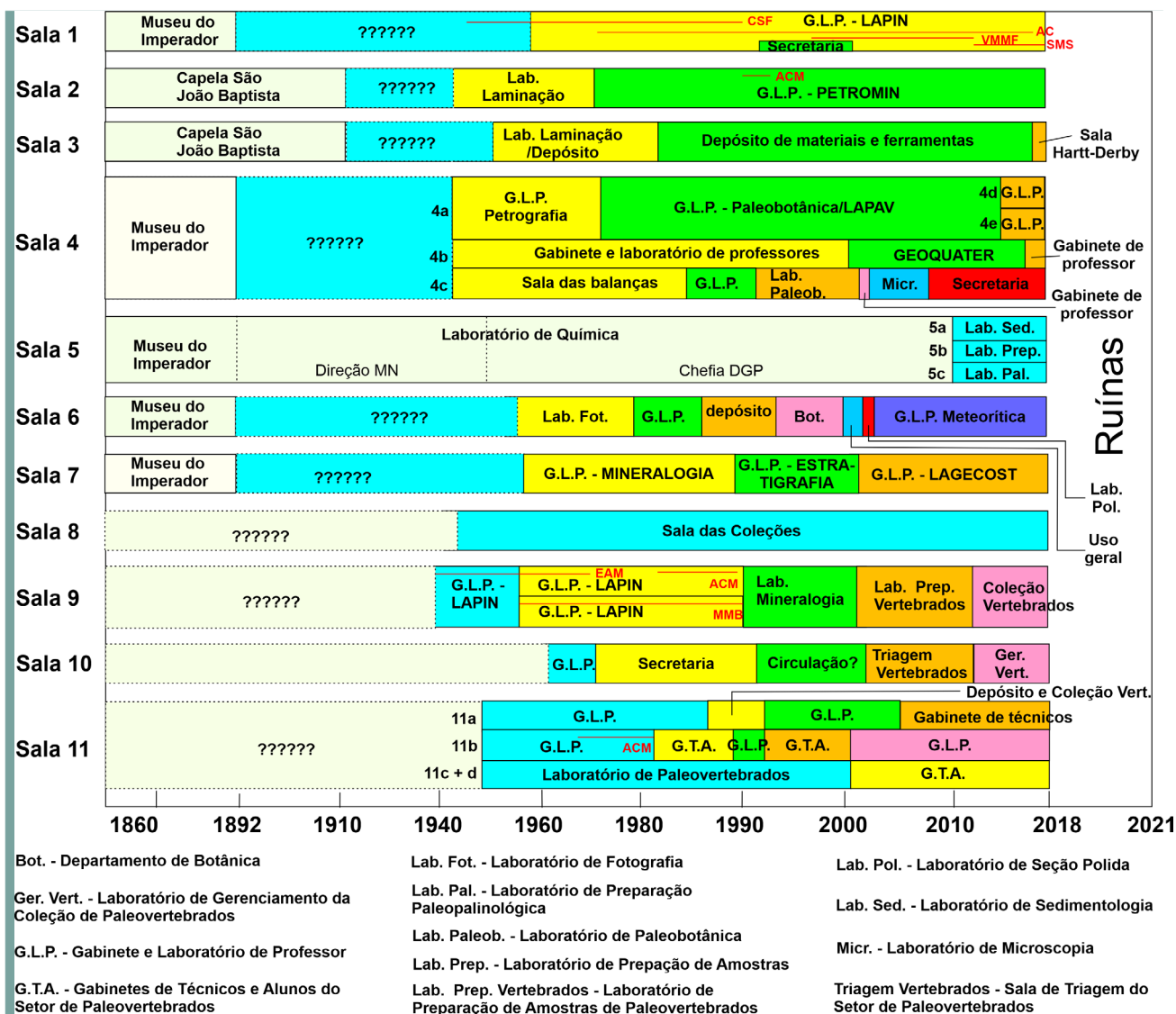


Figura 11. Linha de tempo de ocupação das salas do Departamento de Geologia e Paleontologia. Em vermelho docentes do LAPIN e o respectivo período de ocupação das salas: CSF – Cândido Simões Ferreira; VMMF – Vera Maria Medina da Fonseca; AC – Antonio Carlos Sequeira Fernandes; SMS – Sandro Marcelo Scheffler; ACM – Antonio Carlos Magalhães Macedo; EAM – Emmanoel de Azevedo Martins; MMB – Maria Martha Barbosa.



Figura 12. Fotografia na “Sala 2” na década de 1970 ou 1980 com Walter da Silva Curvello, Thaís Galvão da Silva e Antonio Carlos Magalhães Macedo. A sala, gabinete de Curvello e Thaís na década de 1970, foi ocupada posteriormente por Macedo até sua aposentadoria e posteriormente por outros docentes (vide texto).

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

A “Sala 2”, inicialmente sem divisões internas, foi modificada em 2011 na parte anterior, junto às portas/janelas, com formação de dois gabinetes com o uso de divisórias, ficando então ocupados pelos professores Ciro Ávila e Eliane Guedes. Com a posse do Prof. Fabiano Faulstich em 2016, este ficou ocupando o gabinete com o Prof. Ciro Ávila e, mais tarde, passou a dividir o gabinete com a Profa. Eliane Guedes. O restante da sala servia como laboratório de pesquisa ocupado pela técnica Sara Nunes Soares e alunos, tanto de graduação como de pós-graduação.

Sala 3 (“Sala 86”). “Sala Hartt-Derby”

Como informado previamente nas explicações sobre a “Sala 2”, durante o império, junto com a citada sala, o espaço compunha a Capela São João Baptista, assim permanecendo até 1910 (*vide* Dantas, 2007, p. 154, planta 12). Não se tem ideia de como era sua ocupação desde esse ano, mas acredita-se que nas décadas seguintes, pelo menos desde 1950, o espaço correspondente à “Sala 3” era utilizado como um espaço de laminação, juntamente com parte da “Sala 2”, e como um depósito de ferramentas e exemplares coletados nos trabalhos de campo, ali permanecendo por décadas esperando preparação e estudo. Na década de 1980 este espaço já havia perdido a função de laminação e em 2012, pelo menos, o departamento decidiu pela sua reforma, transformando-o em duas salas: uma sala maior destinada às reuniões e como sala de aula do departamento, com acesso pelo pátio interno (“P1”), separada então de um espaço menor estabelecido como depósito/sala de triagem por uma divisória e com acesso pela sala

das coleções, a “Sala 8”. A sala maior passou a ser denominada como “Sala Hartt-Derby”, em homenagem aos importantes geólogos da “3ª Secção” do Museu Nacional, Charles Frederick Hartt e Orville Adalbert Derby, assim inaugurada em 3 de fevereiro de 2017 por ocasião da comemoração do 175º aniversário do DGP (Figura 13).



Figura 13. Fotografia da “Sala Hartt-Derby” em 26 de janeiro de 2017 antes de sua inauguração como sala de reuniões do DGP e de aulas e defesas de monografias do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário e do Programa de Pós-Graduação em Geociências – Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional. Na fotografia, o Prof. Fabiano Faulstich junto ao novo mobiliário da sala. Note-se à esquerda a porta de separação da “Sala 2” e, à direita, a divisória de separação da sala menor preservada como depósito e sala de triagem do DGP.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Sala 4 (“Sala 74”). “Laboratório de Paleoecologia Vegetal (LPAV), Sala de Aula e Secretaria do DGP”

Conforme assinalado anteriormente, a sala do Setor de Equinodermos (“Salas 72 e 73”) e a “Sala 4” (“Sala 74”), contíguas, acomodavam parte das coleções do Museu do Imperador durante o Império (Dantas, 2007, p. 190, planta 16). Após a instalação do Museu Nacional no prédio, ocorreu a separação da “Sala 4” da sala contígua em data não identificada. A sala estava então dividida em dois espaços, um maior, aqui identificado como “S4a”, e um menor, como “S4b” (Figura 10).

A partir do final da década de 1940, o espaço maior foi ocupado pelo Prof. Walter Curvello que, posteriormente, transferiu-se para a “Sala 2”. Vazio, este espaço foi então ocupado pelo Prof. José H. Millan, a partir do início da década de 1970, criando assim o espaço do Setor de Paleobotânica com seu laboratório e gabinete de trabalho e onde alojou os armários de madeira com a coleção de fósseis vegetais nacionais e estrangeiros. Quando de sua contratação para o museu, previamente, o Prof. José H. Millan ocupava o espaço da “Sala 10”. Após a sua aposentadoria, o espaço da “Sala 4” foi ocupado pela Profa. Diana Mussa também até aposentar-se e, em seguida, em 2002, pelo Prof. Marcelo Carvalho, que passou a dividir o espaço com a

Profa. Luciana Witovisk a partir de 2015. Em função dos trabalhos de pesquisa executados, o espaço passou a ser denominado “Laboratório de Paleoecologia Vegetal” (LPAV).

O acesso ao espaço da paleobotânica se dava através de porta a partir do pátio interno (“P1”) do departamento e, no lado oposto, existiam duas portas/janelas que se abriam para o pátio lateral do museu. Junto a elas foram separados, em 2015, dois espaços com divisórias, criando os gabinetes dos professores Marcelo Carvalho (“S4d”) e Luciana Witovisk (“S4e”). No lado esquerdo da sala, os armários das duas coleções serviam de separação do espaço menor (“S4b”) que consistia no antigo gabinete de petrografia. Em 2007, em parte devido ao contínuo afundamento do piso e a necessidade de obras, os armários de madeira foram desmontados e os fósseis vegetais foram transferidos para os novos armários de aço da Sala das Coleções (“Sala 8”).

A “Sala 4” também estava subdividida em dois outros espaços: um gabinete de petrografia (“S4b”) e um espaço menor de uso inicial não identificado (“S4c”). O espaço aqui identificado como “S4b” foi durante muitos anos o gabinete de trabalho e laboratório de petrografia do Prof. Balamero Barcia González. Seu acesso se dava pelo corredor interno comum do departamento e, na extremidade, tinha uma janela também comum ao pátio lateral do museu. Após sua aposentadoria, o espaço serviu como sala de professor visitante e, em seguida, como gabinete e laboratório do Prof. Ciro Ávila entre 1993 e 2002. Com sua transferência para a “Sala 2”, o espaço foi reformado para a instalação da sala de aula do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (GEOQUATER, [figura 14](#)), assim permanecendo até meados de 2016 quando passou a ser o gabinete de trabalho do Prof. Renato Ramos ([Figura 15](#)).



Figura 14. Fotografia da “Sala S4b” como sala de aula do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário em 2011.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 15. Fotografia da última fase de ocupação da “Sala S4b” como gabinete de trabalho do Prof. Renato R. C. Ramos em 31 de maio de 2018.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Na extremidade da “Sala 4”, separada da “Sala S4b”, encontrava-se parte do corredor de acesso a esta última sala e ao Laboratório de Química, além de um pequeno espaço aqui denominado “Sala S4c” que teve pelo menos cinco tipos de ocupações ao longo da sua história. Tratava-se de um espaço conhecido como “Sala das Balanças”, onde se encontravam balanças de precisão utilizadas pelo Laboratório de Química. Na segunda metade da década de 1980, a sala foi desfeita transformando-se no gabinete da Profa. Diana Mussa após sua transferência do DNPM para o Museu Nacional, onde permaneceu até sua transferência para a “Sala S4a”. Neste momento a sala passou a ser considerada um laboratório de paleobotânica. Em seguida, o espaço foi cedido para o Setor de Mineralogia em 2001 e em 2002 para sala de professor visitante da Mineralogia (Ata da 228ª Reunião de 11 de dezembro de 2001). Em 2002 o espaço foi transformado em “Laboratório de Microscopia” (Ata da 234ª Reunião do DGP de 19 de agosto de 2002, p.2), ocupação que se manteve por um curto intervalo entre 2002 e 2007 e, finalmente entre os anos de 2007 e 2009, foi convertido em sala da secretaria do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (GEOQUATER) e, em seguida, na secretaria do DGP, onde a partir de 2013 ficava o gabinete de trabalho do técnico Jeferson Fernandes Rodrigues e posteriormente do químico Leonardo Dangelo. Cabe ressaltar que, por ocasião da reforma da “Sala S4a” em 2007, o Prof. Marcelo Carvalho ocupou temporariamente a “Sala S4b”.

Sala 5 (“Sala 75”). “Laboratório de Química”

O espaço designado como o Laboratório de Química do DGP, aqui identificado como “Sala 5” (“Sala 75” de Santos, 1963), correspondia ao espaço ocupado pelo antigo Gabinete de Química do Paço de São Cristóvão e situava-se nos fundos da área ocupada pelo DGP, e próximo ao espaço destinado ao Museu do Imperador (*vide* Dantas, 2007, p. 157, planta 13). Assim, o espaço permaneceu destinado aos estudos de química do Museu Nacional com estrutura própria (*vide* Lobo, 1920, 1921, 1922, 1923) e no início dos anos 1950 passou a ser considerado como parte integrante da Divisão de Geologia e Mineralogia (Carvalho, 1956, p. 62). Entretanto, caberia aqui uma breve observação: conforme relatório do DGP de Alberto Betim Paes Leme em 1916, desde a reforma de 1910 a seção de mineralogia estava privada de laboratório e gabinete de trabalho, o que foi sanado pela instalação destes no extinto laboratório de química vegetal. Poderia se pensar que este laboratório seria a “Sala 5”; no entanto, nesta época o laboratório de química tinha estrutura separada do DGP, como pode ser visto nos relatórios de Lobo, citados acima. Fica assim uma dúvida de qual sala seria (*vide* Paes Leme, 1916. Relatório dos trabalhos realizados na 3ª Seção durante o ano de 1915, 3 p., Semear, pasta 71, doc. 180).

Na década de 1940, em suas instalações, o químico Cândido Simões Ferreira, recém contratado para o Museu Nacional como naturalista, realizou as primeiras análises químicas de meteoritos da coleção do Museu Nacional, colaborando então com os estudos sobre meteoritos pelo Prof. Walter Curvello (Curvello & Ferreira, 1951 e 1952), antes de se dedicar ao estudo dos paleoinvertebrados. Também trabalharam nesta sala os químicos e mineralogistas Amaro Barcia e Andrade e Jorge Alberto de Mello.

A sala permaneceu então como laboratório de química do museu desde os tempos do imperador e o espaço, que servia também como acesso à “Sala 7”, se mantinha amplo até a década de 2010 (Figuras 16 e 17). Na primeira metade desta década, a necessidade de um laboratório de



Figura 16. Fotografia do Laboratório de Química em 7 de junho de 2005 por ocasião do desmonte dos armários de madeira da Sala das Coleções. Note-se ao fundo, entre as duas janelas, o topo da antiga capela do laboratório.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 17. Fotografia da utilização da bancada do Laboratório de Química em aula prática do Prof. Renato Ramos com alunos do Mestrado em Arqueologia em 2010.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

preparação de amostras com a montagem de capelas para estudos paleopalinológicos e geológicos em geral, como também de análise de meteoritos, levaram à sua divisão separando-a em três ambientes: um espaço comprido, denominado de Laboratório de Sedimentologia, que servia como acesso à “Sala 7” e possuía bancadas com equipamentos para análises sedimentológicas, entre outras de interesse geológico (“Sala 5a”), um espaço denominado “Laboratório de Preparação de Amostras” (“Sala 5b”), onde ficava o gabinete do técnico Orlean Chanfim de Anchieta, e um espaço denominado Laboratório de Preparação Paleopalinológica, com capelas e outros equipamentos (“Sala 5c”). Essa configuração permaneceu até 2018.

Sala 6 (“Sala 76”). “Meteorítica”

Não se tem registros fidedignos do tipo de ocupação dessa sala no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a não ser pelo fato de que este espaço, junto com o da “Sala 7” (“Sala 76” de Santos, 1963), compunha uma das salas que guardavam ou expunham as coleções do Museu do Imperador até a década de 1890, por ocasião da ocupação do palácio pelo Museu Nacional (*vide* Dantas, 2007, p. 190, planta 16). Internamente, a sala, de pequenas dimensões em relação à boa parte das demais, tinha um espaço maior, que se comunicava com a “Sala 7” por uma porta tipo vai e vem, fechada posteriormente, e outro menor, no qual, separado por divisórias, funcionava o laboratório de fotografia do departamento com uma câmara escura. Este foi criado pelo Prof. Walter Curvello provavelmente nos anos 1950 e/ou 1960, e permaneceu com essa finalidade até a década de 1970. Na segunda metade desta última década e na década de 1980, a câmara escura chegou a ser utilizada por alguns docentes como os professores Antonio Carlos Fernandes, Victor Klein e Maria Elizabeth Zucolotto para revelação de filmes e elaboração de cópias fotográficas para os trabalhos de pesquisa. No final da década de 1970, o

espaço maior passou a ser o gabinete e laboratório de trabalho da Profa. Thais Galvão. Após a sua aposentadoria, a sala permaneceu desativada, servindo como depósito, sendo então ocupada temporariamente pelo Departamento de Botânica para trabalhos laboratoriais de meados até o final da década de 1990 e, depois, como uma sala de uso geral pelo DGP. Já em 2001, a sala foi destinada à Profa. Maria Elizabeth Zucolotto como Laboratório de Seção Polida, e em 2003, quando este é transferido para o prédio anexo, pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro (Ata da 240ª Reunião do DGP de 4 de junho de 2003, p. 1), passa a ser o seu gabinete e sala de guarda da coleção de meteoritos. Entretanto, mesmo após a transferência, a Profa. Maria Elizabeth Zucolotto continuou a usar o espaço da antiga câmara escura de fotografia como laboratório de laminação.

Sala 7 (“Sala 76”). “Laboratório de Geologia Costeira, Sedimentologia e Meio Ambiente (LAGECOST)”

Como foi assinalado anteriormente, o espaço da “Sala 7” compôs junto com a “Sala 6” uma das salas do Museu do Imperador, não se sabendo o seu destino logo após as reformas de 1910. Com acesso pela sala do Laboratório de Química, durante vários anos, a partir de data não determinada, foi transformado em gabinete do Prof. Amaro Barcia e Andrade e pertencente, assim, ao Setor de Mineralogia, permanecendo desta forma até sua aposentadoria na década de 1970. Com formato retangular, o espaço abrigava o laboratório de mineralogia com mesas de trabalho e um microscópio petrográfico, cujo desaparecimento na década de 1980 transformou-se, possivelmente, no primeiro caso de furto de equipamento no departamento, fato facilitado pela precariedade na segurança das portas de acesso às salas então utilizadas. Após a saída do Prof. Amaro Barcia e Andrade, a sala veio posteriormente a ser ocupada pelo Prof. Benedicto Francisco que a utilizou como seu gabinete de trabalho por toda década de 1990 e, com sua aposentadoria, passou a gabinete do Prof. João Wagner Castro e depois também do Prof. Renato Ramos. Com a transferência do segundo para a “Sala S4b” em 2016, a sala, cujas atividades de pesquisa nela realizadas envolviam tanto a estratigrafia como os estudos de geologia costeira, passou a abrigar as pesquisas desses últimos estudos e o Laboratório de Geologia Costeira, Sedimentologia e Meio Ambiente (LAGECOST), coordenado pelo Prof. João Wagner Castro. Suas dependências foram destruídas no incêndio de 2018.

Sala 8 (“Sala 77”). “Sala das Coleções”

A “Sala 8” (“Sala 77” de Santos, 1963), provavelmente desde o final da década de 1940, foi guarnecida de armários com gavetas de madeira para a guarda das coleções. Eram armários duplos contendo 28 gavetas dispostas em duas fileiras verticais de 14 gavetas cada, com portas de madeira fechadas em conjunto por um cadeado (Figura 18). Nesses armários ficavam guardadas as coleções do DGP organizadas na referida década, com exceção das coleções de meteoritos e paleobotânica e parte da coleção de paleovertebrados. Também na sala se encontravam armários com fichários referentes às coleções. Estes fichários foram organizados ao mesmo tempo que os exemplares de minerais, rochas e fósseis eram lançados nos respectivos livros de tombo, sempre por ordem numérica. Paralelamente aos livros foram preparados basicamente três tipos de fichários, o de ordem numérica, o de tipologia por taxonomia nas coleções paleontológicas ou por composição ou classe de mineral ou rocha, e o organizado por idade geológica. Nas fichas estavam repetidas as informações contidas nos livros de tombo. Numa época em que bancos de dados digitais eram ficções futurísticas, os fichários não deixavam de ser uma segurança para o caso de danos nos livros de tombo e ferramentas de busca para as consultas à coleção.



Figura 18. Fotografia de 11 de março de 2005 mostrando um dos armários de madeira com 28 gavetas utilizado na guarda da coleção de paleoinvertebrados.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Na década de 1960, de acordo com a planta baixa apresentada no Relatório Anual de 1963, a sala continha divisões internas na área junto à “Sala 9” (“Salas 78 e 80” de Santos, 1963), divisões que foram desfeitas possivelmente até o final da década visto que, por volta de 1973, já não mais existiam, como foi observado por Antonio Carlos Fernandes quando do início de seu estágio no departamento.

Em 2005, com o apoio da Fundação Vitae (associação civil sem fins lucrativos de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, que através do Programa de Apoio aos Museus disponibilizou grande montante de recursos para reformas do palácio), a Sala das Coleções sofreu uma reforma total (Figura 19). Os armários de madeira foram desmontados e as coleções, em suas respectivas gavetas, foram acomodadas em outras salas ou em galpões de madeira montados provisoriamente nos pátios internos do departamento (Figura 20). Com a sala vazia, no lugar dos armários de madeira foram montados armários compactadores de aço deslizantes na parte central e armários de aço fixos com prateleiras e com gavetas nas laterais. Em 2006, com a sala pronta, as coleções foram pouco a pouco sendo remanejadas para os novos armários. Nos armários deslizantes foram acomodadas principalmente as coleções de paleoinvertebrados, paleobotânica, sedimentologia, mineralogia, geologia econômica, paleovertebrados e parte da coleção de rochas sedimentares (Figura 21).



Figura 19. Fotografia da fase de reforma da Sala das Coleções em 26 de julho de 2005. Ao fundo, cobertos com plástico preto, os armários de aço da coleção de Paleovertebrados, já existentes antes do desmonte dos armários de madeira.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 20. Fotografia do interior do galpão construído no pátio “P1” com as gavetas empilhadas da coleção de paleoinvertebrados em 5 de dezembro de 2005. A parede em frente ficava contígua à “Sala 1”.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 21. Fotografia dos armários deslizantes prontos para receber as coleções do DGP, em 21 de novembro de 2005.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

A coleção de paleovertebrados era a que mais continha armários deslizantes ocupados, totalizando sete armários; assim mesmo, em momento não preciso, devido às características da coleção, faltou espaço nos armários e os exemplares excedentes tiveram que ficar empilhados dentro das gavetas de madeira dos armários antigos na espera de uma nova acomodação. Nos armários fixos de prateleiras, situados nas duas extremidades da sala, foram acomodados respectivamente exemplares das coleções de paleoinvertebrados (designada de reserva técnica, não tombada; Figura 22) e de paleovertebrados. Nos armários fixos com gavetas foram armazenadas as amostras da coleção de petrografia (Figura 23) e os exemplares de maiores dimensões foram dispostos nos armários de prateleiras e no topo dos armários deslizantes. A coleção tombada de paleoinvertebrados ocupava dois corredores e três fileiras de armários compactadores, situados do lado direito da sala, totalizando quase 400 gavetas e em torno de 45 prateleiras para amostras maiores. Como complemento, na parede junto a separação com a “Sala 9” e ao lado de uma das três janelas da sala, ficou posicionado



Figura 22. À esquerda, exemplares da coleção de paleoinvertebrados em 16 de outubro de 2006 reorganizados nas gavetas do armário deslizante; à direita, o armário lateral fixo com prateleiras que em seguida foi utilizado para acomodar exemplares das coleções de paleoinvertebrados e a chamada reserva técnica de paleoinvertebrados. Estas eram amostras que não estavam patrimoniadas na coleção, mas que poderiam ser incorporados ou não, como por exemplo fósseis da Comissão Geológica do Império que não chegaram a ser catalogados.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 23. Fotografia dos armários de aço fixos com gavetas prontos para receber a coleção de petrografia, em 21 de novembro de 2005.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

o armário de aço não deslizante com gavetas da coleção de fósseis tipos de paleoinvertebrados (Figura 24) e paleovertebrados, estes últimos transferidos em 2012 para a “Sala 9”. Essa disposição permaneceu mais ou menos constante até o incêndio de 2018, que terminou danificando ou destruindo consideravelmente os armários e as coleções neles.



Figura 24. O armário de fósseis tipos das coleções de paleoinvertebrados e paleovertebrados em 5 de dezembro de 2005 posicionado temporariamente na passagem de acesso ao DGP junto ao pátio interno (“P1”). As divisórias da imagem dividem a passagem de acesso ao DGP da “Sala 1”. Posteriormente, o armário foi posicionado na Sala de Coleções.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Sala 9 (“Salas 78 e 80”). “Coleção de Paleovertebrados”

Na década de 1940 o espaço aqui denominado de “Sala 9” era ocupado como gabinete de trabalho do Prof. Emmanoel Martins. A ampla sala tinha numa das extremidades duas janelas que davam para os fundos do museu, uma porta de acesso com porta tipo vai e vem que a ligava à Sala das Coleções e, na outra extremidade uma porta de acesso com ligação à Sala 10. A partir de data não conhecida, provavelmente na segunda metade da década de 1950, a sala passou a ter uma divisória separando-a em dois gabinetes, um deles permanecendo como gabinete do Prof. Emmanoel Martins (“S9a”) e, o outro transformado em gabinete da Profa. Maria Martha Barbosa (“S9b”), com acesso à Sala das Coleções. Com a aposentadoria do Prof. Emmanoel Martins, não é conhecido o uso que foi dado ao espaço. Posteriormente, na década de 1980, seu gabinete foi então ocupado pelo Prof. Antonio Carlos Macedo que aí permaneceu até início da década de 1990, quando se transferiu para a “Sala 2”. Com sua saída, foi desfeita a separação da sala, voltando a ser uma sala única.

Com a transferência do Prof. Antonio Carlos Macedo para a “Sala 2”, e a aposentadoria da Profa. Martha Barbosa, a “Sala 9” foi utilizada pelo Técnico Wanderley Alves de Andrade, como se fosse uma extensão da Mineralogia. Após sua saída da sala em 2001 (Ata da 228ª Reunião do DGP de 11 de dezembro de 2001), o espaço passou a ser utilizado no início da década de 2000 como Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis (Figuras 25 e 26), assim permanecendo



Figura 25. Fotografia da “Sala 9” em 1 de junho de 2009 como Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis. Anteriormente, a sala foi ocupada como gabinetes de trabalho pelos docentes Emmanoel de Azevedo Martins, Maria Martha Barbosa e Antonio Carlos Magalhães Macedo.

Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.



Figura 26. Fotografia de 19 de setembro de 2001 mostrando as atividades de preparação de amostras e pesquisa na “Sala 9” como Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis. Em primeiro plano, as biólogas Luciana Barbosa de Carvalho e Deise Dias Rego Henriques e, ao fundo, o Biólogo Hélder de Paula Silva.

Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.

até ser desativado em função do material químico nele presente e o laboratório ser transferido em 2012 para o Anexo do museu, pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro. A sala então passou por reformas e nela foram instalados armários deslizantes e armários de aço laterais para guarda da coleção de paleovertebrados (Figura 27), incluindo os fósseis-tipos, até o incêndio de 2018.

Sala 10 (“Sala 80”). “Laboratório de Gerenciamento da Coleção de Paleovertebrados”

Esse pequeno espaço de 15 m², aqui identificado como “Sala 10”, correspondente em parte à “Sala 80” de Santos (1963), de formato retangular, pelo menos durante as décadas de 1970 e 1980, presume-se, abrigava a secretaria do departamento. De 1960 a 1962, serviu como sala provisória do Prof. José H. Millan até este se transferir para a “Sala 4a”. Desconhece-se sua destinação anterior desta sala, mas possivelmente era considerado espaço de circulação. Numa das extremidades tinha, à direita uma porta de acesso à “Sala 9”, em frente uma porta de contato com as dependências do Departamento de Antropologia, sempre fechada, e, à esquerda uma das portas de acesso ao elevador posterior do museu com ligação do 1º ao 3º pavimento. Esta porta permanecia sempre fechada e o acesso ao elevador se dava pelo Departamento de Antropologia. Na outra extremidade uma porta lateral dava acesso ao pátio interno (“P2”) e em frente à Sala das Coleções (“Sala 8”). No início de 1990 o espaço perdeu sua função de secretaria, transferida para o espaço reservado dentro da “Sala 1”, ficando vazio e mantendo sua conexão com a “Sala 9”. Em seguida, no início dos anos 2000, foi transformado pelo Setor de Paleovertebrados como área de guarda de material que aguardava preparação

e, posteriormente, como Laboratório de Gerenciamento da Coleção de Paleovertebrados em 2012 sob a coordenação das biólogas Deise Dias Rêgo Henriques e Luciana Barbosa de Carvalho. Com seus computadores, o laboratório fazia o gerenciamento do banco de dados da coleção de paleovertebrados possuindo bancadas com equipamentos ópticos e de fotografia para análise e estudo dos exemplares da coleção e apoio a pesquisadores visitantes (Figura 28). O laboratório assim permaneceu até o incêndio de 2018.

Sala 11 (“Sala 85”). “Sala Carlos de Paula Couto”

Esta ampla sala de formato retangular era, nas décadas de 1950 e 1960, dividida em três espaços: dois separados por uma divisória em gabinetes de trabalho ocupados, cada um, pelos professores Carlos de Paula Couto (“S11b” antiga) e Fausto Cunha (“S11a” antiga) e, na parte posterior da sala, um espaço único separado por uma divisória, com pia e que servia como sala de preparação e guarda da coleção de paleovertebrados (Figura 29). Apesar dos dois gabinetes



Figura 27. Fotografia da “Sala 9” em 23 de setembro de 2015 com os armários de aço e deslizantes que abrigavam parte da coleção de paleovertebrados. Anteriormente, a sala foi ocupada pelos docentes Emmanoel de Azevedo Martins, Maria Martha Barbosa e Antonio Carlos Magalhães Macedo e, em seguida, como laboratório de preparação do Setor de Paleovertebrados.

Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.



Figura 28. A “Sala 10”, em fotografia de 24 de maio de 2018, transformado em Laboratório de Gerenciamento da Coleção de Paleovertebrados. À direita, a porta de acesso à “Sala 9”, ao fundo por trás dos armários e bancadas a porta de ligação com o Departamento de Antropologia e, à esquerda, o acesso à porta do elevador.

Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.



Figura 29. Fotografia do espaço nos fundos da “Sala 11” que servia como laboratório de preparação e estudos do Setor de Paleovertebrados, em maio de 1986.

Fonte: Acervo digital de Lílían P. Bergqvist.

terem portas/janelas em cada um, o acesso à sala era feito pelo pátio interno (“P2”). Com a aposentadoria do Prof. Carlos de Paula Couto, o seu gabinete foi ocupado pelo Prof. Antonio Carlos Macedo, que ali permaneceu até transferir-se para o gabinete do Prof. Emmanoel Martins, na “Sala 9a”, permanecendo a “S11b antiga” ocupadas por estagiários por alguns anos.

Em 1987, após o afastamento do Prof. Fausto Cunha por motivos de saúde, a “Sala 11a antiga”, ficou um tempo sem ocupantes, sendo utilizada para armazenar equipamentos e parte da coleção de paleovertebrados. Quando da entrada do Prof. Sérgio Alex de Azevedo, em 1989, este passou a ocupar a “Sala 11b antiga” onde permaneceu até início da década de 1990, ao se transferir para a “Sala 11a antiga”, ficando a “Sala 11b antiga” ocupada pela Bióloga Deise Henriques e estagiários. Com a entrada do Prof. Alexander Kellner, em 1997, este se instalou em um pequeno espaço na mesma sala do Prof. Sérgio Alex de Azevedo, a “Sala 11a antiga”. No início dos anos 2000, uma reforma foi executada e a sala foi dividida em quatro gabinetes tendo um corredor central que dava acesso ao setor pelo pátio central do museu e, na outra extremidade, comunicava-se com o pátio interno (“P2”). Estes gabinetes foram destinados ao Prof. Sérgio Alex de Azevedo (“S11a” nova), Prof. Alexander Kellner (“S11b” nova), à Bióloga Deise Henriques e mais tarde à técnica Uiara Gomes Cabral (“S11c”) e, outro, como sala de estudo dos pós-graduandos do setor (“S11d”). Após a saída do Prof. Sergio Alex de Azevedo em 2005/2006 para o novo espaço do LAPID, no terceiro piso, a “Sala S11a” passa a ser o gabinete da Bióloga Luciana Carvalho e, posteriormente, também do Técnico Orlando Grillo.

Outras salas

Além das salas citadas, o DGP chegou a ocupar outros espaços fora da área dos fundos do palácio, tanto como gabinete de trabalho ou como laboratórios, com destaque para os laboratórios de processamento de imagens digitais, o de laminação e o de preparação de paleovertebrados, além das salas de aula situadas no Horto Botânico.

Em 1899 foi instalado por Francisco de Paula Oliveira um pequeno laboratório para estudos de minerais e rochas atrás da Sala Lund de exposição dos fósseis estrangeiros, no térreo da parte anterior do palácio (Oliveira, 1900). Até quando este laboratório funcionou neste espaço nos é desconhecido.

As duas salas do “Laboratório de Processamento de Imagem Digital” (LAPID), estavam localizadas no 3º pavimento do palácio, no torreão norte, correspondendo às “Salas 1 e 2” da planta do 3º pavimento do Relatório Anual da direção de 1963 (*vide* Dantas, 2007, p. 134, planta 8; Santos, 1963), acima das salas do Trono e dos Embaixadores”, situadas no 2º pavimento. Originalmente eram ocupadas pela “Biblioteca Particular de Sua Majestade Imperial (Dantas, 2007, p. 134) e, no terraço acima da sala da frente encontrava-se o Observatório Astronômico de D. Pedro II, construído em 1862 e desfeito após 1910. A partir de 1938, as salas passaram a ser parte das que abrigavam a Biblioteca do Museu Nacional até a sua transferência em 1989 para o novo prédio da biblioteca situado no Horto Botânico do museu, próximo à uma das entradas da Quinta da Boa Vista (*vide* Dantas, 2007). Após a saída da biblioteca e permanecer algum tempo vazio, o espaço foi ocupado pelo Projeto Memória do Museu Nacional, até sua transferência também para o novo prédio da biblioteca. Desocupado, em seguida foi utilizado pelo Departamento de Entomologia. Devido à necessidade de reformas no telhado, novamente o espaço foi desocupado e, com o término das obras passou a fazer parte do LAPID em 2005/2006. Com vista para o jardim da frente do palácio e o portão lateral de serviço e acesso ao museu, consistia em amplo espaço onde se encontrava o gabinete do Prof. Sérgio Alex de Azevedo e mesas de trabalho para técnicos e estudantes com equipamentos de computação (Figura 30) e impressoras 3D. Nesse espaço também ficava localizada a Sala de Vídeos Major Luiz Thomas Reis (inaugurada em 15 de setembro de 2008), administrada pelo LAPID e utilizada para aulas de pós-graduação e apresentação de filmes com objetivos diversos. As salas e as instalações do laboratório foram destruídas durante o incêndio de 2018.

Localizado no pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro, anexo do museu, o Laboratório de Laminação e o Laboratório de Seção Polida do DGP (Figura 31), em conjunto denominados somente como Laboratório de Laminação, eram compostos em 2018 de duas salas, situadas no final do último piso. Estas salas anteriormente eram depósitos: um com equipamentos antigos e amostras do Setor de Paleoinvertebrados doadas pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), coletadas na Amazônia na década de 1980 pela Expedição Orville Adalbert Derby (sala esquerda), e uma sala que servia para armazenar materiais diversos (sala direita). A primeira sala foi convertida em Laboratório de Laminação em 2002 (Ata da 232ª Reunião do DGP em 8 de maio de 2002), possuindo as serras de corte, pela Profa. Maria Elizabeth Zuccolotto, com o deslocamento das amostras para outro espaço na “Sala 3” e para armários no corredor em frente a “Sala 6”. Já a segunda sala foi destinada inicialmente para um laboratório de triagem de amostras do departamento (Ata da 233ª Reunião do DGP em 8 de julho de 2002), que nunca chegou a efetivamente funcionar. A partir de 2003, parte da laminação passou a ocupar esse espaço (Ata da 239ª Reunião do DGP de 28 de maio de 2013, p. 2) e, posteriormente, em 2003 houve a instalação em definitivo do Laboratório de Seção Polida transferido da “Sala 6” (Ata da 240ª Reunião do DGP de 4 de junho de 2003, p.1). Neste espaço também ficava o gabinete do técnico José Emiraldo Barbosa.



Figura 30. Fotografia de 5 de outubro de 2010 das instalações parciais do Laboratório de Processamento de Imagem Digital com seus equipamentos de computação.

Fonte: Acervo digital de Sérgio Alex K. de Azevedo.



Figura 31. Fotografia s/d do Laboratório de Seção Polida situado no anexo do Museu Nacional, pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro, com o Técnico José Emiraldo Barbosa (1962-2021), laminador do DGP.

Fonte: Acervo digital de Luciana B. de Carvalho.

O DGP teve por um curto espaço de tempo, entre os anos de 1998 e 2002, uma sala situada no terceiro andar, chamada de Sala de Microscopia, que servia para guardar os equipamentos óticos de laboratório de valor histórico. Esta sala foi requisitada pela direção em troca de sala no anexo (Ata da 232ª Reunião do DGP de 8 de maio de 2002). A nova sala no pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro nunca chegou a ser ocupada (Ata da 235ª Reunião do DGP de 30 de outubro de 2002, p. 3).

O “Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis”, também no pavilhão anexo, situado na antiga oficina do museu, onde ainda ocupa, consiste em amplo espaço destinado ao armazenamento e preparação de amostras e, em função do incêndio que atingiu o prédio principal, se converteu em local de guarda de parte do material salvo pelas equipes de resgate e gabinete de alguns técnicos e professores (Figura 32). Anteriormente ao incêndio nele também ficavam alocados os gabinetes de trabalho dos técnicos em preparação Helder de Paula Silva, Bárbara da Silva Maciel, Lilian Alves da Cruz e Priscila Joana Gonçalves de Paula.

Finalmente, no início de 2016, o departamento ganhou duas salas no novo prédio de Ensino, situado no Horto Botânico, que foram disponibilizadas para os cursos de Especialização em Geologia do Quaternário, criado em 2000, e Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Geopaleontológico, criado em 2015.



Figura 32. Fotografia do Laboratório de Preparação de Amostras do Setor de Paleovertebrados no prédio anexo em 06 de novembro de 2018. Com os trabalhos de resgate, a sala passou também a guardar parte do material recuperado. Em primeiro plano, empilhadas, estão as gavetas de aço do armário de tipos de paleoinvertebrados que se encontravam na sala das coleções (“Sala 8”).

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

IV AS COLEÇÕES DO DGP E A COLEÇÃO DE PALEOINVERTEBRADOS

Desde a criação do Museu Nacional e a ocupação do prédio em frente ao Campo de Santana, os exemplares das coleções geológicas ficavam distribuídos em salas com armários e mostruários destinados às exposições, abertas em 1824, ou ainda gabinetes dos professores e naturalistas. Essa situação modificou-se após a transferência do museu para o palácio da Quinta da Boa Vista, em 1892.

Após a mudança, poucas são as informações sobre a localização e condições das coleções da “3ª Secção” no novo prédio, informações restritas, embora elucidativas, de Hildebrando Teixeira Mendes, diretor da “3ª Secção”, no relatório de 1894 de Domingos José Freire, então diretor geral interino do Museu Nacional (Mendes *in* Freire, 1894) e de João Baptista de Lacerda, diretor geral a partir de 1895 (Lacerda, 1905). Em 1894, a situação das coleções estivera relacionada ao grande espaço onde se realizou a primeira Constituinte da República, ocorrida antes da transferência do museu para o palácio. Para a realização da Constituinte, foram feitas obras no pátio central com a construção de uma grande cúpula que cobrisse o espaço, constituindo o “pavilhão central” do prédio. Com o fim da Constituinte e a posterior ocupação do prédio pelo Museu Nacional, no espaço do “pavilhão” permaneceu um grande salão para onde foram transferidas as coleções da “3ª Secção”, bem como de outras seções do museu. Com o fechamento completo do espaço, de acordo com Domingos Freire, a cúpula alterou a distribuição das águas no terceiro pavimento provocando alagamentos e grande umidade, tornando péssimas as condições do grande salão (Freire, 1892, *apud* Dantas, 2007, p. 35). Foi com essa situação que se deparou Hildebrando Mendes que procurou, então, reorganizar as coleções no espaço que lhe foi destinado, colocando-as em armários e vitrines separados em parte para os minerais e rochas e, em parte, para os exemplares paleontológicos. Hildebrando Mendes procurou, também, aumentar as coleções com a classificação do material coletado pela Comissão Geológica do Império (Mendes *in* Freire, 1894; Veloso, 2021).

Após a dotação de verba para a retirada do pavilhão central e restauração do prédio, as obras provavelmente ocorreram entre 1896, com a aprovação da verba, e 1898, quando foram concluídas (Dantas, 2007, p. 35). Nesse ínterim, face às condições citadas, as coleções foram deslocadas para o interior do prédio ocupando salas no primeiro pavimento na parte anterior do prédio, mas antes tendo sido provisoriamente instaladas nas salas laterais do palácio (Oliveira, 1900; Lacerda, 1905). Conforme Oliveira (1900) o ano de 1899 foi quase que exclusivamente dedicado a organização das novas exposições. No “vestíbulo”, ou salão de entrada, denominado de José Bonifácio de Andrada, ficou o meteorito Bendegó, as coleções mineralógicas e de petrografia, e as coleções paleontológicas ocuparam as salas posteriormente designadas como salas Lund (com os fósseis estrangeiros) e Hartt (com os fósseis brasileiros) com esqueletos montados e armários e mostruários com o acervo, sendo ainda já prevista a instalação de nova sala com amostras geológicas, que seria denominada de Eschwege (Oliveira, 1900; Lacerda, 1905; Ponciano, 2010). Cabe ressaltar que no “inventário dos objetos e espécimens da 3ª Seção” escrito a pedido do diretor João Baptista de Lacerda, a Sala Lund abrigava os exemplares que posteriormente foram incluídos na coleção de paleoinvertebrados (DGP, 1904); neste inventário os exemplares de paleoinvertebrados estrangeiros totalizavam 3.280 espécimens.

Em 1923, novas salas já haviam sido inauguradas para acomodar as coleções da Seção de Geologia Mineralogia e Paleontologia. Conforme mapa apresentado em Leme (1924, anexo) as coleções estavam distribuídas pela Sala Lund, que estava situada no pavimento térreo, e pelas salas Hartt, José Bonifácio, Lyell, Eschwege e Derby, além da sala Distrito Federal, todas situadas no primeiro andar.

Esta situação aparentemente prolongou-se até a década de 1940 quando as coleções geológicas terminaram por ocupar o espaço correspondente à “Sala 8” (“Sala 77” de Santos, 1963), ou Sala das Coleções, assim permanecendo para guarda do acervo.

Não se tem conhecimento de um livro de registro do material geológico do museu até 1894, com exceção do catálogo da coleção Werner datado de 1824 (Figura 33), quando foi iniciado o livro de registro indicando as diversas entradas e saídas de exemplares geológicos, utilizado até a década de 1946 e identificado no SEMEAR como “Livro de registro de entrada e saída de objetos da 3ª Seção do Museu Nacional [Livro 1], 1894-1946, RA332/D332”. Este livro foi provavelmente iniciado por Hildebrando Teixeira Mendes, quando diretor da “3ª Secção” de 1891 a 1895, que assumiu a tarefa de reorganização das coleções da seção quando ainda se encontravam no grande salão do pavilhão central (vide Mendes in Freire, 1894). Os lançamentos no livro eram feitos por ordem cronológica e, a partir de data desconhecida, os registros de entrada passaram a ser identificados com um número de coleção lançado à mão nos registros já existentes, fato observado por Antonio Carlos Fernandes ao consultar o referido livro, número posteriormente anotado junto aos lançamentos dos novos livros de tombo das coleções.

Na década de 1940 o geólogo Victor Leinz foi contratado para reorganizar este acervo e elaborar livros de tombo, prática que já vinha sendo adotada para o museu para outras coleções, há décadas atrás. Conforme Polo & Silva (2020), o Regimento do Museu Nacional de 1899, instaurado sob a direção de João Baptista de Lacerda, instituiu a prática de inventários no Museu Nacional, que levou em 1906 ao início da produção do Catálogo Geral das Coleções de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, abarcando, nesse primeiro momento, as coleções de Antropologia Biológica, Etnografia e Arqueologia.

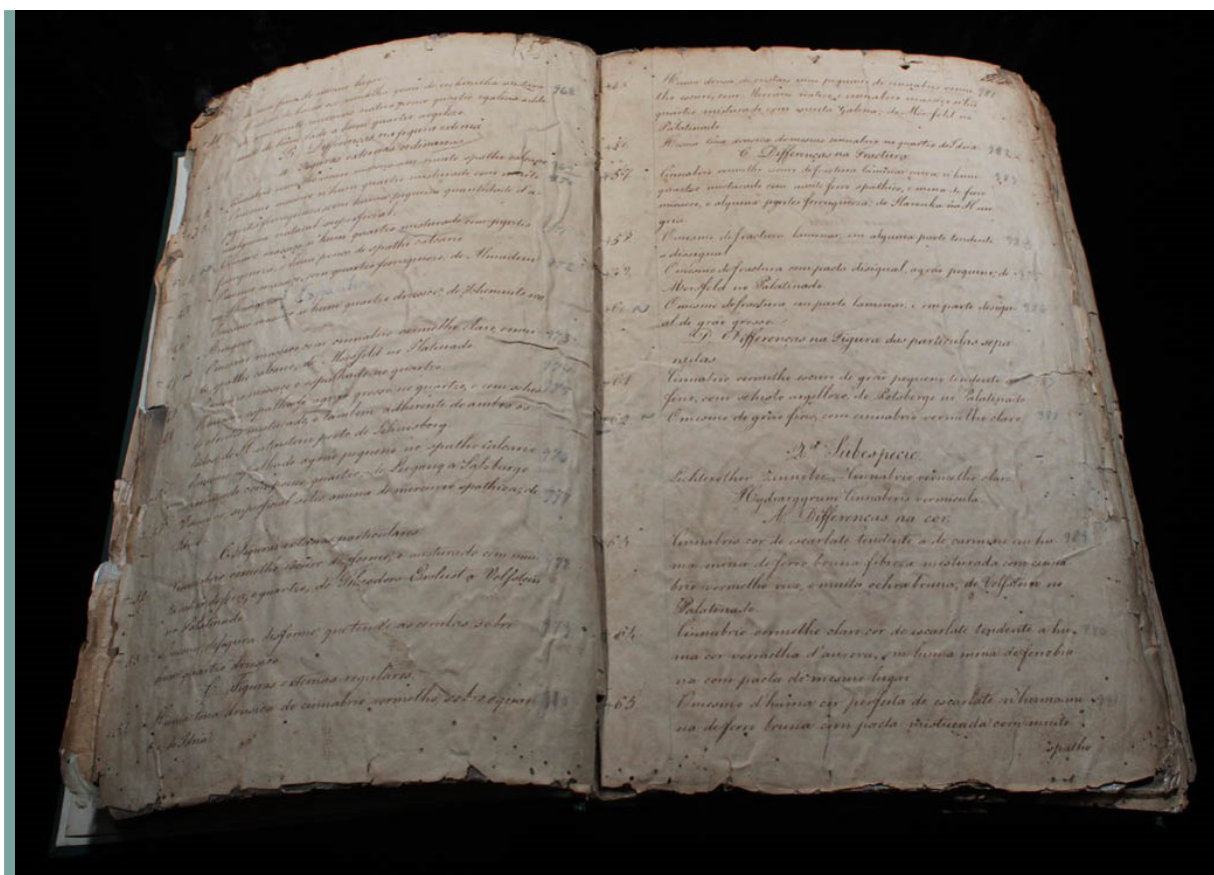


Figura 33. Catálogo da coleção Werner elaborado em 1824.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Neste momento, no final da década de 1940, todo o acervo do DGP foi tombado com uma numeração lastro e a maior parte do acervo foi agrupado na Sala das Coleções ("Sala 8"). O DGP contava com seis coleções: Mineralogia, Petrologia (Petrografia), Paleovertebrados, Paleobotânica, Paleoinvertebrados e Geologia Econômica. Posteriormente, foram criadas mais quatro coleções, Meteorítica, Coleção Didática de Rochas Sedimentares, Sedimentologia (Figura 34) e Palinologia, sendo 10 o total de coleções afetadas no incêndio de 2018. Destas quatro últimas, apenas a Meteorítica já apresentava material depositado no Museu Nacional desde o século XIX, com destaque para o meteorito Bendegó, achado em 1784 e que chegou ao Rio de Janeiro em 1888 (Figura 35).



Figura 34. Frascos com material sedimentológico da coleção de sedimentologia guardados nos armários de aço em 18 de novembro de 2009.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 35. O meteorito Bendegó exposto no salão de entrada das exposições do Museu Nacional em 18 de novembro de 2009.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Com relação as seis primeiras coleções, não se sabe o número exato de registros que cada coleção apresentava quando da elaboração dos livros de tombo, mas algumas informações relevantes puderam ser retiradas diretamente dos livros de tombo digitalizados ou das informações de planilhas que sobreviveram ao incêndio de 2018.

Na coleção de mineralogia, as primeiras inclusões no livro de tombo (Figura 36) não apresentavam data de coleta e data de entrada, pois já faziam parte do acervo. Exceções podem ser feitas para algumas amostras coletadas na década de 1910, 1920 e 1930, com especial atenção para amostras coletadas por Alberto Betim Paes Leme, Othon Henry Leonardos e Ney Vidal. No entanto, não é possível precisar o número de amostras que já existiam. Destas amostras que já estavam na coleção não podemos deixar de citar aquelas da coleção Werner, o grande mineralogista do século XVIII, primeira coleção do Museu Nacional (Fernandes *et al.*, 2010, 2015, 2017; Figura 37).

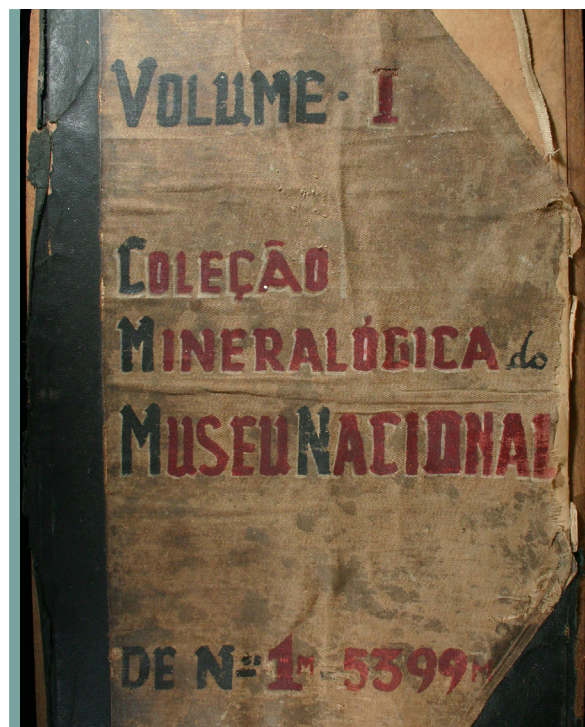


Figura 36. Fotografia de 20 de outubro de 2009 da capa do primeiro volume do livro de tombo da coleção de mineralogia com os registros do número 1-M ao 5.399-M.

Fonte: Acervo digital de Maria Elizabeth Zucolotto.



Figura 37. Exemplar MN 4.791-M da coleção Werner em fotografia anterior ao incêndio de 2018, sem escala.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Para a coleção de paleobotânica também não é possível determinar o número de amostras que existiam naquele momento, mas o terceiro registro do livro tem como data de entrada o ano de 1947, tratando-se de um tronco silicificado de *Polysolenoxylon*, do Permiano de Rio Claro, SP, coletado por Gualter Martins. Isso indica uma possível data de 1947 para a elaboração do livro de tombo. É interessante citar alguns exemplares ícones desta coleção como o *Psaronius brasiliensis*, exemplar MN 32-Pb descrito por Adolphe Brongniart em 1872 (Brongniart, 1872; Fernandes et al., 2007) e os fósseis do Carbonífero europeu adquiridos em 1858 (Netto, 1870; Fernandes et al., 2014) (Figuras 38 e 39). A divisão em duas coleções (fósseis brasileiros e estrangeiros) ocorreu em 1962, realizada por José Henrique Millan (Santos, 1963, p. 62).

Para a coleção de paleovertebrados, as informações referentes às datas de coleta e entrada, quando presentes no livro de tombo, foram digitalizadas, mas perdidas no incêndio de 2018, motivo porque não foi possível rastrear o que entrou na década de 1940; no entanto, podemos lembrar que muitos fósseis de vertebrados incluídos no acervo no século XIX foram inseridos, como os ictiossauros de Somerset, Inglaterra, primeira aquisição por compra de fósseis em 1845 (Fernandes et al., 2008; Figura 40), os mamíferos da Bacia de São José de Itaboraí, RJ (Bergqvist et al., 2005) e os ictiólitos da Chapada do Araripe como os recebidos por Frederico Burlamaque em meados do século XIX e os coletados por Clément Jobert em 1878 no Piauí (Fernandes et al., 2010, 2018; Figura 41). A primeira amostra inserida no livro de tombo foi uma *Macrauchenia* do Quaternário de Pernambuco, coletada em 1939-40 e descrita em 1946 por Ney Vidal (Vidal, 1946). Cabe ressaltar que, quando do tombamento da coleção de paleovertebrados na década de 1940, este não respeitou a sua inclusão seguindo os exemplares que já estavam há mais tempo. Na ocasião, inicialmente foram tombados os mamíferos, o que pode ter tido relação com os interesses do pesquisador que estava no setor na época.



Figura 38. Exemplar MN 32-Pb em fotografia anterior ao incêndio em 2018, isótipo de *Psaronius brasiliensis* descrito por Adolphe Brongniart em 1872, sem escala.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 39. Exemplar MN 73-Pbe em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Annularia fertilis* do Carbonífero europeu da coleção de Paleobotânica do Museu Nacional.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 40. Exemplar MN 1.315-V em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Ichthiosaurus communis* do Liássico de Somerset, Inglaterra, adquirido por compra para o acervo do Museu Nacional em 1845, sem escala, e resgatado após o incêndio.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 41. Exemplar MN 683-V em fotografia anterior ao incêndio em 2018 com *Vinctifer comptoni* coletado por Clément Jobert em 1878 no Piauí na borda oeste da Chapada do Araripe.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.

Na coleção de petrografia também não foi possível quantificar o número de amostras totais que a coleção tinha na época da elaboração do livro de tombo, porque as amostras não seguiram uma ordem de inserção, sendo que o material que foi coletado após a data de início da elaboração do livro de tombo foi inserido intercalado ao material que já existia. Mas pode-se destacar nas datas de entrada do livro de tombo a presença de amostras coletadas por Ney Vidal em 1926, e por Viktor Leinz, em 1947. Como no livro de tombo da Mineralogia e dos Paleovertebrados, amostras coletadas antes de 1947 e que têm data de entrada foram resultado de coletas feitas pelos professores do Museu Nacional que ainda estavam em atividade. Novamente parece indicar uma data de 1947 para a elaboração do livro de tombo. A título de curiosidade a amostra número 1 da coleção é uma amostra de granito do Ceará coletada em 1887. Interessante citar a presença na coleção dos medalhões em lava do Vesúvio da coleção do Imperador D. Pedro II (Fernandes *et al.*, 2015, 2017; Figura 42 e 43). Por outro lado, nada pode ser dito para a coleção de geologia econômica cujo livro, e todas suas informações, perdeu-se no incêndio de 2018, a não ser que foi criada por Ruy de Lima e Silva, em 1935 (Silva, 1936).

A catalogação do livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados começou com a inclusão de todas as amostras que já estavam no acervo naquele momento. Portanto, não foi inserida, nos livros de tombo, a informação da data de entrada na coleção, pois não havia o conhecimento desta informação. A partir disso foi possível rastrear o número de tombo e o número de amostras que a coleção tinha naquele momento. O primeiro registro que apresentou a data de entrada na coleção é o MN 4337-I e tratava-se de um gastrópode da Bacia de Itaboraí, coletado por Emmanoel Martins em 26 de novembro de 1947 e depositado em 19 de janeiro de 1948. Portanto, pode-se deduzir que a catalogação do acervo teve início em 1947 e que havia 4.336 lotes de amostras, que receberam sua numeração.

A ordenação dos fósseis no livro de tombo foi iniciada com o lançamento dos fósseis estrangeiros da coleção, obtidos por compra, doações ou permutas no decorrer do século XIX e até a primeira metade do século XX, totalizando cerca de 3.060 registros com 10.929 exemplares (Fernandes *et al.*, 2006). Curiosamente o primeiro número é atribuído a um foraminífero, *Nummulina*



Figura 42. Frente de um medalhão de lava do Vesúvio da coleção de petrografia, MN 2.114, com imagem do rei Vittorio Emanuele II, de 1868. Os medalhões de lava do Vesúvio que estavam na coleção foram resgatados dos escombros do incêndio.

Fonte: Acervo digital de Antonio Carlos S. Fernandes.



Figura 43. Verso do medalhão de lava ilustrado na figura 41.

complanata, procedente do terciário da Bacia de Paris. Microfósseis tradicionalmente, foram incluídos na coleção de paleoinvertebrados, pelo menos até 2002, quando foi criada a coleção de palinologia para abarcar os palinórmorfos.

Entre as coleções estrangeiras do século XIX que foram incluídas destacam-se a coleção Michelotti, recebida em 1836 por doação do paleontólogo italiano Giovanni Michelotti, uma das mais antigas do Museu Nacional e a primeira coleção de fósseis estrangeiros doados à instituição (Fernandes & Pane, 2007); a coleção de fósseis da Bacia de Paris presenteada a d. Pedro II em 1872 e que pertencia ao acervo particular do imperador conhecido por “Museu do Imperador” (Fernandes *et al.*, 2008); e a coleção de fósseis do Museum of Comparative Zoology, da Universidade de Harvard, EUA, trazidas ao Brasil certamente por ocasião da presença dos paleontólogos norte-americanos Charles Frederick Hartt e Orville Adalbert Derby, provavelmente nas duas últimas décadas do século (Fernandes *et al.*, 2006). Do século XX foram incluídas as coleções de moldes da Ward’s Natural Science Establishment, do Royal Ontario Museum, Canadá, da Faculdade de Ciências do Porto, Portugal, da Buffalo Society of Natural Sciences e da Oklahoma University (doados na década de 1890), as duas últimas instituições dos EUA (Fernandes *et al.*, 2006; Telles Antunes *et al.*, 2004).

Os fósseis brasileiros, com poucas exceções, passaram a ser depositados a partir do número MN 2639-I com fósseis da Formação Pirabas, Pará, e do Devoniano do Paraná, sendo muitos coletados por Annibal Bastos e Euzébio de Oliveira do Serviço Geológico do Brasil. No entanto, a grande maioria do material brasileiro inserido na coleção naquele momento é, sem dúvida, o material coletado pela Comissão Geológica do Império, que ainda em 2018 antes do incêndio perfazia 1.705 registros, num total de 35.423 amostras (Macedo *et al.*, 1999), incluindo os fósseis descritos especialmente por Orville Adalbert Derby, Charles Abiathar White e John Mason Clarke (Clarke, 1896, 1899a, 1899b; Derby, 1877a, 1877b; White, 1887).

No Relatório Anual do Diretor de 1956, o acervo da coleção de paleoinvertebrados é citado como tendo 4.566 exemplares (Carvalho, 1956, p. 63). Em consulta ao livro de tombo vemos que este número se refere a um porífero do Holoceno utilizado na exposição do Museu Nacional. Isso mostra uma inserção de 230 números de tombo nos oito primeiros anos da existência do livro de tombo. Já em 1959 a coleção havia aumentado para 4.789 exemplares (Carvalho, 1960, p. 67).

O segundo livro de tombo foi inaugurado em 1972 com material coletado em 1957 e 1958 pelo Prof. Cândido Simões Ferreira na Formação Pirabas, iniciando pelo número MN 5096-I. Já no Relatório Anual do Diretor de 1986 este número sobe para 5.596/5.600 (Dau, 1986, p. 140; Dau, 1989, p. 284, respectivamente); para mais detalhes sobre a coleção ver Lima (2019) e Lima & Granato (2019).

Ao final da década de 1980 e início da década de 1990, a coleção passou por uma ampla revisão e realizou-se um novo inventário geral, com contagem do número de exemplares, com identificação de espécimes extraviados ao longo das décadas anteriores. Como resultado, foram identificados vários empréstimos, cujo material foi reincorporado, além de diagnosticados as perdas por extravios ou empréstimos não retornados. Como complemento, em convênio com a Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM, atual Serviço Geológico do Brasil), foi possível fazer a digitalização do acervo representado no livro de tombo até à época, sendo o mesmo incorporado à base PALEO da instituição (Macedo *et al.*, 1999).

Neste momento as coletas de fósseis e registros no livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados já refletiam as especialidades de cada docente do atual DGP e de doações feitas por outros pesquisadores e/ou instituições de pesquisa. Durante a segunda metade do século XX, a coleção foi enriquecida com fósseis do Neógeno da Amazônia (Formação Pirabas) e com as coleções de Gehard Beurlen de amonitas do Cretáceo brasileiro. A coleção recebeu também, no início dos anos 2000, uma grande coleção de invertebrados paleozoicos coletados por geólogos da Petrobras durante a Expedição Orville Derby, chefiada por José Henrique Gonçalves de Melo, nas três grandes bacias paleozoicas brasileiras (Amazonas, Parnaíba e Paraná), refazendo os passos da Comissão Geológica do Império, razão da sua denominação Coleção Orville Derby, realizada entre 1985 e 1987. Recentemente, professores do DGP em expedições à Antártida trouxeram uma grande quantidade de fósseis de invertebrados marinhos inéditos até então na coleção (expedições de 2007 e 2016) (Figura 44). Finalmente, em 2016 o Museu Nacional recebeu a maior coleção de fósseis já repatriada para o país, denominada Coleção Caster, correspondendo a uma tonelada de fósseis que tinha sido organizada na década de 1940 pelo Prof. Kenneth Caster e que se encontrava na Universidade de Cincinnati nos Estados Unidos (ver Scheffler *et al.*, 2021 no prelo; Figura 45). Atualmente, os dois professores que nela atuam, juntamente com alunos de pós-graduação, têm enriquecido seu conteúdo com coletas no Paleozoico das bacias do Parnaíba e do Paraná direcionadas para estudos tafonômicos e taxonômicos (Prof. Sandro Scheffler) e com a pesquisa histórica da própria coleção (Prof. Antonio Carlos Fernandes).

Através de análises de arquivos e fotos presentes nos computadores pessoais dos professores e com base na digitalização dos dados do acervo realizada para a base Paleo da CPRM, foi possível recuperar que em meados da década de 1990 a coleção tinha 6.874 registros, totalizando 53.117 amostras. Já no ano de 2005, antes da incorporação da coleção da Antártida, a coleção já continha em torno de 8.000 registros, tendo crescido para os seus atuais 11.500 nestes últimos 13 anos. Estimativas conservadoras do número de amostras apontam, portanto, para os 53.117 registros da década de 1990 somados a aproximadamente 7.000 exemplares, que é o número aproximado de exemplares presentes nos 4.600 registros realizados posteriormente, totalizando um pouco mais de 60.000 amostras fósseis de invertebrados, dos quais mais de 550 fósseis tipos, consistindo na maior coleção do departamento e uma das maiores do gênero no Brasil e, certamente, a mais antiga, possuindo pelo menos 185 anos de existência.



Figura 44. Fotografia de parte da equipe de docentes do Museu Nacional durante os trabalhos de campo na ilha Seymour/Marambio, Antártida, no verão de 2019/2020. Da esquerda para a direita, Sandro Marcelo Scheffler, Marcelo de Araújo Carvalho e Renato Rodriguez Cabral Ramos.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.



Figura 45. Chegada do material da coleção Caster ao Museu Nacional em 9 de maio de 2016 procedente da Universidade de Cincinnati, EUA. Na fotografia, além dos funcionários da empresa de transporte, ambos de camisetas vermelhas, estão o Prof. Sandro Marcelo Scheffler e Dionízio Angelo de Moura Júnior.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

V

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO LAPIN

Até a década de 1990, como foi assinalado acima, os docentes do Setor de Paleoinvertebrados ocupavam gabinetes distribuídos em pelo menos quatro salas do DGP: Profa. Maria Martha Barbosa na “Sala 9b”, Prof. Antonio Carlos Macedo na “Sala S11b”, “Sala S9a” e, posteriormente, na “Sala 2”, e professores Cândido Ferreira e Antonio Carlos Fernandes na “Sala 1”, ocupada também em seguida pela Profa. Vera Maria Fonseca e Sandro Scheffler. Com a aposentadoria dos dois primeiros, cujos gabinetes se encontravam em outras salas do DGP, o espaço físico do Setor de Paleoinvertebrados passou a se limitar à “Sala 1”, servindo como um misto de gabinetes e laboratório para seus docentes e estudantes.

Como citado anteriormente, a “Sala 1” era ocupada no século XIX pelo Museu do Imperador e desconhece-se quais foram as ocupações dessa sala até possivelmente na década de 1950, quando passou a ser ocupada pelo Prof. Cândido Ferreira, após seu retorno de Belém. Esta sala em todo o século XX deve ter permanecido como principal acesso ao departamento, sendo dividida em dois ambientes: um corredor de acesso ao DGP (“Sala 1a”) e um espaço único de gabinete e laboratório de professor, ao menos a partir da década de 1950 (“Sala 1b + 1c + 1d + 1e”, Figura 10).

Do início dos anos 1990 até o começo dos anos 2000, a sala, além de dividir espaço com o corredor de acesso do departamento (“Sala S1a”), possuía uma saleta menor que servia de espaço para a secretaria do DGP. Esta saleta provavelmente já deveria existir desde a década de 1970, por ter o mesmo tipo de divisória do corredor, mas se desconhece a ocupação da mesma. Internamente, a “Sala S1b” possuía uma separação com um armário tipo estante com portas de vidro do espaço maior da sala para outro menor ao fundo, o qual servia de depósito de amostras e possuía uma grande pia. Este espaço também continha um pesado armário de madeira com gavetas para guarda dos exemplares. A separação entre os dois espaços foi desfeita posteriormente. A delimitação da sala com a secretaria era feita através de divisórias baixas de madeira e vidro e, junto a elas, bancadas de trabalho e prateleiras para livros (Figura 46).



Figura 46. Fotografia da década de 1970 na sala do setor de paleoinvertebrados com Cândido Simões Ferreira. Note-se ao fundo a presença da divisória baixa separando a sala do corredor de acesso e, à direita, da secretaria do departamento, encoberta por uma bancada e prateleiras com livros.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Ao centro da sala encontrava-se uma grande mesa que servia tanto para o estudo e preparação de amostras como mesa de reunião e ensino nas aulas de seus docentes. Junto às paredes opostas às divisórias encontravam-se as mesas individuais de trabalho dos docentes. Ao fundo a sala possuía uma porta dupla que se comunicava com o pátio interno (“P1”).

O acesso à sala era feito através de uma porta situada junto à parede e à entrada do departamento. Fato curioso, sua chave, após fechada, ficava alojada em um pequeno “buraco” na parede na parte de cima da divisória. Essa situação, evidentemente precária, demonstrava a falta de preocupação de seus ocupantes com a possibilidade de furtos na sala quando seus componentes não estivessem presentes tanto durante o expediente como após ele, e, de fato, nunca ocorreu, pelo menos até a década de 2000.

Entre 2003 e 2004 foram trocadas as divisórias baixas por divisórias novas. Neste momento se retirou a secretaria deste espaço, que ocupou em 2005 espaço no terceiro andar, junto à Direção (Ata da 254ª Reunião do DGP de 18 de abril de 2005), e por volta de 2007 a 2009, passou a ocupar a “Sala 4e”. Com isso, o espaço do setor de paleoinvertebrados foi ampliado, permitindo uma nova distribuição da área de trabalho, única, sem separações em gabinetes, compartilhada tanto pelos docentes como seus estudantes (Figura 47).

Em 2005, porém, recursos de projeto de pesquisa possibilitaram uma nova reforma na sala com a aquisição de mobiliário de escritório e mais divisórias, que permitiram a montagem de dois gabinetes de trabalho, situados em frente às janelas com visão para o pátio principal do museu e ocupados respectivamente pelos docentes Antonio Carlos Fernandes (“S1c”; Figura 48) e Vera Maria Fonseca (“S1d”; Figura 49). Com a aposentadoria desta última, o seu gabinete foi ocupado pelo Prof. Sandro Scheffler a partir de 2013. Em 2012, também com recursos de projeto de pesquisa, foi feita uma nova subdivisão da sala, com objetivo de estruturar uma sala de preparação, fotografia e guarda de exemplares em preparação e/ou estudo (“S1e”). Os alunos, deste momento em diante ocupavam, diversas mesas com computadores e bancadas com microscópios estereoscópios na “Sala 1b”.



Figura 47. Montagem de fotografias de maio de 2005 mostrando a distribuição da sala do setor de paleoinvertebrados compartilhado por docentes e estudantes. Na separação do corredor de acesso do DGP, note-se a substituição das antigas divisórias baixas por novas e outra organização das mesas de trabalho e armários. O leitor poderá perceber que a porta ao fundo, que dá acesso ao pátio interno (“P1”), está obstruída pela presença de um depósito, construído para alojar provisoriamente as amostras da coleção enquanto se realizavam as obras na sala de coleções. Na montagem, Sonia Agostinho e Antonio Carlos Sequeira Fernandes em suas respectivas mesas de trabalho.

Fonte: composição fotográfica de Rafael C. da Silva.



Figura 48. Fotografia de 5 de dezembro de 2005 do gabinete de trabalho do Prof. Antonio Carlos S. Fernandes.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 49. Fotografia de 14 de julho de 2007 do gabinete de trabalho da Profa. Vera Maria Fonseca.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



VI

O LAPIN, SEUS DOCENTES, ESTUDANTES E PRINCIPAIS ATIVIDADES

Apesar do Setor de Paleoinvertebrados e do Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN) não apresentarem uma data formal de criação, considera-se informalmente sua existência desde a década de 1940 quando o quadro de funcionários do DGP sofreu considerável ampliação. No relatório do Diretor do Museu Nacional do ano de 1949, já está referida a “seção paleontologia – Invertebrados” (Museu Nacional, 1949, p. 6), representada pelo Prof. Emmanoel de Azevedo Martins que estudou bivalvíos e braquiópodes (Santos & Cassab, 2014). Além disso, desse momento até hoje o setor sempre contou com ao menos um docente em atividade, o que o projeta como um dos mais antigos laboratórios ainda em atividade sobre paleoinvertebrados no Brasil. Soma-se a isso a tradição do Museu Nacional com estudos de paleoinvertebrados, que remonta ao século XIX com a presença de Charles F. Hartt e Orville A. Derby e as descrições dos fósseis coletados pela Comissão Geológica do Império nas regiões Norte e Nordeste, assim como por Herbert H. Smith em Mato Grosso (Clarke, 1896; 1899a, 1899b; Derby, 1895; White, 1887). No regimento do Museu Nacional de 1971, o artigo 35 desmembrou o DGP em dois departamentos, Departamento de Geologia e Departamento de Paleontologia, criando seções chamadas de disciplinas (Museu Nacional, 1971, p. 14). No seu artigo 55 ficou estabelecida, no âmbito do Departamento de Paleontologia, a disciplina de Paleoinvertebrados (Museu Nacional, 1971, p. 17).

A importância do LAPIN para a paleontologia brasileira está muito bem evidenciada na lista de sócios fundadores da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP). Na fundação da SBP no Salão Nobre do DNPM, em 7 de março de 1958, estavam presentes três representantes do LAPIN: Emmanoel de Azevedo Martins, Cândido Simões Ferreira e Maria Martha Barbosa.

O Prof. Emmanoel de A. Martins diplomou-se na Escola de Ciências do Distrito Federal e ingressou no Museu Nacional em 1940, onde atuou até sua aposentadoria. Muito ativo, participou de várias atividades de campo por diversas localidades do país e coletou fósseis e material malacológico (*vide* sua breve biografia no Anexo I). Como fruto de sua experiência, foi autor de uma “Sinopse de Geologia do Brasil” (Martins, 1959), estudou os bivalvíos pectinídeos miocênicos da Formação Pirabas e orientou a Profa. Maria Martha Barbosa no estudo dos briozoários da mesma formação.

Um dos principais expoentes do LAPIN foi, sem dúvida, o Prof. Cândido S. Ferreira. Durante sua permanência no DGP do Museu Nacional, o Prof. Cândido Ferreira manteve seu principal interesse no estudo dos paleoinvertebrados da região Norte, com ênfase nos existentes na Formação Pirabas e nas bacias do Amazonas e Maranhão, mantendo ligações com o Museu Paraense Emílio Goeldi e docentes da Universidade Federal do Pará (UFPA). Isso ficou evidenciado não só pela sua grande atividade de campo nos estados do Pará e do Maranhão, como também, por exemplo, na coorientação de Iniciação Científica da geóloga *Deusana Maria da Costa Machado*, orientada em sua graduação pela Profa. Jane Garrafiello Fernandes, da Universidade Federal do Pará (UFPA), de 1984 a 1986, resultando em sua monografia de final de curso sobre os ostreídeos da Formação Pirabas.

Químico de formação, inicialmente, quando de sua contratação como naturalista do Museu Nacional a partir de 1945, trabalhou com o então naturalista Walter Curvello em análises de meteoritos da coleção do museu no Laboratório de Química, como foi assinalado anteriormente. Em 1956, foi temporariamente para o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, PA (Carvalho, 1956, p. 59) para prestar serviços na reorganização da Divisão de Geologia do Museu Goeldi, quando seu interesse profissional sofreu uma grande transformação, passando das análises químicas

de meteoritos para o estudo dos fósseis de invertebrados. Ao chegar ao museu e reorganizar as coleções de geologia, interessou-se pelos paleoinvertebrados, tomando gosto particularmente pelos exemplares de moluscos da Formação Pirabas, dedicando-se a fazer trabalhos de revisão taxonômica (Ferreira & Cunha, 1957a, 1957b, 1957c). Entre 1956 e 1958, procedeu então a várias atividades de campo na região, principalmente nas localidades de Fazenda e Castelo na ilha de Pirabas, situada na baía de São João de Pirabas, no litoral paraense, onde coletou farto material paleontológico, em grande parte enviado posteriormente ao Museu Nacional (Figura 50). Por ocasião de sua passagem pelo Museu Goeldi, também participou de suas atividades o geólogo Benedicto Francisco, que começou como seu estagiário no Museu Nacional onde, mais tarde, veio a compor o seu quadro docente.



Figura 50. O Prof. Cândido Simões Ferreira em meados de 1950 em atividade de campo acampado na ilha de Fortaleza, onde coletou farto material paleontológico posteriormente incorporado à coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

De volta ao Rio de Janeiro, passou a trabalhar os blocos coletados de calcário, descrevendo os fósseis e depositando-os, em sua maioria moluscos, na coleção de paleoinvertebrados (e.g. Ferreira, 1967). Assim, a coleção passou a contar com um excelente acervo de fósseis da Formação Pirabas que, junto com os fósseis da Comissão Geológica do Império procedentes da mesma região, passou a ser revisado por seus orientados de pós-graduação na década de 1970. Ao longo da carreira, interessou-se também pelas ocorrências da Formação Pirabas em outros estados, visitando-as e descrevendo-as através do boletim do Museu Emílio Goeldi (Ferreira, 1964, 1970). Para uma lista de trabalhos do Prof. Cândido S. Ferreira sobre a Formação Pirabas em localidades no Pará e em outros estados, ver Távora *et al.* (2010).

No início dessa década, o Prof. Cândido Ferreira passou a colaborar com o Programa de Pós-Graduação em Geologia do Instituto de Geociências da UFRJ, criado em 1968 (Azambuja, 1993), tanto como responsável pela disciplina IGL-796 (Paleontologia de Invertebrados, posteriormente

assumida pelos docentes Antonio Carlos Fernandes e Sandro Scheffler), como orientador de mestrandos e doutorandos. Nessa atividade, o Prof. Cândido Ferreira tinha muita preocupação, principalmente, com a revisão dos espécimes de paleoinvertebrados guardados na coleção, como os coletados pela Comissão Geológica do Império estudados por Charles White e John Clarke e, também, o material paleontológico coletado por ele nas suas atividades de campo, entre outros materiais de procedência e coletores variados. Como resultado, entre os seus orientados estão aqueles que trabalharam com o material da Formação Pirabas presentes na coleção de paleoinvertebrados, com destaque para as naturalistas *Sonia Terezinha Zanotti*, revisando os exemplares do gênero *Glycymeris* (Zanotti, 1993), *Dea Regina Bouret Campos*, revisando os moluscos bivalvíos da família Arcidae (Campos, 1993) e *Maria José Smilgat Leal Brandão*, de 1974 a 1978, com uma revisão dos ostreídeos (Brandão, 1993), o naturalista *Antonio Carlos Sequeira Fernandes*, de 1974 a 1978, descrevendo os corais escleractíneos (Fernandes, 1993) e o geólogo *Vladimir de Araújo Távora*, de 1990 a 1992, com um estudo sobre os ostracodes da formação (Távora, 1993). Além da ênfase nos estudos de revisão taxonômica na Formações Pirabas, o Prof. Cândido Ferreira também orientou dissertações e teses abordando materiais de outras procedências e idades, com destaque para os seguintes orientados: a naturalista *Rita de Cássia Tardin Cassab*, de 1978 a 1979, revisando os gastrópodes ceritíoides da Formação Maria Farinha, Paleoceno do estado de Pernambuco (Cassab, 1993), o geólogo *Victor de Carvalho Klein*, de 1970 a 1975, abordando a paleontologia e a estratigrafia de uma fácies estuarina da Formação Itapecuru, estado do Maranhão (Klein, 1993), o geólogo *José Fernando Pina Assis*, de 1977 a 1980, sobre a fauna carbonífera de moluscos bivalvíos do calcário Mocambo da Bacia do Parnaíba (Assis, 1993), o naturalista *Antonio Carlos Sequeira Fernandes*, já como docente do Museu Nacional, como doutoramento em 1996, com uma abordagem sobre os icnofósseis de invertebrados da Bacia do Paraná, a geóloga *Deusana Maria da Costa Machado*, de 1987 a 1990, com sua dissertação sobre a taxonomia e paleoecologia dos moluscos bivalvíos das formações Maecurú e Ererê do Devoniano da Bacia do Amazonas (Machado, 1993), o geólogo *Marco Aurélio Vicalvi*, com a dissertação sobre a sedimentação do platô do Rio Grande do Norte (Vicalvi, 1993) e, em 1999, com a tese sobre o zoneamento bioestratigráfico com base em foraminíferos planctônicos na Bacia de Campos e platô de São Paulo, e a bióloga *Maria Célia Elias Senra*, em 2002, com um estudo sobre a malacofauna do Cretáceo continental brasileiro.

Um apaixonado pela paleontologia e forte defensor da proteção dos jazigos fossilíferos e da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional (Figura 51), o Prof. Cândido Simões Ferreira foi membro titular da Academia Brasileira de Ciências e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP). Como membro da academia, organizava as reuniões de final de ano da sociedade onde eram apresentados diversos trabalhos de paleontologia, muitos dos quais desenvolvidos junto à coleção de paleoinvertebrados. Como membro da sociedade, certamente foi um dos responsáveis, junto com a Profa. Maria Martha Barbosa, pela escolha do amonita *Coilopoceras lucianoi*, exemplar tipo da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional, como símbolo da SBP, ilustrando seu logotipo até os dias atuais (Figuras 52 e 53). Na SBP teve intensa participação, ocupando o cargo de tesoureiro em quatro gestões de 1959 a 1965 e de presidente em duas gestões de 1970 a 1978 (Kotzian & Ribeiro, 2009).

A naturalista Maria Martha Barbosa, contratada em meados da década de 1950, dedicou-se também ao estudo dos paleoinvertebrados e, começando a trabalhar sob a orientação do Prof. Emmanoel Martins, descreveu os fósseis de briozoários paleozoicos coletados pela Comissão Geológica do Império que se encontravam na coleção e, em seguida, os briozoários fósseis da Formação Pirabas (Barbosa, 1957, 1959, 1967; vide Távora et al., 2010 para outras referências). Em 1958, junto com o Prof. Cândido Ferreira e outros paleontólogos, foi fundadora da Sociedade Brasileira de Paleontologia, colaborando na organização e participando do I Congresso Brasileiro de Paleontologia no Rio de Janeiro, RJ, em 1959 (Figura 54), como também do II Congresso Brasileiro





Figura 53. Logotipo da Sociedade Brasileira de Paleontologia com imagem do amonita *Coilopoceras lucianoi*, símbolo da sociedade.

Fonte: Sociedade Brasileira de Paleontologia.



Figura 54. Participantes do I Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1959 no Rio de Janeiro pela recém-fundada Sociedade Brasileira de Paleontologia. Na primeira fila, da esquerda para a direita, Elias Dolianiti, Júlio de Carvalho, Cândido Simões Ferreira, Friedrich Wilhelm Sommer, congressista não identificado, congressista não identificado, Nicéia Magessi Trindade Wilder, Lélia Duarte Silva Santos, congressista não identificado, Ignácio Aureliano Machado Brito, Maria Eugênia Marchesini Santos, Diana Mussa, Ivan de Medeiros Tinoco e congressista não identificado. Segunda fila da esquerda para a direita: Evaristo Penna Scorza, Wilhelm Kegel, Rubens da Silva Santos, Josué Camargo Mendes e Paulo Erichsen de Oliveira.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

de Paleontologia, realizado em Mossoró, RN, em 1961 (Figura 55). Neste último, participou de trabalhos de campo pós-congresso entre os municípios de Tibau e Aracati quando, na praia de Retiro Grande, coletou junto com outros paleontólogos o exemplar de amonita que ali mesmo foi escolhido como símbolo da SBP (Oliveira, 1969).



Figura 55. Participantes do II Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1961 em Mossoró, Rio Grande do Norte, pela Sociedade Brasileira de Paleontologia. Na primeira fila junto à mesa, da esquerda para a direita, congressista não identificada, Jerônimo Vint-Un Rosado Maia, Lélia Duarte da Silva Santos, congressista não identificado, Elias Dolianiti, Maria Eugênia Marchesini Santos, Cândido Simões Ferreira e Nicéa Magessi Trindade. Segunda fila da esquerda para a direita, Fausto Luiz de Souza Cunha, congressista não identificada, Rubens da Silva Santos, congressista não identificado, congressista não identificado, Ivan de Medeiros Tinoco (de óculos), congressista não identificado, Paulo Erichsen de Oliveira, José Raimundo de Andrade Ramos, congressista não identificada (atrás da Nicéa) e outra congressista não identificada.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Em 1952 foi admitido como naturalista-auxiliar interino o Prof. Fausto Luiz de Souza Cunha que, antes de dedicar-se ao estudo dos mamíferos fósseis, iniciou sua carreira com a descrição dos equinóides cretáceos do Rio Grande do Norte (Santos & Cassab, 2014).

Pouco mais de uma década depois da contratação da Profa. Maria Martha Barbosa, o DGP passou a contar também com o naturalista Antonio Carlos Macedo, inicialmente como estagiário do Prof. Cândido Ferreira já em 1963 (Santos, 1963, p. 87 e 88), e depois sendo contratado em 1968. Com grande interesse em micropaleontologia, estudou os ostracodes miocênicos caribeanos e da Formação Pirabas, tema de sua dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geologia do Instituto de Geociências da UFRJ (Macedo, 1993) e uma das primeiras monografias defendidas no programa, onde também atuou como docente. No final da década de 1980 teve importante papel na proposta de uma revisão da coleção de paleoinvertebrados com uma recontagem do número de exemplares, reorganização nas gavetas dos armários de madeira na Sala das Coleções para ganho de espaço, retorno dos fósseis emprestados para estudo e, em seguida, lançamento no banco de dados da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). Os resultados foram parcialmente publicados com uma avaliação do acervo dos fósseis coletados pela Comissão Geológica do Império (Macedo, 1989).

Já fazia mais de 10 anos, desde a contratação do Prof. Antonio Carlos Macedo em 1968, que o DGP não era agraciado com novas contratações para permitir o crescimento de seu quadro de docentes, o que somente veio a ocorrer com a contratação do Prof. Antonio Carlos Fernandes para o Setor de Paleoinvertebrados em 1980. Após ter sido estagiário sob a orientação do Prof. Cândido Ferreira por sete anos no LAPIN, com o estudo dos corais fósseis da Formação Pirabas, tema de sua dissertação de mestrado em 1978 (Fernandes, 1993) e publicada em seguida (Fernandes, 1979), o Prof. Antonio Carlos Fernandes direcionou também suas pesquisas no estudo dos icnofósseis de invertebrados e de outros grupos de paleoinvertebrados, passando a auxiliar na orientação de alguns estagiários de Iniciação Científica e, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geologia do Instituto de Geociências da UFRJ, também de mestrandos e doutorandos. Entretanto, todos os arquivos com os dados pessoais dos estagiários de IC da década de 1980 se perderam no incêndio de 2018 do Museu Nacional, dificultando a recuperação das informações, estando salvas por razões outras somente as do final da década em diante. Deve-se ressaltar, entretanto, a participação no LAPIN do geólogo *Ismar de Souza Carvalho* que, após seu retorno da Universidade de Coimbra em 1985, onde se formou, atuou no laboratório até 1989 junto com o Prof. Antonio Carlos Fernandes no estudo dos icnofósseis brasileiros (e.g. Fernandes *et al.*, 1987; Carvalho & Fernandes, 1989), quando passou a ser docente do Instituto de Geociências da UFRJ. Os trabalhos de colaboração entre ambos, porém, prosseguiram nas décadas seguintes até os dias atuais (relacionados nos currículos Lattes de ambos).

No início de 1989, a coleção de paleoinvertebrados, apesar de protegida nos armários de madeira da sala de coleções, estava passando por uma ampla revisão, sendo necessária uma comparação dos lançamentos no livro de tombo com o número de exemplares que se encontravam nas gavetas, solicitação de retorno dos empréstimos, avaliação do verdadeiro número de exemplares constantes do acervo e uma nova arrumação espacial dos exemplares nas gavetas para ganho de novos espaços com vista a continuidade da coleção. Na ocasião, a coleção contava com 5.627 registros onde se encontrariam cerca de 50.000 exemplares, tratando-se, assim, de um trabalho de grande amplitude. O desafio de dar continuidade a tal tarefa foi aceito pela então graduanda de biologia *Valéria Gallo da Silva* no período de 1989 a 1991, hoje professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, e seus resultados parcialmente divulgados por Macedo *et al.* (1999). Dando continuidade ao trabalho de recuperação da coleção de paleoinvertebrados, com o apoio das estagiárias *Luciana Barbosa de Carvalho*, *Helen Cristina Belinot* e *Glaucia Sinara Bessa* no período de setembro de 1992 a agosto de 1993, através do preenchimento de fichas de catalogação, o acervo foi digitalizado e disponibilizado na base Paleo do Serviço Geológico do Brasil (Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais - CPRM), que pode ser consultado pelo Sistema de Geociências (http://geosgb.cprm.gov.br/geosgb/sobre_geosgb.html). Os trabalhos de curadoria da coleção com a inclusão de novos exemplares e manutenção do acervo tiveram permanente continuidade nos trabalhos do setor de paleoinvertebrados, auxiliando nas atividades de pesquisa de Iniciação Científica de novos estagiários como *Márcia Maria da Silva Costa* (de 1997 a 2002), *Adriana Soares Rodrigues* (de 1999 a 2002), *Luís Maurício Salgado Alves Corrêa* (de 2001 a 2003), *Vitor Hugo Rodrigues Mota* (2004 a 2005), *Priscila Magalhães Vieira* (2003 a 2006), *Christiane Henriques de Carvalho Dias* (de 2005 a 2006), *Juliana Rothfelder Moreira* (de 2004 a 2006), *Polyana Anchieta Sousa* (de 2005 a 2006), *Elisa Pucu de Araújo* (2006) e *Laís Machado Marino* (de 2003 a 2007), resultando em notas e artigos completos de revisão dos fósseis depositados na coleção de paleoinvertebrados (e.g. Corrêa *et al.*, 2004; Fernandes *et al.*, 2005, 2006; Marino *et al.*, 2003, 2007; Vieira & Fernandes, 2005; Vieira *et al.*, 2004), assim como de fósseis depositados em coleções de outras instituições (e.g. Corrêa & Fernandes, 2002) (Figura 56).

Um dos pontos altos, resultante do intenso trabalho de curadoria na coleção de paleoinvertebrados, foi a organização e publicação do catálogo de fósseis-tipo e figurados com a colaboração da Profa. Vera Maria Fonseca (Fernandes & Fonseca, 2001). Sua publicação reveste-

se hoje de suma importância tendo em vista a destruição dos livros de tombo físicos da coleção em 2018, e a perda dos números de tombo pelos fósseis tipos recuperados no resgate. Apesar do intervalo de 17 anos entre 2001, data da publicação, e 2018, as inclusões e publicações de novos tipos e figurados não foram substanciais ao número já existente e estão, ainda em fase de levantamento.



Figura 56. Docentes e estudantes do LAPIN em 17 de dezembro de 2003. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Aline Freitas (do Laboratório de Paleoecologia Vegetal - LAPAV), Priscila Vieira, Sonia Agostinho, Cléber Fernandes da Silva e Vera Maria Medina da Fonseca.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Em meados dos anos 2000, o Prof. Antonio Carlos Fernandes estendeu suas atividades acrescentando pesquisas de caráter histórico que resgatassem as informações sobre o acervo de paleoinvertebrados e, inclusive, envolvendo também outras coleções do DGP. Isso decorreu em função da leitura do livro de Margareth Lopes que traça a evolução do Museu Nacional no século XIX, com a autora referenciando a documentação presente no Setor de Memória e Arquivo (SEMEAR) do museu, incluindo as relacionadas aos materiais que chegavam para compor suas coleções (*vide* Lopes, 1997). Era preciso comparar o conteúdo relatado nos documentos com as informações lançadas nos livros de tombo e o material presente no acervo. Para a execução dessa tarefa, novos estagiários de IC, graduandos em História e/ou Museologia, foram admitidos no setor: *Andréa Siqueira D'Alessandri Forti* (de 2007 a 2009), *Cecilia de Oliveira Ewbank* (de 2009 a 2010), *Marina Jardim e Silva* (de 2009 a 2010), *Katharina Kossak* (de 2011 a 2012) e *Vaneza Santiago de Azevedo* (de 2011 a 2012). Os resultados foram bastante produtivos revelando informações inéditas sobre as coleções, contando também com a colaboração dos professores Vera Maria Fonseca e Sandro Scheffler, do LAPIN, e de outros docentes do DGP, com continuidade aos dias atuais. Em destaque, além das abordagens sobre as controvérsias históricas relacionadas ao primeiro vegetal fóssil descrito para o Brasil (Fernandes *et al.*, 2007) e os fósseis piemonteses doados pelo

paleontólogo italiano Giovanni Michelotti (Fernandes & Pane, 2007), estão as pesquisas realizadas sobre a origem do acervo de fósseis de invertebrados de Portugal (Telles Antunes *et al.*, 2004) e dos fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados (Fernandes *et al.*, 2006), a coleção de fósseis de moluscos da Bacia de Paris presenteada a D. Pedro II (Fernandes *et al.*, 2008), o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque para o crescimento da paleontologia e seu acervo no Museu Nacional em meados do século XIX (Fernandes *et al.*, 2010), a trajetória de Silva Coutinho no Museu Nacional (Silva *et al.*, 2013), e o acervo de fósseis de invertebrados, minerais e rochas italianos remetidos e/ou doados ao Museu Nacional, este último fruto de mais de 10 anos de pesquisas nos acervos históricos do museu e na Itália (Fernandes *et al.*, 2015, 2017) (Figura 57). Outros estagiários de IC, estudantes de biologia, como *Daianne Conceição de Almeida* e *Carla Medeiros Solidade dos Santos*, participaram também dos trabalhos de curadoria e resgate histórico nas coleções do DGP no início da década de 2010 (*vide* Fernandes *et al.*, 2014 e Santos, 2015).



Figura 57. Parte da equipe de docentes e estagiárias do DGP que contribuíram nos trabalhos de levantamento histórico na coleção de paleoinvertebrados e em outras coleções do departamento. Da esquerda para a direita, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Andréa D'Alessandri Forti, Marina Jardim e Silva, Cecília de Oliveira Ewbank e Renato Rodriguez Cabral Ramos.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Junto ao Programa de Pós-Graduação em Geologia do IGEO/UFRJ, o Prof. Antonio Carlos Fernandes atuou na orientação de mestrandos e doutorandos que trabalharam especificamente com os paleoinvertebrados, tanto do acervo do Museu Nacional como dos acervos de outras instituições. Entre os mestrandos estavam: a bióloga *Fernanda Neves Siviero* que fez uma revisão sistemática das conulárias brasileiras, defendida em 25/10/2002; o biólogo *Sandro Marcelo Scheffler* que estudou os crinoides e blastoides da Formação Ponta Grossa do Devoniano da Bacia do Paraná, defendida em 02/04/2004; a bióloga *Josiane Kunzler*, com um estudo histórico e taxonômico dos braquiópodes devonianos de Mato Grosso depositados no Museu Nacional, em coorientação com a Profa. Vera Maria Fonseca (MN/UFRJ) defendida em 16/02/2012; o

biólogo *Lucas Del Mouro*, sobre os fósseis de poríferos do Folhelho Lontras no afloramento CAMPALÉO em Mafra, SC, defendida em 22/01/2013; e, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geociências – Patrimônio Geopaleontológico, do Museu Nacional, em coordenação com o Prof. Sandro Marcelo Scheffler, o geólogo *Roberto Videira Santos* com um estudo sobre os braquiópodes Chonetidae do Devoniano da Bacia do Paraná, defendida em 19/02/2020. Entre os doutorandos ressalta-se a orientação da bióloga e docente do DGP, a Profa. *Vera Maria Medina da Fonseca*, que revisou os braquiópodes estrofenídeos, chonetídeos e deltiridoídeos do Devoniano Médio das bacias do Amazonas e Parnaíba, com tese defendida em 30/05/2001; o biólogo *Manuel Henrique Carreira Moraes*, sobre a taxonomia, tafonomia e paleoecologia dos equinóides da Formação Pirabas, Pará, com tese defendida em 30/08/2003; a bióloga *Sonia Maria de Oliveira Agostinho da Silva*, descrevendo icnofósseis de invertebrados da Formação Pimenteiras no estado do Piauí, Devoniano da Bacia do Parnaíba, com tese defendida em 28/06/2005; o biólogo *Sandro Marcelo Scheffler*, abordando um estudo geral sobre os crinóides e blastóides do Devoniano brasileiro, em coordenação com a Profa. Vera Maria Fonseca, com tese defendida em 06/06/2010; e o biólogo *Lucas Del Mouro* com um estudo paleoecológico do Folhelho Lontras, Bacia do Paraná, em coordenação com o Prof. Marcelo de Araujo Carvalho (MN/UFRJ), tese defendida em 29/08/2017; e o geólogo *João Paulo Porto Barros* sobre as feições de diagênese meteórica em bioclastos de uma planície costeira do estado do Rio de Janeiro e da Formação Morro do Chaves, em coordenação com os professores Patrick Fuhr Dal'Bó e Leonardo Borghi (ambos IGEO/UFRJ), com tese defendida em 23/03/2018.

Além dessas orientações envolvendo o estudo dos paleoinvertebrados, foram orientados em outras temáticas o geólogo *Francisco de Castro Bonfim Júnior* sobre a osteologia do lepidossauro *Tijubina pontei* da Formação Santana da Chapada do Araripe, em coordenação com Oscar Barbosa (UERJ) e tese defendida em 14/11/2001; o biólogo *Rafael Costa da Silva*, no mestrado com um estudo sobre as pegadas de tetrápodes do Permiano Superior da Bacia do Paraná, com dissertação defendida em 29/01/2004, e no doutorado com uma abordagem sobre as pegadas de tetrápodes do Grupo Rosário do Sul, Triássico também da Bacia do Paraná, em coordenação com o Prof. Ismar de Souza Carvalho (IGEO/UFRJ) e defendida em 19/02/2008; o químico *Ricardo Pereira* com um estudo sobre os aspectos geoquímicos e paleobotânicos de âmbares cretácicos brasileiros, em coordenação com os professores Débora de Almeida Azevedo (IQ/UFRJ) e Ismar de Souza Carvalho, com tese defendida em 23/11/2009; o biólogo *Victor Hugo dos Santos Dominato Fernandes*, com um estudo tafonômico dos mastodôntes de Araxá, MG, em dissertação defendida em 18/02/2013; o biólogo *Victor Gil Mazzoleni Reis*, sobre ovos de crocodilomorfos da Bacia Bauru, dissertação defendida em 17/02/2016; e *Raquel Berlim do Carmo*, abordando o geoturismo como estratégia para geoconservação nos municípios de Maricá, Saquarema, Araruama e Iguaba Grande, RJ, em coordenação com a Profa. Kátia Leite Mansur (IGEO/UFRJ), em dissertação defendida em 04/04/2017.

É membro da Sociedade Brasileira de Paleontologia, onde atuou como Tesoureiro em duas gestões, entre 1976 e 1983, presidente na gestão 1995-1997, além de vice-presidente em duas gestões, entre 1997 e 2001. Além disso, é membro da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia, da Academia Teresopolitana de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, nesta última na categoria de Sócio Correspondente Brasileiro.

Após o afastamento por aposentadoria do Prof. Cândido Ferreira em 1991, o LAPIN ganhou novo alento com a admissão em 1997 da bióloga *Vera Maria Medina da Fonseca* como docente do Museu Nacional, possibilitando o incremento tanto das atividades curatoriais como de pesquisa com estudos taxonômicos, tafonômicos e paleoecológicos de paleoinvertebrados. Durante o período de sua permanência no Museu Nacional, a Profa. Vera Maria Fonseca orientou no LAPIN graduandos em atividades de Iniciação Científica, graduados no curso de especialização

em Geologia do Quaternário do DGP, além de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Geologia do IGEO/UFRJ.

Especialista no estudo dos braquiópodes fósseis brasileiros, a Profa. Vera Maria Fonseca defendeu mestrado (Fonseca, 1993) e doutorado nesta área, publicando trabalhos (e.g. Fonseca & Fernandes, 2001; Fonseca, 2004) e direcionando a orientação de estudantes de Iniciação Científica no estudo dos fósseis desse grupo. Deste modo, orientou *Rodrigo Ulisses de Carvalho Neto*, no primeiro semestre de 1998, na preparação de moldes artificiais de silicone dos fósseis de braquiópodes, *Ingrid de Carvalho*, de 15/12/1997 a 27/02/1998, com um levantamento bibliográfico sobre os braquiópodes conetáceos e espiriferídeos, *Márcia Maria da Silva Costa*, de 1997 a 1999, com um estudo sobre os espiriferídeos da Bacia do Amazonas e *Simone dos Reis Chara*, de 2003 a 2006, estudando os braquiópodes terebratulídeos da Formação Cabeças, do Devoniano da Bacia do Parnaíba.

Com a inclusão entre as décadas de 1990 e 2000 de uma significativa coleção de insetos fósseis da Bacia do Araripe no acervo de paleoinvertebrados, a “Coleção Desiré”, doada pelo Prof. Alexander Kellner, do setor de Paleovertebrados, esse novo acervo foi alvo de estudos por estudantes orientados tanto pela Profa. Vera Maria Fonseca como, após 2013, pelo Prof. Sandro Scheffler, gerando diversos trabalhos (e.g. Santos *et al.*, 2011). A Profa. Vera Maria Fonseca orientou estudantes de Iniciação Científica em estudos sobre os exemplares da referida coleção, como *Nei de Souza Pereira*, até 2002, e *Luciana de Fátima Rodrigues de Souza*, em 2005, respectivamente com uma abordagem sobre a diversidade da paleoentomofauna e estudo sobre as aranhas da Formação Santana, resultando em suas monografias de final de curso defendidas respectivamente, em 30/06/2003 e 20/06/2006. Paralelamente, face à importância de manutenção dos trabalhos de curadoria e informatização, orientou o estudante *Raphael Rhanna Theodorio da Silva*, em 2003, nessa atividade. A permanente preocupação com a curadoria da coleção de paleoinvertebrados levou à orientação conjunta com o Prof. Antonio Carlos Fernandes dos estagiários de Iniciação Científica Laís Machado Marino, Polyana Anchieta Sousa, Juliana Rothfelder Moreira, Elisa Pucu de Araújo e Simone dos Reis Chara nessa atividade, divulgado em 2006 em sessão pôster durante a XXVIII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ.

Um novo e importante acervo formado por fósseis coletados na Antártida no verão de 2006/2007 com a participação de docentes do DGP foi, nessa década, incorporado à coleção de paleoinvertebrados, ocasião em que a Profa Vera Maria Fonseca orientou os estudantes de Iniciação Científica *Carla Medeiros Solidade dos Santos*, de 2011 a 2012, e *Felipe Martins de Oliveira*, de 2012 a 2013, na organização dos exemplares na coleção.

A Profa Vera Maria Fonseca orientou também pós-graduandos no Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (GEOQUATER) do Museu Nacional, como as biólogas *Aline Marise C. Ribeiro*, com estudos tafonômicos preliminares sobre os concheiros de Malhada Grande, em Búzios, RJ, defendida em 2004, *Vanessa Francisco Gomes de Souza*, sobre os mamíferos pleistocênicos da coleção do Museu de Ciências da Terra, em 2004, *Vanessa Maria da Costa Rodrigues Francisco*, sobre os hábitos de vida dos gastrópodes pulmonados da Bacia de Itaboraí, RJ, defendida em 06/03/2006, *Aline Menegucci da Cunha*, sobre a malacofauna das coquinas da região de Campos Novos no município de Cabo Frio, RJ, defendida em 19/08/2009 e *Fernanda Campante Magena*, com um inventário de espécies de cianobactérias da lagoa de Araruama no estado do Rio de Janeiro, defendida em 28/06/2010.

Tendo como principal enfoque também a análise de fósseis da coleção de paleoinvertebrados, a Profa. Vera Maria Fonseca orientou mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Geologia do IGEO/UFRJ, como o biólogo *Cléber Fernandes da Silva*, de 2002 a 2006, estudando o hábito de vida dos trilobitas das formações Maecurú e Ererê do Devoniano da Bacia do Amazonas; a bióloga *Vanessa Francisco Gomes Souza*, de 2005 a 2007, sobre os braquiópodes chonetoides do

Devoniano da Bacia do Paraná, defendida em 23/05/2007 (Figura 58); a bióloga *Márcia Fernandes de Aquino Santos*, de 2004 a 2013, sobre novos táxons e hábitos de vida dos coleópteros da Formação Santana, Cretáceo da Bacia do Araripe (defendida em 27/04/2009); a bióloga *Luíza Corral Martins de Oliveira Ponciano*, de 2007 a 2013, desenvolvendo dissertação sobre as tafofácies da Formação Cabeças, Devoniano da Bacia do Parnaíba, defendida em 13/02/2009, e a tese sobre as tafocenoses mesodevonianas da mesma bacia geológica no estado do Piauí, defendida em 16/01/2013; e os biólogos *Fernanda Siviero*, *Josiane Kunzler*, *Sonia Agostinho* e *Sandro M. Scheffler*, já citados anteriormente, em coorientação com o Prof. Antonio Carlos Fernandes, que resultaram em inúmeros trabalhos publicados (e.g. Silva & Fonseca, 2005; Scheffler *et al.*, 2006; Kunzler *et al.*, 2011; Ponciano *et al.*, 2012).



Figura 58. A Profa. Vera Maria Fonseca e a bióloga Vanessa Souza em 21 de maio de 2007 durante a preparação da sua apresentação da dissertação de mestrado.

Fonte: Acervo digital de Rafael C. da Silva.

Um dos pontos altos da atuação do LAPIN deu-se em 2007 quando, sob a coordenação da Profa. Vera Maria Fonseca, foi organizada e inaugurada, em 14 de junho, uma exposição específica sobre o Devoniano brasileiro com a participação de docentes e estudantes do laboratório com exposição de painéis e vitrines com fósseis e suas reconstituições (Figuras 59 e 60). Posteriormente, em 2016, a exposição do Devoniano foi reorganizada e atualizada sob a coordenação do Prof. Sandro Scheffler.

Com a contratação do Prof. Sandro Scheffler para o Museu Nacional, os estudos sobre os paleoinvertebrados, particularmente os do Devoniano, foram incrementados com descrições dos equinodermos e outros invertebrados das bacias do Amazonas, Parnaíba e do Paraná, em trabalhos individuais (e.g. Scheffler, 2015, 2020) e em colaboração com o Prof. Antonio Carlos Fernandes e Vera Maria Fonseca (e.g. Scheffler *et al.*, 2011, 2013, 2014). O Prof. Sandro chegou ao DGP em dezembro de 2013 através de concurso, tendo pedido desligamento de seu cargo anterior no Setor de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, onde ocupava o cargo de chefe.



Figura 59. A Profa. Vera Maria Medina da Fonseca com as paleontólogas Rita de Cássia Tardin Cassab e Marise Sardenberg de Carvalho por ocasião da inauguração da exposição sobre o Devoniano em 14 de junho de 2007.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 60. Da esquerda para a direita, as biólogas Lílian Alves da Cruz, Luíza Corral Martins de Oliveira Ponciano e Márcia Fernandes de Aquino Santos, por ocasião da inauguração da exposição sobre o Devoniano em 14 de junho de 2007. Ao fundo, um dos painéis com a reconstituição de um depósito do Devoniano da Bacia do Paraná e seus fósseis mais representativos.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.

Logo após sua chegada recebeu a difícil tarefa de repatriar uma tonelada de fósseis de imenso valor científico e histórico, a “Coleção Caster”. Esta coleção foi coletada na década de 1940 por Kenneth E. Caster, com ajuda de funcionários do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), quando era professor substituto no Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo/USP. Estes fósseis saíram do Brasil com autorização do DNPM para estudos por parte do Prof. Kenneth Caster e permaneceram na Universidade de Cincinnati após a sua morte. Em tratativas iniciadas pela Profa. Vera Maria Fonseca com o Departamento de Geologia daquela instituição, se acordou o seu retorno ao país, para o Museu Nacional (para mais informações do processo de repatriação consultar Scheffler *et al.*, no prelo). O material finalmente chegou em 2016, sendo até hoje o maior processo de repatriação de fósseis do país, e para divulgar seu imenso valor científico os professores Sandro Scheffler e Antonio Carlos Fernandes reformularam toda a exposição do Devoniano, citada anteriormente, para incluir os fósseis das coleções históricas do DGP, entre elas as coleções Caster, da Expedição Orville Derby e da Comissão Geológica do Império (Scheffler, 2017). Esta exposição foi inaugurada nas comemorações do 199º aniversário do Museu Nacional, em 05 de junho de 2017, permanecendo no *Hall* principal do segundo andar do palácio até o incêndio (figuras 61 e 62). Para entender a receptividade desta exposição pelo público, até dia 29 de junho de 2017 o Museu Nacional e a exposição já haviam recebido 19.700 visitantes (Scheffler, 2017).



Figura 61. Sandro Marcelo Scheffler e Antonio Carlos Sequeira Fernandes junto ao modelo superdimensionado do trilobita *Calmonia signifer* em 25 de maio de 2017, durante os últimos preparativos da reforma da exposição sobre o Devoniano brasileiro. O modelo foi preparado pelo paleoartista Maurílio Silva de Oliveira.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.



Figura 62. Funcionários, convidados e visitantes durante a inauguração da exposição sobre o Devoniano brasileiro em 6 de junho de 2017, durante o 199º aniversário do Museu Nacional.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Os fósseis da coleção Caster estavam sendo inseridos na coleção de paleoinvertebrados desde sua chegada e, até o incêndio, computavam em torno de 1.400 registros no livro de tombo, somando em torno de 3.000 espécimens, sendo que grande parte ainda se encontrava encaixotada no prédio anexo, pavilhão Alípio de Miranda Ribeiro, escapando à destruição em virtude do incêndio (ver Scheffler *et al.*, no prelo, para mais detalhes).

O Prof. Sandro Scheffler orientou desde 2013 inúmeros estagiários de Ensino Médio, graduandos em estágios técnicos e de iniciação científica, além de pós-graduandos dos programas de pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico (PPGEO) e Zoologia (PPGZoo) do Museu Nacional e do Programa de Pós-Graduação em Geologia (PPGI) do Instituto de Geociências da UFRJ. Colaborou ou foi/é responsável pelas disciplinas História da Geologia do Quaternário e Paleontologia Geral (curso de Especialização em Geologia do Quaternário - GEOQUATER), Paleozoologia de Invertebrados (PPGZoo), Paleoinvertebrados (PPGI e PPGeo), Patrimônio Paleontológico Brasileiro (PPGeo) e Técnicas em Curadoria – Paleoinvertebrados (PPGeo).

Com enfoque na curadoria, organização e digitalização da coleção de paleoinvertebrados orientou vários estagiários de graduação de diversas instituições de ensino superior e do ensino médio do Colégio Pedro II, tais como: *Giovana Torres Marinho, Letícia Brandão Gomes de Sousa, Gabriel Rubim de Assis Gabriel, Isabella de Jesus Nunes, Caio Fialho Ribeiro, Mariana Prado Ventura, Juliana Ferreira Barreto, Malton Fraga, João Hollanda Boueke, Bruna Rita de Paula da Silva, Mariana Batista da Silva, Roberto Veiga Coelho da Fonseca, Bruna Beatriz Oliveira Costa, Daniel de Moura Villar, Gislaine Galdino da Silva Araújo, Bruna Beatriz Oliveira Costa e Daniel de Moura Villar*. Essas orientações, além de darem continuidade ao processo de digitalização das informações dos livros de tombo em banco de dados digital, também levaram a uma reorganização do espaço dos armários, listagem de fósseis ausentes, entre emprestados ou extraviados, início do

processo de fotografias das amostras e suas etiquetas históricas (Figura 63), além da continuidade de tombamento das novas coleções chegadas através de repatriação (Coleção Caster) ou através de novas coletas. Estas atividades curatoriais também geraram alguns trabalhos publicados em eventos científicos (e.g. Santos *et al.*, 2014; Guedes *et al.*, 2015).

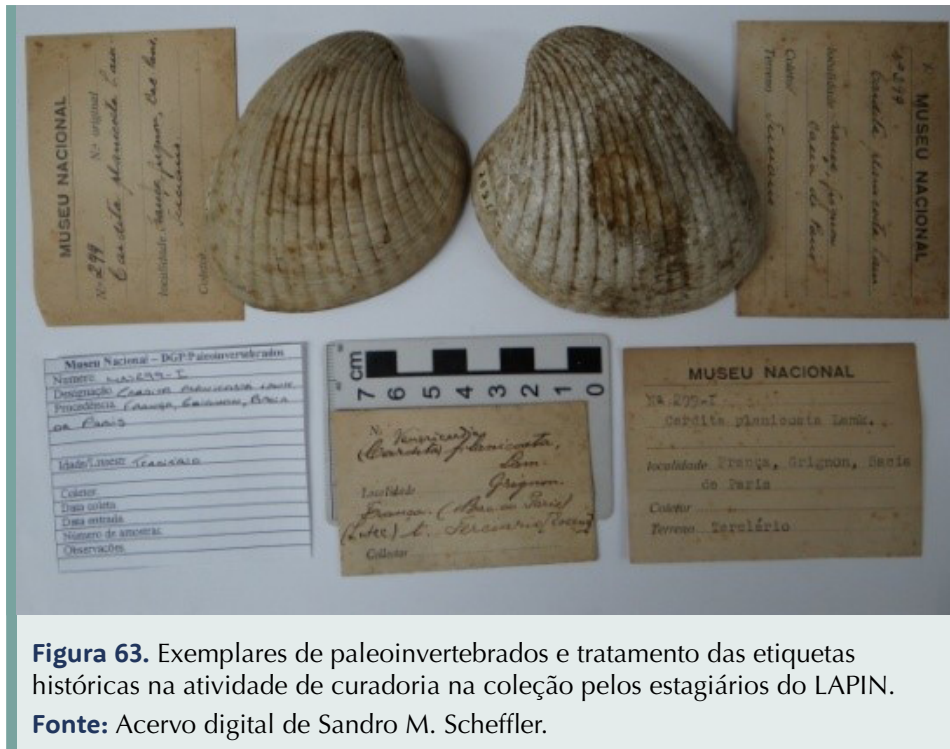


Figura 63. Exemplares de paleoinvertebrados e tratamento das etiquetas históricas na atividade de curadoria na coleção pelos estagiários do LAPIN.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

No PPGeo orientou dissertações de mestrado elaboradas pelos alunos *Débora Barroso Monteiro* entre os anos de 2015 e 2017, abordando a taxonomia e paleobiologia de microfósseis de Ophiuroidea, Asteroidea e Crinoidea (Echinodermata) da Formação Pirabas (Mioceno Inferior), estado do Pará, *Dionízio Angelo de Moura Júnior* entre 2015 e 2017, com o estudo taxonômico da ordem Hemiptera (Insecta) da Formação Santana, Membro Crato (Bacia do Araripe, Cretáceo Inferior), Nordeste do Brasil, *Maria Izabel Lima de Manes* entre os anos de 2017 e 2019, com apoio do Dr. Rafael Costa da Silva da CPRM, sobre o contexto geológico e paleontológico das pegadas fósseis em Nioaque, Mato Grosso do Sul (Formação Botucatu, Bacia do Paraná), subsidiando a prática da geoconservação e geodificação do Geopark Bodoquena-Pantanal, e *Roberto Videira Santos* entre 2017 e 2019, juntamente com o Prof. Antonio Carlos Fernandes, com a revisão taxonômica dos Chonetidae (Brachiopoda) do Devoniano da Bacia do Paraná. Estas orientações geraram diversas publicações (e.g. Videira-Santos *et al.*, 2021; Moura-Junior *et al.*, 2020, 2021; Manes *et al.*, 2021). No PPGZOO orientou a tese de doutorado de Dionízio Angelo de Moura Júnior entre 2018 e 2021, com um estudo taxonômico da ordem Hemiptera (Insecta) do Cretáceo Inferior da Formação Santana, Bacia do Araripe.

Atualmente, no PPGL, existem três orientações em andamento com os fósseis da Formação Ponta Grossa por *Débora Barroso Monteiro*, desde 2018, sobre a taxonomia, distribuição estratigráfica e considerações tafonômicas e paleobiogeográficas das classes Asteroidea e Ophiuroidea da Formação Ponta Grossa (Devoniano) Bacia do Paraná, por *Roberto Videira Santos*, desde 2021, com os braquiópodes Rhynchonelliformea (Strophomenata e Rhynchonellata) do Devoniano brasileiro, e por *Maria Izabel Lima de Manes*, também desde 2021, com o inventário e avaliação da geodiversidade do patrimônio paleontológico da Formação Ponta Grossa, Bacia do Paraná.

O Prof. Sandro Scheffler é membro da Sociedade Brasileira de Geologia e, mantendo a tradição de atuação política do LAPIN junto à Sociedade Brasileira de Paleontologia, é membro atuante, sendo atual Diretor de Publicações por duas gestões entre 2018 e 2021. É interessante citar que o LAPIN já esteve presente em 13 das 29 diretorias que já passaram pela SBP, o que reforça a importância deste laboratório para a paleontologia nacional.

O LAPIN também conta hoje com vários orientados de graduação e pós-graduação, além de pesquisadores colaboradores, que vêm atuando nas várias linhas de pesquisa em atividade no laboratório: o estudo dos fósseis devonianos brasileiros, em especial da Bacia do Paraná, dos fósseis do Cretáceo da Antártida, dos fósseis do Cretáceo brasileiro e da América do Sul, além dos estudos de história da paleontologia.

A primeira linha de pesquisa conta com os alunos de graduação *Letícia Brandão Gomes de Sousa* desde 2020, estudando os escolocodontes do Devoniano do estado do Mato Grosso do Sul, *Caio Bittencourt Guedes* desde 2021, estudando os conularídeos do Devoniano deste mesmo estado, sendo auxiliado pela pesquisadora colaboradora *Fernanda Neves Siviero*, além do Pesquisador Colaborador da Universidade do Estado de Goiás *Roberto Videira Santos*, com o estudo dos braquiópodes devonianos brasileiros, auxiliando na orientação do aluno de graduação *Lucas Masson*, com o tema braquiópodes do Devoniano Médio da Bacia do Paraná. Também participa desta linha de pesquisa desde 2016 a bióloga *Mariana Batista da Silva*, estudando os braquiópodes discinoides do Devoniano da Bacia do Paraná, defendendo recentemente sua monografia de conclusão de curso.

Na linha de pesquisa do Cretáceo da Antártida, o LAPIN participa do projeto FLORANTAR, do Programa Antártico Brasileiro – PROANTAR, coordenado pelo Prof. Marcelo Carvalho, e possui em atividade os alunos de iniciação científica *Maryliz Guaraná Miranda*, desde 2019, *Mariana Passarele*, desde 2019, pesquisando os bivalvíos e gastrópodes do Grupo Marambio, auxiliadas pelo pesquisador colaborador *Roberto Videira Santos* e a bióloga *Mariana Batista da Silva*, e a aluna *Mariáh Braz*, desde 2021, auxiliada por *Débora Monteiro*, com os equinóides da ilha Seymour.

Já na linha de pesquisa do Cretáceo brasileiro atuam o aluno *Dionízio de Moura Júnior* em parceria com o professor do Departamento de Invertebrados, *Gabriel Mejdalani*, com os Hemiptera, em especial da Bacia do Araripe; as pesquisadoras colaboradoras *Márcia de Aquino Santos*, com coleópteros desta unidade geológica e *Maria Izabel de Manes*, com os icnofósseis de vertebrados e invertebrados da Formação Botucatu no estado do Mato Grosso do Sul (Manes *et al.*, 2021). Sobre a pesquisadora *Marcia Santos* é importante lembrar sua colaboração ativa no laboratório desde 2004, ajudando a orientar alunos de graduação e em especial auxiliando na curadoria da coleção científica, onde foi a responsável pela instalação de banco de dados no Access onde a coleção estava em fase de incorporação, desde 2011, apresentando no momento do incêndio em torno de 10% do acervo incorporado.

A linha de pesquisa história da paleontologia permanece muito ativa com os estudos do Prof. Antonio Carlos Fernandes, auxiliado pelo Prof. Sandro Scheffler, que culmina neste momento com a elaboração do presente livro.

Todas estas pesquisas em andamento são alimentadas pelo estudo dos fósseis que existiam na coleção, antes de 2018, ou que foram posteriormente resgatados, assim como pelas atividades de coleta que têm sido permanentes no LAPIN. Atividades de campo anuais ao Devoniano da Bacia do Paraná, na borda leste com auxílio do Prof. Elvio Bosetti da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e o Grupo Palaios – Paleontologia Estratigráfica, e na borda noroeste capitaneadas por este laboratório, têm ampliado muito a coleção com material de afloramentos e áreas antes pouco estudadas ou desconhecidas para a paleontologia nacional (Figura 64). Da mesma forma, as pesquisas na Antártida são principalmente baseadas no acervo incorporado das expedições do Museu Nacional de 2007 e 2016, mas em especial pela expedição realizada à Antártida pelo Prof. Sandro Scheffler, em conjunto com os professores Marcelo Carvalho e Renato Ramos no verão de 2019/2020 (Figura 65).



Figura 64. Atividades de campo no Devoniano da Bacia do Paraná no estado do Paraná na área do Centro Estadual de Educação Profissional de Arapoti. Em primeiro plano, de costas, o Prof. Sandro Marcelo Scheffler e, em seguida, o Prof. Elvio Bosetti, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do Grupo Palaio, em 30 de março de 2016.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.



Figura 65. Membros do DGP numa pausa para o almoço durante as atividades de campo na Antártida, em um ensolarado dia no verão de 2019/2020. Da esquerda para a direita, Sandro Marcelo Scheffler, Renato Rodriguez Cabral Ramos e Marcelo de Araújo Carvalho, em 5 de janeiro de 2020. Localidade na ilha Seymour/Marambio, tendo a ilha Cockburn ao fundo.

Fonte: Acervo digital de Renato R. C. Ramos.

Estes estudos geraram diversos trabalhos, publicados em periódicos nacionais e internacionais com o enfoque principal em macroinvertebrados, abordando equinodermos (e.g. Scheffler *et al.*, 2018; Scheffler, 2020), braquiópodes (e.g. Videira-Santos *et al.*, 2019), corais (e.g. Videira-Santos *et al.*, 2020), insetos (e.g. Santos *et al.*, 2020; Moura Júnior *et al.*, 2019, 2020), tafonômicos (Sedorko *et al.*, 2018), de distribuição geológica (Scheffler *et al.*, 2020), além dos trabalhos de história (e.g. Fernandes & Scheffler, 2014, 2019; Fernandes *et al.*, 2017).

Digno de nota foi a realização do IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados (IV SBPI), apenas um mês após o incêndio do palácio, realizado entre 8 e 10 de outubro de 2018. Este evento fez parte do calendário oficial das comemorações do bicentenário do Museu Nacional e somente foi possível pelo grande esforço e dedicação dos estagiários, estudantes e colaboradores do LAPIN, do DGP, do GEOQUATER e do PPGeo, que, apesar de todas as adversidades e superando o momento extremamente difícil por qual passávamos, conseguiram tornar essa edição do SBPI aquela com maior participação e maior número de trabalhos apresentados, mesmo não tendo contado com auxílio financeiro de agências de fomento. Neste simpósio, a comunidade científica de paleoinvertebrados do país rendeu sua homenagem ao Museu Nacional, após a imensa tragédia ocorrida (Scheffler *et al.*, 2019; Figuras 66 e 67).

O Museu Nacional foi um dos berços da paleontologia brasileira, em especial da paleontologia de invertebrados com seus patronos Charles Frederick Hartt e Orville Adalbert Derby, e abriga o mais antigo Departamento de Geologia e Paleontologia do Brasil, com 179 anos. Além disto, esta



Figura 66. Parte da comissão organizadora do IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados em 9 de outubro de 2018: em pé, da esquerda para a direita, Thompson Pereira, Cláudia Pinto Machado, Enelise Kátia Piovesan, Antonio Carlos Sequeira Fernandes, Dionízio Angelo de Moura Júnior, Sandro Marcelo Scheffler, Thaís Parméra, Maria Izabel Lima de Manes, Mariana Batista da Silva, Hermínio Ismael de Araújo Júnior, Roberto Videira Santos e Gustavo Santiago; agachados, da esquerda para a direita, Giovana Torres Marinho, Rodrigo Lima Veloso, Leandro Nogueira, Gabriel Cunha, Sílvia Maria Teixeira Silveira, Amanda Mozer e Beatriz Hörmanseder.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

instituição possuía, até antes da tragédia de 2 de setembro de 2018, uma das maiores coleções de fósseis de invertebrados do Brasil, coletados ao longo dos últimos 185 anos e com cerca de 60.000 exemplares. O IV SBPI, portanto, foi importante para a casa reafirmar seu papel de protagonismo nesta ciência, naquele delicado momento pelo qual vivia.

Sediar um evento nacional teve um grande simbolismo. Conforme o Prof. Antonio Carlos Fernandes disse no fechamento do seu discurso na cerimônia de abertura: “O Museu Nacional foi duramente atingido pelo terrível sinistro, mas continuará forte e cada vez mais empenhado no estudo das ciências naturais e da paleontologia nacional. O Museu Nacional Vive; aliás, de fato, ele nunca morreu” (Scheffler *et al.*, 2019, p. 6).

Cabe ressaltar que em novembro de 2021 finalmente foi realizado um concurso para a entrada de um novo docente para o LAPIN, tendo sido aprovado o Prof. Dr. Daniel Sedorko, que tomou posse em 14 de março de 2022, que dará continuidade às pesquisas envolvendo os icnofósseis brasileiros, devendo coordenar novos projetos envolvendo os paleoinvertebrados e orientar novos alunos no âmbito da iniciação científica como da pós-graduação.



Figura 67. Participantes do IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados realizado de 8 a 10 de outubro de 2018 nas dependências da Biblioteca do Museu Nacional, cerca de um mês após o incêndio no palácio. Fotografia de 9 de outubro de 2018.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

VII

O LAPIN PÓS-INCÊNDIO DE 2018

A noite de 2 de setembro de 2018 foi particularmente trágica para o Museu Nacional. O palácio, que abrigava a maior parte de sua estrutura administrativa, gabinetes de trabalho, de pesquisa e coleções da maioria dos departamentos, salas de aulas de seus programas de pós-graduação e outros serviços de apoio ao ensino e pesquisa, sofreu incêndio de grandes dimensões destruindo praticamente tudo em seu interior. O LAPIN, assim como os demais setores e laboratórios do DGP, foi severamente atingido pelas chamas e desabamento dos pavimentos superiores (Figuras 68 e 69). Na Sala das Coleções, os armários deslizantes, que se encontravam na parte central da sala com os acervos da maioria das coleções, foram duramente afetados tanto pelo calor como pelo peso dos detritos em função dos desabamentos (Figuras 70 a 72), levando nos dois anos que se seguiram a um intenso trabalho de resgate por equipes de trabalho com funcionários do DGP (Figura 73). Os armários dispostos lateralmente, como os da coleção de petrografia, de paleovertebrados e inclusive o armário de fósseis tipos com paleoinvertebrados foram menos atingidos pelos desabamentos, permitindo maior recuperação de grande parte de seus exemplares. Situação semelhante ocorreu na “Sala 9” com a coleção de paleovertebrados. A coleção de meteoritos, que se encontrava na “Sala 6”, foi parcialmente recuperada.



Figura 68. Vista parcial do pátio principal do museu e da fachada de acesso ao DGP em 6 de novembro de 2018. À esquerda, parcialmente encoberta pela árvore, está uma das portas/janelas da “Sala 2”, no centro a porta de acesso à “Sala 1” e entrada do departamento com as duas janelas dos gabinetes dos professores Antonio Carlos Sequeira Fernandes e Sandro Marcelo Scheffler. Ao fundo à direita, a porta de acesso à sala do Setor de Echinodermata do Departamento de Invertebrados.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 69. Interior da “Sala 1” com vista para as janelas e porta de entrada do DGP em 6 novembro de 2018. Note-se o acúmulo de escombros resultantes do desabamento dos pavimentos superiores. Neste momento os escombros maiores caídos dos andares superiores já haviam sido retirados.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 70. Interior da sala das coleções (“Sala 8”) em 6 de novembro de 2018 com os armários deslizantes e os escombros parcialmente retirados. À esquerda, o Prof. Sandro Marcelo Scheffler tendo à sua frente o armário com parte da coleção de paleoinvertebrados (três primeiros blocos de armários). Ao fundo, a porta de acesso e o espaço da “Sala 10”. Os maiores escombros que se empilhavam na lateral e por sobre os armários das coleções já haviam sido retirados.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 71. Situação do armário deslizante da coleção de paleoinvertebrados durante o processo de resgate em 5 de junho de 2019. Em torno de 100 prateleiras e gavetas da coleção já haviam sido retiradas de forma controlada para manter a referência da posição de cada amostra resgatada.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.



Figura 72. Visão de cima do armário deslizante da coleção de paleoinvertebrados, a partir da escada caracol, em 5 de junho de 2019. Note a intensa compactação da parte central dos armários devido a queda dos escombros, entre eles os armários compactadores da coleção de entomologia que se situavam no terceiro andar.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.

Seu mais conhecido exemplar, o meteorito Bendengó, ícone da instituição, ainda se encontra no espaço correspondente à entrada do Museu Nacional, tendo escapado incólume ao intenso calor provocado pelo incêndio. O amonita *Coilopoceras lucianoi*, exemplar ícone da coleção de paleoinvertebrados e símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia, foi resgatado praticamente intacto, escurecido externamente (Figuras 74 e 75).

Com a destruição interna dos pavimentos do prédio (somente as paredes divisórias internas das inúmeras salas e as paredes externas permaneceram de pé), os docentes e funcionários que o ocupavam foram realocados em espaços de outros departamentos e da biblioteca no Horto Botânico do museu. No caso do DGP, o Departamento de Vertebrados cedeu um espaço nas dependências do Setor de Ictiologia no prédio do departamento, sendo ocupado por parte dos docentes e funcionários do DGP. Esta sala, com prateleiras de aço laterais para guarda de livros e um balcão lateral com equipamentos ópticos como microscópios e lupas, contém uma mesa central com divisórias ocupadas então pelos docentes

com a instalação de seus computadores, uma das quais destinada ao Setor de Paleoinvertebrados (Figura 76). A partir de 2018 até hoje, 2021, a este espaço ficou reduzido o LAPIN, que apesar das adversidades continua em suas atividades de ensino e orientação de alunos.

O resgate da coleção de paleoinvertebrados foi iniciado em novembro de 2018 e vem sendo executado até o presente momento. O contexto pandêmico mundial também atrapalhou muito a finalização desta atividade. Todos os armários foram abertos gaveta por gaveta, muitas vezes com auxílio de pés-de-cabra e serras elétricas ou esmerilhadeiras, e todas as amostras foram cuidadosamente fotografadas, lastreadas e tiveram sua posição nas gavetas anotadas, para posterior recuperação das informações científicas associadas, uma vez que quase todos os números de tombo volatizaram com o calor. A volatilização do nanquim utilizado para inserir o número de lastro nas amostras e a queima das etiquetas em papel, em sua maioria, acarretaram que mais de 95% das amostras resgatadas não apresentassem mais suas informações científicas.

Amostras importantes foram e ainda vem sendo resgatadas, tais como: parte dos fósseis tipos, fósseis da Comissão Geológica do Império, da Coleção Caster, da Coleção Orville Derby, das coleções estrangeiras, entre outras (Figura 77). Ainda não foi possível realizar um levantamento total destas amostras resgatadas. Para um maior detalhamento ver Scheffler *et al.* (2021), para a coleção Caster, e Silva *et al.* (2019), para uma visão parcial sobre toda a coleção resgatada. Todo o processo de recuperação, conservação e restauro das amostras, assim como levantamento das informações científicas das peças, serão atividades que irão ocupar grande parte do tempo dos integrantes do LAPIN por pelo menos uma década.



Figura 73. Docentes e técnicos participantes da primeira fase de trabalhos da equipe de resgate em 6 de novembro de 2018, posicionados no “Pátio 1”. Ao fundo a porta de acesso para a sala de coleções (“Sala 8”) e “Salas 4b, 4c, 5, 6 e 7”. Da esquerda para a direita, Prof. Sandro Marcelo Scheffler, os biólogos Hélder de Paula Silva e Luciana Barbosa de Carvalho e o Prof. Sérgio Alex Kugland de Azevedo.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 74. Holótipo da espécie *Coilopoceras lucianoï* ainda na gaveta do armário de tipos da coleção de paleoinvertebrados durante a etapa de salvamento pela equipe de resgate do Museu Nacional em 6 de novembro de 2018.

Fonte: Acervo digital de Sandro M. Scheffler.



Figura 75. O exemplar de *Coilopoceras lucianoï*, fóssil tipo ícone da coleção de paleoinvertebrados e símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia, salvo pela equipe de resgate do Museu Nacional.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 76. Sala do Setor de Ictiologia cedida para a instalação de parte do quadro de pessoal do DGP, em 12 de junho de 2019. Na mesa central, da esquerda para a direita em sentido horário, os docentes Sandro Marcelo Scheffler, Viviane Trindade (Profa. Visitante), Marcelo de Araújo Carvalho, Eliane Guedes (acompanhada de pós-graduando) e Ciro Alexandre Ávila ambos de costas. Atrás do professor Sandro a gerente de coleções Sarah Siqueira da Cruz Guimarães Souza.

Fonte: Acervo digital de Antonio C. S. Fernandes.



Figura 77. O exemplar MN 8.341-I com pectinídeos pliocênicos de Asti, Piemonte, Itália, doado pelo Museo Geologico Sperimentale em 2007 (vide Fernandes *et al.*, 2017, anexo 8, figura 20), foi resgatado milagrosamente intacto das gavetas dos armários deslizantes em 28 de junho de 2019.

Fonte: Acervo digital de Sandro Marcelo Scheffler.

VIII

CONCLUSÃO

Desde a segunda metade do século XIX, o estudo dos paleoinvertebrados no Museu Nacional foi motivo de grande interesse por parte de seus naturalistas como Charles Hartt e Orville Derby. Desenvolvidos inicialmente nas salas ocupadas pela “3ª Secção” no antigo prédio do museu junto ao Campo de Santana, hoje a Praça da República, estes estudos tiveram continuidade a partir da primeira metade do século XX nos novos espaços ocupados nos fundos do palácio que, um dia, abrigou a coleção e exposições do Museu do Imperador, pertencente a D. Pedro II. Desde meados do referido século, a “Sala 1” passou a ser palco das principais pesquisas sobre os invertebrados fósseis no Museu Nacional, fazendo jus à nova designação que lhe era então aplicada, o Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN).

Do amplo espaço ocupado na “Sala 1” do palácio, em consequência do incêndio, o LAPIN ficou reduzido a um pequeno gabinete numa estação de divisórias com computadores. O que restou de suas coleções, salvo pelas equipes de resgate chefiadas pelo Prof. Sandro Scheffler (Figura 78), ficou guardado em espaços cedidos no Laboratório de Preparação de Vertebrados Fósseis, no Anexo do museu, ou em contêineres localizados próximos ao palácio. Projeto em andamento junto à administração do Museu Nacional e da UFRJ prevê a instalação de construções de contêineres em terreno cedido pelo Exército, na parte externa da Quinta da Boa Vista e próximo ao Horto Botânico, para a instalação dos departamentos afetados pelo incêndio. O espírito de união do DGP voltaria a permanecer, como o representado em fotografia de confraternização de parte de seus docentes ocorrida em 3 de fevereiro de 2016 (vide Figura 7). O futuro, porém, ainda é incerto.



Figura 78. O Prof. Sandro Marcelo Scheffler trabalhando no resgate dos exemplares da coleção de paleoinvertebrados em 10 de maio de 2019.

Fonte: Acervo digital de Sandro Marcelo Scheffler.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os docentes, funcionários e estagiários do DGP, aposentados e na ativa, que contribuíram com informações e fotografias que permitiram a elaboração do presente texto, em especial a Sérgio Alex Kugland de Azevedo e Luciana Barbosa de Carvalho pela leitura crítica do manuscrito e a Antonio Carlos Magalhães/Macedo pelas inúmeras informações sugeridas. Agradecem também à técnica Leandra de Oliveira Pereira, chefe da Biblioteca do Museu Nacional (MN), e ao técnico Antonio Carlos Lima, pelo auxílio na aquisição de literatura, e aos técnicos Jorge Dias da Silva Júnior e Gustavo Moreira, da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do MN e Jeferson Fernandes Rodrigues, secretário do DGP, pelo auxílio com as informações biográficas de funcionários e ex-funcionários do departamento.

REFERÊNCIAS

- Andrade, A.B. *O Museu Nacional e suas coleções mineralógicas*. [s.n.t.] 11 f. (mimeografado).
- Assis, J.F.P. 1993. Uma fáunula de moluscos bivalves do Calcário Mocambo, Formação Piauí, Carbonífero superior da Bacia do Maranhão: município de José de Freitas, estado do Piauí. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 47-48.
- Azambuja, R.S.L. 1993. Histórico: a criação do programa de pós-graduação do Departamento de Geologia do Instituto de Geociências – UFRJ. *Anuário do Instituto de Geociências*, **16**: 5-12.
- Barbosa, M.M. 1957. Redescrição do exemplar tipo de *Lunulites pileolus* White, 1887. *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série, Geologia (24): 1-6.
- Barbosa, M.M. 1959. *Steginoporella pirabensis* n. sp. de briozoário da Formação Pirabas, Estado do Pará, Brasil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, **31** (1): 109-111.
- Barbosa, M.M. 1967. Briozoários fósseis da Bacia Amazônica. In: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA, Belém, 1967. *Atas...*, Rio de Janeiro, vol. 1, Geociências, p. 75-82.
- Bergqvist, L.P.; Moreira, A.L. & Pinto, D.R. 2005. *Bacia de São José de Itaboraí: 75 anos de história e ciência*. Rio de Janeiro, Serviço Geológico do Brasil – CPRM, 84 p.
- Brandão, M.J.S.L. 1993. Revisão das ostras da Formação Pirabas (Mioceno inferior), N-NE do Brasil, com um levantamento histórico e filogenético da superfamília Ostreacea (Mollusca-Bivalvia). *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 42-43.
- Brasil. 1876. Decreto Imperial nº 6.116, de 9 de Fevereiro de 1876. Reorganiza o Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1888. Decreto Imperial nº 9.942, de 25 de Abril de 1888. Reorganiza o Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1890. Decreto Federal nº 379-A, de 8 de Maio de 1890, República provisória. Reorganiza o Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1910. Decreto Federal nº 7.862, de 9 de Fevereiro de 1910. Reorganiza o Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1916. Decreto Federal nº 11.896, de 14 de Janeiro de 1916. Dá novo regulamento ao Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1931. Decreto Federal nº 19.801, de 27 de Março de 1931. Dá novo regulamento no Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Brasil. 1941. Decreto Federal nº 6.746, de 23 de Janeiro de 1941. Reorganiza o Museu Nacional e dá outras providências. Rio de Janeiro.
- Brongniart, A. 1872. Notice sur le *Psaronius brasiliensis*. *Bulletin de la Société Botanique de France*, **19**: 3-10.
- Burlamaque, F.L.C. 1856. Notícia acerca dos animais de raças extintas descobertos em vários pontos do Brasil (2ª parte). *Trabalhos da Sociedade Vellosiana* (Bibliotheca Guanabarensis), p. 17-21.
- Campos, D.R.B. 1993. Família Arcidae (Molusca, Bivalvia) da Formação Pirabas (Mioceno inferior). *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 18.

- Carvalho, I.S. & Fernandes, A.C.S. 1989. A icnogenese da Bacia de Taubaté: significado ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA, 11, Curitiba, 1989. *Anais*, Curitiba: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 1: 419-426.
- Carvalho, J.C.M. 1956. Relatório Anual de 1956. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 117 p.
- Cassab, R.C.T. 1993. Revisão da superfamília Cerithioidea da Formação Maria Farinha, Paleoceno de Pernambuco (Molusca-Gastropoda). *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 46-47.
- Clarke, J.M. 1896. As trilobitas de grez de Ereré e Maecurú, Estado do Pará, Brasil. *Archivos do Museu Nacional*, **9**: 1-58.
- Clarke, J.M. 1899a. A fauna siluriana superior do Rio Trombetas. *Archivos do Museu Nacional*, **10**: 1-48.
- Clarke, J.M. 1899b. Molluscos devonianos do Estado do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, **10**: 49-174.
- Corrêa, L.M.S.A. & Fernandes, A.C.S. 2002. *Cochlichnus lagartensis* Muniz, 1980: um caso de gretas de contração senoidais. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, (66): 1-12.
- Corrêa, L.M.S.A.; Agostinho, S.; Fernandes, A.C.S. & Vieira, P.M. 2004. Icnofósseis da Formação Pimenteira (Devoniano da Bacia do Parnaíba), município de Miranorte, estado do Tocantins, Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, **62** (3): 283-291.
- Curvello, W.S. & Ferreira, C.S. 1951. Metallographic Study of the Barbacena Meteorite. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, (14): 1-5.
- Curvello, W.S. & Ferreira, C.S. 1952. The Pará de Minas Meteorite. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, (18): 1-6.
- Dantas, R.M.M.C. 2007. *A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 276 p.
- Dau, L. 1986. Relatório Anual de 1986. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 188 p.
- Derby, O.A. 1877a. Contribuições para a geologia do Baixo Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, **2**: 77-104.
- Derby, O.A. 1877b. Reconhecimento do rio Maecurú. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnografia*, **2** (2): 192-204, 1897.
- Derby, O.A. 1895. Nota sobre a geologia e paleontologia de Matto Grosso. *Archivos do Museu Nacional*, **9**: 59-88.
- DGP. 1904. Inventário dos objetos e espécimens da 3ª Seção. Relatório escrito a pedido do diretor João Baptista Lacerda, Sala Lund. Sear, caixa 35 do DGP, 40 p.
- Duarte, L.F.D. 2000a. *Relatório Anual do Museu Nacional 1998*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 75 p.
- Duarte, L.F.D. 2000b. *Relatório Anual do Museu Nacional 1999*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 98 p.
- Duarte, L.F.D. 2000c. *Relatório Anual do Museu Nacional 2000*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 113 p.
- Duarte, L.F.D. 2003. *Relatório Anual do Museu Nacional 2001*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 112 p.
- Fernandes, A.C.S. 1979. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará. Scleractinia da Formação Pirabas (Mioceno inferior) e suas implicações paleoecológicas (Coelenterata Anthozoa). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Geologia*, Belém, (22): 133.
- Fernandes, A.C.S. 1993. Scleractinia da formação Pirabas (Mioceno Inferior) e suas implicações paleoecológicas (Coelenterata - Anthozoa). *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 43-44.
- Fernandes, A.C.S. 2020. Breve história da Paleontologia, seus personagens no Brasil da Pré-Colônia aos Oitocentos e sua consolidação no Museu Nacional/UFRJ. *Vita Scientia*, **3** (Encarte Especial): 32-41.
- Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2001. Catálogo de fósseis-tipo e figurados da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional-Rio de Janeiro. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, (86): 1-60.
- Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2014. Personagens fundadores da pesquisa de paleoinvertebrados do Paleozoico marinho no Brasil. In: Ghilardi, R.P. & Scheffler, S.M. (eds.) *Paleontologia de Invertebrados: o legado brasileiro*. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Paleontologia, Série Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia 3, p. 23-38.
- Fernandes, A.C.S. & Henriques, D.D.R. 2011. José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à importante atuação na estruturação do Museu Nacional no Brasil. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS, Coimbra, 2011. *Livro de Actas...* Coimbra, Universidade de Coimbra, p. 1018-1031.

- Fernandes, A.C.S. & Pane, V. 2007. A coleção Michelotti e o Museu Nacional. In: Carvalho, I.S.; Cassab, R.C.T.; Schwanke, C.; Carvalho, M.A.; Fernandes, A.C.S.; Rodrigues, M.A.C.; Carvalho, M.S.S.; Arai, M. & Oliveira, M.E.Q. (eds.), *Paleontologia: Cenários de Vida*. Rio de Janeiro, Interciência, Vol. 2, p. 101-109.
- Fernandes, A.C.S. & Santos, M.J.V.C. 2022. O Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) do Museu Nacional: um pouco de sua história. In: Duarte, L.F.D. (Org.) *"Museu Nacional – 200 anos"*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, pp. 207-228.
- Fernandes, A.C.S. & Scheffler, S.M. 2014. A Comissão Geológica do Império e sua importância para o acervo de crinoides fósseis no Museu Nacional/UFRJ. *Filosofia e História da Biologia*, **9** (2): 121-139.
- Fernandes, A.C.S. & Scheffler, S.M. 2019. A Coleção Binckhorst e o Museu Nacional: uma perda pela sua não aquisição? *Filosofia e História da Biologia*, **14** (1): 1-22.
- Fernandes, A.C.S., Carvalho, M.A. & Forti, A.S.D. 2007. Patrimônio paleontológico do Museu Nacional: fatos e controvérsias sobre o primeiro vegetal fóssil coletado no Brasil. In: Carvalho, I.S.; Cassab, R.C.T.; Schwanke, C.; Carvalho, M.A.; Fernandes, A.C.S.; Rodrigues, M.A.C.; Carvalho, M.S.S.; Arai, M. & Oliveira, M.E.Q. (eds.), *Paleontologia: Cenários de Vida*. Rio de Janeiro, Interciência, vol. 2, p. 111-117.
- Fernandes, A.C.S.; Forti, A.S.D.A. & Henriques, D.D.R. 2010. Trajetória das coleções geológicas incorporadas ao Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) no século XIX. In: Brandão, J.M.; Callapez, P.M.; Mateus, O. & Castro, P. (eds), *Coleções e Museus de Geologia: missão e gestão*. Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, p. 101-106.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M. & Henriques, D.D.R. 2007. Histórico da Paleontologia no Museu Nacional. *Anuário do Instituto de Geociências*, UFRJ, **30** (1): 194-196.
- Fernandes, A.C.S., Henriques, D.D.R. & Forti, A.S.D.A. 2008. Os ictiossauros de Somerset: a primeira compra de material paleontológico para o Museu Nacional em meados do século XIX. In: Jornada Fluminense de Paleontologia, 4, Rio de Janeiro. *Resumos...*, SBP/Núcleo RJ/ES, *Paleonotícias, Boletim Especial*, p. 99-100.
- Fernandes, A.C.S.; Polivanov, H. & Carvalho, I.S. 1987. Novos procedimentos para caracterização de icnofósseis da Bacia de Taubaté, SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA, 10, Rio de Janeiro, 1987. *Anais*, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Paleontologia, **1**: 291306.
- Fernandes, A.C.S.; Carvalho, L.B.; Azevedo, S.A.K. & Backup, P.A. 2018. Clément Jobert, os peixes da Amazônia e os peixes fósseis do Estado do Piauí, Brasil. *Filosofia e História da Biologia*, **13** (2): 169-190.
- Fernandes, A.C.S.; Carvalho, M.A.; Almeida, D. & Witovisk, L. 2014. O Museu Nacional, suas análises de carvão mineral e a coleção de fósseis vegetais carboníferos no século XIX. *Filosofia e História da Biologia*, **9** (1): 1-18.
- Fernandes, A.C.S.; Ewbank, C.O.; Silva, M.J. & Henriques, D.D.R. 2010. Uma lembrança de infância: os "fósseis colossais" e o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque como primeiro paleontólogo brasileiro. In: Encontro de História e Filosofia da Biologia 2010, 2010. *Resumos...*, São Paulo, Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia, p. 20.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M.; Dantas, R.M.M.C. & Forti, A.S.D.A. 2008. D. Pedro II, os fósseis da Bacia de Paris e o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, **3**: 55-69.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M.; Vieira, P.M. & Marino, L.M. 2005. A Comissão Geológica do Império e o Nordeste: importância histórica, científica e didática na coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA, 19, Aracaju. *Resumos*, Aracaju, CD-ROM.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M.; Vieira, P.M. & Marino, L.M. 2006. Os fósseis estrangeiros da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, (108): 1-36.
- Fernandes, A.C.S.; Pane, V.; Ramos, R.R. & Forti, A.S.D.A. 2015. *Dalla Nostra Terra: As contribuições "geognósticas" italianas ao Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional (Série Livros 56), 124 p.
- Fernandes, A.C.S.; Pane, V.; Ramos, R.R.C. & Forti, A.S.D.A. 2017. *Dalla Nostra Terra: As contribuições "geognósticas" italianas ao Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional (Série Livros Digital 11), 126 p. (Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/publicacoes/wp-content/arquivos/livdigital11.pdf>)
- Fernandes, A.C.S.; Scheffler, S.M.; Monteiro, D.B.; Távora, V.A. & Machado, D.M.C. 2017. Friedrich Katzer: um personagem controverso na paleontologia da Amazônia. *Filosofia e História da Biologia*, **12** (1): 1-19.
- Ferreira, C.S. 1964. Contribuição à Geologia e Paleontologia do Baixo Parnaíba, no Estado do Piauí. Formação Pirabas, Mioceno Inferior. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Geologia, (9): 1-51.

- Ferreira, C.S. 1967. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará. O gênero *Orthaulax* Gabb, 1872 na Formação Pirabas. X. (Mollusca, Gastropoda). In: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA, Belém, 1967. *Atas...*, Rio de Janeiro, vol. 1, Geociências, p. 169-185.
- Ferreira, C.S. 1970. Moluscos do Terciário marinho, na baía de São Marcos, Maranhão. Formação Pirabas, Mioceno Inferior. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Geologia, (15): 1-30.
- Ferreira, C.S. & Cunha, O.R. 1957a. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará. Notas sobre a Formação Pirabas, com descrição de novos invertebrados fósseis. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Geologia, (2): 1-60.
- Ferreira, C.S. & Cunha, O.R. 1957b. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará. Redescricao e novas ocorrências do *Dentalium paulini* Maury, 1924, na área da Formação Pirabas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Geologia, (3): 1-10.
- Ferreira, C.S. & Cunha, O.R. 1957c. Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará. Novos invertebrados fósseis e redescrções de mais duas espécies da Formação Pirabas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Geologia, (4): 1-32.
- Fonseca, V.M.M. 1993. Braquiópodes da ordem Strophomenida da Formação Itaituba, Carbonífero da Bacia do Amazonas. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 121.
- Fonseca, V.M.M. 2001. Invertebrados fósseis do Museu Nacional: um legado de Hartt. In: M.V. Freitas, *Hartt: expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, p. 232-235.
- Fonseca, V.M.M. 2004. Chonetoida (Brachiopoda) do Devoniano Médio das Bacias do Amazonas e Parnaíba, Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, **62** (2): 193-215.
- Fonseca, V.M.M. & Fernandes, A.C.S. 2001. As séries-tipo de braquiópodes devonianos coletados pelas expedições Morgan (1870-1871) na coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Revista Brasileira de Paleontologia*, (2): 158-159.
- Freire, D.J. 1894. Relatório do Museu Nacional apresentado pelo Dr. Domingos José Freire, Diretor Geral Interino, em 27 de fevereiro de 1894. Pp. 786-804. In: Nascimento, A.C. 1894. *Relatório apresentado ao Vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, Ministro de Estado Interino da Justiça e Negócios Interiores por março de 1894*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 912 p.
- Freitas, M.V. 2001. *Hartt: expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 244 p.
- Guedes, E.; Scheffler, S.M.; Carvalho, M.A.; Soares, S.N.; Rocha, A.; Martins, F.S.; Nascimento, F.V.; Castro, B.D.C.G.; Costa, B.B.O. & Villar, D.M. 2015. As coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ: o desafio de manter o equilíbrio entre o passado e o futuro. In: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO SUDESTE, 14, Campos do Jordão, 2015. *Anais...* São Paulo, Sociedade Brasileira de Geologia, 2015, v. 1, p. 1-3.
- Henriques, D.D.R. & Mello, M.G.S. 2002. Homenagem ao Professor Fausto Luiz de Souza Cunha (1926-2000). *Archivos do Museu Nacional*, **60** (3): 109-110.
- Horodyski, R.S.; Brett, C.E.; Sedorko, D.; Bosetti, E.P.; Scheffler, S.M.; Ghilardi, R.P. & Ianuzzi, R. 2018. Storm-related taphofacies and paleoenvironments of Malvinokaffric assemblages from the Lower/Middle Devonian in southwestern Gondwana. *Palaeogeography Palaeoclimatology Palaeoecology*, **514**: 706-722.
- Klein, V.C. 1993. Paleontologia e estratigrafia de uma fácies estuarina da Formação Itapecuru, estado do Maranhão. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 26.
- Kotzian, C.B. & Ribeiro, A.M. (ed.). 2009. Sociedade Brasileira de Paleontologia, 50 anos: uma homenagem aos seus fundadores. *Boletim Paleontologia em Destaque*, Edição Especial, 112 p.
- Kunzler, J.; Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M. & Jraige, S. 2011. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado? *Filosofia e História da Biologia*, **6** (1): 49-67.
- Lacerda, J.B. 1905. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 188 p.
- Lima, J.D.C. 2019. A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFRJ): formação, trajetória e utilização em contexto museológico. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 609f.
- Lima, J.D. & Granato, M. 2019. Revisitando o acervo de paleoinvertebrados do Museu Nacional (UFRJ): Catálogo de fotografias da coleção. Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 510 p.
- Lobo, B. 1920. *O Museu Nacional durante o ano de 1919*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 55 p.
- Lobo, B. 1921. *O Museu Nacional durante o ano de 1920*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 71 p.

- Lobo, B. 1922. *O Museu Nacional durante o ano de 1921*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 110 p.
- Lobo, B. 1923. *O Museu Nacional durante o ano de 1922*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 105 p.
- Lopes, M.M. 1997. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, HUCITEC, 369 p.
- Macedo, A.C.M. 1993. Sobre a distribuição de Ostracoda no Mioceno caribeano com um estudo especial sobre os ostracodes da Formação Pirabas, Pará, Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 7.
- Macedo, A.C.M.; Fernandes, A.C.S. & Gallo-da-Silva, V. 1999. Fósseis coletados na Amazônia pela “Comissão Geológica do Império do Brasil” (1875-1877): um século de história. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Geologia*, Rio de Janeiro, (47): 1-6.
- Machado, D.M.C. 1993. Bivalvia (Molusca) do Devoniano da Bacia do Amazonas (formações Maecuru e Ererê): considerações sistemáticas e paleoautoecológicas. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 112-113.
- Manes, M.I.L.; Silva, R.C. & Scheffler, S.M. 2021. Dinosaurs and rivers on the edge of a desert: a first recognition of fluvial deposits associated to the Botucatu Formation (Jurassic/Cretaceous), Brazil. *Journal of South American Earth Sciences*, **10**: 103339.
- Marino, L.M., Scheffler, S.M. & Fernandes, A.C.S. 2007. As partes dissociadas de crinoides da Formação Itaituba (Pensilvaniano, Bacia do Amazonas), Brasil. In: Carvalho, I.S.; Cassab, R.C.T.; Schwanke, C.; Carvalho, M.A.; Fernandes, A.C.S.; Rodrigues, M.A.C.; Carvalho, M.S.S.; Arai, M. & Oliveira, M.E.Q. (eds.), *Paleontologia: Cenários de Vida*. Rio de Janeiro, Interciência, vol. 1, p. 121-129.
- Marino, L.M.; Vieira, P.M.; Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2003. A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional: o acervo de fósseis estrangeiros. *Paleontologia em Destaque*, Porto Alegre, ano 18 (44), p. 9-10.
- Martins, E.A. 1959. Sinopse de Geologia do Brasil. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*.
- Mayer, L.M. 1993. Paleoflórulas lenhosas das sequências sedimentares carbonosas: Permiano, Bacia do Paraná. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 107-108.
- Millan, J.H. 1985. Relatório do Diretor de 1982 a 1985. Museu Nacional/UFRJ, 500 p.
- Moura Júnior, D.A.; Scheffler, S.M. & Fernandes, A.C.S. 2018. A paleoentomofauna brasileira (Paleozoico, Mesozoico e Cenozoico): cenário atual. *Anuário do Instituto de Geociências*, **41** (1): 142-166.
- Moura-Júnior, D.A.; Scheffler, S.M.; Moreira, F.F.F.; Nel, A. & Mejdalani, G. 2020. First record of a shore bug (Insecta, Hemiptera, Saldidae) from Gondwana. *Journal of Paleontology*, **94**: 1-8.
- Moura-Júnior, D.A.; Scheffler, S.M.; Moreira, F.F.F.; Nel, A. & Mejdalani, G. 2021. Paranoikidae Zamboni, Martins-Neto & Popov, 2002, a junior synonym of Belostomatidae Leach, 1815 (Hemiptera: Heteroptera): redescription of a giant water bug from Crato Formation, Lower Cretaceous of Brazil. *Cretaceous Research*, **124**: 1-9.
- Museu Nacional. 1949. *Atividades Científicas em 1949*. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, 41 p.
- Museu Nacional. 1958. *Regimento Interno do Museu Nacional*. Universidade do Brasil, Museu Nacional, Série C, n 1, 47 p.
- Museu Nacional. 1971. *Regimento do Museu Nacional*. *Boletim UFRJ* no 32 de 12/08/1971, 77 p.
- Netto, L. 1870. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Philomatico, 310 p.
- Oliveira, F.P. 1900. Relatório da 3ª Seção do Museu Nacional. 7p. Semear, Pasta 38, doc. 222, 7 p.
- Paes Leme, A.B. s/d. Relatório Annual da Seção de Mineralogia. Semear, Ofício, Caixa 5 do DGP, 3 p.
- Paes Leme, A.B. 1924. *Evolução da Estrutura da Terra e Geologia do Brasil vistas através das collecções do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 251 p.
- Paes Leme, A.B. 1943. *História Física da terra*. Rio de Janeiro, F. Bruguier.
- Polo, M.J.A. & Silva, L.D.R. 2020. A gestão das coleções arqueológicas do Museu Nacional, UFRJ: sobre caminhos pisados, desvios e continuidades inesperadas. *Revista de Arqueologia*, **33** (3): 63-86.
- Ponciano, L.C.M.O. 2010. A história das exposições de paleontologia no Museu Nacional/UFRJ. In: JORNADA FLUMINENSE DE PALEONTOLOGIA, 5, Rio de Janeiro. Livro de Resumos... Sociedade Brasileira de Paleontologia, p. 39.
- Ponciano, L.C.M.O.; Machado, D.M.C. & Fonseca, V.M.M. 2012. Taphofacies analysis of late Geivetian fossil assemblages of the Parnaíba Basin (State of Piauí, northeast Brazil). *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, **326-328**: 95-108.
- Ramos, J.R.A. 1986. Os paleontólogos brasileiros. *Anuário do Instituto de Geociências*, **10**: 126-140.

- Rathbun, R. 1874. On the Devonian brachiopoda of Ereré, province of Pará, Brazil. *Bulletin of the Buffalo Society of Natural Science*, **1**: 236-261.
- Rathbun, R. 1879. The Devonian brachiopoda of the Province of Pará, Brazil. *Proceedings of the Boston Society of Natural History*, **20**: 14-39.
- Santos, C.M.S. 1915. *Catálogo de paleoinvertebrados da Formação Pimenteira: uma iniciativa de cunho científico, patrimonial e didático*. Monografia de Graduação (Bacharelado) em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
- Santos, M.E.C.M. & Cassab, R.C.T. 2014. Rio de Janeiro, história do tempo presente. In: Ghilardi, R.P. & Scheffler, S.M. (eds.) *Paleontologia de Invertebrados: o legado brasileiro*. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Paleontologia, Série Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia 3, p. 39-51.
- Santos, M.F.A.; Mermudes, J.R.M. & Fonseca, V.M.M. 2011. A specimen of Curculioninae, Coleoptera) from the Lower Cretaceous, Araripe Basin, North-eastern Brazil. *Palaeontology*, **54**: 807-814.
- Santos, M.F.A.; Mattos, I.; Mermudes, J.R.M.; Scheffler, S.M.; Reyes-Castillo, P. 2021. A new passalid fossil (Insecta: Coleoptera) from the Santana formation (Crato member, Lower Cretaceous), Araripe Basin, Ne Brazil: paleoecologic and paleobiogeographic implications. *Cretaceous Research*, **118**: 104664.
- Santos, M.F.A.; Santos, C.A.; Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2014. Banco de dados e gerenciamento da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. In: Encontro Regional de Paleontologia - PALEO RJ/ES, 2014, Rio de Janeiro, 2014. *Livro de Resumos...* Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Paleontologia - Núcleo RJ/ES, 2014. *Paleontologia em Destaque*, Ano 30, (68): 53-54, 2015.
- Santos, N.D. 1964. *Relatório Anual de 1963*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade do Brasil, 128 p.
- Scheffler, S.M. 2015. Stalked echinoderms of the Brazilian Devonian and their palaeobiogeographical affinities. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais*, **10**: 63-81.
- Scheffler, S.M. 2017. A nova exposição de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *Paleonotícias Online*, Rio de Janeiro, julho: 4-8.
- Scheffler, S.M. 2020. Crinoids from the Lower (Pragian-Emsian) and Middle (early Eifelian) Devonian of Bolívia (Icla and Belén formations, Malvinokaffric Realm). *Journal of Paleontology*, **95**: 1-13.
- Scheffler, S.M. & Manes, M.I.L. (eds.), 2018. Sociedade Brasileira de Paleontologia, *Boletim Paleontologia em Destaque*, (71), 132 p. Disponível em: <https://sbpbrasil.org/publications/index.php/paleodest>.
- Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2006. Crinoidea da Formação Maecuru (Devoniano da Bacia do Amazonas), Estado do Pará, Brasil. *Revista Brasileira de Paleontologia*, **9** (2): 235-242.
- Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S.F. & Fonseca, V.M.M. 2013. Alguns crinoides da Formação Ponta Grossa e suas afinidades paleobiogeográficas (Devoniano Inferior, Bacia do Paraná, Brasil). *Terra Plural* (ONLINE), **7**: 85-114.
- Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2014. Crinoids columnals (Echinodermata) of the Ererê Formation (late Eifelian-early Givetian, Amazon Basin), State of Pará, Brazil. *Journal of South American Earth Sciences*, **49**: 63-72.
- Scheffler, S.M.; Fonseca, V.M.M. & Fernandes, A.C.S. 2015. New crinoids from the Maecuru Formation (Middle Eifelian, Amazon Basin), State of Pará, Brazil. *Geobios*, **48** (1): 57-69.
- Scheffler, S.M.; Horodyski, R.S. & Bosetti, E.P. 2018. Morphology, palaeoecology and taphonomy of the Devonian mitrate *Placocystella langei* from Paraná Basin, Brazil. *Journal of Palaeontology*, **42**: 1-12.
- Scheffler, S.M.; Silva, R.C. & Sedorko, D. 2020. O Devoniano no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil: nova área de distribuição e presença de típica fauna malvinocáfrica. *Estudos geológicos* (UFPE), **30**: 38-76.
- Scheffler, S.M.; Dias-da-Silva, S.; Gama Júnior, J.M.; Fonseca, V.M.M. & Fernandes, A.C.S. 2011. Middle Devonian crinoids from the Parnaíba Basin (Pimenteira Formation, Tocantins State, Brazil). *Journal of Paleontology*, **85** (6): 1188-1198.
- Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S.; Silva, M.B.; Santos, R.V. & Sousa, L.B.G. 2021. Repatriamento, incorporação e destruição: o destino da Coleção Caster no Museu Nacional/UFRJ. *Terr@ Plural*, **15**: 1-21 (DOI: 10.5212/TerraPlural.v.15.2117747.026)
- Scheffler, S.M.; Fernandes, A.C.S.; Manes, M.I.; Videira-Santos, R.; Moura-Júnior, D.A.; Silva, M.B.; Silva, R.C.; Araujo Júnior, H.I.; Machado, C.P. 2019. IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados – SBPI 2018: o Museu Nacional vive. *Paleonotícias online*, Rio de Janeiro, p. 4-7.

- Sedorko, D.; Bosetti, E.P.; Ghilardi, R.P.; Myszynski Júnior, L.J.; Silva, R.C. & Scheffler, S.M. 2018. Paleoenvironments of a regressive Devonian section from Paraná Basin (Mato Grosso do Sul state) by integration of ichnologic, taphonomic and sedimentologic analyses. *Brazilian Journal of Geology*, **48**: 805-820.
- Silva, C.F. & Fonseca, V.M.M. 2005. Hábitos de vida dos trilobitas das formações Mecuru e Ererê. *Revista Brasileira de Paleontologia*, **8** (1): 73-82.
- Silva, M.B.; Videira-Santos, R.; Scheffler, S.M. & Fernandes, A.C.S. 2019. O resgate da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional/UFRJ. In: XXVI Congresso Brasileiro de Paleontologia, 26, Uberlândia, 2019. Boletim de Resumos... Uberlândia, Sociedade Brasileira de Paleontologia, *Paleontologia em Destaque*, Edição Especial, Outubro/2019, p. 132-133.
- Silva, M.J. 2010. A contribuição de João Martins da Silva Coutinho às coleções geológicas do Museu Nacional na segunda metade do século XIX. In: XXXII Jornada Giulio massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Livros de Resumos/Fórum de Ciência e Cultura*, p. 11.
- Silva, M.J.; Fernandes, A.C.S. & Fonseca, V.M.M. 2013. Silva Coutinho: uma trajetória profissional e sua contribuição às coleções geológicas do Museu Nacional. *História Ciências Saúde Manguinhos*, **20** (2): 457-479.
- Silva, R.L. 1936. Relatório anual da Seção de Mineralogia e Geologia. Semeiar, 10 p.
- Távora, V.A. 1993. Ostracodes da Formações Pirabas (Mioceno inferior) no estado do Pará, Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 138.
- Távora, V.A.; Nogueira Neto, I.L.A. & Ferreira, C.S. 2014. Paleoinvertebrados da região Norte do Brasil. In: Ghilardi, R.P. & Scheffler, S.M. (eds.) *Paleontologia de Invertebrados: o legado brasileiro*. Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Paleontologia, Série Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia 3, p. 99-111.
- Távora, V.A.; Santos, A.A.R. & Araújo, R.N. 2010. Localidades fossilíferas da Formação Pirabas (Mioceno Inferior). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, **5** (2): 207-224.
- Telles Antunes, M.; Fernandes, A.C.S. & Lemos de Sousa, M.J. 2004. Os fósseis de Portugal na coleção do Museu Nacional. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, (103): 1-24.
- Tosatto, P. 2001. *Orville A. Derby: o pai da geologia do Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais e Departamento Nacional da Produção Mineral, 111 p.
- Veloso, R.L. 2021. A história do patrimônio paleontológico de vertebrados do Museu Nacional durante o seu primeiro século. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico, Museu Nacional/UFRJ. 162p.
- Vicalvi, M.A. 1993. Sedimentação no platô do Rio Grande do Norte durante o Quaternário superior. *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 66-67.
- Vidal, N. 1946. Contribuição ao conhecimento da Paleontologia do Nordeste brasileiro: notícias sobre a descoberta de vertebrados pleistocênicos no município de Pesqueira-PE. *Boletim do Museu Nacional (Geologia)*, **6**: 1-15.
- Videira-Santos, R. & Scheffler, S.M. 2019. The State of the Art of research on Chonetoida (Brachiopoda) from the Devonian of Paraná Basin, Brazil. *Anuário do Instituto de Geociências*, UFRJ, **42**: 329-335.
- Videira-Santos, R.; Scheffler, S.M.; Ponciano, L.C.M.O.; Weinschutz, L.C.; Figueiredo, R.G.; Rodrigues, T.; Sayão, J.M.; Riff, D. & Kellner, A. 2020. First description of scleractinian corals from the Santa Marta and base Snow Hill Island (Gamma Member) formations, Upper Cretaceous, James Ross Island, Antarctica. *Advances in Polar Science*, **31**: 1-10.
- Vieira, P.M. & Fernandes, A.C.S. 2005. Revisão taxonômica dos equinóides regulares coletados pela Comissão Geológica do Império na Bacia de Sergipe-Alagoas, SE. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA BIOLOGIA, 7, Rio de Janeiro. *Caderno do VII Seminário de Iniciação Científica da Biologia*, Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, p. 80-81.
- Vieira, P.M.; Marino, L.M. & Fernandes, A.C.S. 2004. Os fósseis da Comissão Geológica do Império e o Museu Nacional. In: VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA BIOLOGIA, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. *Caderno do VI Seminário de Iniciação Científica da Biologia*, p. 45.
- White, C.A. 1887. Contribuições à Paleontologia do Brasil. *Archivos do Museu Nacional*, **7**: 1-273
- Zanotti, S.T. 1993. Revisão do gênero *Glycymeris* da Costa, 1778, da Formação Pirabas (Mioceno inferior): considerações sobre sua filogenia e sinonímia (Mollusca-Bivalvia). *Anuário do Instituto de Geociências*, **60**: 18-19.

CRONOLOGIA

1818 – Fundação do Museu Nacional em 6 de junho de 1818, permanecendo com uma estrutura única até 1842.

1818 – Frei José da Costa Azevedo, mineralogista, foi designado primeiro diretor do Museu Nacional a partir de 6 de junho de 1818 até 1822.

1836 – Em 24 de janeiro de 1836, o paleontólogo italiano Giovanni Michelotti enviou uma coleção de fósseis de moluscos miocênicos e pliocênicos do Piemonte, Itália, ao Museu Nacional, correspondendo à primeira coleção de fósseis de invertebrados estrangeiros de suas coleções. Fontes: Fernandes & Pane (2007); Fernandes *et al.* (2017, p. 39-43).

1837 – O Museu Nacional recebeu do Museu de Roma uma coleção de 100 moluscos fósseis marinhos dos arredores de Roma, Itália. O documento com a relação encontrava-se no SEMEAR, mas os fósseis nunca foram localizados na coleção, podendo ter sido extraviados antes da década de 1940. Esta teria sido a segunda coleção estrangeira de invertebrados fósseis do Museu Nacional. Fonte: Fernandes *et al.* (2017, p. 43-44).

1842 – Criação da 3ª Secção denominada Geologia, Mineralogia e Ciências Físicas e Biológicas.

1847 - Frederico Leopoldo César Burlamaque foi indicado diretor da 3ª Secção e diretor geral do Museu Nacional em 16 de junho de 1847, permanecendo no cargo até 14 de janeiro de 1866. Considerado primeiro paleontólogo brasileiro, incrementou o recebimento de fósseis do Nordeste, incluindo a remessa em 1855 de três conchas fósseis para o Museu Nacional. Fontes: Lacerda (1905, p.175); Fernandes *et al.* (2010).

1855 – O Museu recebeu três conchas fósseis do Nordeste que teriam sido enviadas pelo naturalista francês Louis Jacques Brunet. Essas conchas seriam provavelmente os primeiros fósseis de invertebrados brasileiros a compor o acervo do Museu Nacional. Fontes: Burlamaque (1856); Fernandes & Fonseca (2014); Fernandes *et al.* (2010, p. 250, 254).

1860 – Louis Jacques Brunet foi designado naturalista adjunto viajante nomeado por portaria de 21 de junho de 1860 e dispensado em 2 de fevereiro de 1862. Foi o responsável pelo envio de ossos, conchas e peixes fósseis do Nordeste ao Museu Nacional em 1855. Fonte: Fernandes *et al.* (2010, p. 250, 254).

1863 – João Martins da Silva Coutinho descobriu os jazigos paleozoicos carboníferos no rio Tapajós, na Bacia do Amazonas, informação que teria passado a Charles Frederick Hartt e Orville Adalbert Derby, que coletaram inúmeros espécimes durante as atividades das expedições Morgan e da Comissão Geológica do Império. Fontes: Fernandes & Fonseca (2014); Ramos (1986); Silva (2010); Silva *et al.* (2013).

1870 – Ladislau Netto comentou que a coleção paleontológica do Museu Nacional é composta “de alguns animais fósseis das classes dos Cefalópodes (entre os quais é digno de observação uma espécie de gênero *Ammonites* (*sic*), extraída das margens do rio São Francisco); dos Gastrópodes; dos Braquiópodes; dos Equinodermos; dos ‘*Acalephos* dos *Polypos*, dos *Infusorios* e dos *Foraminiferos*’ (*sic*)”. A falta de detalhes e de uma relação desse acervo dificultou a sua identificação na coleção de paleoinvertebrados nos estudos desenvolvidos posteriormente. Fonte: Netto (1870, p. 309).

1872 – Em janeiro de 1872, durante sua primeira viagem a Paris, D. Pedro II recebeu de presente do engenheiro G. Loustau uma coleção de bivalvíos da Bacia de Paris. A coleção permaneceu inicialmente no Museu do Imperador e, depois, no Museu Nacional em suas “Secções” e divisões, até sua inclusão definitiva na coleção de paleoinvertebrados no final da década de 1940. Fonte: Fernandes *et al.* (2008).

1874 – O paleontólogo Richard Rathbun descreveu os fósseis devonianos da Bacia do Amazonas coletados pelas expedições Morgan, os quais foram posteriormente encaminhados ao Museu Nacional. Considerados extraviados, os fósseis foram reencontrados em 2001 na coleção de paleoinvertebrados. Fontes: Rathbun (1874, 1879); Fernandes & Fonseca (2014); Fonseca (2001); Fonseca & Fernandes (2001).

1875 – Criada a Comissão Geológica do Império em 10 de maio de 1875 tendo como chefe Charles Frederick Hartt, geólogo norte-americano, que também participou das expedições Thayer e Morgan (1865 e 1870/1871). A Comissão excursionou principalmente pelos terrenos devonianos e carboníferos da Bacia do Amazonas e cretáceos e paleógenos do Nordeste, coletando grande número de exemplares, cerca de 500.000, de diversas áreas e incluindo grande número de espécimes de paleoinvertebrados. A Comissão foi suspensa em 1º de julho de 1877. No ano seguinte, o material da Comissão foi incorporado aos acervos do Museu Nacional. Fontes: Fernandes & Fonseca (2014); Freitas (2001); Macedo *et al.* (1999).

1875 – João Martins da Silva Coutinho assumiu a direção da 3ª Secção de 6 de fevereiro de 1875 a 1876, motivo pelo qual não participou das atividades de campo da Comissão Geológica do Império. Engenheiro, participou das expedições Thayer (1865-1866) e Morgan (1870 e 1871) passando informações sobre o Carbonífero para a CGI. Fontes: Silva (2010); Silva *et al.* (2013); Lacerda (1905).

1876 – Charles Frederick Hartt foi designado diretor da 3ª Secção por contrato de 2 de março de 1876 e exonerado, a seu pedido, em 5 de fevereiro de 1877.

1876 – A 3ª Secção passou a se denominar Ciências Físicas, Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral, sendo assim a ciência paleontológica incorporada na estrutura da instituição.

1878 – O material da Comissão Geológica do Império foi transferido para o Museu Nacional, sendo inventariado por Orville Adalbert Derby. Fonte: Fernandes & Fonseca (2014).

1878 – Possível ano da transferência da sub-coleção Museu de Zoologia Comparada (Universidade de Harvard, Massachusetts, E.U.A.), que provavelmente acompanhou o material da Comissão Geológica do Império. Fonte: Fernandes *et al.* (2006).

1879 – Orville Adalbert Derby assumiu a chefia da 3ª Secção permanecendo até 1890.

1881 – Herbert Huntington Smith foi contratado em 23 de dezembro de 1881 como naturalista viajante de 1881 a 1886, sendo responsável pela primeira coleta de fósseis de invertebrados na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, os quais foram incorporados ao acervo do Museu Nacional e ulteriormente descritos por Orville Adalbert Derby. Fontes: Derby (1895); Kunzler *et al.* (2011).

1883 – Chegou ao Museu Nacional a sub-coleção Orville Adalbert Derby, composta de fósseis norte-americanos obtidos por permuta com o Museu Nacional de Washington, E.U.A.. Fonte: Lima (2019).

1887 – Charles Abiathar White descreveu os fósseis de invertebrados cretáceos das regiões Nordeste e Norte (os desta última região posteriormente identificados como oligo-miocênicos da Formação Pirabas) componentes das coleções da CGI e que lhe foram enviados para estudo por Orville Adalbert Derby. O trabalho foi publicado nos Archivos do Museu Nacional e os fósseis guardados no acervo da Secção. Fonte: White (1887).

1888 – A 3ª Secção passou a se denominar Mineralogia, Geologia e Paleontologia.

1892 – O Museu Nacional com seus acervos foi transferido do prédio em frente ao Campo de Santana para o palácio na Quinta da Boa Vista.

1892 – Em data não determinada, o exemplar de equinoide silicificado que pertenceu à coleção da imperatriz Leopoldina, e que provavelmente se encontrava no Museu do Imperador, foi incorporado ao acervo do Museu Nacional. No final da década de 1940, foi registrado equivocadamente na coleção de mineralogia. O exemplar, de procedência estrangeira, teria provável origem europeia. No registro da coleção consta como coletor “mineralogique de S.A.R Le Prince D. Pedro Augusto (P.A.I)”.

1892 – Foi incorporada ao acervo do Museu Nacional a sub-coleção da Bacia de Paris, contendo fósseis terciários que foram doados a D. Pedro II, em 1872, e que pertenceram ao Museu do Imperador.

1895 – Os fósseis de braquiópodes devonianos coletados por Herbert Huntington Smith na Chapada dos Guimarães em Mato Grosso foram descritos por Orville Adalbert Derby nos Archivos do Museu Nacional e os fósseis guardados no acervo da Secção. Fontes: Derby (1895); Kunzler *et al.* (2011).

1896 – O paleontólogo norte-americano John Mason Clarke descreveu os trilobitas devonianos das formações Ererê e Maecuru da Bacia do Amazonas coletados pela Comissão Geológica do Império, publicando nos Archivos do Museu Nacional, ficando os exemplares depositados na coleção de paleoinvertebrados. Fonte: Clarke (1896).

1899 - O paleontólogo John Mason Clarke descreveu os fósseis silurianos e moluscos devonianos da Bacia do Amazonas coletados pela Comissão Geológica do Império, publicando nos Archivos do Museu Nacional, ficando os exemplares depositados na coleção de paleoinvertebrados. Fonte: Clarke (1899a, 1899b).

1916 – A Mineralogia, Geologia e Paleontologia passaram a compor a 1ª Secção.

1929 – Data de entrada na Secção da sub-coleção Ward's Natural Science Establishment, E.U.A. Aparentemente adquirida por compra, esta coleção abarcou fósseis principalmente da América do Norte e Europa. Fonte: Fernandes *et al.* (2006).

1931 – Reestruturação em Divisão de Mineralogia e Petrografia e Divisão de Estratigrafia e Paleontologia.

1932 – Deu entrada na Secção a sub-coleção Museu Real de Ontário, Canadá, contendo fósseis do Paleozoico e Cretáceo do Canadá. Fonte: Fernandes *et al.* (2006).

1935 – Chegou para compor o acervo do Museu Nacional a sub-coleção Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), Portugal. Fonte: Telles Antunes *et al.* (2004); Fernandes *et al.* (2006).

1940 – Emmanoel de Azevedo Martins foi nomeado naturalista em 27 de fevereiro de 1940 permanecendo na área de Paleontologia de Invertebrados até a aposentadoria no final da década de 1960. Atuou na “pesquisa com invertebrados fósseis no Museu Nacional, dos anos 1940 a 1960, estudando bivalvíos e fazendo notas sobre braquiópodes. Fonte: Santos & Cassab (2014).

1941 – Fusão das duas divisões criando a Divisão de Geologia e Paleontologia.

1945 – Em 1o de junho chegou ao Museu Nacional a doação de uma sub-coleção pela Buffalo Society of Natural Sciences, estado do Tennessee, E.U.A., contendo fósseis paleozoicos da América do Norte.

1945 – Cândido Simões Ferreira tomou posse como naturalista-auxiliar em 28 de setembro de 1945. Inicialmente trabalhando na análise química de meteoritos, dedicou-se ao estudo dos paleoinvertebrados a partir de 1957 até a aposentadoria em 1991.

1947 – Provável ano da criação do primeiro livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados e catalogação de todo seu acervo, constituindo naquele momento mais de 2.600 números de tombo, sendo a grande maioria referente aos fósseis estrangeiros e material coletado pela Comissão Geológica do Império.

1952 – Fausto Luiz de Souza Cunha foi nomeado naturalista-auxiliar interino em 25 de agosto de 1952 permanecendo na área de Paleontologia de Vertebrados até a aposentadoria no início dos anos de 1980. No início da carreira, descreveu os equinoides do Cretáceo do Nordeste.

1957 – Trabalhando desde julho de 1956 no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Pará, Cândido Simões Ferreira realizou em 1957 excursões para coleta de material paleontológico da Formação Pirabas. Grande parte do material coletado foi levado para o Museu Nacional sendo incorporado pelos anos seguintes ao acervo da coleção de paleoinvertebrados. Ao longo da carreira publicou e orientou diversos trabalhos de revisão dos fósseis da Comissão Geológica do Império, particularmente os descritos por Charles Abiathar White. Ampliou principalmente o reconhecimento dos paleoinvertebrados da Formação Pirabas através de novas coletas em localidades inéditas no Pará, Piauí e Maranhão. Fonte: Távora *et al.* (2010, 2014).

1961 – Maria Martha Barbosa foi designada naturalista efetiva da Divisão de Geologia e Paleontologia na área de Paleontologia de Invertebrados, dedicando-se ao estudo de briozoários, permanecendo até a aposentadoria em 1991.

1968 – Antonio Carlos Magalhães Macedo foi contratado para a Divisão de Geologia e Paleontologia na área de Paleontologia de Invertebrados, dedicando-se à área de Micropaleontologia com estudos dos ostracodes, permanecendo até a aposentadoria em 1993.

1969 – O amonita *Coilopoceras luciano*i foi descrito e incorporado à coleção de paleoinvertebrados. De idade turoniana (Cretáceo), foi coletado em 1958 em afloramento da Formação Jandaíra na praia de Ponta Grossa/praias de Retiro Grande, situada a 35 km de Aracati, Ceará. O amonita tornou-se o símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia, tendo escapado da destruição no incêndio que atingiu o Museu Nacional em 2018. Fontes: Oliveira (1969); Fernandes & Fonseca (2001).

1969 – Foi tombada na coleção de paleoinvertebrados a sub-coleção Smithsonian Institution, Washington D.C., E.U.A., contendo fósseis miocênicos da província Caribeana. Fonte: Fernandes *et al.* (2006).

1971 – Separação da Divisão de Geologia e Paleontologia criando-se o Departamento de Geologia e o Departamento de Paleontologia.

1972 – O segundo livro de tombo foi inaugurado com material coletado em 1957 e 1958 pelo Prof. Cândido Simões Ferreira na Formação Pirabas, iniciando pelo número MN 5096-I.

1979 – Unificação dos dois departamentos criando o Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP).

1980 – Antonio Carlos Sequeira Fernandes foi nomeado docente do DGP para a área de Paleontologia de Invertebrados em 6 de junho de 1980, permanecendo até a aposentadoria em 2016. Teve como principais linhas de pesquisas o estudo dos corais oligo-miocênicos da Formação Pirabas, dos icnofósseis e dos crinoides e de outros grupos de fósseis de invertebrados brasileiros, além dos aspectos históricos do acervo de paleoinvertebrados do DGP.

1985 – O terceiro livro de tombo foi inaugurado com material coletado em 1951 por Setembrino Petri e Salustiano de Oliveira, na Formação Pirabas, iniciando pelo número 6253-I.

1997 – Vera Maria Medina da Fonseca foi nomeada docente do DGP para a área de Paleontologia de Invertebrados em 1997, permanecendo até a aposentadoria em 2013. Teve como principal linha de pesquisa o estudo dos braquiópodes devonianos das bacias do Amazonas e do Parnaíba, entre outras colaborações.

1999 – Provável ano de doação da sub-coleção da Petrobras, cuja maior parte do material é composta pela sub-coleção Expedição Orville A. Derby coletada entre 1984 e 1986, com material especialmente do Paleozoico brasileiro, doada pelo Cenpes/Petrobras.

1999 – Levantamento junto à coleção de paleoinvertebrados identificou 1.705 registros com um total de 35.423 exemplares de fósseis coletados pela Comissão Geológica do Império, em sua maioria procedentes do Nordeste. Fonte: Macedo *et al.* (1999).

2001 – O Catálogo de Fósseis-Tipo e Figurados da coleção de paleoinvertebrados foi publicado tendo na capa a ilustração do amonita *Coilopoceras luciano*i, símbolo da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Fonte: Fernandes & Fonseca (2001).

2001 – Os braquiópodes devonianos da Bacia do Amazonas coletados durante as atividades das expedições Morgan e descritos por Richard Rathbun em 1874, que se imaginavam extraviados, foram encontrados na coleção de paleoinvertebrados. Fontes: Fernandes & Fonseca (2001); Fonseca (2001); Fonseca & Fernandes (2001).

2004 – Levantamento junto à coleção de paleoinvertebrados identificou 120 registros com um total de 158 exemplares de fósseis oriundos de Portugal como proposta de permuta por exemplares brasileiros. A contrapartida pelo Museu Nacional, entretanto, nunca foi concluída. Fontes: Telles Antunes *et al.* (2004); Fernandes *et al.* (2006).

2006 – Restos dissociados de crinoides presentes em amostras do devoniano da Bacia do Amazonas, coletadas pela Comissão Geológica do Império em 1876, foram descritos e identificados em detalhe pela primeira vez. Fonte: Scheffler *et al.* (2006).

2006 – Levantamento realizado na coleção identificou 2.849 registros com um total de 10.988 exemplares de fósseis estrangeiros, com predomínio de espécimens paleozoicos de procedência norte-americana e europeia. Fonte: Fernandes *et al.* (2006).

2007 – O Museu Geológico Experimental (*Museo Geologico Sperimentale*) do Clube Alpino Italiano, da seção de Giaveno, Itália, em 2007 e 2009, doou exemplares de fósseis pliocênicos do Piemonte procedentes das mesmas localidades de origem dos fósseis doados por Giovanni Michelotti ao Museu Nacional em 1836. Fonte: Fernandes *et al.* (2017, p. 74, anexo 8)

2013 – Sandro Marcelo Scheffler foi nomeado docente do DGP para a área de Paleontologia de Invertebrados em 3 de dezembro de 2013, tendo como principal linha de pesquisa o estudo dos equinodermos, braquiópodes e conulários devonianos das bacias do Amazonas, do Parnaíba e do Paraná, além de fósseis do Cretáceo do Brasil e da Antártida, entre outras colaborações.

2014 – O acervo de fósseis de crinoides da coleção de paleoinvertebrados coletado pela Comissão Geológica do Império é ressaltado em publicação. Fonte: Fernandes & Scheffler (2014).

2016 – Repatriamento, em 6 de maio de 2016, da Coleção Caster que se encontrava na Universidade de Cincinnati, E.U.A., composta por mais de uma tonelada de material, em ação que representa a primeira repatriação negociada para o Brasil e a maior repatriação já feita para o Brasil. A coleção teve uma parte incorporada ao acervo da coleção de paleoinvertebrados, a qual foi destruída no incêndio em 2018. Fonte: Scheffler *et al.* (2021).

2017 – Foi inaugurado o quarto livro de tombo, em maio de 2017, coincidentemente com material de espongiários da Formação Pirabas coletado em 2011 por Wladimir Távora, Laís Ramalho e Kamel Zágorsek.

2017 – Foi inaugurada a exposição “Quando o Brasil era Mar”, na ocasião do 199º aniversário do Museu Nacional em 05 de junho, composta por acervo das coleções históricas da coleção de paleoinvertebrados referentes ao Devoniano do Brasil, como a Comissão Geológica do Império, Coleção Caster e Expedição Orville A. Derby.

2018 – O Museu Nacional, em 2 de setembro de 2018, sofreu um trágico incêndio que destruiu suas instalações e a maior parte de suas coleções, como as do DGP, incluindo a coleção de paleoinvertebrados.

2018 – O Horto Botânico do Museu Nacional sediou o IV Simpósio Brasileiro de Paleoinvertebrados (SBPI) sob a coordenação do Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN), realizado de 8 a 10 de outubro de 2018. O evento contou com a participação de 95 pessoas entre profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação de 35 instituições de todas as regiões do Brasil. Fonte: Sandro *et al.* (2019).

ANEXO I

Dados biográficos de docentes e técnicos do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ.

ALLEMÃO, FRANCISCO FREIRE

(*Rio de Janeiro, RJ, 24/01/1797-†Rio de Janeiro, RJ, 11/11/1874)

Também Francisco Freyre Allemão de Cysneiros. Diplomado como cirurgião pela Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro em 1827, doutorou-se em Paris quatro anos mais tarde, defendendo a tese *Dissertation sur le goitre* (Dissertação sobre o bócio). Entre 1833 e 1853, foi lente de Botânica e Zoologia Médicas na Faculdade de Medicina do Rio. Recebeu nomeação, em 1840, para o cargo de médico da Imperial Câmara. Chefiou a Comissão das Borboletas (1859-1861), seção botânica de exploração que percorreu as províncias do Ceará, Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, coletando cerca de 20 mil exemplares de plantas, além de instrumentos e outros materiais. Boa parte deste acervo foi trazida para o Museu Nacional. Participou de associações profissionais e sociedades médicas, como a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a Sociedade Philomatica, o Imperial Instituto Médico Fluminense e a Sociedade Velosiana de Ciências Naturais, que fundou e presidiu. Também presidiu, em 1866, a comissão, integrada por Ladislau de Souza Mello e Netto e Custódio Alves Serrão, que se dedicou ao estudo e classificação dos vegetais que seriam encaminhados ao pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1867. Foi nomeado diretor do Museu Nacional, bem como da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas, por decreto de 10 de fevereiro de 1866. Obteve, por portaria de 19 de fevereiro de 1868, licença por dois meses para tratar de sua saúde. Comunicou ter reassumido a direção em ofício de 20 de maio de 1868. Solicitou ao ministro João Alfredo Correa de Oliveira, em 3 de dezembro de 1870, sua substituição pelo diretor da Seção de Botânica, Ladislau Netto, por se achar “quase impossibilitado de escrever”. Procedeu, ao longo da carreira, à classificação taxonômica de numerosas espécies da flora brasileira, como *Ophtalmoblaston macophylum* (Santa Luzia), *Hymenorea mirabilis* (jatobá) *Tecoma curialis* (ipê-roxo) e *Tecoma leucantha* (ipê-branco). Meses após seu falecimento, em maio de 1875, foi requisitada a formação de uma comissão para examinar seus trabalhos inéditos.

Fontes: SEMEAR: RA 5 D 5, fs. 114, 115v, 165, 167v, 168 e 172v, RA 6 D 6, fs. 30v, 179 e 193v e *Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ*, p. 13-14. Lacerda (1905, p. 177)

ANDRADE, ALFREDO ANTONIO DE

(*Salvador, 30/01/1869-†10/06/1928)

Médico por formação, foi nomeado químico-ajudante da 3ª Seção do Museu Nacional em 19 de abril de 1910, tomando posse em 1º de maio do mesmo ano. Antes exercera as funções de perito químico do Serviço Médico Legal da Polícia do Distrito Federal e preparador da cadeira de Bacteriologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1911, serviu durante um mês no gabinete do consultor técnico do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Ainda nesse ano, foi incumbido de instalar os laboratórios de química orgânica e inorgânica da Escola Superior de Agricultura. Fiscalizou, em comissão na Diretoria Geral de Contabilidade da Secretaria de Estado da Agricultura, material destinado à Escola Agrícola da Bahia. Foi nomeado, em 2 de janeiro de

1912, chefe do Laboratório de Química Geral do Museu. Em 1913, novamente atendendo às solicitações do Ministério da Agricultura, integrou uma comissão encarregada de estudos visando à uniformização dos métodos de análise nas repartições daquele órgão. No ano seguinte, por determinação do mesmo Ministério, realizou investigações sobre o comércio da manteiga, com a finalidade de apurar falsificações deste produto. Em janeiro de 1916, recebeu o título de professor chefe do Laboratório que geria no Museu Nacional. Excursionou pelo estado da Bahia por três meses, em 1917. Por decreto de 29 de novembro de 1919, foi intitulado professor catedrático de Química Analítica do curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Por aviso de 28 de dezembro de 1921, ficou novamente à disposição do Ministério da Agricultura, desta vez para fazer parte de uma comissão encarregada de fixar a composição das rações de víveres e forragens em tempos de paz. Avaliou em 1926, também por designação do Ministério citado, o imóvel da empresa denominada Companhia Brasileira de Artefatos de Borracha, para aferir o cumprimento de exigências feitas pelo governo ao firmar contrato com aquela fábrica.

Fonte: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 25 a 27 e 46/47.

AMORIM, JOAQUIM BELLO DE

(*?-†?)

Naturalista ajudante da “3ª Secção” de 1895 a 1899 por decreto de 21 de janeiro de 1895. Dispensado como resultado da reforma de 11 de fevereiro de 1899.

Fonte: Lacerda (1905, p. 186).

ANCHIETA, ORLEAN CHANFIM DE

(*?)

Auxiliar de Laboratório do DGP com entrada no Museu Nacional em 2010.

Fontes: Ingresso: Portaria 2602 de 01/07/2010, Bol. UFRJ 27: 29 de 08/07/2010. Progressões: Progressão do grupo 701, cargo 619, padrão 11 para 12, Portaria 3264 de 02/05/2012, Bol. UFRJ 19: 33 de 10/05/2012. Progressão padrão 13, Portaria 7599 de 01/10/2012, Bol. UFRJ 41: 51 de 11/10/2012. Progressão padrão 14, Portaria 04 de 02/01/2013, Bol. UFRJ 04: 36 de 21/01/2013. Progressão padrão 15, Portaria 2181 de 01/03/2013, Bol. UFRJ 12: 45 de 21/03/2013. Progressão padrão 16, Portaria 4446 de 08/06/2014, Bol. UFRJ 28: 40 de 10/07/2014. Progressão por Capacitação Profissional nível 2, Portaria 725 de 29/01/2016, Bol. UFRJ 5: 7 de 04/02/2016. Progressão por Capacitação Profissional nível 3, Portaria 3577 de 17/04/2018, Bol. UFRJ 35: 11 de 30/08/2018. Progressão por Capacitação Profissional nível 4, Portaria 12536 de 14/11/2019, Bol. UFRJ 50: 22 de 12/12/2019.

ANDRADE, AMARO BARCIA E

(*Rio de Janeiro, RJ, 15/01/1920-†Rio de Janeiro, RJ)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional, em 27 de março de 1944, para efetuar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia. Foi nomeado, interinamente, naturalista auxiliar em 22 de agosto de 1944, entrando em exercício a 18 de setembro do mesmo ano. Em março de 1945, teve efetivação no Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, em vaga aberta pela exoneração de Nelson Teixeira. Exonerado por decreto de 26 de abril de 1948, foi readmitido em julho de 1959. Excursionou, em 1960, pelo estado do Amazonas, com a finalidade de coletar fósseis e minerais na região de Maués. No ano seguinte, encaminhou-se às nascentes do rio Parati-Mirim, entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, para verificar a existência de conglomerados e recolher mais minerais.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 111 e 182 e DA 291, f. 29v.

ANDRADE, IFIS MARTINS RIBEIRO DE

(*16/01/1938-†?)

Desenhista, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 1º de novembro de 1966.

Fonte: SEMEAR: DA 291, f. 113v.

ANDRADE, WANDERLEY ALVES DE

(*?)

Técnico em Geologia, tendo atuado no Setor de Mineralogia do DGP desde ao menos 1987 até 2002.

Fontes: Progressão Técnico em Geologia nível B V, Portaria 186 de 30/01/2001, Bol. UFRJ 05: 10 de 13/03/2001. Saída do DGP/MN: Portaria 1905 de 22/07/2002, Bol. UFRJ 17: 26 de 28/08/2002. Progressões: Progressão nível CVI, Portaria 581 de 06/03/2003, Bol. UFRJ 07: 14 de 08/04/2003. Progressão nível SI, Portaria 455 de 30/01/2004, Bol. UFRJ 04: 32 de 26/02/2004. Progressão por capacitação nível 2, Portaria 922 de 24/02/2011, Bol. UFRJ 09: 14 de 03/03/2011. Progressão padrão 10, Portaria 9278 de 01/12/2011, Bol. UFRJ 50: 20 de 15/12/2011. Progressão padrão 11, Portaria 2401 de 02/04/2012, Bol. UFRJ 15: 9 de 12/04/2012. Progressão padrão 12, Portaria 3264 de 02/05/2012, Bol. UFRJ 19: 19 de 10/05/2012. Progressão padrão 13, Portaria 7060 de 14/09/2012, Bol. UFRJ 48: 19 de 29/11/2012. Progressão nível de capacitação III, Portaria 22 de 06/01/2014, Bol. UFRJ 03: 18 de 16/01/2014. Progressão padrão 14, Portaria 865 de 03/02/2014, Bol. UFRJ 09: 11 de 27/02/2014. Progressão nível de capacitação IV, Portaria 9520 de 14/12/2015, Bol. UFRJ 51: 14 de 17/12/2015. Progressão padrão 15, Portaria 22 de 04/01/2016, Bol. UFRJ 04: 11 de 28/01/2016. Progressão padrão 16, Portaria 5709 de 04/07/2017, Bol. UFRJ 31: 28 de 03/08/2017. Aposentadoria voluntária, Portaria 9116 de 14/09/2018, Bol. UFRJ 39: 8 de 27/09/2018.

ANTONELLO, LOIVA LÍZIA

(*?)

Doutora (1984) em Geologia pelo Departamento de Geologia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista do CNPq/CBPF na Modalidade Programa de Capacitação Institucional Desenvolvimento (PCI-D) no Departamento de Física Experimental e Baixas Energias do CBPF (desde 2009). Aposentada como Prof. Associado I do Departamento de Geologia do Museu Nacional da UFRJ (1993-2008). Pesquisadora da EMBRAPA Nível três desde sua Fundação até 1992. Professora dos Departamentos de Química e Metalurgia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1970 a 1975). Professora de Petrografia do Departamento de Geologia da UFRJ (1972 a 1975). Geóloga do Instituto de Química Agrícola do MA (1960 a 1975). Graduada em História Natural pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (1961). Curso de Especialização em Geologia dado pelo Centro de Especialização em Recursos Naturais (CEPERN) do Instituto Panamericano de Geografia e História, (*Diplôme d'Études Approfondie en Petrographie*, curso oferecido pelo Departamento de Geologia da Universidade de Clermont Ferrand, França, 1968). Mestrado em Geologia pelo Departamento de Geologia da UFRJ (1974). Curso de Micromorfologia na Universidade de Paris VII 1978. Estágio sobre Técnicas Especiais em Petrografia nos Laboratórios Centrais de Petrografia da *Organization Scientifique Outre Mer* (ORSTOM), Bondy, França (1978). Experiência Profissional: atualmente estudo petrográfico completo de meteoritos pétreos; tendo atuado em Petrografia de rochas terrestres, mineralogia de solos (de frações grosseiras) e grande experiência no estudo de argilominerais e óxidos e hidróxidos da fração argila de solos representativos de todo o Brasil. Enfatizando o estudo de geoquímica de superfície com a aplicação de técnicas especiais como Microsonda e Microscópio Eletrônico de Varredura.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/3859556280287536>. Progressões: Professor Adjunto III, progressão horizontal em 19/03/2000, Portaria 2340 de 17/11/2000, Bol. UFRJ 22: 20 de 22/12/2000. Prof. Adjunto IV, progressão horizontal em 25/07/2002, Portaria 2435 de 29/08/2002, Bol. UFRJ 19: 21 de 25/09/2002.

ÁVILA, CIRO ALEXANDRE

(*Rio de Janeiro, RJ, 25/03/1964)

Graduado em Geologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1987. Especialização em Geologia Marinha e Geofísica pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1989. Mestrado em Geologia (Mapeamento Regional) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1992. Doutor em Geologia (Petrologia e Geocronologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2000. Pós-Doutorado em Mineralogia no Centro de Tecnologia Mineral (CETEM) em 2013. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 20 de maio de 1993. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq de 2006 a 2021 e Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D de 2021 a 2023. Linhas de pesquisa: i) estudo de minerais pesados de pegmatitos e de corpos graníticos, principalmente química mineral de óxidos (cassiterita, columbita-tantalita, microlita, ilmenita), fosfatos (monazita, xenotímio, apatita) e silicatos (granada, piroxênio, anfibólio, feldspatos, zircão); ii) cartografia geológica de terrenos arqueanos e paleoproterozoicos com ênfase em petrologia, geoquímica, química isotópica e geocronologia de dioritos, granitoides, ortognaisses e anfibolitos. Coordenador e participante de projetos voltados à evolução dos arcos magmáticos do Cinturão Mineiro e de ortognaisses TTGs do Cráton do São Francisco. Colaboração com pesquisadores do Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em projetos de pesquisa associados a arcos magmáticos do Paleoproterozoico e do Arqueano. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/1281397426132157>. Progressões: Progressão Prof. Adjunto II, Portaria 2719 de 02/08/2006, Bol. UFRJ 16: 23 de 10/08/2006. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 2719 de 02/08/2006, Bol. UFRJ 16: 23 de 10/08/2006. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 10095 de 26/11/2012, Bol. UFRJ 49: 47 de 06/12/2012. Progressão Prof. Associado I, Portaria 10479 de 03/11/2014, Bol. UFRJ 46: 26 de 13/11/2014. Curador da Coleção de Mineralogia: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013, retificada pela Portaria 3991 de 27/04/2018, Bol. UFRJ 18: 40 de 03/05/2018. Chefia DGP: Portaria 1483 de 03/06/2002, Bol. UFRJ 12: 26 de 19/06/2002.

AZEVEDO, [FREI] JOSÉ DA COSTA

(*Rio de Janeiro, RJ, 16/09/1763-†Rio de Janeiro, RJ, 07/11/1822)

Inspetor e diretor do Museu Nacional desde a sua criação em 6 de junho de 1818. cursou Humanidades no Colégio dos Nobres em Lisboa. cursou Teologia na Universidade de Coimbra onde frequentou os cursos de Filosofia e Ciências Naturais, especializando-se posteriormente em mineralogia. Professor de Teologia e de Filosofia no Seminário de Olinda, Pernambuco, em 1798. Atuou como professor de Mineralogia e de História Natural e administrador do Gabinete dos Produtos de Mineralogia e História Natural da Academia Real Militar. Em 1819, transferiu a coleção Werner para a maior sala do prédio do museu devido a sua importância e a exposição ao público em 1821. Faleceu em 7 de novembro de 1822, mas em março de 1842, em função do decreto de 1842, recebeu postumamente o título de Doutor.

Fontes: Livros de Matrículas (1785 -1786), Livro 14, fl. 48v da Universidade de Coimbra. Fernandes & Henriques (2013, p. 198-202). Lacerda (1905, p. 173).

AZEVEDO, SÉRGIO ALEX KUGLAND DE

(*Porto Alegre, RS, 27/01/1956)

Graduado em Geologia (1979) e em Ciências Biológicas (1985) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), Mestre (1982) e Doutor (1991) em Geociências pela Universidade Federal

do Rio Grande do Sul. Entrou para o Museu Nacional como Prof. Associado em 1989 e em 2011 passou a Prof. Titular. Foi diretor do Museu Nacional de 2002 a 2010. Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Paleozoologia de Vertebrados, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologias tridimensionais aplicadas à pesquisa científica, dinossauros, cretáceo, paleovertebrados, paleozoologia e exposição. Coordena o Laboratório de Processamento de Imagem Digital do Museu Nacional/UFRJ.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/9254910482325411>. Progressões: Progressão Prof. Associado I, Portaria 3929 de 16/11/2006, Bol. UFRJ 24: 16 de 30/11/2006. Progressão Prof. Associado II, Portaria 2414 de 03/09/2008, Bol. UFRJ 19: 28 de 11/09/2008. Prof. Associado III, Portaria 3361 de 26/08/2010, Bol. UFRJ 35: 15 de 02/09/2010. Concurso: Prof. Titular na vaga 0288680, proc. 23079.009111/11-27, Portaria 9597 de 06/12/2011, Bol. UFRJ 50: 16 de 15/12/2011. Direção do Museu Nacional: primeiro mandato, Portaria 86 de 18/01/2002, Bol. UFRJ 03: 2 de 13/02/2002; segundo mandato, Portaria 194 de 23/01/2006, Bol. UFRJ 03: 7 de 09/02/2006. Curador da Coleção de Paleovertebrados: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013.

BARBOSA, JOSÉ EMIRALDO

(*1962-†Natal, RN, 2021)

Técnico de Laboratório, entrou para o DGP em 2001, aposentando-se em 2019. Atuou como laminador dos setores de mineralogia, petrografia e meteorítica.

Fontes: Entrada para o DGP/Museu Nacional: Portaria 1352 de 09/07/2001, Bol. UFRJ 15: 19 de 13/08/2001. Progressões: Progressão Técnico em Laboratório/área, NM B6, Portaria 1841 de 21/09/2000, Bol. UFRJ 20: 11 de 24/11/2000. Progressão NI S I, Portaria 2101 de 31/07/2002, Bol. UFRJ 18: 21 de 11/09/2002. Progressão padrão NI S II, Portaria 3116 de 04/11/2002, Bol. UFRJ 24: 15 de 04/12/2002. Progressão padrão 13, Portaria 2513 de 24/09/2007, Bol. UFRJ 23: 13 de 08/11/2007. Progressão padrão 14, Portaria 2246 de 03/06/2009, Bol. UFRJ 13: 6 de 25/06/2009. Progressão padrão 15, Portaria 4160 de 01/10/2009, Bol. UFRJ 23: 13 de 12/11/2009. Progressão padrão 16, Portaria 3736 de 01/06/2011, Bol. UFRJ 23: 16 de 09/06/2011. Progressão por capacitação nível 2, Portaria 12677 de 25/10/2013, Bol. UFRJ 45: 43 de 07/11/2013. Progressão por capacitação nível 3, Portaria 9015 de 26/11/2015, Bol. UFRJ 49: 30 de 03/12/2015. Progressão por Capacitação Profissional, nível 4, 06/04/2017, Portaria 3176 de 25/04/2017, Bol. 18: 5 de 04/05/2017. Aposentadoria voluntária: Portaria 7093 de 12/07/2019, Bol. UFRJ 30: 12 de 25/07/2019.

BARBOSA, MARIA MARTHA

(*Ribeirão Preto, 29/01/1931-†Rio de Janeiro, 29/11/2020)

Bacharel e licenciada em História Natural, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 4 de maio de 1956, inicialmente como estagiária e posteriormente como naturalista extranumerária. Participou, no mesmo ano, do X Congresso Brasileiro de Geologia. Realizou, em 1957, trabalho sobre um briozoário da formação Pirabas e estudou fósseis do Mioceno no estado do Pará. Excursionou, naquela temporada, pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Sergipe e São Paulo e realizou, no Museu, tarefas ligadas à revisão das coleções de fósseis. Representou o Museu Nacional no XI Congresso Brasileiro de Geologia, ocorrido em Salvador, em novembro de 1957. Estudou, em 1958, os moluscos da formação Pirabas, os briozoários da mesma região e também os de Itaituba, no Pará; no início daquele ano, efetuou excursão ao Nordeste brasileiro, onde coletou material paleontológico. Ainda em 1958, classificou e catalogou cerca de 600 exemplares de invertebrados fósseis incluídos nas coleções do Museu Nacional. Participou do XII Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em Minas Gerais no mês de setembro de 1958. Tornou-se, em 1961, geóloga efetiva da UFRJ. Viajou ao estado de São Paulo, em 1964, para efetuar consultas biográficas. Solicitou ao Conselho Nacional de Pesquisas, de acordo com ofício de 30 de julho de 1965, passagem aérea com os objetivos de consultar relatórios da Petrobrás em Belém e revisar as coleções paleontológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Recebeu designação, conforme ofício de 30 de agosto de 1965, para acompanhar o geólogo Carlos de Paula Couto no I Encontro de Geólogos, sediado em Porto Alegre no mês de novembro daquele ano. Foi indicada, de acordo com ofício de 14 de abril de 1966, para representar o Museu Nacional no Conselho de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Segundo ofício de 25 de maio de 1966, também representaria o Museu no Simpósio sobre a Biota Amazônica, a ocorrer

em Belém no mês seguinte. Entretanto, não pôde comparecer àquele evento. Assumiu a chefia do DGP entre 1983 e 1985. Aposentou em 1991.

Fontes: SEMEAR: DA 291, f. 62, Relatório Anual de 1956, p. 64, Relatório Anual de 1957, p. 64 a 66, Relatório Anual de 1958, p. 58/59 e Ofícios nº 616 de 30/07/1965, nº 693 de 30/08/1965, nº 876 de 21/10/1965, nº 219 de 14/04/1966, nº 236 de 25/04/1966, nº 280 de 25/05/1966 e nº 287 de 31/05/1966. Aposentadoria: proc. 23079.010848/1991-31, DOU de 15/07/1991. Folha suplementar à portaria publicada no DOU de 1991, Bol. UFRJ 28: 18 de 14/07/2016.

BARROS, JOÃO ANTONIO DE

(*?-†03/2007)

Técnico administrativo no cargo de secretário do DGP de 2004 a 2007.

Fontes: Ata da 249ª Reunião do DGP de 01/12/2004, p. 1; Ata da 273ª Reunião do DGP de 26/03/2007. Entrada no DGP/Museu Nacional: Portaria 3988, de 06/12/2004, Bol. UFRJ 25: 24 de 16/12/2004. Enquadramento no nível D I 16: Portaria 2785 de 10/08/2006, Bol. UFRJ 16 de 11/08/2006, Extraordinário.

BORGES, YEDA MACHADO

(*?)

Técnica administrativa no cargo de Secretária do Departamento de Geologia e Paleontologia em 1986 até pelo menos 1989.

Fontes: Relatório Anual do Diretor de 1986, 1988 e 1989 (Dau, 1986, p. 164; Dau, 1988, p. 230; Dau, 1989, p. 311). Enquadramento Assistente em Administração D I, padrão 16, Portaria 2509 de 13/07/2006, Bol. UFRJ 14 de 17/07/2006, extraordinário.

BROUX, RAYMOND DE

(*Bélgica, 1892-†?)

Foi inscrito como praticante do Museu Nacional em 30 de março de 1921, quando tinha 29 anos de idade.

Fonte: SEMEAR: DA 291, f. 8.

BRUNET, LOUIS JACQUES

(*1811-†?)

Naturalista, médico e taxidermista francês. Naturalista adjunto viajante nomeado por portaria de 21 de junho de 1860. Dispensado em 2 de fevereiro de 1862.

Fonte: Lacerda (1905, p. 176)

BURLAMAQUE, CARLOS LEOPOLDO CÉSAR

(*?-†?)

Porteiro, guarda e preparador das seções de mineralogia e numismática pelo decreto de 2 de novembro de 1857. Encarregado da conservação das coleções da “Secção” de botânica, durante a vaga de diretor dessa secção, por avisos de 7 de agosto de 1863 e 4 de julho de 1864. Designado para substituir o ajudante de secretário, no impedimento deste, por aviso de 17 de julho de 1865. Preparador e porteiro, em virtude da reforma de 9 de fevereiro de 1876. Aposentado nos dois últimos cargos por decreto de 15 de fevereiro de 1891.

Fonte: Lacerda (1905, p. 176).

BURLAMAQUE, FREDERICO LEOPOLDO CÉSAR

(*Oeiras, PI, 16/12/1803-†Rio de Janeiro, RJ, 14/01/1866)

A partir de 1847 e até 1866, Burlamaque foi diretor da “3ª Secção” e diretor geral do Museu Nacional. Autor do primeiro artigo sobre paleontologia escrito em um periódico nacional, Burlamaque passou a ser considerado o primeiro paleontólogo brasileiro. Faleceu em 14 de janeiro de 1866 no cargo de diretor do Museu Nacional. Para uma biografia completa e suas atividades relacionadas ao Museu Nacional ver Fernandes *et al.* (2013).

Fontes: Fernandes *et al.* (2010); Lacerda (1905, p. 175).

CABRAL, UIARA GOMES

(*Rio de Janeiro, RJ, 14/03/1983)

Bacharel em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário da Cidade (2006), especialização em Paleopatologia pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz (2007), Mestrado (2009) e Doutorado (2015) em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa na área de Zoologia com ênfase em Paleopatologia e Paleoneurologia de Vertebrados Fósseis. Ocupa também o cargo de Técnica em Restauração/Paleontologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro tendo sido aprovada em concurso público em 2011. É orientadora no Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ. Foi docente do Centro Universitário da Cidade e da Universidade Gama Filho e atualmente é docente da Universidade Veiga de Almeida.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/2277273960695966>. Nomeação: Portaria 2461 de 20/04/2011, Bol. UFRJ 18: 17 de 05/05/2011. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 4973 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 12 de 09/05/2013. Progressão nível de capacitação II, Portaria 6237 de 28/07/2014, Bol. UFRJ 32: 15 de 07/08/2014. Aprovação em estágio probatório, Portaria 6574 de 01/08/2014, Bol. UFRJ 34: 2 de 21/08/2014. Progressão padrão 3, Portaria 10412 de 03/11/2014, Bol. UFRJ 47: 14 de 20/11/2014. Progressão padrão 4, Portaria 22 de 04/01/2016, Bol. UFRJ 04: 11 de 28/01/2016. Progressão padrão 5, Portaria 4662 de 02/06/2017, Bol. UFRJ 31: 28 de 03/08/2017. Progressão nível de capacitação III, Portaria 2698 de 26/03/2018, Bol. UFRJ 15: 13 de 12/04/2018. Progressão padrão 6, Portaria 3699 de 02/05/2019, Bol. UFRJ 19: 17 de 09/05/2019. Progressão padrão 7, Portaria 3171 de 04/05/2020, Bol. UFRJ 20: 8 de 14/05/2020.

CAMPOS, LUIZ FELIPPE GONZAGA DE

(*?-†?)

Engenheiro de Minas, auxiliar do Museu Nacional, preparava-se em agosto de 1884 para viagem a serviço da Instituição às estações de Cachoeira e Norte de São Paulo; na ocasião, foram requisitados passes em seu benefício à Rede Ferroviária. Segundo ofício de 29 de novembro de 1884, viajaria para a localidade de São Francisco do Sul, com a finalidade de examinar os fragmentos de um meteorito. Recebeu louvor por “seu zelo e dedicação à ciência e ao Museu em particular”, conforme ofício de 24 de novembro de 1885.

Fontes: SEMEAR: RA 8 D 8, fs. 140v, 141, 151v, 152 e 153 e RA 9 D 9, fs. 11 e 13.

CARDOSO, GABRIEL DA SILVA

(*Rio de Janeiro, RJ, 11/01/1988)

Graduado (2017) em Comunicação Visual e Desenho de Produto pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ). Nomeado Programador Visual – Edição de Arquivos Tridimensionais em 30/10/2018, atua no Laboratório de Processamento de Imagem Digital (LAPID) do Museu Nacional (MN/UFRJ) desde 6 de novembro de 2018, onde

desenvolve atividades técnicas. Integrante do Núcleo de Resgate do Museu Nacional, onde atua no resgate, catalogação, registro fotográfico e modelagem tridimensional do Acervo recuperado do Museu Nacional. Também desenvolve trabalhos técnicos de design gráfico (projetos impressos, edição de imagens, diagramação de folders e cartazes, desenvolvimento de identidades visuais), ilustração artística digital e fotografia.

Fonte: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4365154715881057>. Nomeação: Portaria 11020 de 30/10/2018, Bol. UFRJ (45): 20-21 de 08/11/2018. Progressão padrão 2, Portaria 6009 de 01/09/2020, Bol. UFRJ 37: 16 de 10/09/2002.

CARVALHO, IRUACI DA SILVA

(*)

Técnica administrativa no cargo de secretária do DGP de 2007 a 2011.

Fontes: Ata da 274ª Reunião do DGP de 21/06/2007. Progressões: Progressão Programador de computador NM BV, Portaria 1069 de 14/04/2000, Bol. UFRJ 08: 3 de 25/05/2000. Progressão NI CVI, Portaria 417 de 31/01/2002, Bol. UFRJ 07: 13 de 10/04/2002. Progressão NI S I, Portaria 1615 de 30/06/2003, Bol. UFRJ 15: 13 de 29/07/2003. Progressão NI S II, Portaria 2928 de 23/12/2003, Bol. UFRJ 02: 21 de 29/01/2004. Enquadramento funcional D I padrão 9, Portaria 2509 de 13/07/2006, Bol. UFRJ 14 de 17/07/2006, extraordinário. Progressão padrão 10, Portaria 1790 de 28/06/2007, Bol. UFRJ 15: 21 de 19/07/2007. Progressão padrão 11, Portaria 2759 de 06/10/2008, Bol. UFRJ 22: 33 de 23/10/2008. Progressão padrão 12, Portaria 3120 de 05/08/2009, Bol. UFRJ 17: 26 de 20/08/2009. Progressão padrão 13, Portaria 3736 de 01/06/2011, Bol. UFRJ 23: 16 de 09/06/2011. Progressão para o nível de capacitação II, Portaria 9443 de 09/11/2012, Bol. UFRJ 47: 14 de 22/11/2012. Progressão padrão 14, Portaria 7060 de 14/09/2012, Bol. UFRJ 48: 19 de 29/11/2012. Progressão padrão 15, Portaria 14921 de 02/12/2013, Bol. UFRJ 50: 39 de 12/12/2013. Progressão nível de capacitação III, Portaria 1770 de 19/02/2014, Bol. UFRJ 10: 6 de 06/03/2014. Progressão nível de capacitação IV, Portaria 7797 de 27/10/2015, Bol. UFRJ 45: 15 de 05/11/2015. Progressão padrão 16, Portaria 7950 de 03/11/2015, Bol. UFRJ 46: 25 de 12/11/2015. Saída do DGP: Portaria 3968 de 06/06/2011, Bol. UFRJ 24: 16 de 16/06/2011.

CARVALHO, LUCIANA BARBOSA DE

(*Rio de Janeiro, RJ, 05/06/1972)

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Gama Filho (1993), Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Bióloga do Museu Nacional desde 2008, atualmente é pesquisadora em Paleontologia do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ, orientadora e professora do Curso de Pós-graduação (lato sensu) em Geologia do Quaternário do Museu Nacional/UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional/UFRJ. Cofundadora do Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico. Atua na curadoria da Coleção de Paleovertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ. Possui experiência na elaboração e execução de exposições por ter participado da organização das seguintes exposições ocorridas no Museu Nacional: “No Tempo dos Dinossauros” (1999), “Em Busca dos Dinossauros” (2003), “*Maxakalisaurus topai*” (2006), “Dinossauros no Sertão” (2009) e “Um Tiranossauro no Museu Nacional” (2010), além de várias outras exposições temporárias em feiras e eventos internos e externos ao Museu Nacional. A experiência na divulgação científica e popularização da Paleontologia decorre também da atuação na produção de documentários em vídeos, livros e atendimento ao público através da visita guiada na exposição do Museu Nacional, coordenação do Projeto Meninas com Ciência e palestras em instituições de ensino. Possui experiência em coordenação de pós-graduação lato sensu e stricto sensu. Atualmente é vice-coordenadora do Núcleo de Resgate de Acervos Científicos do Museu Nacional atuando no salvamento das coleções científicas desta instituição após o incêndio em 2018, adquirindo experiência em gestão de crise. Tem experiência na área de paleozoologia, atuando principalmente nas seguintes linhas de pesquisa: paleoneurologia, histologia e ultraestrutura em ovos e dentes de vertebrados fósseis e pesquisa histórica sobre a Coleção de Paleovertebrados.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0513315698033728>. Nomeação: Diário Oficial da União 153: 23 de 11/08/2008, proc. 32079.033699/08-61 e Portaria 2076 de 07/08/2008, Bol. UFRJ 17: 14 de 14/08/2008. Curadora da Coleção de Paleovertebrados: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ (28): 46 de 11/07/2013. Vice-coordenação do Núcleo de Resgate do Museu Nacional: Portaria 12449 de 06/12/2018, Bol. UFRJ 50: 59 de 13/12/2018, retroativo a 09/09/2018. Progressões: Progressão padrão 1, Portaria 4080 de 03/11/2010, Bol. UFRJ 45: 11 de 11/11/2010. Aprovação estágio probatório, Portaria 6126 de 02/09/2011, Bol. UFRJ 39: 3 de 29/09/2011. Progressão nível de capacitação II, Portaria 8023 de 27/10/2011, Bol. UFRJ 44: 11 de 03/11/2011. Progressão padrão 3, Portaria 8179 de 01/11/2011, Bol. UFRJ 45: 22 de 10/11/2011. Progressão padrão 4, Portaria 4972 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 12 de 09/05/2013. Progressão padrão 5, Portaria 10412 de 03/11/2014, Bol. UFRJ 47: 14 de 20/11/2014. Progressão nível de capacitação III, Portaria 9013 de 26/11/2015, Bol. UFRJ 49: 29 de 03/12/2015. Progressão padrão 6, Portaria 8866 de 03/10/2017, Bol. UFRJ 42: 9 de 19/10/2017. Progressão padrão 7, Portaria 9804 de 01/11/2017, Bol. UFRJ 49: 44 de 07/12/2017. Progressão nível de capacitação IV, Portaria 2698 de 26/03/2018, Bol. UFRJ 15: 13 de 12/04/2018. Progressão padrão 9, Portaria 6008 de 01/09/2020, Bol. UFRJ 37: 8 de 10/09/2020.

CARVALHO, MARCELO DE ARAÚJO

(*Rio de Janeiro, RJ, 03/03/1968)

Graduado (1991) em Biologia pela Universidade Gama Filho (UGF), possui mestrado em Geociências (Paleontologia e Estratigrafia, 1996) realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutorado em Ciências Naturais (ênfase em Geociências) realizado na *Ruprecht-Karls Universität*, Heidelberg, Alemanha (Paleontologia, 2001) com bolsa do *Deutsche Akademischer Austausch Dienst* (DAAD). Entre 2001 e 2002 foi Recém Doutor (CNPq) no Departamento de Geologia do Instituto Geociências/UFRJ. Empossado no cargo de Professor Adjunto em 28 de agosto de 2002 no Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) do Museu Nacional (UFRJ). Orientador permanente do Programa de Pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional/UFRJ. Atua desde 2002 como membro da Coordenação do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (Coordenador entre 2003-2004) e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Geociências (Patrimônio Geopaleontológico). Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional por três mandatos de dois anos. De 2010 a início de 2014 foi vice-diretor do Museu Nacional (UFRJ). Membro desde 2003 do Corpo Editorial da revista científica *Arquivos do Museu Nacional*. Bolsista “Jovem Cientista” da FAPERJ de 2008-2015. Coordenador do Laboratório de Paleoecologia Vegetal e curador das coleções de paleobotânica e paleopalínologia do DGP/MN desde 19 de junho de 2013, líder do Grupo de Pesquisa “Paleoecologia Vegetal” do CNPq e membro da Asociación Latinoamericana de Paleobotánica y Palinología (ALPP). Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em palinologia e palinofácies. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/3636349714233923>. Nomeação: Portaria 2098 de 30/07/2002, DOU Seção 2: 16 de 05/08/2002 com posse em 22/08/2002. Estágio probatório: Portaria 2512 de 14/07/2006, Bol. UFRJ 17: 3 de 24/08/2006. Curadoria: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ (28): 46 de 11/07/2013. Chefias DGP: Portaria 3340, DOU 190 de 01/10/2004, Portaria 1918, DOU 140 de 23/07/2008 e Portaria 586, DOU 17 de 26/01/2016. Vice direção (Substituto Eventual do Cargo de Direção): Portaria 4860 de 27/11/2009, Bol. UFRJ (25): 17 de 10/12/2009; Portaria 39 de 05/01/2010, proc. 23079.054612/09-52. Coordenação PPGeo: Portaria 4101, DOU 91 de 14/05/2019. Chefe substituto, Portaria 3262 de 14/09/2006, Bol. UFRJ 20: 10 de 05/10/2006. Progressões: Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 4014 de 18/10/2010, Bol. UFRJ 44: 13 de 04/11/2010. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 2208 de 22/08/2008, Bol. UFRJ 19: 25 de 11/09/2008. Progressão Prof. Associado I, Portaria 10184 de 27/11/2012, Bol. UFRJ 48: 4 de 29/11/2012. Progressão Prof. Associado II, Portaria 1962 de 23/03/2015, Bol. UFRJ 13: 40 de 26/03/2015. Progressão Prof. Associado III, Portaria 3313 de 02/05/2017, Bol. UFRJ 19: 18 de 11/05/2017. Progressão Prof. Associado IV, Portaria 2689 de 01/04/2019, Bol. UFRJ 14: 22 de 04/04/2019. Progressão Prof. Titular, Portaria 123 de 06/01/2021, Bol. UFRJ 02: 32 de 14/01/2021.

CASTRO, JOÃO WAGNER DE ALENCAR

(*Fortaleza, CE, 24/06/1957)

Graduado (1984) em Geologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutor (2001) em Geomorfologia (Geociências) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Sedimentologia-Geologia (1995) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Especialista em Avaliação de Impacto Ambiental pela COPPE/UFRJ (1987) e Educação Ambiental (1986) pela

Universidade de Brasília (UNB). Professor do Museu Nacional/UFRJ desde 22 de agosto de 2002 e atualmente ocupa o cargo de Professor Titular. É Coordenador do Laboratório de Geologia Costeira, Sedimentologia & Meio Ambiente do Departamento de Geologia & Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ; Professor do Departamento de Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ. Autor de livros e de diversos trabalhos em revistas científicas internacionais e nacionais. Desenvolve projetos de pesquisas nas áreas de variações do nível relativo do mar e dinâmica costeira em cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e a Universidade Nelson Mandela (África do Sul). Suas principais áreas de interesse e atuação são: estudos dos processos eólicos em dunas costeiras, estudo das variações do nível do mar durante o Holoceno, erosão costeira, mudanças globais e impactos ambientais, transporte de sedimentos em praias e áreas portuárias, sedimentação carbonática holocênica e ambientes análogos, contaminação de praias por derivados de petróleo e estudos, perícia e avaliação de impactos ambientais em terrenos sedimentares. Leciona as disciplinas de Geologia Marinha, Geologia Costeira, Sedimentologia e Geologia Ambiental nos cursos de graduação e pós-graduação em geologia e geociências da UFRJ. Sócio da *International Association Sedimentologist* (IAS), da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário (ABEQUA) e da Sociedade Brasileira de Geologia (SBGeo). Ex-Vice-Presidente da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário (ABEQUA). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/211944564142811>. Nomeação: Portaria 2095 de 30/07/2002, Bol. UFRJ 17: 19 de 28/08/2002, código de vaga 0286467. Aprovação estágio probatório: Portaria 1578 de 02/05/2006, Bol. UFRJ 10: 5 de 18/05/2006; Portaria 2512 de 14/07/2006, Bol. UFRJ 17: 2-3 de 24/08/2006. Progressões: Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 1625 de 26/06/2008, Bol. UFRJ 15: 39 de 17/07/2008. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 2812 de 02/05/2011, Bol. UFRJ 19: 20 de 12/05/2011. Progressão Prof. Associado I, Portaria 10180 de 27/11/2012, Bol. UFRJ 49: 50 de 06/12/2012. Progressão Prof. Associado II, Portaria 7039 de 14/10/2015, Bol. UFRJ 43: 35 de 22/10/2015. Progressão Prof. Associado III, Portaria 3323 de 02/05/2017, Bol. UFRJ 19: 18 de 11/05/2017. Progressão Prof. Associado IV, Portaria 2690 de 01/04/2019, Bol. UFRJ 14: 22 de 04/04/2019. Progressão Prof. Titular, Portaria 193 de 07/01/2021, Bol. UFRJ 02: 36 de 14/01/2021. Curador da Coleção de Sedimentologia: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013. Chefia do DGP, Portaria 499 de 25/01/2012, Bol. UFRJ 05: 8 de 02/02/2012.

COSTA, WILSON GUIMARÃES

(*?-+?)

Assumiu o cargo de Escriturário do DGP em 1960 vindo da Seção de Administração, quando da saída do Escriturário Maria de Lourdes Porto. Permanecia no cargo ainda em 1961, quando colaborou com a complementação dos fichários de paleovertebrados.

Fontes: Relatório Anual do Diretor de 1960 (Carvalho, 1961, p. 66) e 1961 (Santos, 1962, p. 66, 68).

COUTINHO, JOÃO MARTINS DA SILVA

(*São João da Barra, RJ, 01/05/1830-+Paris, França, 11/10/1889)

Engenheiro pela antiga Escola Militar, participante das expedições Thayer e Morgan e diretor da “3ª Secção” por decreto de 6 de fevereiro de 1875. Para uma biografia completa e suas atividades relacionadas ao Museu Nacional ver Silva *et al.* (2013).

Fontes: Silva (2010); Silva *et al.* (2013); Lacerda (1905, p. 179).

COUTO, CARLOS DE PAULA

(*Porto Alegre, RS, 30/08/1910-+15/11/1982)

Originalmente escriturário do Ministério da Fazenda, ingressou no Museu Nacional como naturalista, nos quadros do Ministério da Educação e da Saúde, por decreto de 18 de julho de

1944, entrando em exercício a 10 de agosto do mesmo ano. Excursionou a serviço da Instituição pelos museus de Buenos Aires entre julho e setembro de 1945, quando realizou estudos de Paleontologia. Com finalidade semelhante, foi a Belo Horizonte em março de 1946. Em 1947, procedeu à exploração de fósseis e trabalhos geológicos correlatos no estado do Rio Grande do Sul. Designado pela diretora Heloisa Alberto Torres, em julho de 1948 dirigiu-se ao Museu Goeldi, de Belém, onde estudou material geológico proveniente da região do Alto Juruá. Em 1949, foi ao Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, em busca de material para completar sua tese sobre os desdentados fósseis. No mesmo ano, coletou material paleontológico e realizou observações geológicas no estado do Rio de Janeiro. A partir de maio de 1950, afastou-se temporariamente do Museu Nacional, preservando seus vencimentos, por ter recebido bolsa de estudos nos Estados Unidos. Retornando em 1952, realizou excursões ao estado de São Paulo, pesquisando os mamíferos do Pleistoceno, e à área baiana do Vale do São Francisco, onde examinou restos de vertebrados. Representou o Museu no VI Congresso Brasileiro de Geologia, ocorrido entre 3 e 9 de novembro de 1952, em Porto Alegre, no XVI Congresso Internacional de Zoologia, em Copenhague, de 5 a 12 de agosto de 1953, e no IV Congresso Internacional para o Estudo do Quaternário, em Roma, de 30 de agosto a 10 de setembro, também de 1953. Voltou ao Rio Grande do Sul em 1954, coletando espécimes de vertebrados fósseis em jazigo recém-descoberto no município de Livramento. Nesse mesmo ano, foi autorizado a percorrer, a partir de Lagoa Santa, o Vale do São Francisco mineiro e os sertões da Bahia, Piauí, Alagoas e Ceará, em pesquisas geopaleontológicas e espeleológicas. De 1956 a 1959, participou de novas excursões a diversas unidades da Federação, dando continuidade aos estudos anteriormente efetuados, inclusive numa expedição conjunta com equipe da Universidade de South Dakota aos estados de Minas Gerais e Bahia. Estudou, em 1957, vertebrados fósseis, entre eles um urso do Pleistoceno e um gliptodonte do Brasil. Concluiu também diversos trabalhos, destacando-se um estudo sobre os edentados de Cuba, destinado a publicação nos Estados Unidos, e coordenou o Ciclo de Palestras Culturais do Museu. Em novembro de 1957, representou o Museu Nacional no XI Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em Salvador. Ainda nesse ano, assumiu a função de chefe substituto da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu. Estudou, em 1958, mamíferos fósseis do Brasil, especialmente os *Edentata* de Minas Gerais. Deu início, naquela temporada, ao grupamento sistemático da coleção de vertebrados fósseis do Museu Nacional, supervisionou as pesquisas do naturalista auxiliar Fausto Luiz de Souza Cunha, realizou excursão ao Rio Grande do Sul, coletando vertebrados fósseis na formação triássica de Santa Maria, e procedeu à adaptação do novo laboratório de Paleontologia-Vertebrata. Também em 1958, foi eleito vice-presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia e se manteve como vice-presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Por portaria de 18 de março de 1960, foi nomeado chefe da Divisão de Geologia, cargo que exercia ainda em 1962. Realizou, em abril e maio de 1965, trabalhos de exploração geopaleontológica em Santa Vitória do Palmar (RS). Solicitou, conforme ofício de 30 de setembro de 1965, dispensa da função de chefia. Representou o Museu Nacional em sessão comemorativa da Academia Brasileira de Ciências datada de 3 de maio de 1966. Foi indicado para comparecer ao Simpósio sobre a Biota Amazônica, que ocorreria em Belém entre 2 e 4 de junho de 1966.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 101, 160, 280, 281, 328, 342, 375 e 380, Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 63, 64 e 67, Relatório Anual do Diretor de 1958, p. 57, 58, 59 e 63, Relatório Anual do Diretor de 1961 e 1962 (Santos, 1962, p. 66; 1963) e Ofícios nº 446 de 08/06/1965, nº 693 de 30/08/1965, nº 811 de 30/09/1965, nº 249 de 03/05/1966 e nº 267 de 17/05/1966.

CRUZ, LÍLIAN ALVES DA

(*Rio de Janeiro, RJ, 23/03/1982)

Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade

Santa Úrsula (USU). Tem experiência na área de zoologia, com ênfase em paleozoologia, atuando principalmente nos seguintes temas: preparação de fósseis, pterossauros, curadoria de coleções e exposição. Desenvolveu trabalhos de gerenciamento curatorial na coleção de Paleontologia de vertebrados com higienização, esterilização, busca, sistematização, pesquisa histórica, condicionamento, organização física, catalogação, atendimento ao pesquisador, preparação de fósseis, microlastreamento, informatização, manutenção física e conservação de acervo. Especialista em Geologia do Quaternário (MN/UFRJ) com foco na área de pesquisa em âmbar. Especialista em ensino de Biologia e Química (IFRJ) tem foco na área de pesquisa em educação informal e livros didáticos. Ministra aulas de biologia e química para os estudantes de ensino médio da rede pública estadual de ensino no Rio de Janeiro (SEEDUC). Desenvolveu trabalhos como Técnica em Análises Clínicas na FIOCRUZ atuando nas áreas de parasitologia, bioquímica, urinálise, virologia, hematologia, bacteriologia, histologia e imunologia. Ocupa o cargo de Técnico em Restauração/Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ desde 2011.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0217610589343849>. Nomeação: Técnico em Restauração/Paleontologia (Vagas p/R. Janeiro) - MRSAR do Quadro Único de Pessoal desta IFE, no regime de 40 horas semanais de trabalho na vaga 0871499, proc. 23079.015874/11-43, Portaria 2524 de 20/04/2011, Bol. UFRJ 19: 14 de 12/05/2011, DOU, Seção 2, p. 17 de 10/05/2011. Aprovação estágio probatório, Portaria 6574 de 01/08/2014, Bol. UFRJ 34: 2 de 21/08/2014. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 4973 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 12 de 09/05/2012. Progressão padrão 3, Portaria 10412 de 03/11/2014, Bol. UFRJ 47: 14 de 20/11/2014. Progressão padrão 4, Portaria 9176 de 01/12/2015, Bol. UFRJ 50: 28 de 10/12/2015. Progressão nível de capacitação II, Portaria 6208 de 30/06/2016, Bol. UFRJ 28: 12 de 14/07/2016. Progressão padrão 5, Portaria 5709 04/07/2017, Bol. UFRJ 31: 28 de 03/08/2017. Progressão por capacitação nível III, Portaria 9612 de 27/09/2018, Bol. UFRJ 41: 12 de 11/10/2018. Progressão padrão 6, Portaria 10390 de 01/10/2019, Bol. UFRJ 42: 26 de 17/10/2019. Progressão padrão 7, Portaria 3842 de 28/05/2020, Bol. UFRJ 22: 3 de 29/05/2020, Extraordinário, 2ª parte. Progressão por capacitação nível IV, Portaria 8217 de 25/11/2020, Bol. UFRJ 50: 22 de 10/12/2020.

CUNHA, FAUSTO LUIZ DE SOUZA

(*Juiz de Fora, MG, 25/05/1926-†Rio de Janeiro, RJ, 04/06/2000)

Aluno do curso de História Natural do Instituto Lafayette, foi inscrito na Divisão de Botânica do Museu Nacional em 2 de maio de 1951. Em 1952 e 1953, respectivamente, graduou-se como Bacharel e Licenciado em História Natural pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde também obteve o título de Livre Docente (Doutor) em Ciências em 1962. Em 1963 tornou-se catedrático de Geologia e Paleontologia do curso de História Natural da mesma instituição, onde se aposentou no final da década de 1970. Por decreto de 25 de agosto de 1952, obteve admissão como naturalista-auxiliar interino, em vaga disponibilizada por promoção de Amaro Barcia de Andrade. Entrou em exercício a 4 de setembro do mesmo ano. Por portaria de 8 de novembro de 1952, participou de uma excursão ao estado de São Paulo, destinada a coletar fósseis. Em 1954, esteve na região de São João D'El Rei, no estado de Minas Gerais, coletando minerais, minérios e rochas; na mesma temporada, auxiliou o naturalista Emanuel Azevedo Martins em seus trabalhos no Nordeste brasileiro. Desempenhou, em 1956, funções nas áreas de Geologia e Paleontologia. Retornou ao Nordeste autorizado por portaria de 14 de junho de 1957, recolhendo material científico. Apresentou, com base em seus estudos sobre os equinóides do Cretáceo, um trabalho na IX Reunião Anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência. Ainda em 1957, realizou tarefas relacionadas à revisão da coleção de fósseis. Percorreu, em 1958, municípios mineiros, em busca de vegetais e peixes fósseis, e preparou cerca de 600 peças de vertebrados fósseis da coleção Padberg Drenkpol. No início do ano seguinte, realizou excursão de natureza semelhante ao Rio Grande do Sul. Obteve uma segunda nomeação para a função de naturalista-auxiliar, conforme o Diário Oficial de 30 de março de 1959, dentro do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Cultura. Foi indicado, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, a proferir em 9 de julho de 1965, no auditório do Museu Nacional, a palestra *Aspectos Geológicos da Restinga de Jacarepaguá*. Por portaria de 16 de julho de 1965, recebeu autorização para realizar excursão de reconhecimento, por

trinta dias consecutivos, à região Centro-Oeste do Brasil. Obteve designação, em agosto de 1965, para acompanhar o geólogo Carlos de Paula Couto no I Encontro de Geólogos, em Porto Alegre, no mês de novembro daquele ano. Seu nome foi proposto, em ofício de 26 de outubro de 1965, para a chefia da Divisão de Geologia. Teve autorização, por portaria de 8 de dezembro de 1965, para excursionar ao estado da Guanabara e municípios vizinhos do estado do Rio de Janeiro, com o intuito de coletar material petrográfico. Foi investido, em 24 de janeiro de 1966, na função de chefe da Divisão de Geologia. Obteve, de acordo com ofício de 15 de abril de 1966, bolsa da John Simon Guggenheim Foundation, sendo autorizado a afastar-se do país por um ano pela Congregação do Museu Nacional. Professor Titular do Museu Nacional a partir de 1970. Orientou dissertação de mestrado e publicou cerca de 150 trabalhos.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 326 e 361, DA 291, f. 48v. Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1956, p. 59), Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 65 e 66, Relatório Anual do Diretor de 1958, p. 59 e Ofícios nº 533 de 02/07/1965, nº 580 de 20/07/1965, nº 693 de 30/08/1965, nº 903 de 26/10/1965, nº 1085 de 30/12/1965, nº 116 de 16/02/1966 e nº 223 de 15/04/1966, Henriques & Mello (2002).

CURVELLO, WALTER DA SILVA

(*Bom Jesus do Norte, ES, 24/08/1915-†Rio de Janeiro, RJ, 22/10/1999)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos na Divisão de Zoologia em 1º de abril de 1943. Nomeado naturalista auxiliar interino em 27 de abril de 1943, tomou posse e entrou em exercício no dia 20 de maio do mesmo ano. Em setembro do ano seguinte, teve provimento na carreira de naturalista, em decorrência de uma promoção de João Moojen de Oliveira. Por portaria de 28 de abril de 1945, foi designado para substituir o chefe da Divisão de Mineralogia, Emanuel Azevedo Martins, nos impedimentos deste. No mesmo ano, esteve em excursão no estado de São Paulo, efetuando estudos sobre fosfatos e rochas eruptivas. Em junho de 1947, foi nomeado substituto do chefe de Divisão Viktor Leinz. Nessa temporada, excursionou pelos estados do Sul do Brasil, onde realizou estudos geológicos. Em fins de 1949, enviado a serviço do Museu Nacional para o estado de Minas Gerais com o intuito de completar seus estudos sobre meteoritos brasileiros, também coletou material petrográfico e mineralógico. Viajou em 1952 para os Estados Unidos, procedendo a pesquisas relacionadas à sua especialidade. Pela terceira vez, em maio de 1953, teve designação para substituir eventualmente o chefe da sua Divisão, agora o naturalista Ney Vidal. Entre dezembro de 1953 e janeiro de 1954, retornou a Minas Gerais, estudando meteoritos. No mesmo ano, voltou também ao Sul, para coletar amostras de carvão. Em virtude do intercâmbio científico entre o Museu Nacional e o Museu Paraense Emílio Goeldi, dirigiu-se, autorizado por portaria de 11 de maio de 1955, à Amazônia. Ainda em 1955, investigou, no estado de São Paulo, fatos relacionados à queda de dois meteoritos. Coletou mais material mineralógico, no ano de 1956, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Distrito Federal. Foi chefe substituto da Divisão de Geologia e Mineralogia naquela mesma temporada. Deu continuidade, em 1957, aos estudos de meteoritos, além de ter preparado o *Atlas Petrográfico do Carvão Brasileiro*. Por portaria de 26 de abril de 1957, participou da IX Semana de Estudos dos Problemas Mínero-Metalúrgicos do Brasil, evento patrocinado pela Fundação Moraes Rego na capital paulista. Ainda naquele ano, colaborou na organização das exposições de Zoologia, ministrou aulas sobre Mineralogia e Petrografia e orientou a equipe de desenhistas do Museu na confecção de ilustrações para exposição. Recebeu elogio, em junho de 1958, pelos serviços prestados na organização e execução das novas exposições de Zoologia do Museu. Também em 1958, deu continuidade a suas pesquisas sobre meteoritos visitando várias instituições localizadas em Minas Gerais e São Paulo, completou seu estudo sobre as estruturas compósitas fosfetoliga metálica, encontradas em meteoritos, e realizou as conferências: *Sobre alguns problemas relacionados com as idades dos meteoritos*, *Microscopia do carvão brasileiro* e *Meteoros e meteoritos*, além de palestras sobre Meteorítica na Sociedade Interplanetária do

Rio de Janeiro. Foi escolhido, naquela temporada, como delegado para a América do Sul da Comissão Permanente de Estudos de Meteoritos. Em 1962, obteve designação para participar de uma reunião da Unesco sobre trópicos úmidos, no Instituto de Botânica de São Paulo.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 69, 152, 311, 363 e 384, DA 291, f. 26, Relatório Anual de 1956, p. 59, Relatório Anual de 1957, p. 65, 66 e 85 e Relatório Anual de 1958, p. 59 e 63.

DANGELO, LEONARDO

(*?, 22/12/1977)

Possui graduação em Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrado em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Química também pela UFRJ. Tem experiência na área de Química, com ênfase em laboratórios de pesquisa e graduação. Entrou para a UFRJ em 10 de maio de 2005. Atualmente é químico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também atua como Professor de Química da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/9494223094169530>. Nomeação: Portaria 2703 de 08/09/2005, Bol. UFRJ 24 de 01/12/2005. Progressões: Técnico de Laboratório, Nível de Capacitação II, Portaria 1185 de 19/03/2009, Bol. UFRJ 07: 12 de 02/04/2009. Técnico laboratório nível III, Portaria 2246 de 03/06/2009, Bol. UFRJ 13: 6 de 25/06/2009. Técnico de Laboratório, estágio probatório, Portaria 758 de 02/03/2010, Bol. UFRJ 10: 2 de 11/03/2010. Técnico de Laboratório nível IV, Portaria 2641 de 05/07/2010, Bol. UFRJ 28: 15 de 15/07/2010. Técnico de Laboratório nível V, Portaria 2401 de 02/04/2012, Bol. UFRJ 15: 9 de 12/04/2012. Técnico de Laboratório nível VI, Portaria 8595 de 01/08/2013, Bol. UFRJ 33: 15 de 15/08/2013. Nível de capacitação IV, Portaria 10975 de 18/09/2013, Bol. UFRJ 40: 22 de 03/10/2013. Técnico de Laboratório nível VII, Portaria 11606 de 01/12/2014, Bol. UFRJ 51: 30 de 18/12/2014. Técnico de Laboratório nível VIII, Portaria 4985 de 01/06/2016, Bol. UFRJ 24: 16 de 16/06/2016. Nomeado no cargo de Químico, Portaria 8997 de 29/09/2016, Bol. 40:21 de 06/10/2016. Químico Nível II, Portaria 6084 de 03/07/2018, Bol. UFRJ 28: 29 de 12/07/2018. Entrada para o DGP: Portaria 6944 de 23/07/2018, Bol. UFRJ 31: 20 de 02/08/2018. Químico nível III, Portaria 10449 de 01/10/2019, Bol. UFRJ 45: 31 de 07/11/2019. Aprovado em estágio probatório: Portaria 11797 de 31/10/2019, Bol. UFRJ 46: 50 de 14/11/2019.

DERBY, ORVILLE ADALBERT

(*Kelloggsville, Nova Iorque, EUA, 23/07/1851-†Rio de Janeiro, RJ, 27/11/1915)

Geólogo norte-americano posteriormente naturalizado brasileiro. Participou das expedições Morgan (1870-1871) e da Comissão Geológica do Império (1875-1877) junto com Charles Frederick Hartt. Diretor da 3ª Secção do Museu Nacional por contrato de 23 de maio de 1879. Entrou em exercício no ano seguinte servindo nesse cargo em virtude dos contratos sucessivos até 1890, data em que foram dispensados os seus serviços em virtude do aviso de 10 de maio de 1890. Inventariou o acervo coletado pela Comissão Geológica do Império em 1878, estudando e descrevendo vários exemplares da coleção e enviando os exemplares para estudo pelos paleontólogos norte-americanos Charles Abiathar White e John Mason Clarke. Fundou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886-1904) e o Serviço Geológico do Brasil (1907-1915). Autor de inúmeros artigos sobre a geologia e geografia do Brasil.

Fontes: Lacerda (1905, p. 181); Fernandes & Fonseca (2014).

DIAS, FLÁVIO MACHADO

(*?)

Preparador da Seção de Mineralogia e Petrografia, que, auxiliando o conservador auxiliar Omir Fontoura, realizou em 1963 uma revisão completa da coleção de Petrografia do Departamento. Em 1962, procedeu a restauração e preparação de inúmeros vertebrados fósseis.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1962 e 1963 (Santos, 1963, p. 62; 1964, p. 89).

FAULSTICH, FABIANO RICHARD LEITE

(*Brasília, DF, 14/02/1975)

Possui graduação (2002) e mestrado (2005) em Geologia pela Universidade de Brasília e doutorado em Geologia Regional e Econômica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016). Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Mineralogia Aplicada em projetos de níquel laterítico, cobre oxidado e carbonatos e em técnicas analíticas avançadas para caracterização mineral como microscopia eletrônica de varredura com espectroscopia de raios-X por energia dispersiva (MEV-EDS), microsonda eletrônica com espectroscopia de raios-X por comprimento de onda (ME-WDS), espectroscopia Raman e catodoluminescência. Atualmente é professor do Museu Nacional/UFRJ desde 2016 e um dos curadores da coleção de mineralogia e coordenador do curso de especialização em Geologia do Quaternário do MN/UFRJ.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0983222080267133>. Nomeação: Portaria 5421 de 13/06/2016, Bol. UFRJ 24: 11 de 16/06/2016. Curador da Coleção de Mineralogia, Portaria 3991 de 27/04/2018, Bol. UFRJ 18: 40 de 03/05/2018. Aprovado em estágio probatório, Portaria 12419 de 12/11/2019, Bol. UFRJ 49: 6 de 05/12/2019.

FERNANDES, ANTONIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

(*Rio de Janeiro, RJ, 05/05/1951)

Licenciado e Bacharel em História Natural pela Universidade Gama Filho (1973), Licenciado em História pela Universidade Veiga de Almeida (2004), Mestre (1978) e Doutor (1996) em Ciências - Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como professor de Ciências e Biologia do Ensino Fundamental e Ensino Médio na rede particular (Colégio Cylleno, Sociedade Propagadora das Belas Artes e Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes) e oficial (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro). No Ensino Superior foi professor da Universidade Santa Úrsula (USU, 1976 a 1979), do Instituto Superior de Ensino Celso Lisboa (1976 a 1980), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 1979 e 1980) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 1977 a 2005), lecionando as disciplinas de Geologia, Paleontologia e Neontologia nos cursos de Biologia, Geologia e Oceanografia. Foi docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1980 a 2016), sendo aposentado no cargo de Professor Titular do nível 801 lotado no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, onde foi chefe e chefe-substituto do referido departamento, Diretor Adjunto de Ensino e Pesquisa do Museu Nacional e presidente da Comissão de Pós-graduação e Pesquisa do Museu Nacional de 2007 a 2013. Atuou como professor dos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências, de Ciências Biológicas (Zoologia) do Museu Nacional e do curso de Especialização em Geologia do Quaternário do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) e atualmente atua como Pesquisador Colaborador Sênior no DGP e Professor Colaborador junto ao Programa de Pós-graduação em Geociências – Patrimônio Geopaleontológico (desde 27/09/2016). Foi curador da coleção de paleoinvertebrados e desenvolve pesquisas relacionadas a diversas áreas da Paleontologia, preocupando-se principalmente com os estudos icnológicos e dos paleoinvertebrados, além da recuperação histórica das coleções geológicas e paleontológicas do Museu Nacional adquiridas no século XIX e a história da Paleontologia brasileira. Membro de associações no país (Sociedade Brasileira de Paleontologia e Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia) e é representante da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP) junto à Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP) desde 1997. É membro efetivo da Academia Teresopolitana de Letras eleito em 09/07/2011 com posse em 01/10/2011 (ocupando

a cadeira 9, patronímia Castro Alves) e membro Correspondente Brasileiro da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, eleito em 03/05/2012. Foi Bolsista Pesquisador IIIC (1979 1981) e de Produtividade em Pesquisa nível 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq; 2003 a 2006, 2007 a 2016 e 2017 a 2020) e autor e/ou organizador de cinco livros, tendo como resultado de suas pesquisas e atividades culturais a apresentação de 54 palestras e a publicação de 34 capítulos em livros, 93 artigos completos e 40 resumos em periódicos científicos, 20 artigos completos e 207 resumos em anais de eventos científicos e culturais, e 21 textos em boletins informativos de sociedades e revistas de divulgação científica, sendo quatro artigos completos. Foi homenageado nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Paleontologia Paleo NE de 2019 em Maceió e Paleo RJ/ES de 2012 no Rio de Janeiro, e com a medalha Cândido Simões Ferreira conferida pelo Núcleo RJ/ES da Sociedade Brasileira de Paleontologia em 2022.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4871036644771806>. Admissão como Prof. Auxiliar de Ensino em 18/06/1980, na Tabela Permanente em regime de 40 horas semanais, Portaria 879 de 18/06/1980, Bol. UFRJ, 32 (25): 56 de 19/06/1980. Progressões: Prof. Assistente 1: a partir de 09/07/1981, Portaria 756 de 01/12/1981, Bol. UFRJ, 33 (49): 24 de 03/12/1981. Prof. Assistente 3: a partir de 09/07/1981, Portaria 812 de 29/10/1982, Bol. UFRJ, 34 (45): 32 de 11/11/1982. Prof. Assistente 4: a partir de 09/07/1983, Portaria 446 de 08/07/1983 Bol. UFRJ, (28): 35 de 14/07/1983. Prof. Adjunto 1: a partir de 09/07/1985, Portaria 1065 de 04/12/1985, Bol. UFRJ, (49): 22 de 05/12/1985. Prof. Adjunto 2: a partir de 09/07/1987, Portaria 1056 de 21/08/1987, Bol. UFRJ, (33): 4951 de 27/08/1987. Prof. Adjunto 3: a partir de 25/01/1994, Portaria 2245 de 16/06/1994, Bol. UFRJ, (25): 8 de 23/06/1994. Prof. Adjunto 4: a partir de 01/11/1996, Portaria 1218 de 16/05/1997, Bol. UFRJ, (25): 25 de 19/06/1997. Prof. Adjunto 4: com Dedicção Exclusiva (DE), a partir de 01/06/2006, Proc. 23079.000392/2006-21, fl. 89. Prof. Associado 1: com DE, a partir de 01/05/2006, Proc. 23079.046782/2006-84, Portaria 3929 de 16/11/2006, Bol. UFRJ (24): 16 de 30/11/2006. Prof. Associado 2: com DE, a partir de 01/05/2008, Proc. 23079.024120/08-98, Portaria 3089 de 22/10/2008, Bol. UFRJ (23): 25 de 06/11/2008. Prof. Associado 3: com DE, a partir de 03/05/2010, Proc. 23079.025275/2010-84, Portaria 2793 de 13/07/2010, Bol. UFRJ (29): 20 de 22/07/2010. Prof. Associado 4: com DE, a partir de 03/05/2012, Proc. 23079.032541/2012-88, Portaria 7789 de 04/10/2012, Bol. UFRJ (41): 17 de 11/10/2012. Prof. Titular nível 801: com DE, a partir de 03/05/2014, Proc. 2824/2015-09, aprovado pela Banca Examinadora em 15/01/2015, aprovado na 1.088ª Sessão da Egrégia Congregação do Museu Nacional em 28/01/2015, Portaria 1961 de 20/03/2015, Bol. UFRJ (13): 40 de 26/03/2015. Aposentadoria solicitada em 03/12/2015, Proc. 23079.054857/15-26, RAP no 843. Aposentado voluntariamente pela Portaria 2349 de 15/03/2016, DOU no 53, Seção 2, p. 25 de 18/03/2016, com Portaria retificadora no 2654 de 28/03/2016, DOU no 61, Seção 2, p. 31 de 31/03/2016. Pesquisador Colaborador Voluntário da UFRJ de 29/08/2016 a 28/08/2018, com código C359465 de docente externo para cadastro no SIGA. Proc. 23079.030588/2016-93, Bol. UFRJ (40): 10 de 06/10/2016. Chefia: Portaria 50 de 12/05/1986, Bol. UFRJ (22): 74, de 29/05/1986.

FERRARI, ANTONIO AUGUSTO

(*?-+?)

Farmacêutico, requereu, conforme ofício de 1º de junho de 1894, admissão no Museu Nacional como naturalista ajudante da Seção de Mineralogia. **Não se tem notícia, entretanto, da efetivação da sua admissão.**

Fonte: SEMEAR: RA 11 D 11, f. 36.

FERREIRA, CANDIDO SIMÕES

(*Ponte Nova, MG, 19/03/1921-+Rio de Janeiro, RJ, 23/09/2013)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos na Divisão de Geologia e Mineralogia em 16 de março de 1944. Por decreto de 4 de setembro de 1945, obteve admissão como naturalista-auxiliar, em decorrência da exoneração de Nelson Teixeira. Tomou posse e entrou em exercício a 28 do mesmo mês. Excursionou, em outubro de 1946, pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para acompanhar trabalhos de geologia. Em julho de 1948, teve designação para colecionar espécimes mineralógicos no estado de Minas Gerais. Por portaria de junho de 1950, foi enviado ao Instituto de Tecnologia do Estado do Paraná, para fazer estudo comparativo de material petrográfico. No ano seguinte, retornou ao território paranaense, coletando rochas e investigando sobre a ocorrência de seixos glaciais na serra de São Joaquim. Ainda no Paraná, participou do V Congresso Brasileiro de Geologia, de 2

a 9 de setembro de 1951 e, em setembro de 1952, buscou amostragem de material diamantífero na região do rio Tibagi, para uma exposição de Geologia Econômica do Museu Nacional. Em 1953, coletou fósseis no estado de São Paulo e, em janeiro de 1954, minérios na região de São João Del Rei, Minas Gerais. Recebeu designação, em 1955, para observar técnicas de análise e beneficiamento do carvão em diversas localidades catarinenses, sob orientação do naturalista Walter da Silva Curvelo, bem como para examinar meteoritos metálicos nos municípios mineiros de Patrocínio e Serro. Por portaria de julho de 1956, foi incumbido de colaborar com o Museu Goeldi, de Belém, coletando também material para o Museu Nacional no estado do Pará. Realizou, em 1957, excursões para a coleta de material paleontológico, vindo a publicar, em boletim do Museu Goeldi, notas sobre a formação Pirabas e descrições de fósseis dos grupos dos escafópodes e gastrópodes. Representou o Museu, no período de 31 de agosto a 6 de setembro de 1958, no XII Congresso da Sociedade Brasileira de Geologia, ocorrido em Belo Horizonte. Na mesma temporada, explorou jazigos e coletou fósseis no Pará e no Maranhão. Ainda em 1958, elaborou a primeira parte de uma monografia sobre os mamíferos pleistocênicos do Rio Grande do Sul, deu início, em conjunto com o naturalista Álvaro Xavier Moreira, a um trabalho sobre a bacia terciária de Gandarela, em Minas Gerais, e reconheceu os litorais do Pará e do Maranhão, mais uma vez coletando material fóssilífero. Por portaria de agosto de 1960, realizou estudos geopaleontológicos nos estados do Ceará, Piauí, Sergipe, Pernambuco e Paraíba. Em 1961 e 1962, deu continuidade às pesquisas empreendidas no Nordeste. Foi designado, em agosto de 1965, para acompanhar o geólogo Carlos de Paula Couto no I Encontro de Geólogos, que ocorreria em Porto Alegre no mês de novembro daquele ano. Recebeu indicação, segundo ofício de 17 de maio de 1966, para comparecer ao Simpósio sobre a Biota Amazônica, que ocorreria em Belém em junho do mês seguinte. Obteve designação, por portaria de 25 de maio de 1966, para retornar à área da Formação Pirabas. Aposentado em 19 de março de 1991.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 149, 210, 291, 352 e 388, DA 291, f. 29v, Relatório Anual de 1957, p. 64 e 65, Relatório Anual de 1958, p. 57 e 58 e Ofícios nº 693 de 30/08/1965, nº 268 de 17/05/1966 e nº 281 de 26/05/1966. Aposentadoria: proc. 23079.028270/1991-32, DOU de 19/03/1991 e Folha Suplementar no Bol. UFRJ 23: 15 de 06/11/2008.

FERREIRA, ELIANE GUEDES

(*Rio de Janeiro, RJ, 03/04/1974)

Graduada (1999) em Geologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre (2001) e doutora (2007) em Geologia com ênfase em análise de bacias: formação, preenchimento e tectônica modificadora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi Professora Adjunta do *Lone Star College* entre 2006-2010 (Houston, Texas). Atuou como Geóloga na Expetro Consultoria Internacional em óleo e gás (2001-2004). Foi geóloga (2004-2011) do Departamento de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro (DRM-RJ), onde coordenou o setor de geologia. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ desde 2011 e Vice-coordenadora do curso de Pós-Graduação em Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional. Tem como principais linhas de pesquisa a ocorrência de magmatismo relacionado a quebra do Gondwana enfocando principalmente diques e LIPS e o magmatismo alcalino na região Sudeste do Brasil. Atua também na área de mineralogia, geocronologia, geoconservação e divulgação científica. Curadora das coleções de Petrografia e Geologia Econômica a partir de 19 de junho de 2013.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/893774128112930>. Curadoria: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ (28): 46 de 11/07/2013. Nomeação: Portaria 2580 de 20/04/2011, Bol. UFRJ 18: 21 de 05/05/2011. Curadora das coleções de Petrografia e de Geologia Econômica: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013. Membro do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG): Portaria 10923 de 13/11/2014, Bol. UFRJ 47: 5 de 20/11/2014. Chefe substituto DGP: Portaria 501 de 25/01/2012, Bol. UFRJ 05: 8 de 02/02/2012. Progressões: Progressão Prof. Adjunto II, Portaria 14916 de 29/11/2013, Bol. UFRJ 49: 29 de 05/12/2013. Aprovação no estágio probatório: Portaria 6813 de 08/08/2014, Bol. UFRJ 34: 2 de 21/08/2014. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 6904 de 07/10/2015, Bol. UFRJ 43: 69 de 22/10/2015. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 1034 de 05/02/2018, Bol. UFRJ 06: 18 de 08/02/2018. Progressão Prof. Associado I, Portaria 14080 de 18/12/2019, Bol. UFRJ 52: 42 de 26/12/2019. Chefe substituto do DGP: Portaria 1467 de 26/02/2018, Bol. UFRJ 09:13 de 01/03/2018.

FERREIRA, JOÃO CARLOS

(*?)

Graduado em Museologia pela Universidade do Rio de Janeiro (1987). Foi funcionário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre 1999 e 2018, trabalhando no DGP entre 2003 e 2016. Aposentado por invalidez segundo a portaria 10624 publicada em 8 de novembro de 2018.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/1851969554189476>. Progressões: Progressão Museólogo BIV, Portaria 358 de 01/03/2001, Bol. UFRJ 06: 9 de 28/03/2001. Progressão Museólogo CV, Portaria 956 de 02/04/2002, Bol. UFRJ 09: 13 de 08/05/2002. Progressão funcional E1, Portaria 2019 de 30/07/2007, Bol. UFRJ 18: 13 de 30/08/2007. Progressão E1, padrão 8, Portaria 2513 de 24/09/2007, Bol. UFRJ 23: 13 de 08/11/2007. Progressão E1, padrão 9, Portaria 2759 de 06/10/2008, Bol. UFRJ 22: 33 de 23/10/2008. Progressão padrão 11, Portaria 4523 de 30/10/2009, Bol. UFRJ 24: 48 de 26/11/2009. Progressão padrão 12, Portaria 10458 de 30/11/2012, Bol. UFRJ 50: 29 de 13/12/2012. Progressão Padrão 13, Portaria 4088 de 03/05/2018, Bol. UFRJ 21: 25 de 24/05/2018. Progressão Padrão 14, Portaria 4976 de 04/06/2018, Bol. UFRJ 25: 19 de 21/06/2018. Progressão padrão 15, Portaria 6085 de 03/07/2018, Bol. UFRJ 28: 30 de 12/07/2018. Museólogo nível II, Portaria 6343 de 10/07/2018, Bol. UFRJ 29: 14 de 19/07/2018. Progressão Museólogo padrão 16, Portaria 7328 de 01/08/2018, Bol. UFRJ 32: 16 de 09/08/2018. Aposentadoria por invalidez: Portaria 10624 de 26/10/2018, Bol. UFRJ 45: 8 de 08/11/2018.

FERREIRA, LUIZ FELIPE LIMA

(*?, 14/07/1992)

Graduado (2017) em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem experiência com documentação e conservação de coleções museológicas, com ênfase em patrimônio de C&T, além de pesquisas de público em museus. Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente ocupa o cargo de Técnico de Laboratório - Coleções Geopaleontológicas no Museu Nacional (UFRJ), desde 18 de dezembro de 2020.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/6831803211325467>. Nomeação: Portaria 8317 de 27/11/2020, Bol. UFRJ 49: 20 de 03/12/2020.

FIGUEIREDO, GISELE RHIS

(*Rio de Janeiro, RJ, 15/07/1994)

Graduada em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Geopaleontológico no Museu Nacional/UFRJ. Desenvolve pesquisas nos temas: mineralogia, cartografia geológica, petrografia, geoquímica, divulgação das geociências e curadoria de acervos. Nomeada Técnica de Laboratório - Coleções Geopaleontológicas em 14 de setembro de 2018. No DGP desde 25 de setembro de 2018.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/5431896452611380>. Nomeação: Portaria 9003 de 14/09/2018, Bol. UFRJ (38): 13 de 20/09/2018. Progressão de Técnico em Laboratório, Coleções Geopaleontológicas padrão 2, Portaria 2508 de 30/03/2020, Bol. UFRJ 16: 6 de 16/04/2020.

FONSECA, VERA MARIA MEDINA DA

(*Rio de Janeiro, RJ, 21/ 02/1952)

Licenciada (1976) em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (USU), mestre (1991) e doutora (2001) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora em Ciências Exatas e da Natureza do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) lotada na Seção de Paleontologia de 1984 a 1997. Nomeada Professora Assistente do Departamento de Geologia e Paleontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em concurso homologado

em 18 de abril de 1997 e aposentada em 2013. Com experiência na área de Geociências, com ênfase em Paleontologia, atuou principalmente na Paleontologia de Invertebrados, estudando especialmente os braquiópodes do Devoniano das bacias do Amazonas e do Parnaíba. Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional de 5 de setembro de 2006 a 2008.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0001980672145393>. Aprovada no estágio probatório, Portaria 1335 de 24/06/1999, Bol. UFRJ 07:6 de 29/07/1999. Progressões: Prof. Adjunto 1, Portaria 2365 de 26/08/2002, Bol. UFRJ (19): 18 de 25/09/2002; Prof. Adjunto 2, Portaria 676 de 10/03/2006; Prof. Adjunto 3, Portaria 1625 de 26/06/2008, Bol. UFRJ (15): 39 de 17/07/2008; Prof. Adjunto 4, Portaria 3008 de 02/08/2010, Bol. UFRJ 32: 20 de 12/08/2010; Prof. Associado 1, Portaria 8563 de 25/10/2012, Bol. UFRJ 44: 46 de 01/11/2012. Chefia: Portaria 3269 de 13/09/2006, Bol. UFRJ (20): 32 de 05/10/2006. Aposentadoria: Portaria 5354 de 09/05/2013, Bol. UFRJ 21: 9 de 23/05/2013.

FONTOURA, OMIR

(*?, 17/05/1929)

Obteve admissão como extranumerário do Museu Nacional, na função de zelador, por portaria de 31 de julho de 1947. Entrou em exercício a 2 de setembro do mesmo ano. Foi convocado, em março de 1949, para prestar serviço militar no 1º Regimento de Cavalaria de Guardas. Reassumiu suas funções no Museu em 16 de julho daquele ano. Excursionou a serviço da Instituição, por portaria de 5 de abril de 1950, à ilha da Trindade. Entre fevereiro e março de 1951, participou de outra excursão, acompanhando o naturalista Emanuel de Azevedo Martins. Entre dezembro de 1951 e janeiro de 1952, e de outubro a dezembro deste último ano, auxiliou o naturalista Ney Vidal em viagens ao estado do Rio de Janeiro e unidades limítrofes da Federação. Por portaria de 17 de julho de 1952, passou à função de conservador-auxiliar. Em 1954 voltou a acompanhar Azevedo Martins, desta vez em excursão ao Nordeste do Brasil. Foi equiparado a funcionário efetivo conforme publicação no Diário Oficial de 7 de novembro de 1955. Recebeu, em 1956, a incumbência de adquirir junto à firma Floriani S/A, de Porto Alegre, peças geológicas trabalhadas para exposição de Geologia Econômica no Museu Nacional. Por portaria de 20 de novembro de 1956, auxiliou Ney Vidal na coleta de material geológico e mineralógico e em reconhecimento geopaleontológico no estado do Rio de Janeiro e regiões circunvizinhas. Ainda na mesma temporada, ficou encarregado do laboratório de preparação petrográfica. Participou, em 1957, de uma excursão aos estados da Paraíba, Pernambuco e Sergipe, com a finalidade de realizar observações geológicas e coletar material fóssilífero. Orientou, no mesmo ano, a estagiária Maria do Socorro Florentino em trabalhos de laminação e polimento. Em fins de 1958, foi enviado aos estados do Pará e do Maranhão, com a finalidade de explorar jazigos e coletar fósseis. Realizou naquela temporada, colaborando com o naturalista Walter da Silva Curvello, pesquisas bibliográficas destinadas à elaboração de um trabalho sobre técnicas de laminação e polimento de rochas, minerais e meteoritos. Esteve incumbido, igualmente, do fichamento e catalogação de meteoritos e aerólitos e das exposições da Divisão. Por portaria de 18 de junho de 1960, teve designação para ministrar um curso no Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, situado em Manaus. Autorizado pelo diretor do Museu Nacional, participou, em colaboração com o INPA, da coleta de fósseis e minerais em Maués (AM). Esteve a serviço do Museu no estado do Paraná em dezembro de 1964. Por ofício de 15 de junho de 1965, o diretor Luiz de Castro Faria requereu sua readaptação no cargo de geólogo. Tomou posse, em fins de 1965, como professor secundário do estado da Guanabara. Solicitou exoneração, sendo atendido por portaria de 21 de fevereiro de 1968, mas com efeitos legais a partir de 25 de fevereiro de 1966.

Fontes: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 242, 243, 284, 298, 318 e 349, Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1956, p. 61), Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 65 e 66, Relatório Anual do Diretor de 1958, p. 60 e 61 e Ofícios nº 468 de 15/06/1965, nº 123 de 25/02/1966 e nº 130 de 01/03/1966.

FRANCISCO, BENEDICTO HUMBERTO RODRIGUES

(*Bananal, SP, 16/09/1940)

Graduado (1964) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Licenciado (1983) em Português e Literatura pela Federação das Faculdades Celso Lisboa (FFCL), mestre (1976) e doutor (1999) em Geociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi pesquisador visitante no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Pará, de 1965 a 1968. Foi Professor Assistente da Universidade Gama Filho (UGF) de 1968 a 1985. Consultor *ad-hoc* sem vínculo - Financiadora de Estudos e Projetos, Conselheiro do Clube de Engenharia, Chefe da DRM/CE, Conselheiro da Sociedade Brasileira de Geografia. Professor Adjunto do Museu Nacional de 1987 a 2002. Foi Vice-diretor do Museu Nacional/ UFRJ, Presidente da Sociedade Brasileira de Geologia, Presidente do Centro Brasileiro de Arqueologia, chefe e subchefe da DT de Meio Ambiente do CE, Professor Adjunto IV da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) de 1970 a 1987 e Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de 1980 a 1985. Fundador do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (GEOQUATER) do Museu Nacional da UFRJ. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Estratigrafia e Geologia do Quaternário e Ambiental. Menção Honrosa da ALERJ em 2008 pelos serviços prestados a geologia do Estado do Rio de Janeiro. Contemplado com o Prêmio Meio Ambiente 2012 do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (CREA-RJ).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/9191806536313669>. Aposentadoria como Prof. Adjunto IV, Portaria 3849 de 26/12/2001, Bol. UFRJ 02: 6 de 28/01/2002.

FREITAS, FRANCISCO JOSÉ DE

(*?-†?)

Subdiretor interino da “3ª Secção” por portaria de 19 de dezembro de 1882. Sub-diretor efetivo da mesma secção por decreto de 29 de setembro de 1883. Designado para secretário, serviu neste cargo de dezembro de 1883 a novembro de 1889. Exonerado, a pedido, do cargo de sub-diretor da 3ª Secção em fins de 1890. Participou das atividades de campo da Comissão Geológica do Império como assistente geral e tradutor sob a chefia de Charles F. Hartt.

Fontes: Lacerda (1905, p. 181); Fernandes & Fonseca (2014).

FREIRE, IVAN CARNEIRO

(*?, 20/04/1929)

Professor, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 29 de janeiro de 1952. Por decreto de 19 de junho de 1952, teve investidura no cargo de naturalista auxiliar interino. Entrou em exercício a 15 de julho daquele ano. De 30 de dezembro de 1952 a 19 de janeiro de 1953, esteve em excursão pelo estado de São Paulo, a serviço do Museu. Por portaria de junho de 1954, acompanhou o naturalista Walter da Silva Curvello em viagem ao Sul do Brasil. Efetuou, em 1956, trabalhos relacionados às áreas de Mineralogia e Petrografia, além de atuar na reorganização e reequipagem do laboratório de química. Atuou, em 1957, na revisão das coleções de minerais e de rochas, e ministrou aulas a zeladores do Museu Nacional inscritos em concurso. Exonerado conforme publicação no Diário Oficial de 30 de março de 1959, obteve nova nomeação por decreto de 22 de dezembro do mesmo ano, em virtude de promoção da naturalista Leda Dau.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 322, DA 291, f. 52, Relatório Anual de 1956, p. 59 e 62 e Relatório Anual de 1957, p. 66.

FREITAS, FRANCISCO JOSÉ DE

(*?-+?)

Por ofício de 19 de junho de 1882, foi informado de que seu nome havia sido sugerido pelo professor Orville Derby para o cargo de subdiretor da 3ª Seção do Museu Nacional. Recebeu nomeação como subdiretor interino por portaria de 19 de dezembro de 1882. Apresentou-se como candidato único no concurso aberto para o preenchimento daquele cargo, em 1883. Segundo ofício de 19 de dezembro de 1883, estava de partida, a serviço do Museu, da estação ferroviária de Cachoeira rumo à do Norte de São Paulo. Foi nomeado, em 31 de dezembro de 1883, secretário do Museu Nacional. Conforme ofício de 22 de fevereiro de 1884 viajou da Corte à estação de Cruzeiro, na província de São Paulo. Retornou a Cachoeira, de acordo com ofício de 4 de abril de 1884, dali seguindo para São José dos Campos. Segundo ofício de 8 de novembro de 1884, encaminhava-se mais uma vez a Cachoeira. Teve renovada sua nomeação para a função de secretário, por ofício de 23 de dezembro de 1884. Em 14 de fevereiro de 1885, o diretor do Museu requereu passe em seu favor para viagem à estação ferroviária de Sítio. Conforme ofício de 13 de junho de 1885, preparava-se para excursão a Santa Cruz. Requereu, em dezembro de 1889, licença de seis meses para tratar de sua saúde. Exonerado, a pedido, do cargo de diretor da 3ª Seção em fins de 1890.

Fontes: SEMEAR: RA 8 D 8, fs. 28, 41v, 42, 47v, 48, 72, 80v, 97v, 98, 108v, 110, 116, 149, 158v, 168, 186v, 187 e 198 e RA 9 D 9, fs. 15, 52v, 83v, 84, 101, 123, 146v e 147. Lacerda (1905, p. 181).

FREITAS, RUY OZÓRIO DE

(*Pirassununga, SP, 13/09/1915-+?)

Por decreto de 29 de agosto de 1939, foi admitido como naturalista interino do Museu Nacional, em consequência de promoção de Manoel Baptista Leoni. Tomou posse e entrou em exercício a 5 de setembro do mesmo ano. Em março de 1940, participou de excursão do Museu ao estado de São Paulo. Entre maio e junho de 1941, realizou observações estratigráficas e paleontológicas no estado do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano, coletou rochas em Poços de Caldas, Minas Gerais, e na ilha de São Sebastião, em território paulista. Retornou à mencionada ilha entre janeiro e março de 1942, fazendo estudos petrográficos e coletando mais material geológico. Entre junho e julho de 1942, estudou afloramentos de rochas alcalinas nas localidades catarinenses de Anitápolis e Lages. Foi exonerado por decreto de 15 de setembro de 1942. Membro Associado da Academia Brasileira de Ciências a partir de 1954. Foi Professor Titular do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo a partir de 1973 e sócio fundador da Associação dos Geógrafos Brasileiros e da Sociedade Brasileira de Geologia.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 205 e 206. Academia Brasileira de Ciências (disponível em Ruy Ozório de Freitas – ABC)

GOMES, SEBASTIÃO MARTINS

(*?)

Servente, colaborou em 1957 nas tarefas ligadas à revisão das coleções de fósseis da Divisão de Geologia e Mineralogia. Em 1962 ainda permanecia ligado ao DGP trabalhando na organização das coleções.

Fonte: Relatório Anual de 1957, p. 66; Relatório Anual do Diretor de 1960 e 1962 (Carvalho, 1961, p. 70; Santos, 1963, p. 64)

GONÇALVES, CÉLIO

(*?)

Serviço de Apoio como funcionário do Departamento de Geologia e Paleontologia em 1986.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1986 (Dau, 1986, p. 164)

GONZÁLEZ, BALDOMERO BARCIA

(Rio de Janeiro, RJ, 01/02/1923-†Rio de Janeiro, RJ, 05/10/2003)

Foi inscrito em 27 de março de 1944, com autorização do diretor do Museu Nacional, para efetuar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia. Recebeu admissão como naturalista auxiliar interino, em virtude de promoção de Mário Rosa, em 22 de agosto de 1944. Tomou posse a 16 de setembro do mesmo ano, entrando em exercício dois dias mais tarde. Obteve efetivação no cargo em 20 de março de 1945, pela exoneração de Pedro Estevam de Lima. Excursionou a serviço do Museu entre maio e junho de 1945, acompanhando o naturalista Walter da Silva Curvelo em estudos sobre fosfatos e rochas eruptivas em vários municípios paulistas. Participou, no ano seguinte, de novos trabalhos de Geologia nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1948, foi encarregado de colecionar espécimes mineralógicos em Minas Gerais. Desempenhou, em 1956, funções relacionadas às áreas de Mineralogia e Petrografia. Nesse mesmo ano, selecionou material mineralógico para coleções escolares. Trabalhou, em 1957, na revisão das coleções de minerais e de rochas. Estudou, em 1958, meteoritos guardados em instituições mineiras e paulistas e realizou pesquisas bibliográficas sobre o mesmo tema. Naquele ano, acompanhou o naturalista Walter da Silva Curvello em excursão aos estados de Minas Gerais e São Paulo e procedeu à determinação de minerais e rochas das coleções da Divisão e de material petrográfico e mineralógico solicitado pela Divisão de Educação. Aposentou em 1991.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 112, 171 e 306, DA 291, f. 30, Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, p. 59 e 62), Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 66 e Relatório Anual do Diretor de 1958, p. 60 e 61. Aposentadoria: Portaria 3714 de 14/12/1991, DOU de 20/12/1991, proc. 007590/97-81.

GRILLO, ORLANDO NELSON

(*Florianópolis, SC, 10/05/1981)

Graduado (2005) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre (2007) e doutor (2014) em Zoologia pelo Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua formação está direcionada para o estudo de morfologia funcional, locomoção e biomecânica de dinossauros utilizando ferramentas de computação gráfica (modelagem e animação tridimensional) e análises cinemáticas de animais vivos. Entrou para o Museu Nacional em 2011 como Técnico de Laboratório – Zoologia. A partir de 2018 passou a Programador Visual – Edição de Arquivos Tridimensionais por concurso. Atua no Laboratório de Processamento de Imagem Digital (LAPID) e no Setor de Paleovertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia (Museu Nacional, UFRJ), onde desenvolve sua linha de pesquisa e desenvolve atividades técnicas. Participou de trabalhos de campo em diversos pontos do planeta (Brasil, Argentina, Antártida e Irã). Colabora em diversos projetos de pesquisa e técnicos e na organização de eventos (por exemplo, “II Congresso Latino-americano de Paleontologia de Vertebrados”, “Dinos in Rio 2009” e “*International Symposium on Pterosaurs*, 2013”). Também desenvolve reconstituições em vida e de esqueleto (ilustrações e escultura) de vertebrados fósseis (paleoarte) e participa ativamente na montagem de exposições

(por exemplo, “Fósseis do Continente Gelado”, “Dinossauros no Sertão”, “Um tiranossauro no Museu Nacional”). Também desenvolve trabalhos técnicos de *webdesign* (empregando XHTML e CSS), design gráfico (edição de imagens e diagramação de folders e cartazes), ilustração científica e fotografia (especialmente macrofotografia de espécimes científicos e registro de atividades de campo). Coordenador de Programação Visual e Design do Núcleo de Resgate do Museu Nacional desde 9 de setembro de 2018.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/6651795903728860>. Nomeação para o cargo de Técnico de Laboratório – Biologia, Portaria 4586 de 22/12/2010. Bol. UFRJ 05: 14 de 03/02/2011. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 4972 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 12 de 09/05/2013. Progressão padrão 3, Portaria 11606 de 01/12/2014, Bol. UFRJ 51: 30, 18/12/2014. Progressão padrão 4, Portaria 9176 de 01/12/2015, Bol. UFRJ 50: 28 de 10/12/2015. Progressão para o nível 2, Portaria 9050 de 19/09/2016, Bol. UFRJ 40: 22 de 06/10/2016. Progressão padrão 5, Portaria 3298 de 02/05/2017, Bol. UFRJ 26: 4 de 29/06/2017. Progressão nível 3, Portaria 2698 de 26/03/2018, Bol. UFRJ 15: 13 de 12/04/2018. Nomeação para o cargo de Programador Visual – Edição de Arquivos Tridimensionais, Portaria 9010 de 14/09/2018, Bol. UFRJ 38: 13 de 20/09/2018. Coordenador de Programação Visual e Design do Resgate: Portaria 12449 de 06/12/2018, Bol. UFRJ (50): 59 de 13/12/2018, retroativo a 09/09/2018.

GUIMARÃES, FELIX

(*Rio de Janeiro, RJ, 06/04/1887-†12/05/1939)

Farmacêutico, obteve nomeação em 31 de março de 1910 para o cargo de assistente do Laboratório de Química Vegetal do Museu Nacional, entrando em exercício no dia imediatamente posterior. Substituiu o chefe do Laboratório durante breves períodos nos anos que se seguiram. Por portaria do ministro da Agricultura, Indústria e Comércio de fevereiro de 1915, passou a servir como assistente de 1ª classe na Estação **Central de Química Agrícola**. Devido à extinção desta última, reapresentou-se ao diretor do Museu em janeiro de 1916, quando recebeu o título de assistente de química, de acordo com regulamento recém-aprovado. Foi designado, em setembro de 1918, para auxiliar o diretor geral da Indústria e Comércio numa comissão encarregada de investigar reclamações apresentadas por industriais da capital federal e de São Paulo. Substituiu o chefe do Laboratório entre março e agosto de 1921. Excursionou pelo estado de Minas Gerais, a serviço do Museu, nos anos de 1922, 1925 e 1928. Por apostila de abril de 1931, passou ao cargo de assistente da 1ª Seção do Museu Nacional. Representou o Museu no Segundo Congresso Brasileiro de Química e no Terceiro Congresso Sul-Americano de Química, realizados no Rio de Janeiro em 1937. Ministrou cursos de aperfeiçoamento em Química no Museu Nacional nesse último ano. Por ofício do diretor Alberto Betim Paes Leme de janeiro de 1938 passou a responder pelo expediente da Seção de Mineralogia. Em sua última excursão, esteve no estado de Minas Gerais entre dezembro de 1938 e janeiro de 1939.

Fontes: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 112 a 114 e DA 294, p. 169 e 170.

GUSSELLA, LUCIANA WITOVISK

(*Curitiba, PR, 08/02/1980)

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (2002), realizou o estágio de iniciação científica no Laboratório de Anatomia da Madeira, atuando em arqueobotânica e paleoetnobotânica. Em 2007, concluiu o mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo, com enfoque em anatomia de órgãos vegetativos de palmeiras. Concluiu o doutorado, com louvor, em Geologia (Paleontologia- Paleobotânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012), identificando e analisando tafonomicamente lenhos preservados por permineralização, carbonificação, carbonização e petrificação, do Cretáceo da Antártica. Em 2013 foi responsável pela concepção e montagem da 1ª Exposição de Paleobotânica do Museu Nacional, intitulada “A (R)evolução das Plantas”. Desde 2015 é Professora Adjunta no Museu Nacional - UFRJ. Foi docente do Departamento de Geologia e Paleontologia e curadora da

Coleção de Paleobotânica de 2015 a maio de 2021, sendo responsável pelo resgate e inventário dos remanecentes desta coleção após o incêndio no Museu Nacional em 2 de setembro de 2018. Atualmente é docente do Departamento de Botânica, atuando nas áreas de Anatomia da Madeira e Paleobotânica; é vice-coordenadora do Curso de Especialização em Geologia do Quaternário, faz parte da equipe de Resgate de Acervos do Museu Nacional, assim como da Comissão para Elaboração do Regimento do MN/UFRJ, é representante do MN/UFRJ no Conselho de Extensão Universitária da UFRJ e coordenadora do Projeto de Extensão “Meninas com Ciência”. Foi transferida, a pedido, para o Departamento de Botânica em 2021. Coordenadora de Campo do Núcleo de Resgate do Museu Nacional a partir de setembro de 2018.

Fontes: Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1038446757923597>. Nomeação: Portaria 434 de 28/01/2015, Bol. UFRJ 06: 12 de 05/02/2015. Progressão Prof. Auxiliar II, Portaria 5094 de 19/06/2017, Bol. UFRJ 25: 28 de 22/06/2017. Aprovação do Estágio Probatório e recolocação como Prof. Adjunto I, Portaria 1519 de 27/02/2018, Bol. UFRJ 11: 7 de 15/03/2018. Chefe substituto, Portaria 12879 de 25/11/2019, Bol. UFRJ 48: 16 de 28/11/2019. Coordenadoria de Campo do Resgate: Portaria 12449 de 06/12/2018, Bol. UFRJ (50): 59 de 13/12/2018, retroativo a 09/09/2018. Curadora da coleção de paleobotânica até 2021, Portaria 10687 de 07/12/2016, Bol. UFRJ 51: 42 de 22/12/2016.

HARTT, CHARLES FREDERICK

(*Fredericton, EUA, 23/08/1840-†Rio de Janeiro, RJ, 18/03/1878)

Geólogo canadense, contratado para diretor da 3ª Seção em 2 de março de 1876 e exonerado, a pedido, em 5 de fevereiro de 1877. Participou das expedições Thayer (1865-1866) sob o comando de Louis Agassiz e Morgan (1870-1871) e foi chefe da Comissão Geológica do Império de 1875 a 1877. Faleceu de febre amarela no Rio de Janeiro em 18 de março de 1878, tendo como companhia seu aluno Orville Derby.

Fontes: Lacerda (1905, p. 179); Fernandes & Fonseca (2014).

HENRIQUES, DEISE DIAS RÊGO

(*Rio de Janeiro, RJ, 18/04/1963)

Graduada (1984) em Ciências Biológicas pela Faculdade de Humanidades Pedro II, mestrado (1992) em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização (1995) em Paleopatologia e Epidemiologia pela Fundação Oswaldo Cruz e doutorado (2006) em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bióloga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolveu suas atividades no Setor de Paleovertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional no período entre 1985 e 2016. Atuou na área de Paleovertebrados com enfoque nos seguintes temas: curadoria de coleção, tafonomia e paleopatologia. Atuou como colaboradora em diversos projetos, dentre eles, o Projeto Dinossauros do Brasil coordenado pelo Prof. Sérgio Alex K. Azevedo e o Projeto Patrimônio Paleontológico do Museu Nacional: curadoria e recuperação das coleções adquiridas no século XIX coordenado pelo Prof. Antonio Carlos S. Fernandes. Foi coordenadora dos projetos “Estudo paleopatológico do acervo paleozoológico do Departamento de Geologia e Paleontologia” e “Resgate de Informações históricas e científicas” referentes ao acervo da coleção de paleovertebrados do Museu Nacional. Foi corresponsável pela disciplina Paleopatologia ministrada no Curso de Especialização Geologia do Quaternário (Departamento de Geologia e Paleontologia/Museu Nacional/UFRJ). Curadora da coleção de paleovertebrados desde 19 de junho de 2013. Aposentada desde 2016.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/1927201938558334>. Progressões: Progressão Classe S, padrão III, Portaria 945 de 08/2005. Progressão cargo E 11, Portaria 2019 de 30/07/2007, Bol. UFRJ 18: 13 de 30/08/2007. Progressão padrão 12, Portaria 227 de 13/02/2008, Bol. UFRJ 06: 32 de 13/03/2008. Progressão padrão 13, Portaria 2246 de 03/06/2009, Bol. UFRJ 13: 6 de 25/06/2009. Progressão padrão 14, Portaria 3451 de 01/09/2010, Bol. UFRJ 37: 6 de 16/09/2010. Progressão nível de capacitação 2, Portaria 7878 de 25/10/2011, Bol. UFRJ 44: 6 de 03/11/2011. Progressão padrão 15, Portaria 1266 de 01/03/2012, Bol. UFRJ 10: 14 de 08/03/2012. Progressão nível de capacitação

III, Portaria 2766 de 14/03/2013, Bol. UFRJ 14: 11 de 04/04/2013. Progressão padrão 16, Portaria 8595 de 01/08/2013, Bol. UFRJ 33: 15 de 15/08/2013. Aposentadoria voluntária, Portaria 3477 de 19/04/2016, Bol. UFRJ 18: 8 de 05/05/2016. Curadoria da coleção de paleovertebrados: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013.

JUVÊNCIO, MARGARIDA DA SILVA

(Fluminense, *?-+?)

Figura como Servente do DGP no ano de 1989.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1989 (Dau, 1989, p. 311).

KELLNER, ALEXANDER WILHELM ARMIN

(*Vaduz, Liechtenstein, 26/09/1961)

Graduado (1985) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre (1991) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre (1994) e doutor (1996) em *Geosciences – Paleontology* pela *Columbia University*, EUA. Iniciou atividade científica em 1982, dedicando-se ao estudo de vertebrados fósseis. Realizou tese de mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, revisando os pterossauros de depósitos brasileiros e concluiu tese de doutorado pela *Columbia University* em programa conjunto com o *American Museum of Natural History*, com um estudo inédito sobre as relações filogenéticas deste grupo. Organizou o primeiro workshop (Pittsburgh, 1995) e o primeiro simpósio sobre pterossauros (Nova Iorque, 1996). Participou na organização de vários congressos científicos, como o *31st International Geological Congress* (Rio de Janeiro, 2000) e o 2o Congresso Latino-americano de Paleontologia de Vertebrados (Rio de Janeiro, 2005), do qual foi o presidente. Ingressou no Museu Nacional/UFRJ em 1997, onde desempenha atividades de pesquisa, ensino e extensão. Eleito para Diretor da instituição para o quadriênio 2018-2022. Foi Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia e o Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Zoologia do museu. Desde 2007 ocupa a posição de Editor Chefe dos Anais da Academia Brasileira de Ciências. Coordenou a exposição “No Tempo dos Dinossauros”, na época a mostra científica temporária mais visitada no Brasil (220.000 visitantes) e organizou a montagem do primeiro dinossauro de grande porte do país (*Maxakalisaurus topai*) para o qual recebeu o Voto de Aplauso do Congresso Nacional (2006). É curador da coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional desde 19 de junho de 2013. Desenvolve linhas de pesquisa com répteis fósseis, sobretudo pterossauros, dinossauros e crocodilomorfos. Entre as principais descobertas está o dinossauro *Santanaraptor* em 1999 com músculos e vasos sanguíneos fossilizados, o pterossauro *Thalassodromeus* em 2002, base para estudos sobre a fisiologia, e uma nova teoria sobre a competição entre aves primitivas e pterossauros em 1994 e 2005. Descreveu 71 espécies novas, tendo estudado material da Mongólia, Irã, Marrocos, Líbano, China, Argentina, Chile, Venezuela, Estados Unidos, Austrália, Antártica e Espanha, entre outros. Organizou e/ou participou de expedições para os mais diferentes pontos do planeta como os desertos do Atacama (Chile) e Kerman (Irã), Liaoning (China) e a ilha de James Ross na Antártica. No Brasil, realizou atividade de coleta do norte ao sul do país. Além da intensa atividade acadêmica, atua na divulgação científica através de palestras e artigos populares como a coluna mensal Caçadores de Fósseis (Instituto Ciência Hoje). Orienta alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado. Possui mais de 1.080 publicações (incluindo resumos, editoriais e artigos populares), sendo mais de 270 artigos originais, publicados nas principais revistas científicas tais como *Nature*, *Science* e *PNAS*. Dos livros destacam-se os títulos “Pterossauros - os senhores do céu do Brasil” (Editora Vieira & Lent) e os romances “Na terra dos titãs” e “Mistério sob o gelo” (Editora Rocco). Além destes, possui 42 textos assinados publicados na mídia social. Devido a sua atividade concedeu centenas

de entrevistas. Também organizou documentários sobre a pesquisa paleontológica entre os quais Caçadores de Dinossauros e Expedição Antártica - o verão de 70 milhões de anos (produtora Terra Brasilis). Pela sua atividade recebeu vários prêmios e homenagens, tendo sido eleito Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, Membro Honorário da *New York Paleontological Society* e da *Sociedad Paleontologica de Chile*, e Pesquisador Associado do *American Museum of Natural History* e do *Institute of Vertebrate Paleontology and Paleoanthropology* (IVPP, China). Recebeu o prêmio da *The World Academy of Sciences* (TWAS) na categoria de Ciências da Terra de 2010, tendo sido eleito para membro da TWAS em 2013. Também foi admitido na classe de comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico (2008/outorgado em 2010) e acaba de ser promovido para a Classe Grã-Cruz, o primeiro pesquisador de paleontologia de vertebrados a receber essa honra. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0424535851535945>. Aprovado em estágio probatório: Portaria 1490 de 14/07/1999. Bol. UFRJ Extraordinário 08: 1 de 05/08/1999. Progressões: Progressão Prof. Adjunto I, Bol. UFRJ 09: 21 de 09/06/2000. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 1982 de 24/07/2002, Bol. UFRJ 19: 17 de 25/09/2002. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 3492 de 18/10/2004, Bol. UFRJ 22: 18 de 04/11/2004. Progressão Prof. Associado I, Portaria 3928 de 16/11/2006, Bol. UFRJ 24: 16 de 30/11/2006. Progressão Prof. Associado II, Portaria 2321 de 27/08/2008, Bol. UFRJ 19: 26 de 11/09/2008. Progressão Prof. Associado III, Portaria 3328 de 24/08/2010, Bol. UFRJ 35: 15 de 02/09/2010. Progressão Prof. Associado IV, Portaria 10157 de 26/11/2012, Bol. UFRJ 49: 49 de 06/12/2012. Progressão Prof. Titular, Portaria 2002 de 23/03/2015, Bol. UFRJ 13: 41 de 26/03/2015. Curadoria: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013. Chefe do DGP, Portaria 1999 de 15/09/1999, Bol. UFRJ 10: 10 de 28/10/1999. Diretoria do Museu Nacional, Portaria 951 de 01/02/2018, Bol. UFRJ 6: 14 de 08/02/2018.

KLEIN, VICTOR DE CARVALHO

(*?)

Graduado (1969) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre (1975) e doutor (1990) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor visitante na Universidade Santa Úrsula (USU) em 1971. Professor Assistente e Professor Adjunto na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) de 1971 a 1986. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Museu Nacional de 1986 a 2002 por transferência da UFRRJ. Atuava na área de Geociências, com ênfase em Geologia, principalmente sobre rochas alcalinas e rochas piroclásticas de Nova Iguaçu.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0871093540903085>. Aposentadoria voluntária como Prof. Adjunto IV, Portaria 2722 de 23/09/2002, Bol. UFRJ 21: 7 de 23/10/2002.

LEINZ, VIKTOR

(*Heidelberg, Alemanha, 1904-†São Paulo, SP, 27/03/1983)

Contratado para exercer a função de chefe da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional, entrou em exercício a 14 de dezembro de 1945. Organizou as coleções com os membros do departamento elaborando os catálogos nos moldes atuais, já que os diversos exemplares se encontravam distribuídos pelas salas e diversos armários do departamento. Foi quando se deu a criação dos livros de tombo das coleções específicas, a saber: Paleontologia de Invertebrados, Paleontologia e Vertebrados, Paleobotânica (com as coleções de fósseis estrangeiros e de fósseis brasileiros), Petrografia, Mineralogia e Geologia Econômica. Por decreto de 24 de julho de 1946, foi designado para fazer parte da Comissão Especial de Inspeção de Minas de Cobre de Camaquã e do Seival, sendo igualmente incumbido de inspecionar a mina de cobre de Caraíba, no estado da Bahia. Entre agosto e setembro de 1946, esteve no território do Amapá, onde procedeu a estudos sobre jazidas de minério de ferro, manganês e carvão. Em 1948 se retira do Museu

Nacional e é contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para substituir o paleontólogo Kenneth E. Caster.

Fonte: SEMEAR, RA 296 D 296, p. 220. Kotzian & Ribeiro, 2009, p. 52.

LEME, ALBERTO BETIM PAES

(*Rio de Janeiro, RJ, 15/11/1882-†Rio de Janeiro, RJ, 06/07/1938)

Graduado em Engenharia Civil e de Minas em Paris, concentrou suas pesquisas no campo da análise espectral aplicada à mineralogia. Seu primeiro trabalho publicado teve como tema os gnaisses (rochas metamórficas) do Rio de Janeiro. Retornando ao Brasil, foi nomeado segundo engenheiro do Serviço Geológico e Mineralógico em 20 de março de 1907, tomando posse na mesma data. Colaborou, nesta função, com o cientista Orville Derby, responsável pelo órgão. Foi pioneiro nos estudos sobre a origem das massas de rochas cristalinas formadoras da Serra do Mar, sobre as quais publicou o trabalho *Tectonismo da Serra do Mar*. Em setembro de 1910, foi exonerado do cargo de engenheiro e se tornou, por concurso, substituto da 3ª Seção do Museu Nacional. Recebeu autorização, em fevereiro de 1911, para aperfeiçoar seus estudos na Europa. Substituiu o professor da Seção no período de abril de 1912 a abril de 1913. Em seguida, obteve designação para seguir novamente rumo à Europa, com a finalidade de estudar as turfas brasileiras, voltando em 1914, quando pela aposentadoria do titular assumiu a chefia da Seção. Publicou, em 1924, a obra intitulada *Evolução da Terra e Geologia do Brasil vistas através das coleções do Museu Nacional*. Suas pesquisas nos laboratórios do Museu resultaram em duas relevantes contribuições científicas: um novo processo de análise espectral quantitativa e a descoberta de germânio em dois meteoritos brasileiros. Ao todo publicou 33 trabalhos sobre Geologia e Mineralogia, uma tese sobre o solo dos cafezais, o livro *História Física da Terra*, que aborda a fisiografia, petrografia, geologia geral e estratigráfica e recursos minerais do Brasil, e sua principal obra, *História Física da Terra vista por quem a observou do Brasil*, um estudo minucioso da geologia do país. Paes Leme voltaria ao continente europeu em fins de 1928, participando de comissão do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Nessa ocasião, representou o Museu Nacional na Conferência do Instituto Internacional de Agricultura de Roma, de onde retornou em agosto de 1929. Substituiu o diretor do Museu durante breves impedimentos no ano de 1930. Regeu um curso do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura na cidade de Paris, em 1934. A partir de 14 de maio de 1935, em decorrência de licença de Edgard Roquette Pinto, passou a exercer a função de diretor do Museu Nacional. Foi membro da Sociedade Geológica da França e da Academia Brasileira de Ciências. Por decreto de 1º de fevereiro de 1938, foi exonerado tanto da direção da Instituição quanto do cargo que detinha na carreira de naturalista.

Fontes: SEMEAR, R 293 D 293, fs. 22 a 24 e *Os Diretores do Museu Nacional*, p. 29 e 30.

LEONARDOS, OTHON HENRY

(*Niterói, RJ, 08/06/1899-†Rio de Janeiro, RJ, 1977)

Engenheiro de minas do Ministério da Agricultura, ingressou no Museu Nacional por decreto de 7 de março de 1939, transferido de sua carreira de origem para a de naturalista. Tomou posse e entrou em exercício a 18 do mesmo mês. Em julho de 1939, obteve nomeação para o cargo de professor catedrático de Geologia e Paleontologia da Universidade do Brasil, com exercício na Faculdade Nacional de Filosofia. Terminada esta comissão, em dezembro do mesmo ano, reapresentou-se no Museu. Excursionou a serviço da Instituição pelo estado de Minas Gerais em janeiro de 1940. Na mesma temporada, autorizado pelo presidente da República, viajou para

os Estados Unidos em estágio de aperfeiçoamento. Retornando em 1941, ficou à disposição do DASP, para atuar na Divisão de Material daquele órgão. Por decreto de 7 de julho de 1942, foi designado interinamente professor catedrático da cadeira de Geologia Econômica e Noções de Metalurgia da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. No mês seguinte, tornou-se suplente no recém-criado Conselho Nacional de Minas e Metalurgia. Reassumiu suas funções no Museu Nacional em abril de 1943. Entretanto, a partir de maio, serviu na Diretoria de Material Bélico do Ministério da Guerra, comissão na qual permaneceu até dezembro de 1945. Por decreto de 12 de março de 1946, foi investido na função de membro efetivo do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia, presidindo a comissão encarregada de inspecionar as minas de cobre de Camaquã e do Seival e emitir parecer sobre a continuidade desta exploração e a conveniência da construção de indústria metalúrgica de cobre no Rio Grande do Sul. Por aviso de 7 de novembro de 1946, foi colocado à disposição do Conselho de Segurança Nacional, interrompendo suas atividades no Museu Nacional. Por decreto de 20 de janeiro de 1947, passou a integrar a Comissão de Estudos e Fiscalização de Minerais Estratégicos, ligada ao Conselho de Segurança. Em agosto de 1951, obteve nomeação do presidente da República para fazer parte de outra comissão, com a finalidade de propor normas gerais para as concessões de pesquisas ou lavras de minérios relacionados à produção de energia atômica. Em 1955, foi nomeado assessor técnico da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. Por decreto de 20 de julho de 1955, obteve aposentadoria.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 187, 188, 189, 190 e 191.

LEONI, MANOEL BAPTISTA

(*Bahia, 12/10/1872-†?)

Obteve admissão no Museu Nacional como preparador do Laboratório de Química Vegetal por portaria de 2 de abril de 1910. Substituiu o assistente do mesmo laboratório durante breves períodos de 1910 e 1911. Em fevereiro de 1915, passou a servir na Seção de Mineralogia, Geologia e Paleontologia. Em 1924 procedeu o inventário do material permanente da Seção de Mineralogia, juntamente com Roberto das Trinas Silveira e Djalma Pires Ferreira, designados pelo Ministério da Agricultura. Por apostila de abril de 1931, ainda como preparador, foi transferido para a 1ª Seção. Excursionou a serviço da Instituição em dezembro desse último ano. Foi reconhecido como naturalista por apostila de fevereiro de 1937. Aposentou-se em 5 de dezembro de 1939, nos quadros do Ministério da Educação e Saúde.

Fontes: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 151 e 152; Paes Leme, s/d.

LOHMANN, CARLOS ERNESTO JULIO

(*Holanda, 03/07/1873-†?)

Foi nomeado, em 2 de abril de 1910, chefe do Laboratório de Química Vegetal do Museu Nacional, entrando em exercício no dia 16 do mesmo mês. Participou de excursões do Museu entre agosto e setembro daquele ano e em outubro de 1911. Naturalizou-se brasileiro em setembro de 1912. Foi designado, em fevereiro de 1915, diretor da Estação Central de Química Agrícola do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Ainda por determinação deste ministério, seguiu em 1916 para o estado de Pernambuco, para servir na Estação Geral de Experimentação de Escada. Exonerado do cargo que detinha no Museu em maio de 1916, reintegrou-se em junho

de 1921. Esteve, durante quase todo o ano de 1923, em comissão do Ministério da Agricultura, estudando nos estados de Minas Gerais e São Paulo a cultura do chá. A partir de janeiro de 1924, serviu na Diretoria da Propriedade Industrial, reapresentando-se ao diretor do Museu Nacional em agosto de 1927. Em fins de 1930, foi requisitado pelo Gabinete do ministro da Educação e Saúde Pública, deixando de ter exercício no Museu. Retornando a este, foi lotado na Seção de Mineralogia. Entrou em disponibilidade por decreto de 15 de junho de 1931, pela extinção do cargo que ocupava.

Fonte: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 61 e 62.

LOUREIRO, CARLOS DA SILVA

(*Santo Amaro, BA, 04/11/1870-?, 24/06/1932)

Por portaria de 2 de abril de 1910, foi nomeado substituto interino da 4ª Seção do Museu Nacional, tomando posse na mesma data. Substituiu o professor da Seção entre 10 de maio e 22 de agosto de 1911. No ano seguinte, tornou-se assistente do Laboratório de Química do Museu. Foi incumbido pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria, em 1923, da inspeção de um estabelecimento daquele órgão, localizado no estado da Bahia, executando esta missão nos meses de fevereiro e março de 1924. Excursionou a serviço do Museu pelo território baiano entre fevereiro e junho de 1926. Foi designado, em 1928, professor-chefe interino do Laboratório de Química. Em novembro do mesmo ano, passou à função de professor-chefe da Seção de Mineralogia, Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, por impedimento do titular, permanecendo no posto até agosto de 1929. Em 1930, deixou a chefia do Laboratório de Química, voltando ao cargo de assistente efetivo. Por apostila de 6 de março de 1931, foi lotado como assistente da 5ª Seção.

Fonte: SEMEAR: RA 293 D 293, f. 64.

MACEDO, ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

(*Rio de Janeiro, RJ, 26/11/1935)

Aluno do curso científico e do pré-vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia, obteve inscrição na Divisão de Zoologia do Museu Nacional em 4 de setembro de 1958. Já no 3º ano do curso de História Natural, foi inscrito na Divisão de Geologia em 13 de abril de 1961. Obteve indicação, em ofício de 29 de outubro de 1965, para ocupar uma vaga de geólogo no Quadro Permanente da Universidade do Brasil. Recebeu admissão como cooperador de pesquisa em 1º de outubro de 1968. Participou, em dezembro de 1968, de uma excursão cuja finalidade era realizar observações geológicas e coletar material petrográfico. Foi transferido para o cargo de auxiliar de ensino a partir de 20 de janeiro de 1970. Esteve no 1º Simpósio Brasileiro de Paleontologia entre 20 e 25 de setembro de 1970. Ainda em 1970, no mês de dezembro, excursionou novamente a serviço do Museu. Ascendeu à categoria de professor auxiliar em maio de 1971. Recebeu designação, conforme portaria de 30 de maio de 1972, para cooperar no ensino do Instituto de Geociências da UFRJ, ministrando a disciplina de Micropaleontologia. Em junho de 1972, passou a responder pela direção administrativa e técnica do Horto Botânico do Museu Nacional, sem prejuízo de suas atividades docentes. Deixou esta última comissão em 31 de julho do mesmo ano. Assumiu a chefia do DGP entre 1981-1983 e entre 1985-1989.

Fontes: SEMEAR: RA 292 D 292, p. 155 e 156, DA 291, fs. 69 e 83 e Ofício nº 909 de 29/10/1965. Millan (1985), Portarias 88 de 06/10/1981 e 79 de 26/09/1985.

MACIEL, BÁRBARA DA SILVA

(*Duque de Caxias, RJ, 02/12/1984)

Mestre (2012) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui Especialização *lato sensu* em Geologia do Quaternário (2008) pela mesma instituição e Licenciatura Plena em Geografia (2006) pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). É Técnica em Restauração/Paleontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2011. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em paleontologia, curadoria e estratigrafia, atuando principalmente nos seguintes temas: preparação de vertebrados fósseis, trabalhos de campo, restauração e conservação de acervos paleontológicos.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4740422672396974>. Nomeação: Portaria 2478 de 20/04/2011, Bol. UFRJ 18: 17 de 05/05/2011. Progressões: Progressão para padrão 2, Portaria 4972 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 48 de 09/05/2013. Progressão nível 2, Portaria 6227 de 28/07/2014, Bol. UFRJ 32: 13 de 07/08/2014. Aprovação em estágio probatório, Portaria 6574 de 01/08/2014, Bol. UFRJ 34: 45 de 21/08/2014. Progressão padrão 3, Portaria 10412 de 03/11/2014, B 47: 38 de 20/11/2014. Progressão padrão 4, Portaria 9176 de 01/12/2015, Bol. UFRJ 50: 60 de 10/12/2015. Progressão padrão 5, Portaria 5708 de 04/07/2017, Bol. UFRJ 31: 64 de 03/08/2017. Progressão por Capacitação Profissional nível 2, Portaria 11755 de 21/11/2018, Bol. UFRJ 50: 11 de 13/12/2018. Progressão padrão 6, Portaria 12290 de 03/12/2018, Bol. UFRJ 50: 23 de 13/12/2018. Progressão padrão 7, Portaria 3170 de 04/05/2020, Bol. UFRJ 20: 7 de 14/05/2020. Progressão de capacitação nível IV, Portaria 4368 de 25/06/2020, Bol. UFRJ 29: 8 de 16/07/2020.

MACIEL, FRANCISCO FERREIRA

(*?-+?)

Ajudante de porteiro, por portaria de 6 de janeiro de 1893. Preparador interino da 3ª Secção, por portaria de 31 de agosto de 1894. Deixou o exercício desse cargo em 19 de novembro de 1894. Dispensado do cargo efetivo em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que extinguiu o mesmo cargo.

Fonte: Lacerda (1905, p. 185)

MARINHO, GERALDO

(*?-+?)

Servente, trabalhou na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional no ano de 1956, substituindo Luiz José Vieira. Colaborou, em 1957, nas tarefas relacionadas à revisão da coleção de fósseis.

Fontes: Relatório Anual do Diretor de 1956 e 1957 (Carvalho, 1956, p. 59; 1957, p. 66).

MARINHO, MARIA CRISTINA

(Fluminense, *)

Auxiliar Administrativo no ano de 1988 e 1989.

Fonte: Relatório anual do Diretor de 1988 e 1989 (Dau, 1988, p. 230; Dau, 1989, p. 311).

MARINHO, MARIA DE FÁTIMA S.

(Fluminense, *?-+?)

Servente ao menos nos anos de 1987 e 1988, não constando na listagem de funcionários do departamento em 1989.

Fonte: Relatório anual do Diretor de 1987, 1988 e 1989 (Dau, 1987, p. 269; Dau, 1988, p. 230; Dau, 1989, p. 311).

MARTINS, EMMANOEL DE AZEVEDO

(*Rio de Janeiro, RJ, 25/03/1907-†?)

Diplomado pela Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1937, onde também veio a ser professor. Ingressou no Museu Nacional como naturalista por decreto de 27 de fevereiro de 1940, em vaga disponibilizada por promoção de Ney Vidal. Entrou em exercício a 5 de março do mesmo ano. Passou o mês de maio de 1941 em excursão do Museu ao município fluminense de Campos, onde realizou observações estratigráficas e paleontológicas. Por apostila de 23 de julho de 1941, seu cargo passou para o Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde. Excursionou, em novembro de 1942, pelas regiões do Baixo Paraíba e interior do estado de São Paulo, fazendo observações geológicas. Com a mesma finalidade, retornou a Campos em maio de 1943. Em junho de 1944, teve provimento efetivo no cargo de naturalista. Trabalhou, nessa última temporada, no levantamento dos números usados na Seção de Invertebrados. Por portaria de 27 de março de 1945, foi designado para a chefia da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional. Obteve dispensa desta comissão em julho do mesmo ano. Participou, em outubro de 1946, de excursão do Museu aos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Também a serviço da Instituição, em fevereiro de 1947, percorreu bibliotecas científicas paulistas. Entre setembro e novembro de 1947, coletou fósseis e fez observações geológicas nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná. Deu continuidade às pesquisas em território gaúcho no ano seguinte. Representou o Museu Nacional no II Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em São Paulo, de 22 a 27 de novembro de 1948. Voltou ao Rio Grande do Sul entre abril e maio de 1950, em suas pesquisas sobre as formações denominadas Maricá, Camaquã e Itararé. Coletou material malacológico em fins da mesma temporada no Distrito Federal e no estado do Rio de Janeiro. Novamente representando o Museu, foi ao IV Congresso Brasileiro de Geologia, na cidade mineira de Ouro Preto, entre 4 e 11 de novembro de 1950. Viajou para Argentina e Uruguai em 1952, com o intuito de estabelecer contato com instituições científicas daqueles países. Esteve no VI e no VII Congresso Brasileiro de Geologia, ocorridos, respectivamente, em Porto Alegre (novembro de 1952) e Teresina (novembro de 1953). Autorizado pela direção do Museu, realizou duas excursões ao Nordeste do país em 1954, participando na ocasião do VIII Congresso Brasileiro de Geologia (Recife, 3 a 11 de novembro). Em 1955, retornou aos estados nordestinos, representou a Instituição no IX Congresso Brasileiro de Geologia (em Araxá, Minas Gerais) e, por portaria de 9 de maio, foi nomeado representante do Museu Nacional junto ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Pediu e obteve dispensa desta comissão em maio de 1956. Ainda em 1956, procedeu a outros estudos geológicos e paleontológicos com invertebrados no Nordeste, em especial do Rio Grande do Norte, e recepcionou, no Museu, os participantes do X Congresso Brasileiro de Geologia. Excursionou em janeiro e fevereiro de 1957 pelo Rio Grande do Norte e estados vizinhos, coletando fósseis. Preparou, também em 1957, o trabalho *“Sinopse da Geologia do Brasil”*, encaminhado para publicação em *“Avulsos do Museu Nacional”*, ministrou aulas sobre Geologia e Paleontologia e foi coordenador do Ciclo de Palestras Culturais do Museu Nacional. Assumiu mais uma vez, em dezembro de 1957, a chefia da Divisão de Geologia e Mineralogia, permanecendo na função até março de 1960. Partiu em excursão, em julho de 1958, rumo ao Sul do Brasil. Recebeu elogio, por portaria de 10 de junho de 1958, pelo desempenho na reorganização da Divisão sob sua responsabilidade. Ainda em 1958, estudou os pectinídeos miocênios da Formação Pirabas, no Pará. Foi eleito secretário do Núcleo Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Geologia para o período 1958/1959. Em 1959, coletou material geológico e realizou observações na região de Brasília. Foi autorizado, em abril de 1960, a dar prosseguimento, a partir de julho daquele ano, a suas pesquisas geológicas e coleta de material paleontológico no Brasil Meridional. Neste mesmo ano pediu exoneração do Museu Nacional.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 229, 230, 231, 232, 233, 329, 347 e 383, Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1956, p. 64), Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 64, Relatório Anual do Diretor de 1957, p. 65 e 67 e Relatório Anual do Diretor de 1958, p. 57 e 63. Relatório Anual do Diretor de 1961 (Carvalho, 1960, p. 66). Santos & Cassab (2014, p. 43-44).

MASCARENHAS, DOMINGOS PINTO FIGUEIREDO

(*?-+?)

Preparador da 3ª Secção por portaria de 5 de julho de 1890. Exonerado, por portaria de 14 de março de 1891.

Fonte: Lacerda (1905, p. 183).

MELLO, OSCAR PUBLICO DE

(*Bahia, 27/09/1878-+08/10/1929)

Admitido no Museu Nacional como preparador da 3ª Seção por portaria de 13 de janeiro de 1898, tomou posse na mesma data. Em fevereiro do ano seguinte, foi designado para integrar a comissão verificadora de compras. Promovido a assistente da 3ª Seção em março de 1905, exerceu esta função até abril de 1910, quando assumiu o cargo de preparador. A partir de fevereiro de 1915, serviu no Laboratório de Fitopatologia do Museu. Esteve em comissão, pela Instituição, na Exposição do Centenário da Independência do Brasil (de setembro de 1921 a outubro de 1922). Reapresentando-se, voltou a desempenhar a função de preparador de Mineralogia, falecendo ainda vinculado ao Museu Nacional.

Fontes: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 163 e 164. Lacerda (1905, p. 186).

MELO, JORGE ALBERTO DE

(*?, 30/03/1911-+?)

Admitido no Museu Nacional para exercer interinamente o cargo de naturalista em 2 de fevereiro de 1943, entrou em exercício a 11 do mesmo mês. Teve provimento efetivo, habilitado por concurso, em junho de 1944. Foi designado para coligir dados sobre o estudo dos solos em Campinas, no estado de São Paulo, em janeiro de 1945. Exonerado por decreto de 2 de outubro de 1945, solicitou, conforme assentamentos de 1948, readmissão no Museu. Por decreto de 16 de março de 1954, teve esta pretensão atendida, reingressando na instituição como naturalista da classe J. Excursionou no mesmo ano pela Ilha Grande, arredores de Angra dos Reis e orla do Distrito Federal, efetuando coleta de sedimentos. Deu prosseguimento a esses estudos na temporada de 1956. Nesse último ano, foi responsável pelos trabalhos de reorganização do Laboratório de Química. Coletou, em 1957, material mineralógico em Minas Gerais, além de realizar excursão a Paraty (RJ) e proceder, no Laboratório de Química, à revisão de material científico e arrolamento do material de platina. Naquela temporada, assistiu a estagiária Ivete de Jesus M. de Souza e o professor Arquimedes E. Vaillati. Reuniu, em 1958, material bibliográfico destinado à elaboração de um trabalho de pesquisa sobre minerais radioativos, e esteve encarregado da supervisão dos serviços do Laboratório de Análises Químicas. Por portaria de 19 de fevereiro de 1960, tornou-se chefe substituto da Divisão de Geologia. Em 1961, foi autorizado a realizar mais uma excursão, desta vez às nascentes do rio Paraty-Mirim, entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Por ofício de 9 de fevereiro de 1966 ficou à disposição do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 54, 135, 346 e 398, Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1956, p. 62) Relatório Anual de 1957, p. 65 e 66, Relatório Anual de 1958, p. 60 e 61 e Ofício nº 83 de 09/02/1966.

MENDES, WALTER DE AQUINO

(*?-t?)

Escriturário, auxiliou na organização das coleções no final da década de 1940 junto com Viktor Leinz. Aposentou-se em 1956.

Fontes: SEMEAR: Caixa 146-1, notação física 146137, 21 p.

MENDES, HILDEBRANDO TEIXEIRA

(*Maranhão, 01/04/1856-t?)

Engenheiro civil, recebeu indicação para o cargo de subdiretor interino da 3ª Seção do Museu Nacional em 12 de fevereiro de 1890. Foi nomeado em 4 de março de 1890 e efetivado na função em julho do mesmo ano. Substituiu o diretor da Seção entre março de 1891 e fevereiro de 1895. Esteve presente, segundo ofício de 29 de dezembro de 1894, em reunião do Conselho Administrativo na qual foram organizadas propostas para o provimento dos cargos de diretor da segunda e terceira Seções. Obteve indicação, por ofício de 7 de janeiro de 1895, para exercer a função de secretário do Museu Nacional. Participou, em 18 de outubro de 1895, de uma reunião do Conselho Administrativo destinada à apreciação de propostas para o preenchimento de vagas de naturalista ajudante. Recebeu, por apostila de 11 de fevereiro de 1899, o título de assistente do Museu Nacional. Voltou a substituir o titular de sua Seção em diversos períodos. Por decreto de 2 de dezembro de 1909, tornou-se professor da 3ª Seção (Mineralogia, Geologia e Paleontologia). Viajou para a Europa em 1912, a serviço do Museu. Aposentou-se em 27 de maio de 1914.

Fontes: SEMEAR: RA 293 D 293, f. 130, RA 9 D 9, fs. 150 e 163v, RA 10 D 10, fs. 7, 13v, 47 e 49 e RA 11 D 11, fs. 25, 44, 53v, 54v, 56v e 73v. Lacerda (1905, p. 183)

MENDES, RAYMUNDO DE SOUZA TEIXEIRA

(*Rio de Janeiro, 05/01/1888-t?23/12/1930)

Foi admitido no Museu Nacional por portaria de 12 de abril de 1905 na função de preparador interino da 3ª Seção, tomando posse a 15 do mesmo mês. Passou ao cargo de preparador químico ajudante em abril de 1910. Por apostila de janeiro de 1912, foi reclassificado como preparador de Química Geral Analítica. Entre 1912 e 1913, efetuou estudos de aperfeiçoamento na Europa. Substituiu o assistente efetivo do Laboratório entre abril e agosto de 1921. Deixou de ter exercício no Museu por ofício de 6 de dezembro de 1930 do gabinete do ministro da Educação e Saúde.

Fonte: SEMEAR: RA 293 D 293, fs. 178 e 179.

MENDONÇA, FLORIANO BITTENCOURT BOURGUY DE

(*?-t?)

Por portaria de 3 de setembro de 1921, foi nomeado para exercer interinamente a função de preparador de Mineralogia do Museu Nacional, tomando posse e entrando em exercício no mesmo dia. Teve dispensa em 20 de outubro do mesmo ano, em consequência do retorno do serventário efetivo. Obteve inscrição como praticante do Museu em 24 de outubro de 1922, quando tinha 23 anos de idade.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 55 e DA 291, f. 9v.

MENDONÇA, IRENE MARIA FALCÃO DE

(*?-†?)

Teve admissão como extranumerária mensalista do Museu Nacional, na função de zeladora, por portaria de 11 de dezembro de 1945. Entrou em exercício a 8 de janeiro do ano seguinte. Auxiliou na organização das coleções no final da década de 1940 junto com Viktor Leinz. Foi dispensada em 7 de maio de 1951.

Fonte: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 215 e 285.

MILLAN, JOSÉ HENRIQUE

(*Itapira, SP, 22/09/1937)

Como estudante do 3º ano do curso de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 13 de maio de 1960. Em sua titulação, graduou-se Bacharel e Licenciado em História Natural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1961 e, no mesmo ano, foi nomeado geólogo interino do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Cultura, Doutor em Ciências (Geologia) pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo em 1972, Doutor e Livre Docente em Paleontologia e Estratigrafia pelo Museu Nacional/UFRJ em 1979 e Professor Titular da UFRJ em 1993. Fez estágios no Conselho Nacional de Geografia, IBGE (1959), Museu Nacional em 1960 e no Departamento Nacional da Produção Mineral em 1963. Em sua carreira como docente na UFRJ, atuou em disciplinas do Instituto de Geociências e do Departamento de Geologia e de Botânica do Museu Nacional. Foi também professor de Geologia do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) e no Curso de Formação de Professores (CEPEN) e professor de Geologia e Paleontologia no curso de História Natural da Universidade Gama Filho (UGF) e no curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Humanidades Pedro II. Realizou excursão ao estado de Santa Catarina, em 1964, com a finalidade de efetuar pesquisas geológicas. Representou o Museu, em 1965, no XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Geologia, que teve como sede a cidade do Rio de Janeiro. Segundo ofício de 27 de junho de 1966, requereu efetivação e pagamento de quinquênio. Suas principais atividades científicas se deram no campo da Paleobotânica, com ênfase no estudo das taofloras gonduânicas do estado de São Paulo, tendo sido bolsista de Produtividade em Pesquisa Pesquisador IB e Pesquisador IA do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para o desenvolvimento de suas pesquisas realizou cerca de 27 expedições científicas nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, participando também de cerca de 40 eventos científicos nacionais e internacionais, apresentando em torno de 50 comunicações científicas e publicando número semelhante de trabalhos científicos originais, especialmente sobre o Grupo Tubarão e o Subgrupo Itararé do estado de São Paulo. Foi assessor da Direção do Museu Nacional em 1971 e 1972, Chefe-Substituto do Departamento de Paleontologia de 1977 a 1979, Diretor Adjunto de Ensino e Assuntos Gerais do Museu Nacional de 1977 a 1982 e ocupou o cargo de Diretor Geral do Museu Nacional entre 1982 e 1985. Preocupou-se com a memória institucional, valorizando as atividades comemorativas. Destaca-se, em sua produção bibliográfica, a obra *O Museu Nacional e o Paço de São Cristóvão na Memória do Rio de Janeiro*, de 1988. Participou como membro de associações científicas como a Associação de Geógrafos Brasileiros, a Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP), a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, a Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), o Instituto Brasileiro de Estudos

Antárticos (IBEA), onde foi Secretário Geral (1998), o Colégio Brasileiro de Genealogia, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e a Sociedade Eça de Queiroz, nesta última como Primeiro Tesoureiro. Participou na assessoria científica em programas de pesquisa, como membro e presidente em comissões de mestrado e doutorado na USP e na UFRGS e em comissões de progressões de docentes na UFRJ. Foi palestrante em universidades como a UFRJ, UERJ, UFRRJ, Universidade Santa Úrsula e Universidade Gama Filho, no IHGRJ e nos Estudos Antárticos. Entre as distinções recebidas destacam-se a Medalha Luiz de Vasconcellos e Souza (Museu Nacional, 1979), a Medalha do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (MinC, 1985) e Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores (UBE, 1999). Foi também homenageado com a designação de espécies científicas como *Walikalia millanii* Rigby, 1972, *Samaropsis millaniana* Oliveira, 1976 e *Bumbudendron millanii* Arrondo & Petriella, 1985. Sobre sua vida no Museu Nacional fez a seguinte consideração (comunicação pessoal em 25/10/2021 por mensagem de Whatsapp encaminhada a Sandro M. Scheffler): “O pioneirismo é passível de críticas, mas ninguém poderá negar-lhe a virtude de procurar desvendar o que mentes acomodadas procuram a todo custo obstar”.

Fontes: SEMEAR: DA 291, f. 78v, Ofício nº 347 de 27/06/1966, *Os Diretores do Museu Nacional*, p. 46 e Curriculum Vitae resumido do Prof. José Henrique Millan.

MUSSA, DIANA

(*?, 19/01/1932-†?, 2007)

Professora, formada em História Natural pela Faculdade Nacional de Filosofia, foi inscrita como praticante gratuito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 11 de setembro de 1958. Neste mesmo ano foi fundadora das Sociedade Brasileira de Paleontologia. Trabalhou no Departamento de Geologia e Paleontologia de 1986 a 2002 (aposentadoria), atuando na Paleobotânica, transferida do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) com o cargo de “Técnica em Geologia”. Posteriormente foi docente concursada do Museu Nacional como Professora Adjunto (1993) e Professora Titular. Descreveu 33 novos gêneros de plantas fósseis e foi homenageada com o gênero *Mussaeoxylon* Merlotti 1998.

Fontes: DA 291, f. 69v. Aprovação do estágio probatório de Prof. Titular, reunião da CPPD, Bol. UFRJ 15: 22 de 11/09/2000. Aposentadoria compulsória: Portaria 3141 de 11/11/2002, Bol. UFRJ 24: 8 de 04/12/2002.

OLIVEIRA, FRANCISCO DE PAULA E

(*?-†?)

Diretor da 3ª Secção por decreto de 9 de julho de 1890. Exonerado, a pedido, por decreto de 29 de abril de 1891. Novamente nomeado diretor da 3ª Secção por decreto de 21 de janeiro de 1895. Considerado professor de secção em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899. Esteve em comissão do Ministério da Indústria de 8 de abril de 1895 a 19 de agosto de 1896. Em 1900 era professor da 3ª Secção em relatório ao Diretor de 12 de fevereiro. Novamente posto à disposição do mesmo ministério desde 10 de setembro de 1903. Em 1905 era professor da 3ª Secção em comissão do Ministério da Indústria e Viação. Retirou-se da 3ª Secção em 1907.

Fonte: Lacerda (1905, p. 184), Relatório anual do Diretor de 1959 (Carvalho, 1960, p.62). Relatório do DGP de 1900 de Francisco de Paula e Oliveira para o diretor sobre “os trabalhos efetuados no ano de 1899”. 7 p.

OLIVEIRA, LUIZ MARQUES

(*?-†?)

Servente, esteve lotado na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional no ano de 1956 até pelo menos 1963, trabalhando nas coleções. Em 1956 ajudou na reorganização e reequipagem do laboratório de química.

Fontes: Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1957, p. 59 e 62). Relatório Anual do Diretor de 1963 (Santos, 1964).

PAULA, PRISCILA JOANA GONÇALVES DE

(*Rio de Janeiro, RJ, 06/05/1987)

Possui graduação (2007) pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Tem experiência na área de Biologia Geral, atualmente trabalhando com preparação de vertebrados fósseis, conservação de acervos paleontológicos, moldagem e confecção de réplicas no DGP do Museu Nacional/UFRJ desde 07 de fevereiro de 2013.

Fonte: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/3147092167238816>.

PEREIRA, IRANI GOMES

(*?)

Funcionário no cargo de Contínuo.

Fontes: Progressão cargo de Contínuo NI S III, Portaria 1896 de 01/11/2001, Bol. UFRJ 24: 12 de 26/12/2001. Saída do Museu Nacional para EBA, Portaria 2818 de 05/07/2004, Bol. UFRJ 15: 11 de 29/07/2004. Aposentadoria: Portaria 8072 de 01/09/2016, Bol. UFRJ 38: 10 de 22/09/2016.

PINTO, JUVENAL DE OLIVEIRA

(*?)

Ocupou cargo de datilógrafo nível 9-B na Divisão de Geologia, ao menos no ano de 1962, responsável pela movimentação administrativa.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1962 (Santos, 1963, p. 60).

PORTO, MARIA DE LOURDES

(*?-†?)

Escriturário, entrando na Divisão de Geologia em 1956 por motivo da aposentadoria de Walter de Aquino Mendes. Em 1960 ainda exercia esta função, quando foi transferida para o quadro auxiliar do Serviço de Fotografia e Projeções do Museu Nacional.

Fonte: SEMEAR: Relatório de Ney Vidal ao diretor sobre as atividades do segundo semestre de 1956, caixa 146-1, notação física 146137, 21 p.; Relatório anual do Diretor de 1959 (Carvalho, 1960, p. 63) e de 1960 (Carvalho, 1961, p. 66).

QUINETTE, ARISTEU PEREIRA

(*Minas Gerais, ?)

Obteve autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos na Divisão de Mineralogia e Geologia em 25 de junho de 1942. Foi admitido como naturalista por portaria de 6 de maio

de 1943. Recebeu dispensa em 8 de fevereiro de 1944, por ter sido nomeado para outra função pública.

Fontes: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 150 e DA 291, f. 24v.

RANGEL, ANTONIO JOSÉ RIBEIRO DA CRUZ

(*?-+?)

Engenheiro, recebeu do Conselho do Museu Nacional em 13 de fevereiro de 1875 o título de supranumerário da **Secção de Geologia, Mineralogia e Ciências Físicas, pelos serviços prestados à mesma Secção. Por ofício de 3 de maio daquele ano, seu nome foi proposto para o cargo de adjunto da 3ª Secção. Foi efetivamente nomeado por portaria de 29 de maio, tomando posse em 14 de junho. Viajou a serviço do Museu em 6 de maio de 1876 e 20 de fevereiro de 1877, ocasiões em que se solicitou autorização de passe em seu benefício na estrada de ferro D. Pedro II.**

Fontes: SEMEAR: RA 6 D 6, fs. 187, 190v e 195v e RA 7 D 7, fs. 21v e 43. Lacerda (1905, p. 179)

REZENDE, JOFFRE MARCONDES DE

(*Minas Gerais, ?)

Obteve autorização do diretor do Museu Nacional para efetuar estudos na Seção de Geologia e Mineralogia em 9 de dezembro de 1943, quando tinha 22 anos de idade. Recebeu admissão como extranumerário mensalista, na função de naturalista, por portaria de 14 de janeiro de 1944. Entrou em exercício a 26 de fevereiro do mesmo ano. Teve dispensa em 13 de junho de 1944, por ter sido nomeado para outro cargo público.

Fontes: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 175 e DA 291, f. 28.

RAMOS, RENATO RODRIGUEZ CABRAL

(*Rio de Janeiro, RJ, 26/11/1964)

Possui graduação em Geologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1988), e Mestrado (1997) e Doutorado (2003) pelo Programa de Pós-Graduação em Geologia (Setor de Paleontologia e Estratigrafia) do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professor visitante do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) do Museu Nacional entre 2005 e 2006 e, desde janeiro de 2007, é docente neste departamento (atualmente Professor Associado III). Coordenou o Curso de Especialização em Geologia do Quaternário (GEOQUATER) do DGP entre 2007 e 2009 e foi chefe deste Departamento em 2010 e 2011. É professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geologia (IGEO/UFRJ) e do GEOQUATER, e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional/UFRJ. Entre 2007 e 2014, foi professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ. Há 17 anos é professor convidado do curso de graduação em Geologia do IGEO/UFRJ, responsável pela disciplina Geologia Histórica e corresponsável pela disciplina Geologia de Campo 2, esta última desenvolvida nas bacias de Resende e do Paraná. Foi membro efetivo do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) da UFRJ entre novembro de 2007 e fevereiro de 2014 e presidente da Câmara de Corpo Docente e Pesquisa (CCDP/CEPG) deste Colegiado entre 2010 e 2014. Foi representante titular do Fórum de Ciência e Cultura (FCC/UFRJ) no Conselho

Universitário da UFRJ entre junho de 2015 e junho de 2019 e vice-diretor do Museu Nacional entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2018. Tem como linhas de pesquisa a Geologia Sedimentar, Geoconservação, Espeleologia e História da Ciência. Participou de três operações na Antártida (Botany Bay - 1998/1999, Ilha James Ross - 2006/2007 e Ilha Seymour/Marambio - 2019/2020), atuando na análise estratigráfica de sucessões sedimentares mesozoicas da península Antártica e da Bacia Larsen. Atualmente é membro do Conselho Diretor do Clube de Engenharia e presidente da Associação Profissional dos Geólogos do Rio de Janeiro (APG-RJ).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4557680514419881>. Prof. Visitante: Portaria 477 de 28/02/2005, Bol. UFRJ 06: 6 de 24/03/2005. Nomeação como Prof. Adjunto em 02/01/2007, Portaria 10 de 02/01/2007, Bol. UFRJ, (1): 15, de 11/01/2007, proc. 23079.029654/06-58. Aprovado em estágio probatório, Portaria 1693 de 07/05/2010, Bol. UFRJ 19: 22 de 13/05/2010. Progressões: Progressão Prof. Adjunto II, Portaria 1891 de 21/05/2010, Bol. UFRJ 21: 16 de 27/05/2010. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 336 de 17/01/2012, Bol. UFRJ 04: 14 de 26/01/2012. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 14930 de 02/12/2013, Bol. UFRJ 49: 29 de 05/12/2013. Progressão Prof. Associado I, Portaria 5115 de 02/06/2016, Bol. UFRJ 23: 21 de 09/06/2016. Progressão Prof. Associado II, Portaria 1036 de 05/02/2018, Bol. UFRJ 06: 18 de 08/02/2018. Curadoria: coleções de Mineralogia, Rochas Sedimentares e Geologia Econômica, Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ (28): 46 de 11/07/2013; Portaria retificadora 3991 de 27/04/2018, Bol. UFRJ 18: 40 de 03/05/2018. Chefe substituto, Portaria 1920 de 22/07/2008, Bol. UFRJ 16: 18 de 31/07/2008. Chefe do DGP, Portaria 996 de 22/03/2010, Bol. UFRJ 13: 6 de 01/04/2010. Diretor Substituto do MN, Portaria 1257 de 12/02/2014, Bol. UFRJ 08: 19 de 20/02/2014.

ROCHA, MARIANA VIRGÍLIO

(*Rio de Janeiro, RJ, 09/02/1993)

Possui graduação em Museologia (2016) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem experiência na área de Museologia. É Técnica de Laboratório-Coleções Geopaleontológicas do Museu Nacional desde 30 de dezembro de 2020.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/9925990216330356>. Nomeação: Portaria 8316 de 27/11/2020, Bol. UFRJ 49: 20 de 03/12/2020.

RODRIGUES, JEFERSON FERNANDES

(*Niterói, RJ, 31/03/1965)

Desde 2013 como Técnicos em Assuntos Educacionais do DGP. Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GDE/UERJ). Exerce a função de Técnico em Assuntos Educacionais na UFRJ, lotado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, no Departamento de Geologia e Paleontologia e de Professor de História na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/8819503596219901>. Nomeação: Técnico em Assuntos Educacionais - Rio de Janeiro - TEAR, Portaria 403 de 29/01/2010, Bol. UFRJ 05: 28 de 04/02/2010. Entrada para o DGP: Portaria 5522 de 13/05/2013, Bol. UFRJ 20: 17 de 16/05/2013. Progressões: Progressão para técnico padrão 2, Portaria 649 de 01/02/2012, Bol. UFRJ 07: 34 de 16/02/2012. Progressão nível de capacitação II, Portaria 2346 de 30/03/2012, Bol. UFRJ 14: 15 de 05/04/2012. Aprovação no estágio probatório, Portaria 3524 de 01/04/2013, Bol. UFRJ 18: 7 de 02/05/2013. Progressão padrão 3, Portaria 6280 de 03/06/2013, Bol. UFRJ 24: 33 de 13/06/2013. Progressão padrão 4, Portaria 9068 de 01/10/2014, Bol. UFRJ 43: 22 de 23/10/2014. Progressão padrão 5, Portaria 2849 de 04/2016, Bol. UFRJ 15: 23 de 14/04/2016. Progressão padrão 6, Portaria 8865 de 03/10/2017, Bol. UFRJ 42: 4 de 19/10/2017. Progressão padrão 7, Portaria 3699 de 02/05/2019, Bol. UFRJ 19: 17 de 09/05/2019. Progressão nível 3 de capacitação profissional, Portaria 2508 de 30/03/2020, Bol. UFRJ 16: 6 de 16/04/2020. Progressão padrão 8, Portaria 6858 de 01/10/2020, Bol. UFRJ 42: 12 de 15/10/2020.

RODRIGUES, NÉLIO MARTINS

(*?, 25/08/1943)

Foi admitido no Museu Nacional, na Tabela de Pessoal da Legislação Trabalhista, em 1º de janeiro de 1964. Trabalhava na Divisão de Geologia (não consta o cargo). Obteve reconduções nos anos seguintes. Pediu dispensa do serviço em 20 de dezembro de 1968.

Fontes: SEMEAR: RA 292 D 292, p. 50 e 51 e Ofício nº 864 de 21 de outubro de 1965.

SÁ, INOSITA CORREA DE

(*?, 01/03/1907-†?)

Por portaria de 3 de março de 1928 foi contratada como auxiliar de 2ª classe da **Secção de Mineralogia do Museu Nacional, a contar de 1º de janeiro daquele ano. Obteve sucessivas renovações de contrato nos anos seguintes. Extranumerária mensalista por portaria de março de 1939, foi enquadrada** como auxiliar de 1ª classe. Reconduzida conforme publicação no Suplemento do Diário Oficial de 30 de dezembro de 1939, passou ao cargo de auxiliar de escritório VIII. Trabalhou em 1943 e 1944 no fichamento de material da Divisão de Zoologia. Em 1945, teve seu expediente antecipado para auxiliar os trabalhos de revisão de bibliografias e reorganização do arquivo da Divisão de Antropologia. Recebeu melhoria salarial, na função de escrevente-datilógrafa, em março de 1952. Em 1954, incorporou gratificação por haver completado 25 anos de serviço público. Por portaria de 29 de novembro de 1955 foi readmitida no cargo de auxiliar administrativo. Trabalhou em 1956 na Divisão de Zoologia. Teve a seu cargo, em 1958, todo o expediente daquela Divisão. Requereu aposentadoria conforme ofício de 13 de dezembro de 1965, por contar mais de 35 anos de serviço público. Aposentou-se em 19 de maio de 1967.

Fontes: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 21, 57, 112, 152, 203, 228, 247 e 276, Relatório Anual de 1956, p. 71, Relatório Anual de 1958, p. 68 e Ofício nº 1051 de 13 de dezembro de 1965.

SANGUINETTI, PEDRO ACHILLES

(*?-†?)

Conforme ofício de 14 de abril de 1885, remeteu de Nápoles um volume contendo objetos destinados ao Museu Nacional. Foi mencionado no mesmo mês como naturalista auxiliar da Instituição, sendo solicitados em seu benefício passes para que viajasse pela rede ferroviária com a finalidade de formar coleções zoológicas, geológicas e arqueológicas.

Fonte: SEMEAR: RA 8 D 8, fs. 181, 182 e 183.

SANTOS, DORVALINO FRANCISCO DOS

(*?)

Servente.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1956 (Carvalho, 1956).

SANTOS, JOSÉ OLÍMPIO DOS

(*?-†?)

Por portaria de 25 de julho de 1953 foi contratado como zelador do Museu Nacional, extranumerário mensalista. Recebeu equiparação a funcionário efetivo conforme publicação no Diário Oficial de 17 de dezembro de 1954. Esteve lotado no ano de 1956 na Divisão de Geologia e Mineralogia. Trabalhou em 1957 na revisão das coleções de minerais e rochas. Executou em 1958 tarefas relacionadas à limpeza das coleções de fósseis invertebrados, figurando também como responsável pelas exposições da Divisão. Permaneceu no departamento até pelo menos 1963.

Fontes: SEMEAR: RA 296 D 296, p. 347. Relatório Anual do Diretor de 1956, 1967 e 1958 (Carvalho, 1956, p. 59; 1957, p. 66; 1958, p. 59 e 61). Relatório Anual do Diretor de 1962 e 1963 (Santos, 1963, p. 64; 1964).

SANTOS, MAIARA NETO LACERDA DOS

(*Rio de Janeiro, RJ, 11/06/1981)

Licenciada (2010) em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Possui formação Técnica/profissionalizante (2000) em Química pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis, antiga Escola Técnica Federal de Química (ETFQ/RJ). É concluinte (2011) do Curso de Pós-Graduação (*lato sensu*) em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ. Técnica de Laboratório no Programa de Engenharia Civil do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), na Universidade federal do Rio de Janeiro, atuando no Setor de Análises Químicas e Mineralógicas do Laboratório de Geotecnia Ambiental. ***Técnica de Laboratório-Química do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional desde 2019.***

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/0733100302051104>. Nomeação: vaga 290097, Portaria 1329 de 10/05/2005, Bol. UFRJ 10: 35 de 19/05/2005. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 2018 de 30/07/2007, Bol. UFRJ 24: 10 de 22/11/2007. Aprovação estágio probatório, Portaria 1855 de 18/07/2008, Bol. UFRJ 16: 5 de 31/07/2008. Progressão padrão 3, Portaria 1848 de 05/05/2009, Bol. UFRJ 15: 38 de 23/07/2009. Progressão padrão 4, Portaria 2966 de 29/07/2010, Bol. UFRJ 32: 9 de 12/08/2010. Progressão padrão 5, Portaria 4288 de 01/06/2012, Bol. UFRJ 36: 18 de 06/09/2012. Progressão nível de capacitação II, Portaria 8379 de 22/10/2012, Bol. UFRJ 44: 34 de 01/11/2012. Progressão padrão 6, Portaria 10078 de 02/09/2013, Bol. UFRJ 37: 24 de 12/09/2013. Progressão padrão 7, Portaria 2366 de 01/04/2015, Bol. UFRJ 15: 15 de 09/04/2015. Progressão padrão 8, Portaria 4985 de 01/06/2016, Bol. UFRJ 24: 16 de 16/06/2016. Entrada no DGP, Portaria 12074 de 06/11/2019, Bol. UFRJ 48: 40 de 28/11/2019.

SANTOS, NÁDIA NOLASCO DOS

(*?)

Secretária do DGP de 24 de setembro de 2002 a 2004.

Fontes: Ata da 243ª Reunião do DGP, Ata da 249ª Reunião do DGP de 01/12/2004. Progressão Técnico em Secretariado Classe S I, Portaria 417 de 31/01/2002, Bol. UFRJ 07: 13 de 10/04/2002. Progressão nível S II, Portaria 1681 de 01/07/2002, Bol. UFRJ 15: 7 de 31/07/2002. Entrada no Museu Nacional (DGP?), portarias 2929 a 2988 de 11/10/2002, Bol. UFRJ 22: 23 de 06/11/2002. Progressão S III, Portaria 888 de 31/03/2003, Bol. UFRJ 09: 10 de 06/05/2003. Progressão D1, padrão 13, Portaria 2785 de 10/08/2006, Bol. UFRJ 16 Extraordinário de 11/08/2006. Progressão padrão 14, Portaria 2019 de 30/07/2007, Bol. UFRJ 18: 13 de 30/08/2007. Progressão padrão 15, Portaria 2513 de 24/09/2007, Bol. UFRJ 23 suplemento de 08/11/2007. Progressão padrão 16, Portaria 2246 de 03/06/2009, Bol. UFRJ 13: 6 de 25/06/2009. Transferência para a secretaria da Comissão de Pós-graduação e Pesquisa do Museu Nacional, Portaria 194 de 24/01/2005. Aposentada a pedido, Portaria 2633 de 03/07/2009, Bol. UFRJ 15: 23 de 23/07/2009.

SANTOS FILHO, JOSÉ DOMINGOS DOS

(*Resende, RJ, 22/02/1886)

Admitido como praticante gratuito da Seção de Zoologia, ingressou no Museu Nacional em 20 de novembro de 1915. Em abril do ano seguinte passou à função de preparador interino de Mineralogia, Geologia e Paleontologia. Quando o titular do cargo reassumiu seu exercício, em agosto de 1916, voltou ao posto de praticante. Retornando também o praticante efetivo, em março de 1917, foi dispensado do serviço do Museu.

Fontes: SEMEAR: RA 293 D 293, f. 133 e DA 291, f. 5.

SAULES JÚNIOR, CARLOS LUIZ DE

(*?-†?, 11/10/1878)

Subdiretor da 3ª Secção por decreto de 9 de fevereiro de 1876. Diretor interino da mesma secção em 1º de abril de 1876 até pelo menos 20 de fevereiro de 1877. Falecido em exercício desses cargos em 11 de outubro de 1878.

Fontes: SEMEAR: RA 7 D 7, fs. 13, 19v, 29, 43 e 95. Lacerda (1905, p. 180).

SCHEFFLER, SANDRO MARCELO

(*Marechal Cândido Rondon, PR, 28/08/1976)

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (2000), Mestre (2004) e Doutor (2010) em Ciências - Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como professor de Ciências e Biologia do Ensino Fundamental e Médio na rede particular (Escola Sagrada Família, 2004-2006) e pública (Secretaria Estadual de Educação do Paraná, Escola Estadual São Braz, 2000-2002, e Colégio Estadual Pinheiro do Paraná, 2000-2001). No Ensino Superior foi professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, Campus Diadema, 2010-2013), lecionando a disciplina de Paleontologia para os cursos de Ciências Biológicas e Ciências Ambientais, e colaborando com a Disciplina de Zoologia de Deuterostomados para o curso de Ciências Biológicas. Na UNIFESP era lotado no Setor de Ciências Ambientais, onde foi chefe de 2011 a 2013. Atualmente é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde ocupa o cargo de Professor Associado, nível 701 (Classe DI), lotado no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, desde 2013. No DGP já ocupou o cargo de chefe-substituto (2016-2018) e chefe (2018-2019), representante do departamento na Comissão de Exposições (2014-2021), e atual Membro do Comitê Curatorial (2020-2021), responsável pela elaboração das novas exposições do Museu Nacional. Atua como professor dos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências (PPGI), de Ciências Biológicas (Zoologia-PPGZoo) e de Geologia – Patrimônio Geopaleontológico (PPGeo) do Museu Nacional, além do curso de Especialização em Geologia do Quaternário do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP), onde leciona as disciplinas de Paleontologia Geral, Paleoinvertebrados, Paleozoologia de Invertebrados, Curadoria de coleções Paleontológicas – Paleoinvertebrados, Patrimônio Paleontológico Brasileiro. É curador da coleção de paleoinvertebrados e responsável pelo resgate da coleção dos escombros do palácio desde o incêndio de 02 de setembro de 2018. Atual chefe do Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN), o mais antigo laboratório de paleoinvertebrados do país, e Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Paleoinvertebrados do Fanerozoico da América do Sul e Antártica, desenvolve pesquisas relacionadas a diversas áreas da Paleontologia, preocupando-se principalmente com os estudos dos macroinvertebrados paleozoicos e cretácicos, com enfoque principal em taxonomia e paleontologia estratigráfica, atuando também na recuperação histórica da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional e na história da Paleontologia brasileira. Membro da Sociedade Brasileira de Geologia (SBG) e da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP), onde é o atual Diretor de Publicações desde 2017, Editor-chefe do Boletim Paleontologia em Destaque (Paleodest) e representante na Comissão Brasileira de Estratigrafia. É membro da Comissão Executora da Rede Brasileira de Equinodermos (Echinodermata BR). Suas pesquisas resultaram na organização de um livro e de dois volumes especiais de periódicos científicos, 38 artigos científicos, quatro capítulos de livro, 37 apresentações ou palestras, 150 resumos ou resumos expandidos publicados em anais de eventos científicos e cinco textos em boletins informativos de sociedades, sites e revistas de divulgação científica.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/3277004651684542>. Professor do Ensino Fundamental e Médio do estado do Paraná, entre 2000 e 2002, regime celetista Paraná Educação Ltda. Professor Adjunto da UNIFESP, nível 1, em regime de Dedicação Exclusiva, código de vaga nº 0873594, Portarias de 13 de dezembro de 2010 da UNIFESP, publicada no D.O.U. Seção 2, nº 244, de 22 de dezembro de 2010, p. 26. Professor Adjunto, nível 1, UFRJ, em regime de Dedicação Exclusiva, código de vaga 0923684, Portaria nº 14725, de 27 de novembro de 2013, processo 23079.046041/13-04, BUFRJ 49, 05 de dezembro de 2013, p. 24; D.O.U. Seção 2, nº 232, 29 de novembro de 2013, p. 53. Termo de posse na UFRJ, de 03 de dezembro de 2013. Curador da coleção de Paleoinvertebrados do DGP, Museu Nacional/UFRJ, Portaria nº 8665, de 18 de setembro de 2014, BUFRJ nº 39, de 25 de setembro de 2014, p. 41. Substituto Eventual da Função de Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia/MN, do Museu Nacional/ FCC, FG-1, Processo nº 23079.002191/16-10, Portaria nº 588, de 25 de janeiro de 2016, BUFRJ nº 4, 28 de janeiro de 2016, p. 9. Professor Adjunto, nível 3, a partir de 26/02/2016, Processo nº 23079.031076/2016-44, Portaria nº 6445, de 06 de julho de 2016, BUFRJ nº 28, de 14 de julho de 2016, p. 19. Aprovado no estágio Probatório, processo 059608/2016-16, Portaria nº 1238, de 21 de fevereiro de 2017, BURJ nº 11, de 16 de março de 2017, p. 3. Representante do DGP na comissão de exposições, Portaria nº 2817, de 12 de abril de 2017, BUFRJ nº 16, de 20 de abril de 2017, p. 32. Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/FCC, FG-1, processo nº 23079.004956/18-18, Portaria nº 1465, de 26 de fevereiro de 2018, BUFRJ nº 9, de 1º de março de 2018, p. 13. Professor Adjunto, nível IV, Processo nº 23079.012796/2019-53, a partir de 25 de fevereiro de 2018, Portaria nº 4889, de 29 de maio de 2019, BURJ nº 23, de 06 de junho de 2019, p. 47.

SCHÜCH, GUILHERME

(*Ouro Preto, MG, 17/01/1824-†Rio de Janeiro, RJ, 28/07/1908)

Guilherme Schüch, o Barão de Capanema, naturalista e engenheiro. Adjunto da 3ª Secção, sem vencimentos, por aviso do Ministério dos Negócios de 18 de julho de 1849. Participou como chefe da seção geológica da Comissão Científica de Exploração no Ceará. Permaneceu no cargo de acordo com as relações de pessoal publicadas em 8 de julho de 1857, 18 de maio de 1859 e 23 de dezembro de 1875.

Fontes: SEMEAR: RA 2 D 2, f. 180v e RA 4 D 4, fs. 64v, 123v e 183v. Lacerda (1905, p. 175).

SEDORKO, DANIEL

(*Ponta Grossa, PR, 29/12/1990)

Licenciado em Ciências Biológicas (2012) e Mestre em Geografia (2015) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; Doutor (2018) em Geologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atuou como serralheiro em uma fábrica de alambrados (2003-2012), professor de Ciências e Biologia do Ensino Fundamental e Médio na rede pública (Secretaria Estadual de Educação do Paraná, em 2011, na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, Colégio Estadual Presidente Kennedy, Colégio Estadual Dorah Gomes Daitschman, Colégio Estadual General Osório). No Ensino Superior foi professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, Campus Monte Carmelo, 2019-2022), lecionando as disciplinas de Biologia Aplicada à Geologia, Paleontologia I, Paleontologia II, Estratigrafia e Mapeamento Geológico I para o curso de Geologia. Entre 2018 e 2022 foi professor convidado em disciplinas de Pós-Graduação no Programa de Pós-Graduação em Geografia (UEPG) e no Programa de Pós-Graduação em Geologia (UFRJ). Atualmente é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde ocupa o cargo de Professor Adjunto, Nível 1 (Classe A), lotado no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, desde março de 2022. É membro do Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN) desde março de 2022, o mais antigo laboratório de paleoinvertebrados do país, vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Ichnos”, e pesquisador dos grupos de pesquisa “Palaios - UEPG”, “Análise de Bacias Sedimentares - UNESP” e “Paleoinvertebrados do Fanerozoico da América do Sul e Antártica - UFRJ”. Desenvolve pesquisas relacionadas a diversas áreas da Paleontologia, com enfoque na área de Icnologia de Invertebrados e suas aplicações em Geologia Sedimentar, Estratigrafia, Paleobiologia e Paleoecologia, atuando também em estudos com macroinvertebrados, com enfoque em Tafonomia. Membro da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP) desde 2013. Suas pesquisas resultaram na organização de um livro na área de Icnologia, 28 artigos científicos, 7 capítulos de livro, 43 apresentações ou palestras, 69 resumos ou resumos expandidos publicados em anais de eventos científicos e 2 textos em boletins informativos de sites e revistas de divulgação científica.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/2948562630625893>. Professor do Ensino Fundamental e Médio do estado do Paraná, em 2011, regime “PSS” Paraná Educação Ltda. Professor Adjunto da UFU, nível 1, em regime de Dedicção Exclusiva, código da vaga nº 0932666, Portaria Nº 582, de 25 de fevereiro de 2019, publicada no D.O.U. em 26/02/2019, edição 40, seção 2, página 41. Nomeação na UFRJ, Portaria de 21 de fevereiro de 2022, edição 37, seção 2, página 26, BUFRJ nº 8, de 24 de fevereiro de 2022, p. 16.

SEEHAUSEN, PEDRO LUIZ DINIZ VON

(*Petrópolis, RJ, 10/08/1987)

Nomeado em 06 de novembro de 2018 no cargo de Programador Visual – Editor de Arquivos Tridimensionais.

Fontes: Portaria 11021 de 30/10/2018, Bol. UFRJ (45): 21 de 08/11/2018, proc. 23079.052632/18-88. Progressão padrão 2, Portaria 6008 de 01/09/2020, Bol. UFRJ 37: 8 de 10/09/2020.

SERRÃO, [FREI] CUSTÓDIO ALVES

(*Alcântara, MA, 1799-†Rio de Janeiro, RJ, 10/03/1873)

Frei da Ordem dos Carmelitas Calçados, ingressou na Universidade de Coimbra em 1817, onde se dedicou às Ciências Naturais formando-se professor de Química e Física. Foi lente de Zoologia e Botânica na Imperial Academia Militar. Obteve nomeação para o cargo de diretor do Museu Nacional por decreto de 26 de janeiro de 1828 sendo seu terceiro diretor. Recebeu a incumbência, por portaria de 15 de janeiro de 1829, de separar coleções minerais em duplicata, que seriam postas à disposição do ministro plenipotenciário do reino da Dinamarca. Prestou contas ao marquês de Caravelas, em janeiro de 1830, a respeito dos funcionários e das despesas ordinárias. Informou a José Lino Coutinho, em junho de 1832, sobre remessas de produtos zoológicos, botânicos e mineralógicos feitas pelo naturalista prussiano Sellow ao Museu Nacional. Afastando-se provisoriamente de suas funções em fins de 1835, retomou-as cerca de dois anos mais tarde. Negociou em novembro de 1837 a aquisição e preparação de um dromedário empalhado, que seria incorporado ao acervo do Museu. Apresentou relatório, em 6 de março de 1838, sobre os trabalhos desenvolvidos na instituição no ano anterior, informando igualmente acerca dos melhoramentos que considerava necessários em suas dependências. Analisou em maio de 1838, por ordem do governo regencial, amostras de carvão de pedra procedentes da província de Alagoas. Solicitou em 19 de abril de 1841 autorização de despesas para instalar iluminação especial no Museu, por ocasião da coroação de D. Pedro II. Por decreto de 11 de fevereiro de 1842, obteve nomeação para a direção da recém-criada Secção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas, acumulando estes encargos com os da direção geral. Por portaria de 2 de março de 1842, assumiu também a direção da Seção de Numismática e Artes Liberais. Participava de prestigiadas instituições da sociedade imperial, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), da qual foi presidente honorário. Durante sua gestão foi elaborado o primeiro regimento do Museu Nacional. Tornou a se afastar da direção por aviso de 29 de dezembro de 1843, pelo qual se declarou doente. Por ofício de 12 de setembro de 1845 entrou em novo impedimento, em decorrência de “forte ataque de erisipela”. Solicitou demissão, sendo atendido por decreto imperial de 25 de janeiro de 1847. Dirigiu, entre 1849 e 1861, o Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro.

Fontes: Lacerda (1905, p. 174), Fernandes & Henriques (2011, p. 202-205). Documentos da Universidade de Coimbra: Certidão de Idade (SR: Certidões de Idade (1772 -1833) Vol. 10, fl. 70), e os registros de matrículas referentes ao Primeiro Ano Filosófico (SR: Livros de Matrículas (1819 -1820), Livro 47, fl. 280v), ao Segundo Ano Filosófico (SR: Livros de Matrículas (1820 -1821), fl. 285), ao Terceiro Ano Filosófico (SR: Livros de Matrículas (1821 -1822), fl. 344v) e ao Quarto Ano Filosófico (SR: Livros de Matrículas (1822 -1823), fl. 546). SEMEAR: RA 1 D 1, fs. 51, 55, 60, 69, 70, 71, 72, 102, 103, 104, 116, 117, 134, 135 a 141, 152, 153 e 184, RA 2 D 2, fs. 3, 8, 39, 86, 92 e 126 e *Os diretores do Museu Nacional/UFRJ*, p. 10.

SILVA, ALFREDO ESTEVES DA

(*?, 01/11/1932)

Técnico em Química, foi inscrito no Laboratório de Química (Divisão de Geologia) do Museu Nacional em 4 de julho de 1968.

Fonte: SEMEAR: DA 291, f. 125v.

SILVA, GABRIELA PEREIRA

(*Nova Iguaçu, RJ, 26/06/1996)

Entrada em 18 de dezembro de 2020 no cargo de Técnico de Laboratório – Coleções Geopaleontológicas.

Fonte: Nomeação: vaga 705403, proc. 23079.221415/2020-69, Portaria 8315 de 27/11/2020, Bol. UFRJ 49: 20 de 03/12/2020.

SILVA, HÉLDER DE PAULA

(*Duque de Caxias, RJ, 18/03/1971)

Especialista em Geologia do Quaternário pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Finalizou o curso em 2003 com trabalho de conclusão relacionado a mecanismos de preservação de tecidos em fósseis. Possui graduação em Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade do Grande Rio (2000). É Técnico em Restauração/Paleontologia do Museu Nacional desde 20 de abril de 2011. Atualmente é o responsável pelo laboratório de preparação de fósseis do Museu Nacional/UFRJ, onde atua na orientação dos estagiários, preparação de fósseis, moldagem, replicagem e montagem de exemplares para exposição. As linhas de maior interesse em pesquisa são dentes de dinossauros terópodes, preservação de tecidos e descoberta de novas técnicas e materiais para coleta e preparação de material fossilizado. Atua também como docente na Educação Básica (Secretaria Estadual de Educação) e Superior na Universidade do Grande Rio. Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Paleozoologia, atuando principalmente nos seguintes temas: paleontologia, dinossauro, educação, cretáceo e fósseis. Coordenador de Campo do Núcleo de Resgate do Museu Nacional desde 9 de setembro de 2018.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/8591227805485150>. Nomeação para o cargo de Técnico em Restauração/Paleontologia: Portaria 2506 de 20/04/2011 no DOU, Seção 2, p. 17 de 10/05/2011, proc. 23079.015720/11-70. Coordenador de Campo do Resgate: Portaria 12449 de 06/12/2018, Bol. UFRJ 50: 59 de 13/12/2018, retroativo a 09/09/2018. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 4972 de 02/05/2013, Bol. UFRJ 19: 12 de 09/05/2013. Progressão nível de capacitação II, Portaria 7725 de 27/08/2014, Bol. UFRJ 36: 16 de 04/09/2014. Aprovação Estágio probatório, Portaria 2848 de 01/04/2016, Bol. UFRJ 18: 42 de 05/05/2016. Progressão padrão 3, Portaria 4985 de 01/06/2016, Bol. UFRJ 24: 16 de 16/06/2016. Progressão padrão 4, Portaria 6340 de 04/07/2016, Bol. UFRJ 28: 18 de 14/07/2016. Progressão padrão 5, Portaria 4662 de 02/06/2017, Bol. UFRJ 31: 28 de 03/08/2017. Progressão padrão 6, Portaria 12289 de 03/12/2018, Bol. UFRJ 50: 22 de 13/12/2018. Progressão padrão 7, Portaria 3842 de 28/05/2020, Bol. UFRJ 22, Extraordinário, 2ª parte, p. 3, de 29/05/2020.

SILVA, HÉLIO

(*?)

Serviço de Apoio como funcionário do Departamento de Geologia e Paleontologia em 1986 e 1987.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1986 e 1987 (Dau, 1986, p. 164; Dau, 1987, p. 269)

SILVA, JOSÉ DA

(*?-+?)

Por decreto de 5 de janeiro de 1824 foi nomeado escriturário do Museu Nacional. Por portaria de 22 de fevereiro de 1842, tornou-se guarda e preparador das Seções de Mineralogia e Numismática. Segundo relação nominal de empregados publicada em 25 de julho de 1845, tinha nesta data 43 anos de idade. Permanecia no cargo conforme relação de pessoal publicada em 22 de novembro de 1848. Recebeu nova nomeação, para os cargos de porteiro, guarda e preparador, em 11 de novembro de 1852. Continuava exercendo as mesmas funções segundo relação de pessoal publicada em 8 de julho de 1857. Por decreto de 30 de outubro de 1857 obteve aposentadoria.

Fontes: SEMEAR: RA 1 D 1, p. 32, 51, 55, 70, 104, 105, 109, 117 e 142, RA 2 D 2, fs. 6, 89 e 163, RA 3 D 3, f. 71 e RA 4 D 4, fs. 64v e 76.

SILVA, THAIS GALVÃO DA

(*Rio de Janeiro, RJ, 31/08/1946)

Conforme ofício do diretor da Prefeitura Universitária da UFRJ de 14 de maio de 1970 foi lotada no Museu Nacional. O cargo não está especificado no livro de assentamentos. Permanecia a serviço da Instituição em julho de 1971. Conforme relatos de funcionários aposentados trabalhou

inicialmente na secretaria do Departamento de Geologia, tendo entrado posteriormente como professora em meados da década de 1970, permanecendo no cargo até meados da década de 1980.

Fonte: SEMEAR: RA 292 D 292, p. 117.

SILVA, MIGUEL ANTONIO DA

(*?-†?)

Por ofício de 5 de março de 1866, seu nome foi proposto para o cargo de diretor adjunto da Seção de Mineralogia e Geologia. Em 3 de dezembro do mesmo ano recebeu nova indicação, para a direção da Seção de Zoologia e Anatomia Comparada. Foi efetivamente nomeado em 12 do mesmo mês. Conforme ofício de 2 de abril de 1868, reassumiu suas funções no Museu Nacional ao retornar de viagem à Europa. De acordo com ofício de 3 de junho de 1870, emitiu parecer sobre amostras de carvão de pedra e ferro fundido remetidas de Mariana (MG) para o Museu. Recebeu, segundo aviso de 31 de dezembro de 1872, minerais que formariam coleções destinadas à Exposição Nacional. Permanecia como adjunto da Seção de Zoologia pela relação de pessoal publicada em 23 de dezembro de 1875.

Fontes: SEMEAR: RA 5 D 5, fs. 116v, 117, 130 e 169v e RA 6 D 6, fs. 21, 114v e 183. Lacerda (1905, p. 177).

SILVA, RUY MAURICIO DE LIMA E

(*Ouro Preto, MG, 07/10/1896-†?, 30/07/1979)

Ingressou no Museu Nacional por decreto de 4 de junho de 1934, aprovado em concurso para professor da Seção de Mineralogia. Entrou em exercício a 11 do mesmo mês. Excursionou a serviço do Museu pelo estado de Minas Gerais entre 19 de julho e 1º de agosto do mesmo ano. Também neste ano e em 1935 executou trabalhos de organização e reformas das coleções e exposições. Em 1935 participou de novas excursões, a Pernambuco e à Argentina. Por apostila de 25 de fevereiro de 1937, passou a exercer o cargo de naturalista nos quadros do Ministério da Educação e Saúde. Chefiou entre janeiro e julho desse ano um grupo de engenheiros recém-formados enviado ao Japão. Foi exonerado do Museu Nacional em 24 de fevereiro de 1938, por ter optado pelo cargo de professor catedrático na Escola Nacional de Engenharia.

Fonte: SEMEAR: DA 294, p. 151; Silva, 1935, 1936.

SILVEIRA, ALAYR GUTERRES DA

(*?, 06/02/1911-†?)

Praticante gratuito da Seção de Mineralogia, obteve inscrição em 16 de fevereiro de 1928. Foi contratado como auxiliar de 2ª classe do Museu Nacional por portaria de 1º de novembro de 1928. Conforme os termos do decreto nº 872 de 1º de junho de 1936, foi denominado auxiliar de 3ª classe. Tornou-se extranumerário mensalista por portaria de 31 de março de 1939, no cargo de auxiliar técnico de 2ª classe. Teve dispensa em 13 de abril desse mesmo ano, por ter aceitado outra função pública.

Fontes: SEMEAR: DA 296 R 296, p. 32, 62 e 88 e DA 291, f. 11.

SILVEIRA, SÍLVIA MARIA TEIXEIRA

(*Belo Horizonte, MG, 06/12/1984)

Graduada (2010) em Geologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com especialização (2017) em Geologia do Quaternário e mestrado (2019) em Geociências, ambos pelo Museu Nacional/UFRJ. Atuou na área de Geotecnia, e desenvolve atividades e pesquisas principalmente nos seguintes temas: geoconservação, patrimônio geológico, educação em geologia, divulgação das geociências, geoparques, formação de professores, geoética. Nomeada Técnica de Laboratório/Coleções Geopaleontológicas do Museu Nacional/UFRJ em 11 de dezembro de 2019 e lotada desde 21 de janeiro de 2020 na área de gerenciamento de coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia.

Fonte: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/7174357169212519>. Nomeação: Portaria 13794 de 11/12/2019, DOU 240: 29 de 12/12/2019.

SINGER, OTTO

(*?-†?)

Naturalista, encontrava-se a serviço do Museu Nacional na província de São Paulo em outubro de 1881. Segundo ofício de 20 de setembro de 1883, foi requisitado passe em seu benefício rumo à estação ferroviária do Norte de São Paulo e desta para Caldas. Estava incumbido de formar coleções mineralógicas.

Fontes: SEMEAR: RA 7 D 7, fs. 196, 198v e 199 e RA 8 D 8, fs. 82v, 83 e 100.

SMITH, HERBERT HUNTINGTON

(*Manlius, EUA, 21/01/1851-†Tuscaloosa, EUA, 22/03/1919)

Naturalista norte-americano, contratado como naturalista viajante de 23 de dezembro de 1881 a 1886, responsável pela primeira coleta de fósseis de invertebrados da Chapada dos Guimarães, sendo depositados no Museu Nacional e posteriormente descritos por Orville Derby em 1895. Participou das atividades de campo da expedição Morgan em 1870 e da Comissão Geológica do Império em 1876 com Charles F. Hartt.

Fontes: Doc. MN 237, pasta 20, de 23/12/188. Fernandes & Fonseca (2014); Kunzler *et al.* (2011).

SOARES, MARINA BENTO

(*Porto Alegre, RS, 31/08/1967)

Graduada (1989) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui mestrado (1996) em Geociências e doutorado (2004) em Ciências pelo PPGGeo/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Geociências - Conceito CAPES 7). Foi docente do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências da UFRGS de abril de 2005 a abril de 2019. Atualmente é professora Associada Nível 3 do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2019 e orientadora permanente do PPGGeo-Patrimônio Geopaleontológico do Museu Nacional e do Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional (Conceito CAPES 6). Também atua como docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geociências

(PPGGeo) da UFRGS. Tem experiência na área de Paleontologia (Paleozoologia e Paleontologia Estratigráfica), com ênfase em Paleontologia de Vertebrados, atuando principalmente nos seguintes temas: Morfo-anatomia, Filogenia, Histologia, Tafonomia e Bioestratigrafia de tetrápodes fósseis do Permo-Triássico do Rio Grande do Sul. Sua pesquisa tem como foco principal o estudo dos cinodontes não-mamaliaformes (Therapsida, Cynodontia) e paleohistologia de tetrápodes fósseis. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/7334066101340578>. Portaria autorizando a redistribuição: Portaria 000253 de 15/03/2019, DOU 53, Seção 2, p. 22 de 19/03/2019.

SOARES, SARA NUNES

(*Natal, RN, 01/04/1986)

Graduada (2018) em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Técnica (2007) em Geologia e Mineração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Atualmente é Técnica em Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participando de diversos projetos de pesquisas e exerce atividades de caracterização de solos, análise química, físico-química e mineralógica de rochas e solos no Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ). Atuou no DGP de 2011 a 2019 quando foi transferida, a pedido, tendo feito parte de diversos projetos de pesquisas exercendo atividades de geologia de campo, coletas de amostras, descrição de rochas e minerais e atuando na curadoria das coleções de petrografia, geologia econômica, mineralogia e meteorítica.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/7376408270579117>. Nomeação para o cargo de Técnico em Geologia proc. 23079.033779/11-02, Portaria 4846 de 18/07/2011, Bol. UFRJ 30: 9 de 28/07/2011. Progressões: Progressão padrão 2, Portaria 14921 de 02/12/2013, Bol. UFRJ 50: 39 de 12/12/2013. Progressão nível de capacitação II, Portaria 10117 de 28/10/2014, Bol. UFRJ 45: 35 de 06/11/2014. Progressão padrão 3, Portaria 1 de 05/01/2015, Bol. UFRJ 05: 15 de 29/01/2015. Progressão padrão 4, Portaria 1893 de 01/03/2016, Bol. UFRJ 11: 40 de 17/03/2016. Progressão capacitação nível III, Portaria 8039 de 31/08/2016, Bol. UFRJ 36: 12 de 08/09/2016. Progressão padrão 5, Portaria 8866 de 03/10/2017, Bol. UFRJ 42: 33 de 19/10/2017. Progressão padrão 6, Portaria 778 de 04/02/2019, Bol. UFRJ 6: 16 de 07/02/2019. Saída do DGP: Portaria 12076 de 06/11/2019, Bol. UFRJ 48: 40 de 28/11/2019. Progressão padrão 7, Portaria 5413 de 04/08/2020, Bol. UFRJ 33: 25 de 13/08/2020.

SOUSA, SARAH SIQUEIRA DA CRUZ GUIMARÃES

(*Lambari, MG, 18/08/1988)

Graduada (2013) em Engenharia Geológica pela Universidade Federal de Ouro Preto, mestre (2016) em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutoranda em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 2016). Atualmente é Tecnóloga em Gerenciamento de Coleções Geopaleontológicas do Museu Nacional/UFRJ com entrada em 25 de setembro de 2018. Sua área de pesquisa é em mineralogia, com ênfase em minerais pesados e minerais de pegmatitos.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4750794197979107>. Progressão padrão 2, Portaria 3003 de 28/04/2020, Bol. UFRJ 20: 6 de 14/05/2020.

SOUZA, ESMERALDINO AUGUSTO DE

(*?-?)

Auxiliou na organização das coleções no final da década de 1940 junto com Viktor Leinz.

VALDEMAR, CLÁUDIA DO CARMO

(*Fluminense-†?)

Auxiliar Administrativo no ano de 1986.

Fonte: Relatório anual do Diretor de 1986 (Dau, 1987, p. 269) são ainda citados o, o Servidor de Apoio *Hélio Silva* e a Servente *Maria de Fátima S. Marinho*.

VIDAL, NEY

(*Rio de Janeiro, RJ, 01/11/1902-†11/11/1957)

Ingressou no Museu Nacional na função de praticante gratuito da Seção de Mineralogia, onde trabalhou de janeiro de 1922 a janeiro de 1923. Contratado como naturalista auxiliar da mesma Seção em 1º de maio de 1924, obteve seguidas renovações de contrato até que, por portaria de 23 de outubro de 1929, foi nomeado para exercer interinamente a função de preparador. Ao longo desses anos, excursionou pela Instituição aos estados do Espírito Santo, São Paulo e Goiás. Encarregou-se, em 1928, do transporte do meteorito Santa Luzia de Goiás para o Museu. Colaborou com os trabalhos do professor Alberto Betim Paes Leme. Em abril de 1931, foi efetivado como preparador da 1ª Seção. No exercício deste cargo, esteve em novas excursões aos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Por apostila de 25 de fevereiro de 1937, passou à carreira de naturalista, nos quadros do Ministério da Educação e Saúde; na ocasião, encontrava-se em Lagoa Santa, Minas Gerais. Enviado pelo Museu, voltou a Pernambuco em 1939 e 1940, e em 1941 esteve em São Paulo e Mato Grosso, buscando jazidas paleontológicas. Por portaria de 5 de maio de 1943, fez investigações geológicas no município fluminense de Campos. Deu prosseguimento, em 1944, aos trabalhos de Paleontologia que executava em Pesqueira, estado de Pernambuco. Colaborou, em 1945, com a Expedição de Pesquisas Sertanejas à Mesopotâmia Araguaia-Xingu, procedendo a observações sobre a estrutura do solo naquela região. Foi designado, por portaria de 12 de julho de 1946, para substituir o chefe da Divisão de Geologia e Mineralogia, Viktor Leinz, nos impedimentos deste. Obteve dispensa a pedido de tais encargos no ano seguinte. Ainda em 1947, excursionou pelo Rio Grande do Sul explorando jazidas fossilíferas. Fez novas pesquisas paleontológicas no mesmo estado em 1948. Realizou outras coletas de material científico, em 1949, nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em 1950, com o intuito de completar seus estudos sobre o Permo-triássico, esteve mais uma vez em território gaúcho e mineiro. Tornou-se chefe da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional por portaria de 26 de dezembro de 1950. Foi autorizado, em fins de 1951, a empreender novas pesquisas nos estados do Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Integrou, em 1952, a comissão julgadora dos trabalhos concernentes ao Prêmio Orville Derby, do Departamento Nacional de Produção Mineral. Por portaria de 14 de março de 1952, assumiu a função de substituto eventual do diretor do Museu Nacional. Fez excursão geopaleontológica, de outubro a dezembro de 1952, ao estado do Rio de Janeiro e áreas limítrofes, observando em especial os jazimentos fossilíferos de Itaboraí (RJ). Durante impedimento de Heloísa Alberto Torres, exerceu interinamente a direção do Museu de 7 de janeiro a 19 de abril de 1953. De dezembro de 1953 a março de 1954, coletou material científico nos estados meridionais. Presidiu, por portaria de 26 de janeiro de 1956, uma comissão de baixa de material em desuso do Museu Nacional. Em novembro de 1956, fez mais reconhecimentos geopaleontológicos no estado do Rio de Janeiro e regiões vizinhas. Realizou, em 1957, estudos sobre mamíferos pleistocênicos do Nordeste do Brasil, deixando ao falecer um trabalho quase completo. Naquele ano, efetuou excursões no estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal, visando o enriquecimento das coleções do Museu.

Fontes: SEMEAR: DA 294, p. 73, 74, 75, 166, 254, 255, 318 e 370, DA 291, f. 8v e Relatório Anual de 1957, p. 64, 65, 99 e 100.

VIEIRA, LUIZ JOSÉ

(*?-+?)

Servente, trabalhou na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional no ano de 1956. Colaborou, em 1957, nas tarefas relacionadas à revisão da coleção de fósseis. Estava a serviço no DGP até 1961, quando foi transferido para a Divisão de Zoologia. Permaneceu a serviço do Museu em abril de 1966.

Fontes: Relatório Anual de 1956, 1957, 1960 e 1961 (Carvalho, 1956, p. 59; 1957, p. 66; 1961, p. 70; Santos, 1962, p. 70) e SEMEAR Ofício nº 213 de 12 de abril de 1966.

ZUCOLOTTO, MARIA ELIZABETH

(*Rio de Janeiro, RJ, 06/03/1957)

Graduada (1978) em Astronomia pelo Observatório do Valongo/UFRJ, com Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Meteoritos e a formação do Sistema Solar, mestrado (1988) em Geologia pelo Instituto de Geociências/UFRJ com a monografia em Meteoritos Metálicos e doutorado (1995) em Engenharia Metalúrgica e de Materiais pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ) com tese em Ligas Magnéticas. É professora do Museu Nacional/UFRJ e responsável pela guarda da coleção de meteoritos de 1997 a 2013 e curadora oficial da coleção desde 19 de junho de 2013; atualmente é Professora Associada IV e chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia. Tem experiência interdisciplinar na área de Planetologia, atuando principalmente nos seguintes temas: meteoritos, identificação, análise e classificação de novos meteoritos brasileiros, divulgação e projetos de extensão com o público e cientistas amadores estimulando a divulgação da meteorítica no Brasil.

Fontes: Currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/7897659291298589>. Curadoria: Portaria 7073 de 19/06/2013, Bol. UFRJ 28: 46 de 11/07/2013. Aprovação em estágio probatório, Portaria 1669 de 05/08/1999, Bol. UFRJ 08: 2 de 26/08/1999. Progressões: Progressão Prof. Adjunto II, P 2342 de 17/11/2000, Bol. UFRJ 22: 20 de 22/12/2000. Progressão Prof. Adjunto III, Portaria 2293 de 19/08/2002, Bol. UFRJ 18: 23 de 11/09/2002. Progressão Prof. Adjunto IV, Portaria 1625 de 26/06/2008, Bol. UFRJ 15: 39 de 17/07/2008. Progressão Prof. Associado I, Portaria 4486 de 05/07/2011, Bol. UFRJ 28: 11 de 14/07/2011. Progressão Prof. Associado II, Portaria 7546 de 25/08/2014, Bol. UFRJ 35: 19 de 28/08/2014. Progressão Prof. Associado III, Portaria 5790 de 17/06/2019, Bol. UFRJ 25: 32 de 20/06/2019. Progressão Prof. Associado IV, Portaria 5791 de 17/06/2019, Bol. UFRJ 25: 32 de 20/06/2019. Chefe DGP: Portaria 12912 de 25/11/2019, Bol. UFRJ 48: 16 de 28/11/2019. Chefe substituto, Portaria 1993 de 15/09/1999, Bol. UFRJ 10: 22 de 28/10/1999. Portaria 998 de 22/03/2010, Bol. UFRJ 13: 6 de 01/04/2010.

ANEXO II

Lista adicional de praticantes, praticantes gratuitos e estagiários do DGP da última década dos oitocentos até 1969 de acordo com anotações compiladas do SEMEAR.

ANDRADE, JOSÉ PESSOA DE

(*Ceará, 1894)

Foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 4 de novembro de 1915, aos 21 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 5.

ARAÚJO, HERNANI EBECKEN DE

(*1902)

Químico industrial, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 10 de setembro de 1930, quando tinha 28 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 12.

ARAÚJO, HILDA FLORA SILVA

(*1913)

Aluna da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, obteve inscrição como praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, aos 24 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19.

ARAÚJO, MARIA ALICE EBECKEN DE

(*02/06/1928)

Química industrial, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 27 de abril de 1953.

Fonte: DA 291, f. 54v.

BARBOSA, RITA ALVES

(*Ilha de São Francisco, SC, 19/11/1932)

Estagiária da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional, estava, em 1957, sob a orientação do naturalista Walter da Silva Curvello. Formada em História Natural do antigo Instituto Lafaiete, posteriormente Universidade do Estado da Guanabara (UEG), foi fundadora em 1977 do curso de Geologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) onde atuou como professora da disciplina de petrografia.

Fonte: Relatório Anual de 1957, p. 66 e 89. Informações pessoais.

BASTOS, LUCIA

(*22/11/1927)

Estudante do curso científico, obteve inscrição nas Divisões de Geologia e Zoologia do Museu Nacional em 6 de maio de 1950.

Fonte: DA 291, f. 45v.

BLAUCO, CARLOS FERNANDO CARVALHO

(*08/05/1940)

Geólogo com curso de fotointerpretação, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 21 de março de 1968.

Fonte: DA 291, f. 122v.

BRAGA, MARIO

(*12/12/1943)

Estudante de Geografia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 25 de julho de 1966.

Fonte: DA 291, f. 111.

BRANDÃO, DYONISA

(*?/08/1925)

Estudante, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 19 de setembro de 1947.

Fonte: DA 291, f. 41.

CABRAL, MARIA LUIZA CARNEIRO

(*1917)

Aluna da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrita como praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, quando tinha 20 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19v.

CAMARGO, LÍGIA

(*24/08/1943)

Geóloga com curso de fotointerpretação, foi inscrita na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 21 de março de 1968.

Fonte: DA 291, f. 123.

CANTIÇÃO, ANTONIETTA DE LANNO

(*Rio de Janeiro, 1917)

Autorizada pelo diretor do Museu Nacional, foi inscrita para realizar estudos na Divisão de Geologia e Mineralogia em 15 de março de 1944, aos 27 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 29.

CARDOSO, ALDIR LISBOA

(*27/04/1936)

Professora, com formação em História Natural pela Universidade do Estado da Guanabara, foi inscrita na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 29 de novembro de 1962.

Fonte: DA 291, f. 91.

CARONE, IBRAHIM

(*1904)

Estudante de Medicina, inscreveu-se como praticante gratuito da Seção de Mineralogia e Geologia do Museu Nacional em 8 de maio de 1931, com 27 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 12v.

CARVALHO, ANA MARIA BOLLETO FREIRE DE

(*13/01/1946)

Professora, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em dezembro de 1968, com a finalidade de “auxiliar nas atividades rotineiras”.

Fonte: DA 291, f. 128v.

CARVALHO, LUIZ CARLOS PEREIRA DE

(*01/04/1939)

Estudante de Geografia da Faculdade Fluminense de Filosofia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 24 de janeiro de 1966.

Fonte: DA 291, f. 108.

COSTA JÚNIOR, BENEDICTO

(*Rio de Janeiro, 1892)

Praticante gratuito da Seção de Mineralogia, Paleontologia e Geologia, foi inscrito no Museu Nacional em 21 de março de 1916, com 24 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 5v.

COUTINHO, ARAKEN DE AZEREDO

(*Rio de Janeiro, 1893)

Praticante gratuito do Laboratório de Mineralogia do Museu Nacional, foi inscrito na Instituição em 23 de maio de 1916, quando tinha 23 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 5v.

COUTINHO, NEYDE PEREIRA

(*30/04/1927)

Bacharel em História Natural pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 17 de março de 1953.

Fonte: DA 291, f. 54.

CRELIER, RUSSI

(*29/08/1925)

Estudante, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 1º de outubro de 1956.

Fonte: DA 291, f. 63v.

CRUZ, SONIA DA

(*20/08/1946)

Estudante de Geologia, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 9 de abril de 1968.

Fonte: DA 291, f. 123.

CRUZ, ZÉLIA PIRES DA

(*27/02/1933)

Estudante de Química Industrial, foi inscrita na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 7 de agosto de 1954.

Fonte: DA 291, f. 57v.

CURVELO, RONALD BRAGA

(*21/05/1938)

Estudante do Científico, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 9 de fevereiro de 1955.

Fonte: DA 291, f. 58.

DOMINGUES, ALFREDO JOSÉ PORTO

(*Rio de Janeiro, 1921)

Obteve autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia em 8 de maio de 1942, aos 21 anos de idade.

Fonte: DA 291, fs. 23v e 24.

FAKIEL, NATHAN J.

(*09/05/1940)

Formado pela Escola Nacional de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 29 de setembro de 1965.

Fonte: DA 291, f. 102.

FERREIRA, LUIZ AUGUSTO R.

(*Rio de Janeiro, 1922)

Foi autorizado pelo diretor do Museu Nacional a realizar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia, em 3 de maio de 1944, quando tinha 22 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 30v.

FLORENTINO, MARIA DO SOCORRO

(*?)

Estagiária da Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional, foi orientada pelo conservador auxiliar Omir Fontoura em trabalhos de laminação e polimento, durante o ano de 1957.

Fonte: Relatório Anual de 1957, p. 66 e 89.

FRANCISCO, MUCHIR MIGUEL

(*1918)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, com 19 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19.

FRANCISCO, WALDYR ABDO

(*1905)

Aluno do curso de Farmácia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, obteve inscrição como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, quando tinha 32 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19.

FURTADO JUNIOR, JOSÉ MENDONÇA

(*1911)

Aluno do curso de Farmácia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, inscreveu-se como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, com 26 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19.

GAGLIANONE, PAULO CÉSAR

(*24/12/1944)

Estudante de Geologia, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 4 de novembro de 1966.

Fonte: DA 291, f. 113v.

GALVÃO, LUIZ FERNANDO

(*21/08/1944)

Estudante do 3º ano de Geologia do Instituto de Geociências, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 8 de abril de 1969.

Fonte: DA 291, f. 132v.

GONÇALVES, ÁUREA

(*Rio de Janeiro, 1919)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia em 20 de novembro de 1942, quando tinha 23 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 25v.

GONÇALVES, CLÉA VARGAS

(*08/07/1933)

Professora, com formação em História Natural, foi inscrita na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 16 de maio de 1968.

Fonte: DA 291, f. 123v.

GRECO, LUIZ ANTONIO

(*25/08/1936)

Técnico da PETROBRAS, formado em Geografia pela Universidade do Estado da Guanabara, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 29 de maio de 1969.

Fonte: DA 291, f. 135v.

GUERRA, ERNESTO

(*19/07/1926)

Aluno do curso de Química do Instituto Lafayette, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 10 de janeiro de 1946.

Fonte: DA 291, f. 38v.

HUSSAK, MARIA LUISA

(*05/02/1906)

Praticante gratuita da Seção de Mineralogia, obteve inscrição em 19 de abril de 1928. Por portaria de 3 de março de 1928, foi contratada como auxiliar de 2ª classe da Biblioteca do Museu Nacional, com efeitos legais a partir de 1º de janeiro daquele ano. Compareceu ao trabalho até 1º de dezembro de 1930, deixando de figurar na folha de pagamento no ano seguinte.

Fontes: RA 296 D 296, p. 23 e DA 291, f. 11.

KELLY, YEDA PONTES

(*02/10/1935)

Estudante de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, estagiou na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 1957. Como bolsista do CNPq, estudou em 1958, na Divisão de Botânica, a família *Trigoniaceae*, sob a orientação do naturalista Luiz Emygdio de Mello Filho. Obteve nova inscrição, na mesma Divisão, em 5 de setembro de 1959.

Fontes: Relatório Anual de 1957, p. 89, Relatório Anual de 1958, p. 52 e 53 e DA 291, f. 75.

KLEIN, FLÁVIO

(*14/12/1944)

Estudante do 3º ano de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 19 de setembro de 1967.

Fonte: DA 291, f. 119v.

KOPIER, JOSÉ

(*16/06/1941)

Estudante da Escola Nacional de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 17 de setembro de 1965.

Fonte: DA 291, f. 101v.

LEME, JORGE BETIM PAES

(*1910)

Engenheiro civil, foi inscrito como assistente gratuito da Seção de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 13 de dezembro de 1934, aos 24 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 16.

LEMONS, HAGAR VIEIRA

(*08/04/1931)

Professora, foi inscrita na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 17 de agosto de 1960, sob orientação de Omir Fontoura e depois de Cândido Simões Ferreira com paleoinvertebrados.

Fonte: DA 291, f. 79v. Relatório Anual do Diretor de 1960 e 1961 (Carvalho, 1961, p. 66; Santos, 1962; p. 70).

LIMA, ADHEMAR BEZERRA FERREIRA

(*1914)

Aluno do Colégio São Bento, foi apresentado no Museu Nacional por Félix Guimarães e inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia em 18 de março de 1932, quando tinha 18 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 13.

LIMA, CASEMIRO MARTINS DE

(*1906)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 31 de agosto de 1937, aos 31 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19v.

LIMA, MIGUEL AMARO RIBEIRO

(*1907)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 16 de setembro de 1937, quando tinha 30 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 20.

LIMONGI, MARIA JOSÉ DE MORAIS

(*Rio de Janeiro, 1912)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional, em 20 de novembro de 1942, para realizar estudos na Divisão de Geologia e Mineralogia. Tinha 30 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 25v.

MAIA, CARMÉLIA

(*1918)

Aluna da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, obteve inscrição como praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 5 de agosto de 1937, quando tinha 19 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 18v.

MARANHÃO, NEY

(*?)

Aluno do 3º ano da Escola Nacional de Geologia, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 17 de janeiro de 1966.

Fonte: DA 291, f. 108.

MAYER, LUCIA MONTILLA

(*20/01/1949)

Estudante de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, foi inscrita na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 19 de junho de 1969. Já como Bacharel em Geografia foi orientada em sua dissertação de mestrado inicialmente por Diana Mussa e, em seguida, por Friedrich Wilhelm Sommer, tendo por tema os lenhos fósseis do Permiano da Bacia do Paraná. Concursada, pertenceu ao quadro de funcionários do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM).

Fonte: DA 291, f. 137. Mayer (1993, p. 107-108).

MEDEIROS, GIL MAGNO WALKER

(*15/03/1943)

Estudante de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 4 de novembro de 1966.

Fonte: DA 291, f. 114.

MELLO, APPARICIO DOS SANTOS

(*1907)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, obteve inscrição como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 5 de agosto de 1937, quando tinha 30 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 18v.

MELLO, FERNANDO JOSÉ CARVALHO DE

(*06/06/1944)

Estudante de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 30 de março de 1967.

Fonte: DA 291, f. 115.

MELLO, LÚCIA REIS ALBERTO DE

(*06/03/1945)

Estudante do curso secundário, obteve inscrição na Divisão de Zoologia do Museu Nacional em 26 de março de 1962. Em 15 de abril de 1966, como aluna do curso de História Natural da

Universidade do Estado da Guanabara, foi inscrita na Divisão de Geologia. Passou a atuar na Divisão de Botânica em 20 de dezembro de 1967.

Fonte: DA 291, fs. 87v, 109v e 121.

MENDES, WALTHER

(*31/12/1936)

Estudante do 3º ano de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 25 de maio de 1960. Já fazia estágio interrompido à pedido no ano de 1959 com o naturalista Baldomero B. González

Fonte: DA 291, f. 78v. Relatório Anual do Diretor de 1959 (Carvalho, 1960, p. 71).

MENDONÇA JÚNIOR, CLAYDE MACHADO DE

(*09/11/1934)

Estudante do Científico, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 5 de março de 1953.

Fonte: DA 291, f. 53v.

MENEGHEZZI, MARIA DE LOURDES D.

(*1910)

Praticante gratuita da Seção de Mineralogia, obteve inscrição no Museu Nacional em 24 de novembro de 1928, com 18 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 11v.

MENEZES, SEBASTIÃO DE OLIVEIRA

(*Varre-Sai, RJ, 25/12/1942)

Estudante de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 2 de maio de 1967. Posteriormente foi professor fundador do curso de Geologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde permaneceu de 1968 a 1993 e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) de 1995 a 2009.

Fonte: DA 291, f. 116.

MONTEIRO, MÁRIO

(*18/08/1938)

Estudante do Científico, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 2 de julho de 1954.

Fonte: DA 291, f. 57.

MOREIRA, LUIZ EURICO

(*17/11/1937)

Bacharel e licenciado em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo (RS), obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 13 de dezembro de 1965, com o intuito de realizar estudos de Paleontologia. Estava, de acordo com ofício de 2 de junho de 1966, sob a orientação de Carlos de Paula Couto.

Fontes: DA 291, f. 104v e Ofício nº 297 de 2 de junho de 1966.

MOREIRA, NEWTON UZEDA

(*Rio de Janeiro, 1899)

Foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 19 de julho de 1918, aos 19 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 6v.

NETTO, ANTONIO VALENTE

(*31/07/1936)

Geógrafo do INPA, estagiou na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 1957. Participou, naquele ano, de uma viagem ao Nordeste brasileiro em companhia do naturalista auxiliar Fausto Luiz da Silva Cunha, da naturalista contratada Maria Martha Barbosa e do conservador auxiliar Omir Fontoura. A excursão tinha como objetivos a realização de observações geológicas e a coleta de material fóssilífero. Obteve nova inscrição em 7 de abril de 1958. Integrou outra excursão ao Nordeste, destinada à coleta de material paleontológico, e procedeu à revisão do fichário de Paleontologia-Invertebrados. Concluiu seu estágio em 6 de outubro de 1958.

Fontes: Relatório Anual de 1957, p. 65, 66 e 89, Relatório Anual de 1958, p. 60, 61 e 62 e DA 291, f. 67.

NORKA, TÍLIA DE JESUS

(*23/02/1940)

Estudante do curso científico, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 1º de outubro de 1959.

Fonte: DA 291, f. 75v; Carvalho (1960, p. 68).

OLIVEIRA, WALTER BRUNO DE

(*Rio de Janeiro, 1920)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional para efetuar estudos na Divisão de Geologia e Mineralogia em 9 de agosto de 1944, quando tinha 24 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 31.

PAGANI, FLAVIO RODRIGUES

(*29/08/1937)

Estudante de História Natural da Faculdade de Filosofia da UEG, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 21 de fevereiro de 1961. Em

30 de setembro de 1963, como professor de ensino secundário, foi inscrito na Divisão de Zoologia.

Fonte: DA 291, fs. 81v e 93v.

PAULO, JAMIL FELÍCIO

(*1918)

Aluno do curso de Farmácia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, aos 19 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19.

PEIXOTO, LYPPE PEREIRA

(*1908)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 12 de agosto de 1937, quando tinha 29 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 18v.

PENNA, WEIMAR

(*1917)

Aluno da Escola Politécnica, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 2 de fevereiro de 1937, quando tinha 20 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 18.

PINHEIRO, ALBERTO

(*Rio Grande do Sul, 1884)

Foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 18 de maio de 1914, quando tinha 30 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 4v.

PINHEIRO, ANTONIO MARQUES

(*Rio Grande do Sul, 1882)

Obteve inscrição como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 27 de dezembro de 1915, quando tinha 33 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 5.

PINTO, JOSÉ CARLOS COSME

(*Rio de Janeiro, 1927)

Obteve autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos na Divisão de Geologia e Mineralogia em 9 de maio de 1944, aos 17 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 30v.

PUPPIN, CHRISTIANO

(*29/07/1939)

Estudante de Geologia, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 4 de novembro de 1966.

Fonte: DA 291, f. 114.

QUINHÕES, AÉCIO LOPES

(*29/03/1931)

Estudante do curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 17 de março de 1953.

Fonte: DA 291, f. 54.

RAMOS, ANTONIO

(*11/03/1936)

Estudante de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 17 de setembro de 1960, com o Conservador-auxiliar Omir Fontoura. Permanecia em estágio até pelo menos 1962. Posteriormente foi professor de mineralogia e de petrografia na Universidade Gama Filho.

Fonte: DA 291, f. 80; Relatório Anual do Diretor de 1960, 1961 e 1962 (Carvalho, 1961, p. 71; Santos, 1962, p. 71; Santos, 1963, p. 65).

REIS, MARIA NILZA DOS

(*1913)

Aluna da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrita como praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 31 de agosto de 1937, com 24 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 20.

ROSAS, NAIR BRUNNER

(*Rio de Janeiro, 1910)

Obteve inscrição como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 16 de maio de 1933, com 23 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 15.

ROSENBLIT, VALTER

(*11/10/1932)

Estudante do 3º ano científico, foi inscrito na Divisão de Mineralogia do Museu Nacional em 27 de abril de 1950.

Fonte: DA 291, f. 45v.

SANTOS, LUIZ CARLOS DOS

(*07/04/1939)

Estudante do Científico, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 7 de julho de 1956. Esteve em 1957 sob a orientação do naturalista Walter da Silva Curvello.

Fontes: DA 291, f. 62 e Relatório Anual de 1957, p. 66.

SARAIVA, MARIUZA DA SILVEIRA

(*18/06/1936)

Professora com formação em História Natural pela UEG, inscreveu-se na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 29 de novembro de 1962.

Fonte: DA 291, f. 91.

SILVA, ANÍSIO DE MESQUITA E

(*Minas Gerais, 1889)

Foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia, Geologia e Paleontologia do Museu Nacional em 27 de julho de 1916, aos 27 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 5v.

SILVA, BEATRIZ CONSTANT DE MELLO E

(*1912)

Praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, obteve inscrição em 10 de agosto de 1932, quando tinha 20 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 13v.

SILVA, JOÃO HENRIQUE DE OLIVEIRA E

(*13/03/1914)

Médico, foi inscrito na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 10 de janeiro de 1946.

Fonte: DA 291, f. 38v.

SILVA, JOSÉ PINTO DA

(*1916)

Aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 17 de agosto de 1937, quando tinha 21 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19v.

SILVEIRA, ESTANISLAU KOSTKA PINTO DA

(*10/08/1931)

Estudante de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, obteve inscrição na Seção de Paleontologia (Divisão de Geologia) do Museu Nacional em 15 de outubro de 1959. Em 18 de novembro de 1963, já intitulado naturalista, foi inscrito na Divisão de Zoologia.

Fonte: DA 291, fs. 76v e 94.

SIMÕES, NAIRO SERPA

(*27/03/1936)

Estudante do curso científico, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 27 de março de 1951.

Fonte: DA 291, f. 48.

SOMMER, FRIEDRICH WILHELM

(*Áustria, 16/06/1907-†Rio de Janeiro, RJ, 1994)

Professor do ensino secundário, foi inscrito na Seção de Botânica do Museu Nacional em 29 de março de 1945. Como preparador especializado em fósseis, obteve um novo estágio a partir de 11 de setembro de 1958, na Divisão de Geologia e Mineralogia. Posteriormente foi pesquisador no Departamento Nacional da Produção Mineral.

Fonte: DA 291, fs. 38 e 70.

SOUZA, IVETE DE JESUS M. DE

(*?)

Estagiou no Museu Nacional em 1957 sob tutoria de Jorge Alberto de Mello.

Fonte: Relatório Anual do Diretor de 1957 (Carvalho, 1958, p. 66).

STAMATO, JORGE

(*1919)

Aluno de ginásio do Colégio Pedro II, foi inscrito como praticante gratuito das seções de Antropologia e Paleontologia em 26 de julho de 1937, quando tinha 18 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 18v.

STAMATO, MAURO SERGIO

(*21/03/1940)

Bacharel em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, inscreveu-se na Divisão de Educação do Museu Nacional em 15 de junho de 1965. Foi autorizado em 30 de outubro de 1967 a frequentar a Divisão de Geologia. Obteve uma segunda inscrição, em 23 de abril de 1969, na Seção de Fotografia.

Fonte: DA 291, fs. 100 e 134v.

TINOCO, JOSÉ LOPES

(*Rio de Janeiro, 1876)

Estudante de preparatórios, foi inscrito como praticante da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 26 de outubro de 1898, quando tinha 22 anos de idade.

Fonte: D 291, f. 3.

TORRES, RODOLFO ERNESTO BARRÓN

(*Bolívia, 11/11/1946)

Estudante do 3º ano de Geologia no Instituto de Geociências, foi inscrito na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 8 de abril de 1969.

Fonte: DA 291, f. 132v.

TSUDA, ITSUO

(*14/01/1943)

Estudante do 2º ano de Geologia, obteve inscrição na Divisão de Geologia do Museu Nacional em 21 de fevereiro de 1968.

Fonte: DA 291, f. 122.

VAILLATI, ARCHIMEDES EDMUNDO

(*11/07/1916)

Professor ligado à área de Medicina, da Escola Técnica Nacional, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 4 de julho de 1957. Ficou sob a orientação do naturalista Jorge Alberto de Melo. Renovou seu vínculo em 11 de abril de 1958, ano em que foi orientado por Walter da Silva Curvello. Realizou estudos de Geologia, Petrografia e Mineralogia.

Fontes: DA 291, fs. 65v e 67v, Relatório Anual de 1957, p. 66 e 89 e Relatório Anual de 1958, p. 63.

VALENTE, IVETTE DE JESUS SOUZA

(*01/03/1933)

Estagiária, acompanhou em 1957 o naturalista Jorge Alberto de Mello em excursão para coleta de material mineralógico no estado de Minas Gerais. Como geógrafa e funcionária do INPA, obteve inscrição na Divisão de Geologia e Mineralogia do Museu Nacional em 7 de abril de 1958. Retornou a Minas Gerais com a finalidade de coletar mais material mineralógico e efetuou a revisão do fichário de Mineralogia-Petrografia. Interrompeu seu estágio por motivo de doença em 31 de julho de 1958.

Fontes: DA 291, f. 67, Relatório Anual de 1957, p. 65 e 89 e Relatório Anual de 1958, p. 60, 61 e 62.

VEIGA, EVANGELINA

(*1917)

Praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, foi inscrita em 3 de março de 1936, com 19 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 17.

VIANNA, DELIO LOBO

(*1910)

Aluno da Escola Militar, foi inscrito como praticante gratuito da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 10 de janeiro de 1931, com 21 anos de idade. Em 10 de janeiro de 1940, já como oficial do Exército, obteve uma segunda inscrição, como assistente voluntário da mesma seção.

Fonte: DA 291, fs. 12 e 21v.

WEBER, LÍLIAN

(*02/11/1937)

Aluna do 2º ano de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, foi inscrita na Divisão de Zoologia do Museu Nacional em 10 de agosto de 1961. Obteve uma segunda inscrição, na Divisão de Geologia, em 10 de janeiro de 1963.

Fonte: DA 291, fs. 84 e 91.

WENKE, ILSE MARIA JÚLIA

(*1917)

Aluna da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, inscreveu-se como praticante gratuita da Seção de Mineralogia do Museu Nacional em 17 de agosto de 1937, com 20 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 19v.

WHITE, HELENA

(*Rio de Janeiro, 1918)

Aluna do Colégio Universitário, recebeu do diretor do Museu Nacional autorização para realizar estudos na divisão de Geologia e Mineralogia em 25 de abril de 1941, quando tinha 23 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 22v.

ZAVAREZZI, MIGUEL ÂNGELO

(*São Paulo, 1921)

Recebeu autorização do diretor do Museu Nacional para realizar estudos frequentando a Divisão de Geologia e Mineralogia em 27 de março de 1944, quando tinha 23 anos de idade.

Fonte: DA 291, f. 30.

SOBRE OS AUTORES

ANTONIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES – Licenciado e Bacharel em História Natural pela Universidade Gama Filho, Licenciado em História pela Universidade Veiga de Almeida, Mestre e Doutor em Ciências-Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professor da Universidade Santa Úrsula, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Faculdade Celso Lisboa onde lecionou disciplinas como Geologia, Paleontologia e Neontologia. Docente aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Pesquisador Colaborador no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Atuou como docente nos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ e de Ciências Biológicas (Zoologia) e Geologia do Quaternário (*lato sensu*) do Museu Nacional/UFRJ, sendo docente colaborador no Programa de Pós-graduação em Geociências (Patrimônio Geopaleontológico) do Museu Nacional. Ex-curador da coleção de paleoinvertebrados, desenvolve pesquisas relacionadas à Icnologia, Paleontologia de Invertebrados e história das coleções geológicas e paleontológicas do Museu Nacional adquiridas no século XIX e da Paleontologia brasileira. É membro da Sociedade Brasileira de Paleontologia, da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia, da Academia Teresopolitana de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa na categoria de Sócio Correspondente Brasileiro.

SANDRO MARCELO SCHEFFLER – Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná, Mestre e Doutor Ciências-Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor da Universidade Federal de São Paulo, onde lecionou as disciplinas de Paleontologia, Metodologia Científica e colaborou com a disciplina de Zoologia II (parte de equinodermos) para os cursos de Ciências Biológicas e Ciências Ambientais, ajudando a estruturar o laboratório e a coleção de paleontologia no Campus, recém-inaugurado, de Diadema. Atualmente é Professor Associado do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Atua como docente nos programas de pós-graduação em Geologia do Instituto de Geociências/UFRJ e nos programas de Ciências Biológicas (Zoologia) e Geociências (Patrimônio Geopaleontológico), além do curso de especialização em Geologia do Quaternário (*lato sensu*) do Museu Nacional/UFRJ. Atual curador da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional, desenvolve pesquisas com paleontologia estratigráfica e taxonomia de paleoinvertebrados paleozoicos sul-americanos, além do estudo de paleoinvertebrados cretácicos da América do Sul e Antártida. É membro e atual Diretor de Publicações da Sociedade Brasileira de Paleontologia, membro da Sociedade Brasileira de Geologia e integrante da Comissão Brasileira de Estratigrafia.



A memória para todos os seres humanos é o que nos permite relacionar fatos, aprender e realizar imersões visionárias, que possibilitarão a descoberta do significado do mundo que nos rodeia. É através da memória, que a percepção e o entendimento da temporalidade nos torna distintos dentro do mundo biológico e nos estimula a buscar o sentido da existência através de acontecimentos, relatos e objetos.

De forma semelhante à memória humana, em que ocorrem as fases de aquisição, estocagem e recuperação, as coleções de museus de história natural passam por fases semelhantes. Adquirir objetos simbólicos ou não que possibilitem o registro do mundo visível e não-visível; armazenar o maior número possível de informações que traduzam a realidade da natureza; e finalmente gerar meios para que os elementos coletados possam ser recuperados e interpretados de múltiplas formas. É assim que se consolida o conhecimento e se torna possível novas descobertas.

Manter memórias não é uma tarefa fácil, pois desde o início de registro da informação através dos objetos, as condições de armazenamento ou conservação demandam o envolvimento de um grande número de pessoas que sejam sensíveis e comprometidas com o interesse coletivo. É isto o que consolida uma instituição científica: a capacidade que seus membros possuem em preservar as memórias individuais e que permitem a construção do conhecimento humano.

O livro ***A evolução histórica do laboratório de paleoinvertebrados do departamento de geologia e paleontologia do Museu Nacional/UFRJ*** consolida a trajetória de um importante centro de pesquisas brasileiro. Podemos observar através da narrativa histórica os relatos que materializam as atividades de pesquisa de todos os que contribuíram para sua história, acervo e potencial para o conhecimento da geologia e paleontologia do Brasil. Uma trajetória de 200 anos para sua consolidação como uma referência internacional no estudo dos invertebrados fósseis do Brasil.

Porém, muito mais que o relato histórico da origem do Laboratório de Paleoinvertebrados do Museu Nacional - UFRJ, podemos vivenciar a alma dos objetos e das pessoas que por ali passaram, as quais se confundem com a própria história da paleontologia brasileira. Esta é uma das poucas publicações brasileiras que privilegiam o relato da memória das instituições. Através deste novo livro torna-se claro que não podemos restringir o entendimento do patrimônio apenas a partir de edificações e acervos. Os indivíduos que contribuíram para os acontecimentos, relatos e objetos é que tornaram possível a existência de uma memória da Paleontologia brasileira – aspecto fundamental para a construção de um novo futuro.

Ismar de Souza Carvalho

